

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação

Caetano Casaretto:
Arquitetura Urbana em Pelotas/RS (1892-1931)

Guilherme Daltoé

Pelotas, 2012

Guilherme Daltoé

Caetano Casaretto

ARQUITETURA URBANA EM PELOTAS / RS (1892-1931)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre Arquiteto e Urbanista.

Orientador (a): Prof. Dr. Ester Judite Bendjouya Gutierrez

Pelotas, março 2012

Dados de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Kênia Moreira Bernini – CRB-10/920

D152c Daltoé, Guilherme

Caetano Casaretto : arquitetura urbana em Pelotas/RS
(1892–1931) / Guilherme Daltoé ; Orientador : Ester J. B.
Gutierrez. – Pelotas, 2012.
192 f.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

1.Arquitetura urbana. 2. Ecletismo. 3. Inventário.
4. Pelotas. I. Gutierrez, Ester J. B., orient. II. Título.

CDD 711.1

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aline Montagna da Silveira

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos

Prof. Dr. Célia Helena Castro Gonsales

Prof. Dr. Ester Judite Bendjouya Gutierrez

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES como entidade financiadora da pesquisa;

- à minha orientadora Ester Gutierrez pela dedicação, paciência e disponibilidade em me atender;
- ao funcionário da Secretaria Municipal de Urbanismo Carlos Henrique Teixeira, responsável pelo arquivo municipal de projetos arquitetônicos;
- ao colega Guilherme Pinto Almeida, perfeccionista na catalogação de imagens e suas fontes;
- ao professor Sylvio Jantzen, pelos conselhos ao longo do período que estive junto a Faculdade de Arquitetura;
- à arquiteta e urbanista Giane Casaretto e seu pai Paulo Bianchi, pela contribuição à pesquisa;
- à minha família, pela compreensão pelo tempo que estive ausente dos eventos familiares;
- e especialmente à minha esposa Marina L. M. Daltoé, sempre a primeira a me incentivar.

“Cultura é herança e transformação.”

Ferreira Goulart

RESUMO

DALTOÉ, Guilherme. **Caetano Casaretto. Arquitetura urbana em Pelotas/RS (1892-1931)**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A presente pesquisa tratou de apresentar uma investigação sobre aspectos da vida e, principalmente, da obra arquitetônica deixada pelo construtor Caetano Casaretto, entre os anos de 1892 e 1931, na cidade de Pelotas/RS. As edificações produzidas por este descendente de imigrantes italianos neste período fazem parte da transição da linguagem eclética, predominante até o final do século XIX, para a linguagem protomodernista, desenvolvida a partir dos primeiros anos do século XX. O crescimento econômico local proporcionado pela produção charqueadora no século XIX impulsionou o desenvolvimento urbano local que acabou por trazer imigrantes de várias partes do mundo, tanto na área técnica como artística. Num primeiro momento estas construções foram patrocinadas pelo dinheiro vindo do charque, e gradativamente foram conquistando novos clientes, como proprietários de fábricas e comerciantes. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo a produção de conhecimento sobre as obras de Caetano Casaretto. Considerando o grande número de projetos optou-se metodologicamente, em primeiro, por inventariar este acervo. Depois, os resultados relativos à arquitetura e ao seu detalhamento, em relação às obras em geral de maioria residencial e entre as obras imponentes, foram analisados e comparados entre si. Os dados revelaram a grande e qualificada contribuição deste profissional na conformação da Zona de Preservação do Patrimônio Cultural da cidade.

Palavras chaves: Arquitetura urbana, ecletismo, protomodernismo, inventário, Pelotas.

ABSTRACT

DALTOÉ, Guilherme. **Caetano Casaretto. Arquitetura urbana em Pelotas/RS (1892-1931)**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The goal of this work is to present a research on aspects of private life, and especially the architectural work left by the builder Caetano Casaretto, between the years 1892 and 1931 in the city of Pelotas. The buildings produced by this descendant of Italian immigrants in this period are part of the transition of eclectic language, prevailed until the late nineteenth century, to the protomodernism language, developed from the early years of the twentieth century. The local economic growth provided by charqueadores production in the nineteenth century boosted the local urban development that eventually brought immigrants from around the world, both in technical and artistic. At first, these buildings were sponsored by money from the charque, and were gradually acquisitioning over new customers, as factory owners and merchants. In this sense, the study aims to produce knowledge through the development of an inventory of works of Caetano Casaretto, which may serve as a basis for future urban planning, aiming at the preservation of a considerable number of buildings.

KEYWORDS: Urban architecture, eclectic, protomodernism, inventory, Pelotas.

LISTA DE ABREVIATURAS

AEIAC – Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural

AMP – Asilo Municipal de Pelotas

APERGS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

BPP – Biblioteca Pública Pelotense

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

CCP – Clube Caixeiral de Pelotas

DIMPAC – Diretoria de Memória e Patrimônio Artístico e Cultural

DVD – Digital Video Disc – Disco de Vídeo Digital

FaUrb – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IF-SUL – Instituto Federal Sul Rio Grandense

IHG – Instituto de História e Geografia de Pelotas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MUB – Mapa Urbano Base

NEAB – Núcleo de Estudos em Arquitetura Brasileira

PDP – Plano Diretor de Pelotas

PET – Programa de Ensino Tutorial

PMP – Prefeitura Municipal de Pelotas

SeCult – Secretaria Municipal de Cultura

SeUrb – Secretaria Municipal de Urbanismo

SICG – Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão

SMUMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

SPBP – Sociedade Portuguesa Beneficente de Pelotas

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

ZPPC – Zona de Preservação do Patrimônio Cultural

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa do estado do Rio Grande do Sul com a localização da cidade de Pelotas.....	05
Figura 02	Mapa da zona urbana da cidade de Pelotas.....	06
Figura 03	Mapa da área central da cidade de Pelotas.....	07
Figura 04	Propriedade de Baptista Lullier Filho, fachada principal, Pelotas, 1909.....	18
Figura 05	Loja Vellocoino Torres, de propriedade do senhor de mesmo nome, Pelotas, s/d.....	21
Figura 06	Igreja da Luz, fotografia antiga da perspectiva, Pelotas, s/d.....	24
Figura 07	Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fachada histórica, Pelotas, 1895.....	25
Figura 08	Sobrado de uso misto de propriedade de José Vieira de Souza, fachada eclética, Pelotas, 1899.....	25
Figura 09	Cocheira de propriedade de Antônio Assumpção, fachada racionalista, Pelotas, 1902.....	25
Figura 10	Residência de José do Carmo Alves de Carvalho, fachada principal, Pelotas, 1910.....	25
Figura 11	Depósito da Empresa Casaretto e Irmãos, fachada principal, Pelotas, 1895.....	27
Figura 12	Residência de Bruno Chaves, fachada principal, Pelotas, 1916.....	28
Figura 13	Posto de Assistência Popular, fachada principal, Pelotas, 1919.....	28
Figura 14	Região da Ligúria, Itália.....	34
Figura 15	Cidade de Zoagli, Gênova, Itália.....	35
Figura 16	Cidade de Chiavare, Gênova, Itália.....	35
Figura 17	Benedita, Jerônimo e Paulino Casaretto.....	37
Figura 18	Aurélia e Caetano Casaretto.....	38
Figura 19	Jerônimo Casaretto (filho).....	38
Figura 20	João Casaretto.....	38
Figura 21	José Casaretto.....	38
Figura 22	Caetano e Isabel Casaretto.....	38

Figura 23	Árvore genealógica da família Casaretto, 2010.....	42
Figura 24	Casarão da Cascata, Pelotas, s/d.....	43
Figura 25	Caetano Casaretto, acervo Benette Casaretto.....	44
Figura 26	Manuais de arquitetura de Caetano Casaretto.....	45
Figura 27	Caetano Casaretto, capa do jornal Diário Popular do dia 28 jun. 1831. Inauguração do novo prédio do Asilo de Mendigos.....	48
Figura 28	Galpão, respectivamente, fachada/muro voltado para o passeio, planta baixa e corte transversal, Pelotas, 1893.....	50
Figura 29	Fachadas das propriedades de João Jorge Hosni, Pelotas, 2010.....	50
Figura 30	Propriedade de João Jorge Hosni, planta baixa, Pelotas, 1910.....	50
Figura 31	Construção do engenheiro Cesare Gamba, s/d.....	52
Figura 32	Propriedade de Antônio Augusto Assumpção, fachada principal, Pelotas, 1908.....	52
Figura 33	Edifício Piazza Manin do engenheiro Severiano Picasso, s/d.....	52
Figura 34	Asilo de Mendigos, detalhe janela do segundo pavimento, Pelotas, 2010.....	52
Figura 35	Facciata, do arquiteto Gerolamo Luzzato, s/d.....	53
Figura 36	Fachada principal durante a chegada de Flores da Cunha à Pelotas, na janela da direita o próprio e na janela da esquerda o Dr. Pedro Osório, Pelotas, 1923.....	53
Figura 37	Ferme D'Arcy, Brie, s/d.....	54
Figura 38	Sede do Clube Caixeiral, planta baixa dos pavimentos térreo e superior, Pelotas, 1906.....	54
Figura 39	Petite maison bourgeoise, do arquiteto M. Percilly, s/d.....	55
Figura 40	Residência de propriedade de Ismael da S. Maia, fachada principal, Pelotas, 1902.....	55
Figura 41	Primeira planta de Pelotas, 1815.....	60
Figura 42	Segunda planta de Pelotas, 1935.....	62
Figura 43	Represa do Quilombo em construção, Pelotas, s/d.....	65
Figura 44	Atual Praça Piratinino de Almeida, com o reservatório de ferro fundido vindo da França e vista do primeiro bloco da Santa Casa e de sua capela ao fundo. Pelotas. s/d.....	66
Figura 45	Estação do corpo de bombeiros, Pelotas, 1924.....	66

Figura 46	Linha de descarga dos esgotos no canal São Gonçalo, Pelotas, s/d....	67
Figura 47	Execução das obras de recolhimento de esgoto, Pelotas, s/d.....	67
Figura 48	Usina e pavilhão da “Luz e Força” à Praça da Constituição, s/d.....	69
Figura 49	Bonde elétrico em Pelotas, s/d.....	70
Figura 50	Estação de trem de Pelotas, 1912.....	71
Figura 51	Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fotografia da fachada principal, Pelotas, s/d.....	73
Figura 52	Clube Caixeiral, Pelotas, 1922.....	75
Figura 53	Biblioteca Pública, fotografia antiga da fachada principal, Pelotas, s/d.....	75
Figura 54	Escola de Artes e Ofícios, fotografia antiga, Pelotas, s/d.....	75
Figura 55	Projeto da fachada do Asilo de Mendigos, Pelotas, 1928.....	76
Figura 56a	Galpão de Caetano Casaretto, fachada principal, Pelotas, 1908.....	77
Figura 56b	Residência de Celso Eston, fachada principal, Pelotas, 1916.....	77
Figura 57	Edifício da Associação Comercial de Pelotas em construção no final da década de 30 do século XX.....	77
Figura 58	Apresentação do projeto.....	79
Figura 59	Assinatura como construtor.....	80
Figura 60	Técnico municipal responsável pela aprovação do projeto.....	80
Figura 61	Tipo de intervenção.....	81
Figura 62	Usos originais.....	82
Figura 63	Mapa da área central da cidade de Pelotas com a demarcação da ZPPC.....	83
Figura 64	Situação de identificação.....	84
Figura 65	Tipologia geral.....	84
Figura 66	Linguagem arquitetônica.....	85
Figura 67	Implantação.....	86
Figura 68	Divisão horizontal da fachada.....	86
Figura 69	Simetria da fachada principal.....	87
Figura 70	Estado de preservação das construções localizadas.....	88
Figura 71	Estado de conservação das construções localizadas.....	88

Figura 72	Proteção existente.....	89
Figura 73	Tipologias residenciais.....	90
Figura 74	Residências de propriedade de Theodosio F. da Rocha, fachada principal, Pelotas, 1900.....	91
Figura 75	Residências de Theodosio F. da Rocha, planta baixa do projeto original, Pelotas, 1900.....	91
Figura 76	Esquema de circulação residencial por meio de corredor lateral.....	91
Figura 77	Esquema de circulação residencial por meio de corredor central.....	92
Figura 78	Residência de João de M. Moreira, fachada principal, Pelotas, 1903....	92
Figura 79	Residência de João de M. Moreira, planta baixa do projeto original, Pelotas 1903.....	92
Figura 80	Esquema de circulação residencial tipo compartimentos corridos.....	93
Figura 81	Residências de propriedade da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fachada principal, Pelotas, 1901.....	93
Figura 82	Residências de propriedade da Sociedade Portuguesa de Beneficência, planta baixa do projeto original, Pelotas, 1901.....	93
Figura 83	Tipos de circulações residenciais.....	94
Figura 84	Presença de alcova.....	94
Figura 85	Construções residenciais em grupo.....	95
Figura 86	Residência de João de M. Moreira, fachada principal, Pelotas, 2011....	96
Figura 87	Platibanda cega lisa na fachada principal das residências de Barão de Aredes Coelho, Pelotas, RS, 1900.....	98
Figura 88	Platibanda cega trabalha da na propriedade comercial de Bernardina Pinto, Pelotas, RS, 1897.....	98
Figura 89	Platibanda vazada com balaustres na fachada da edificação comercial de propriedade de Francisco de Brito Gouvêa, Pelotas, RS, 1896.....	98
Figura 90	Residência de Maria Luiza Martins Soares, fachada principal, frontão cimbrado, Pelotas, RS, 1916.....	98
Figura 91	Posto de Assistência Popular, fachada principal, frontão triangular, Pelotas, RS, 1919.....	98
Figura 92	Residência de Paulino Duarte de Lemos, fachada principal, frontão retangular, Pelotas, RS, 1920.....	99
Figura 93	Projeto de propriedade de Eduardo da S. Carvalho, fachada principal, frontão aberto, Pelotas, RS, 1896.....	99

Figura 94	Residência de propriedade de José Delfino da Costa, fachada lateral, Pelotas, RS, 1900.....	100
Figura 95	Residência de propriedade de José Delfino da Costa, fachada principal, Pelotas, 1900.....	100
Figura 96	Porta principal em duas folhas, residência de propriedade de Frederico Guilherme Marcucci, Pelotas, RS, 1902.....	100
Figura 97	Tipo de propriedade.....	102
Figura 98	Edificação comercial de propriedade de Francisco de Brito Gouvêa, fachada principal, Pelotas, 1896.....	105
Figura 99	Propaganda da Livraria Commercial, Pelotas, 1922.....	105
Figura 100	Propriedade de Levy e Irmãos, fachada principal, Pelotas, 1897.....	105
Figura 101	Propaganda da empresa Levy, Irmãos & C., Pelotas, 1916.	105
Figura 102	Guilherme Echenique, 1920.....	106
Figura 103	Projeto da fachada da edificação destinada á oficina e ao depósito da Livraria Universal, propriedade dos Irmãos Echenique, Pelotas, 1896	106
Figura 104	Propaganda da Livraria Universal, de Echenique & Comp., Pelotas, 1916.....	106
Figura 105	Vista do edifício da Livraria Universal, ao lado, o edifício das oficinas, Pelotas, s/d.....	106
Figura 106	Propriedade comercial de Bernardina Pinto, fachada principal, Pelotas, 1897.....	107
Figura 107	Propaganda da empresa Bazar Musical, Pelotas, 1922.....	107
Figura 108	Residência de propriedade de Eduardo Gastal, fachada principal, Pelotas, 1897.....	107
Figura 109	Residência que foi propriedade de Eduardo Gastal, Pelotas, 2010.....	107
Figura 110	Fábrica de propriedade de Luiz Schöder, fachada principal, Pelotas, 1898.....	108
Figura 111	Residência de propriedade de Frederico Guilherme Marcucci, fachada principal, Pelotas, 1902.....	108
Figura 112	Residência que foi propriedade de Ismael da S. Maia, fachada principal, Pelotas, 2010.....	109
Figura 113	Franz Behnresdorf, s/d.....	109
Figura 114	Propaganda da empresa Viúva F. Behnresdorf & Cia., Pelotas, 1916	109

Figura 115	Francisco Behnresdorf e sua equipe de Pelotas, s/d.....	110
Figura 116	Armazém de Carlota Behrens Dorf, fachada principal, Pelotas, 1902...	110
Figura 117	Armazém de Carlota Behrens Dorf, fachada atual da garagem e da loja, Pelotas, 2010.....	111
Figura 118	Residência de Carlota Behrens Dorf, fachada principal, Pelotas, 2010	111
Figura 119	Residência de Eduardo Enedino Gomes, fachada principal, Pelotas, 1903.....	111
Figura 120	Residência de Edmundo Gastal, fachada principal, Pelotas, 1904.....	112
Figura 121	Propriedade de Antônio R. Assumpção, fachada principal, Pelotas, 1907.....	112
Figura 122	Dr. Bruno Chaves, s/d.....	113
Figura 123	Residência de Bruno Chaves, fotografia antiga, Pelotas, s/d.....	113
Figura 124	Olympio dos Santos Farias, s/d.....	113
Figura 125	O batalhão ginásial na passeata do dia 20 de setembro, com a residência de Olympio Farias ao fundo (a terceira da esquerda para a direita), Pelotas, 1933.....	113
Figura 126	Dr. Urbano Garcia, s/d.....	114
Figura 127	Residência de Urbano Garcia, fachada principal, Pelotas, 1919.....	114
Figura 128	Dr. Edmundo Berchon, s/d.....	114
Figura 129	Prancha do projeto de reforma interna da propriedade de Edmundo Berchon, Pelotas, RS, 1919.....	114
Figura 130	Propriedade de Francisco Nunes de Souza, fachada principal, Pelotas, 1920.....	115
Figura 131	Os Irmãos Osório, Pedro Osório está acima e à direita, s/d.....	116
Figura 132	Esquina da residência de Pedro Luis Osório e Noêmia Assumpção Osório à direita. Pelotas, s/d.....	116
Figura 133	Fábrica de propriedade de Luiz Schöder, fachada lateral, Pelotas, 1898.	116
Figura 134	Depósito da Fábrica de Chapéus Pelotense, fachada principal, Pelotas, 1918.....	116
Figura 135	No medalhão vê-se o Capitão Leopoldo Haertel, proprietário do importante estabelecimento, Pelotas, s/d.....	117
Figura 136	Foco de preservação Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas.....	119

Figura 137	Praça Coronel Pedro Osório, então Praça da República, Pelotas, s/d	120
Figura 138	Senador Joaquim Augusto Assumpção.....	121
Figura 139	Residência de Francisco de Sá Rheingantz e Maria Augusta Assumpção Rheingantz. Casa 5, Pelotas, 1920.....	122
Figura 140	Residência de Pedro Luis Osório e Noêmia Assumpção Osório à direita. Casa 7.....	122
Figura 141	Residências Nº1 e Nº3, fachada principal, Pelotas, 2010.....	123
Figura 142	Clube Caixeiral, Pelotas, s/d.....	124
Figura 143	Sede do Clube Social Caixeiral, fachada principal, Pelotas, 2010.....	125
Figura 144	Biblioteca Pública, fotografia atual da fachada, Pelotas, 2010.....	126
Figura 145a	Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fachada principal, Pelotas, 2010.....	129
Figura 145b	Vista interna da cúpula sobre o altar, Pelotas, 2010.....	129
Figura 146	Igreja da Luz, fotografia da fachada principal, Pelotas, s/d.....	130
Figura 147	Planta de zoneamento da Cervejaria Sul Rio-grandense, Pelotas, 1912	131
Figura 148	Fábrica de Leopoldo Haertel, fotografia atual da fachada para a Rua José do Patrocínio, Pelotas, 2010.....	132
Figura 149	Escola de Artes e Ofícios, Pelotas, 1922.....	133
Figura 150	Projeto da fachada do Asilo de Mendigos, Pelotas, 1928.....	134
Figura 151	Capa do Jornal Diário Popular, Pelotas, 1931.....	135
Figura 152	Asilo de Mendigos, Pelotas, s/d.....	136
Figura 153	Propriedade de Romão Trápaga, fachada principal, Pelotas, 1902.....	139
Figura 154	Colégio Gonzaga, Pelotas, s/d.....	139
Figura 155	Propriedade de Deolinda Aguiar Leite, fachada lateral, Pelotas, 1915	139
Figura 156	Residência de Bruno Chaves, fachada lateral atual, Pelotas, 2010.....	139
Figura 157	Residência de Arthur Augusto de Assumpção, acesso principal, Pelotas, 2010.....	140
Figura 158	Cópia parcial, casa nº5. Pelotas, s/d.....	140
Figura 159	Fábrica de Leopoldo Haertel, fotografia atual da fachada para a Rua José do Patrocínio, Pelotas, 2010.....	141

Figura 160	Sede do Clube Social Caixeiral, fachada principal, Pelotas, 2010.....	142
Figura 161	Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fachada principal, Pelotas, 2010.....	143
Figura 162	Vista em perspectiva da fachada principal do asilo. Pelotas, s/d.....	143
Figura 163	Esquina da residência de Pedro Luis Osório e Noêmia Assumpção Osório à direita. Pelotas, s/d.....	144

Glossário

Figura 164	Residência de Estephania Rodrigues, fachada principal, Pelotas, 1904..	163
Figura 165	Propriedade de Hyppolitto Gonçalves Detroyat, fachada principal, Pelotas, 1899.....	164
Figura 166	Residência de Marina Eston de Eston, fachada principal, Pelotas, 2015..	164
Figura 167	Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fachada principal, Pelotas, 1895.....	165
Figura 168	Oficina e depósito de Echenique e Irmãos, fachada principal, Pelotas, 1895.....	165
Figura 169	Sobrado de uso misto de propriedade de José Vieira de Souza, fachada principal, Pelotas, 1899.....	166
Figura 170	Cocheira de propriedade de José Delfino da Costa, fachada principal, Pelotas, 1901.....	166
Figura 171	Construção que atualmente ocupa o lote onde Caetano construiu, no ano de 1898, uma cocheira para o Sr. Ataliba Borges, na atual Praça José Bonifácio Nº7.....	167
Figura 172	Projeto de propriedade de Eduardo da S. Carvalho, fachada principal, Pelotas, 1896.....	168
Figura 173	Residência de Maria Luiza Martins Soares, fachada principal, Pelotas, 1916.....	168
Figura 174	Residência de Paulino Duarte de Lemos, fachada principal, Pelotas, 1920.....	169
Figura 175	Posto de Assistência Popular, fachada principal, Pelotas, 1919.....	169
Figura 176	Projeto de propriedade de Manoela Galibem Bidart, fachada principal, Pelotas, 1919.....	169
Figura 177	Residência de José do Carmo Alves de Carvalho, fachada principal, Pelotas, 1910.....	170

Figura 178	Residências de propriedade de José Inácio do Amaral, fachada principal, Pelotas, 1901.....	170
Figura 179	Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, óculo com vitral, Pelotas, 2010.....	171
Figura 180	Residência de propriedade de Frederico Guilherme Marcucci, fachada principal, Pelotas, 1902.....	171
Figura 181	Residência de Urbano Garcia, fachada principal, Pelotas, 1919.....	172
Figura 182	Residências de propriedade de José Inácio do Amaral, fachada principal, Pelotas, 1901.....	172
Figura 183	Residências de Barão de Aredes Coelho, fachada principal, Pelotas, 1900.....	173
Figura 184	Propriedade de Antônio Augusto Assumpção, detalhe do rusticado nas paredes, Pelotas, 2010.....	173
Figura 185	Fachada principal durante a chegada de Flores da Cunha à Pelotas, na janela da direita o próprio e na janela da esquerda o Dr. Pedro Osório, Pelotas, 1923.....	174
Figura 186	Residência de Marina Eston de Eston, fachada principal, Pelotas, 2015..	174
Figura 187	Sede do Clube Social Caixeiral, detalhe seteira, Pelotas, 2010.....	175
Figura 188	Residência de Antônio P. Rego Magalhães, fachada principal, Pelotas, 1904.....	175
Figura 189	Residência de Marina Eston e Eston, fachada principal, Pelotas, 1919..	176
Figura 190	Edificação comercial de propriedade de Francisco de Brito Gouvêa, fachada principal, Pelotas, 1896.....	176
Figura 191	Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fachada principal, Pelotas, 1895.....	177
Figura 192	Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, detalhe da verga e do frontão sobre as aberturas laterais, Pelotas, 2010.....	177

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE ABREVIATURAS	V
LISTA DE FIGURAS	VI

INTRODUÇÃO	01
-------------------	-----------

CAPÍTULO 1.

METODOLOGIA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	05
1.1 METODOLOGIA	05
1.1.1 PESQUISA NA CIDADE DE PELOTAS	05
1.1.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	08
1.1.3 INVENTÁRIO COMO METODOLOGIA UTILIZADA	10
1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
1.2.1 ECLETISMO E PROTOMODERNISMO COMO LINGUAGEM	14
1.2.2 TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS	28

CAPÍTULO 2.

BIOGRAFIAS	34
2.1 DADOS HISTÓRICOS SOBRE A FAMÍLIA CASARETTO	34
2.2 CAETANO E O APRENDIZADO EM ARQUITETURA	44
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOMENTO HISTÓRICO E OS CASARETTO	48
2.4 OS MANUAIS COMO FONTE	51

CAPÍTULO 3.

CENÁRIO	56
3.1 PELOTAS: ESPAÇO - TEMPO	56
3.2 PELOTAS: INFRAESTRUTURA	64
3.3 PELOTAS: ARQUITETURA	71

CAPÍTULO 4.

ARQUITETURA E DETALHAMENTOS	78
4.1 QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DO BEM, SUA CONSTRUÇÃO E OS ESTADOS DE PRESENAÇÃO E CONSERVAÇÃO ENCONTRADOS NO INVENTÁRIO	78
4.2 CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO TIPO DE PLANTA RESIDENCIAL	89
4.3 TRATAMENTO DE FACHADA	96
4.4 CLIENTES PROPRIETÁRIOS	101

CAPÍTULO 5.

OBRAS IMPONENTES ATRIBUÍDAS À CAETANO CASARETTO	118
5.1 CAETANO CASARETTO E A ARQUITETURA IMPONENTE	118
5.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS OBRAS IMPONENTES	136
5.3 TRATAMENTO DE FACHADA	142

CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
-----------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA E FONTES CITADAS	150
--------------------------------------	-----

GLOSSÁRIO	163
------------------	-----

ANEXO A: FICHA M301 – CADASTRO DE BENS	179
---	-----

ANEXO B: FICHA M302 – CARACTERIZAÇÃO EXTERNA	180
---	-----

ANEXO C: FICHA M303 – CARACTERIZAÇÃO INTERNA _____ 182

ANEXO D: FICHA M303_modificada – CARACTERIZAÇÃO INTERNA ____ 184

APÊNDICE 1: FICHA DE CLASSIFICAÇÃO DA LINGUAGEM DA FACHADA
_____ 187

APÊNDICE 2: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE CAETANO
CASARETTO _____ 188

INTRODUÇÃO

A cidade de Pelotas/RS se destaca pelo conjunto arquitetônico edificado referente ao final do século XIX e início do XX. Nessa época, o país desenvolveu uma arquitetura cuja linguagem utilizava elementos variados originados de épocas e lugares distintos. Para Pelotas, esse ecletismo, que ocorreu, sobretudo nas fachadas das edificações, coincide com um momento histórico de apogeu econômico possibilitado pela fabricação do charque.

Esse passado permitiu que na cidade tivesse o desenvolvimento de um número considerável de construções de valor artístico e histórico. Hoje, possui construções tombadas em nível municipal, estadual e federal, além de quase 2000 inventariadas.

A arquitetura do período analisado já foi estudada por vários pesquisadores, tanto ligados à área da história como da arquitetura e urbanismo:

A pesquisadora Heloisa Assumpção do Nascimento reuniu seus artigos sobre os acontecimentos relevantes e as pessoas importantes de Pelotas em uma obra intitulada **Nossa cidade era assim** (volume um publicado em 1989 e volume dois em 1994).

O historiador Mário Osório Magalhães em **Histórias e tradições de cidade de Pelotas**, publicado pela primeira vez em 1979, apresenta pequenos textos sobre assuntos variados, desde a fundação da cidade até os fatos do século XX. Em **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**, publicado em 1993, também sobre assuntos diversos, foca uma época que o autor classifica como sendo o apogeu do desenvolvimento local, oriundo da produção charqueadora. Em **Pelotas século XIX**, de 1994, Magalhães aprofunda os estudos publicados no livro anterior. O mesmo autor também elaborou em 1994 o que chamou de “guia histórico das ruas de Pelotas” com o nome de **Os passeios da cidade antiga**, onde contou um pouco a história das ruas da cidade, suas antigas denominações e os acontecimentos que foram responsáveis pela alteração dos nomes.

Em sua dissertação de mestrado, de 1993, o arquiteto e urbanista Andrey Rosenthal Schlee escreveu sobre **O ecletismo na arquitetura pelotense até as datas de 30 e 40**, nesta obra o autor classificou, segundo a linguagem utilizada, os diferentes

períodos da arquitetura pelotense, esclarecendo o desenvolvimento ocorrido nas edificações.

O historiador de arte Carlos Alberto Ávila Santos em **Espelhos, máscaras, vitrines – Estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas, 1870 – 1930**, apresentada como dissertação em 1997, elaborou um estudo sobre as decorações do exterior das edificações “transformadas e adaptadas segundo as possibilidades econômicas de seus proprietários, a disponibilidade de materiais e a capacidade técnica e criativa de seus construtores”. O autor faz o leitor compreender a “história da arquitetura como integrante da história econômica, social e cultural de um povo”.

A arquiteta e urbanista Ceres Chevallier publicou em 2002 o livro intitulado **Vida e obra de José Isella**, fruto do seu estudo no mestrado. Este trabalho trata da arquitetura desenvolvida por este imigrante italiano em Pelotas, na segunda metade do século XIX e também narra os acontecimentos da vida pessoal deste construtor.

A professora Ester J. B. Gutierrez em 1993 publicou um estudo detalhado sobre a região de Pelotas e a formação do núcleo charqueador. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense** foca as charqueadas e faz referência às olarias existentes nas mesmas propriedades que lidavam com o gado, assim, salienta a importância da mão de obra escrava não só na produção do charque como também de elementos cerâmicos (tijolos e telhas). Em **Barro e Sangue**, de 2004, resultado de sua tese de doutorado, defendida em 1999, a autora procura “dar corpo e rosto aos construtores dos objetos arquitetônicos e urbanos originais da cidade de Pelotas, bem como definir as soluções que adotaram”. Nesta pesquisa fala da relação entre desescravização e urbanização.

Apesar das publicações existentes, ainda há muito para se desvendar sobre as especificidades da arquitetura da cidade. A obra de Caetano Casaretto é pouco conhecida de maneira geral. Este profissional foi um dos mais importantes arquitetos-construtores de sua época e ainda é bastante lembrado por algumas construções da cidade. Entretanto a pouca publicação existente mostra o quanto ainda temos para aprender sobre a arquitetura de Pelotas.

O nome de Caetano Casaretto, quando citado, é mais para divulgar a pessoa responsável pela construção de obras representativas para a cidade do que a produção do profissional como um todo. Sua obra quando aparece, raramente é detalhada.

O estudo da obra do construtor Caetano Casaretto (1862-1942) tem como objetivo conhecer esta arquitetura, com influência italiana, que foi desenvolvida na cidade de Pelotas no período compreendido entre 1893 e 1920. Neste período o profissional produziu quase uma centena de prédios.

Esta pesquisa foi organizada em cinco capítulos, são eles:

O primeiro capítulo expõe as metodologias utilizadas para essa pesquisa que trata de questões históricas, arquitetônicas e tipológicas de uma grande quantidade de obras analisadas. Como também, tem o objetivo caracterizar os assuntos relacionados com o estudo; para tal, foram elaboradas duas revisões bibliográficas: a primeira é referente às linguagens arquitetônicas utilizadas pelo profissional estudado, a outra trata dos aspectos ligados às questões tipológicas.

O segundo capítulo narra a respeito das questões relacionadas com a família Casaretto, qual a origem dos patriarcas, quem eram seus integrantes e quais suas relações familiares. Discursa também sobre as possíveis formas com que os imigrantes e seus descendentes aprenderam o ofício de construtor e tiveram sua formação técnica.

O terceiro capítulo descreve o contexto e o espaço da cidade de Pelotas onde o foco de estudo é a arquitetura da cidade e o desenvolvimento dos equipamentos e infraestrutura urbanos do período pesquisado.

O quarto capítulo expõe os resultados obtidos da elaboração do inventário dos projetos. Destacando-se os resultados sobre as tipologias residenciais específicas (em especial planta), os ornamentos de fachada (principais responsáveis pela linguagem adotada), e, buscam-se também conhecer quem foram os clientes que contrataram os serviços do construtor estudado.

O quinto capítulo foca as obras de arquitetura da cidade cuja construção é atribuída à Caetano Casaretto, mas que não tiveram seus projetos encontrados no arquivo municipal. Esses prédios, entretanto, possuem grande importância no ambiente urbano.

Finalmente, comparam-se as obras e se expõe as considerações finais. Sendo o foco da pesquisa as edificações construídas entre a última década do século XIX e as duas primeiras do XX, procurou-se ilustrar o trabalho com imagens retiradas dos projetos encontrados, bem como fotografias recentes e antigas.

Em um segundo volume o trabalho também é composto pelo inventário dos projetos do profissional Caetano Casaretto, com o qual foi possível quantificar e comparar os dados obtidos. Este volume contém duas partes, a primeira referente aos projetos encontrados no arquivo municipal (74 unidades) e a segunda é sobre as construções cujos projetos não foram encontrados, mas possuem documentos que comprovam sua autoria (dez construções). Os registros das obras foram feitos nas fichas desenvolvidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e em uma ficha desenvolvida para esta pesquisa, que trata especificamente da linguagem da fachada.

Além disso, o preenchimento deste um inventário de bens culturais também pode vir a dar suporte a outras pesquisas e auxiliar nas tomadas de decisões das políticas públicas de preservação, programas de educação patrimonial e de turismo cultural. Vale lembrar que o conhecimento da produção de Caetano Casaretto, com marcante atuação profissional, também possibilita, de certa forma, a reconstituição da imagem do ambiente urbano em Pelotas no final do século XIX e início do XX.

Levando-se em conta o número considerável de obras que permaneceram, é oportuno a sua integração aos planos de gestão patrimoniais. O patrimônio faz referência a “conceitos universais”, que se transmitem apesar dos câmbios sociais. Mas certamente é necessário que haja o reconhecimento dessa manifestação humana dentro de um sistema cultural. A valorização nasce a partir desse reconhecimento.

“[...] Só se preserva o que se ama, só se ama o que se conhece, [...] possibilitar-se-á às gerações futuras a subsistência dos elos que estabelecem a continuidade da corrente civilizadora e que dão ao homem, diante das mudanças bruscas da sociedade, a sensação de segurança necessária a seu contínuo evoluir. [...]” (Carta de Pelotas de 1975 cit. por PERES, 2008, p.29)

O contato com civilizações e grupos sociais que viveram em espaços e tempos diferentes do nosso, nos auxilia no sentido de apreendermos que as formas de produzir a sobrevivência variam na história. Graças ao estudo do passado, podemos entender o processo de transformação da natureza realizado pelo acúmulo de conhecimento dos homens, e que possibilita mudanças substanciais no modo de vida da humanidade, além de abrir horizontes de transformação em nossa sociedade.

CAPÍTULO 1. METODOLOGIA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 METODOLOGIA

1.1.1 PESQUISA NA CIDADE DE PELOTAS

A escolha do tema da pesquisa acabou determinando o número de unidades a serem estudadas, as quais, por sua vez, acabaram delimitando uma área de abrangência dentro do município de Pelotas. O município de Pelotas (Figura 1) está localizado no sul do estado do Rio Grande do Sul. Os principais acessos se dão pela BR 116, BR 392 ou BR 471, já que a cidade situa-se na confluência destas rodovias. Localiza-se ao sul de Porto Alegre, capital do estado, distante 250 Km pela BR-116, apenas 47 Km de Rio Grande, cidade com o maior porto da região (e do país) e 135 Km da fronteira com o Uruguai. (PELOTAS, 2011)

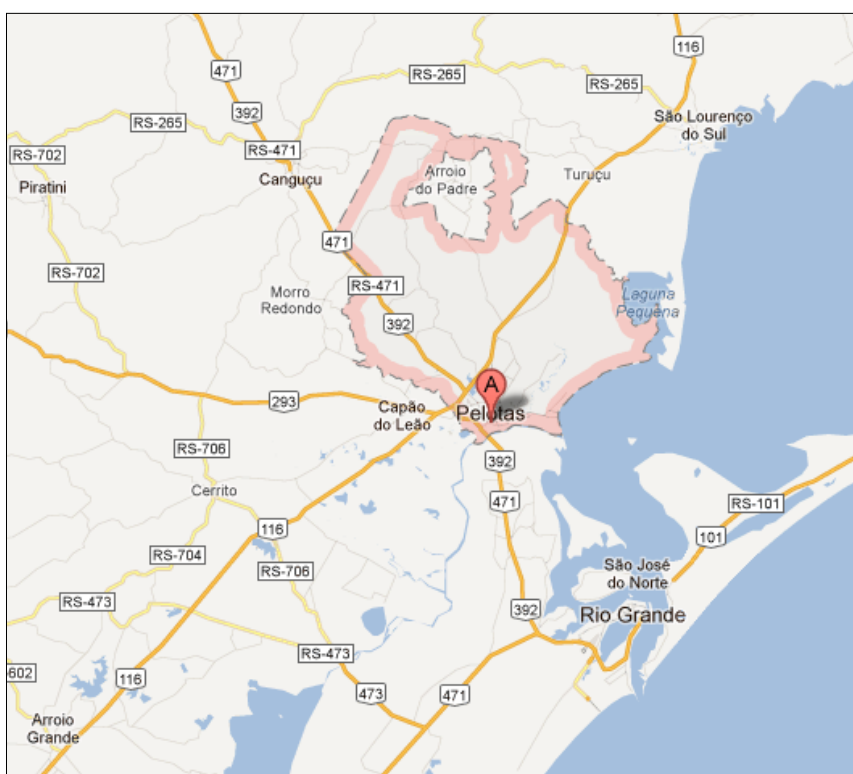


Figura 1: Mapa do estado do Rio Grande do Sul com a localização da cidade de Pelotas.
Fonte: Google mapas. Acesso em 13.set.2010.

Sete municípios fazem limite com Pelotas além da lagoa dos Patos ao leste, são eles: Turuçu ao nordeste, São Lourenço ao norte, Canguçu ao noroeste, Morro Redondo ao

oeste, Capão do Leão e Rio Grande ao sul, além do município de Arroio do Padre que está inserido dentro dos limites do município. (PELOTAS, 2011)

Atualmente, o Plano Diretor da cidade divide o ambiente urbano (Figura 2) em onze Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC). O espaço de abrangência representado pelas construções selecionadas neste estudo está contido dentro da área mais antiga da cidade, chamada Zona de Preservação do Patrimônio Cultural – ZPPC.

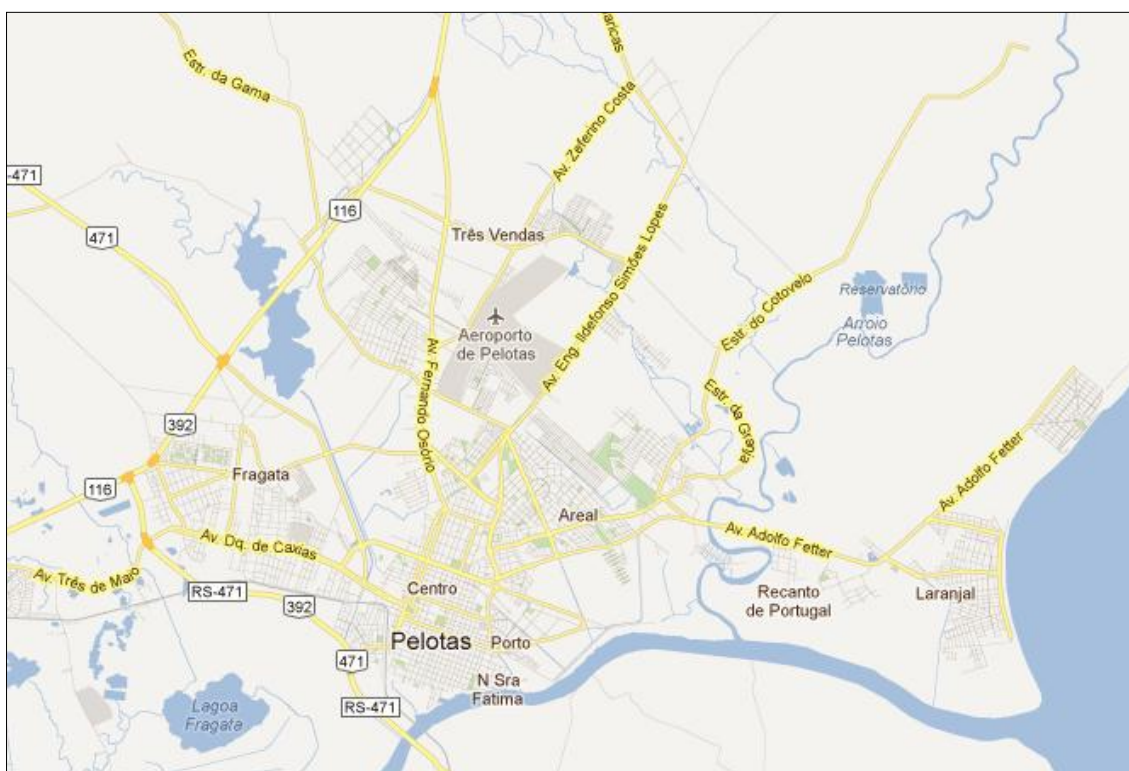


Figura 2: Mapa da zona urbana da cidade de Pelotas.
Fonte: Google mapas. Acesso em 13.set.2010.

Pelotas é hoje uma cidade de médio porte, encontra-se em terceiro lugar estadual em número de habitantes, aproximadamente 390.000. A principal atividade econômica é o comércio lojista. (PELOTAS, 2011)

O período de atuação do construtor Caetano Casaretto na cidade remete a época na qual a própria área urbana começava a se expandir para além do que hoje é conhecido como Zona Preservação do Patrimônio Cultural (Figura 3). Só isto já seria relevante para que se preze e mantenha os exemplares que ainda resistem ao tempo. Além disso, inseridos na ZPPC existem os focos de interesse, estas áreas onde a necessidade por manter as características originais se faz mais importante devido as

especificidades do local. Sendo assim, mais relevante torna-se preservar as edificações que nelas se encontram.



Figura 3: Mapa da área central da cidade de Pelotas.
Fonte: Google mapas. Acesso em 13.set.2010.

As obras encontradas estão compreendidas entre os anos de 1893 e 1920. A pesquisa no acervo da Secretaria Municipal de Urbanismo e a elaboração do inventário se deram da seguinte forma:

- Pesquisa, separação e arquivamento dos projetos – encontrados no arquivo da prefeitura, que tivessem a assinatura de Caetano Casaretto como construtor, ou seja, responsável pela construção.
- Escolha do inventário desenvolvido pelo IPHAN – com o intuito de colaborar para o enriquecimento do cadastro unificado de bens culturais nacionais.
- Modificação da ficha M303 do inventário existente – para inserir dados pertinentes referentes especificamente à tipologia residencial.
- Levantamento fotográfico – tanto de imagens antigas em acervos como imagens atuais, dos imóveis que ainda se encontram nos lotes identificados.
- Reprodução das plantas baixa e de situação – tomando como referência os desenhos de cada projeto.

- Preenchimento das fichas do inventário – com base nos projetos, fotografias, e croquis de reprodução das plantas.
- Elaboração e preenchimento das fichas destinadas à análise da linguagem da fachada.
- Preenchimento da segunda parte do inventário, referente às obras cujos projetos não foram localizados.
- Quantificação dos dados inseridos nas fichas do inventário.
- Verificação de semelhanças das obras dos projetos com as publicações do arquivo da família e que pertenceram ao construtor.
- Interpretação dos resultados (textos, tabelas, gráficos) e comparações entre as obras.

1.1.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A cidade de Pelotas é conhecida por possuir um conjunto arquitetônico eclético considerável. Nesse ambiente merece destaque o nome do construtor Caetano Casaretto. A atuação deste profissional é reconhecida através das relevantes construções cuja responsabilidade sobre a obra foi dele. Entretanto, Caetano não executou apenas essas edificações pelas quais ficou conhecido.

O número considerável de citações sobre o construtor Caetano Casaretto, como responsável por significativos exemplares arquitetônicos na cidade de Pelotas, instigou à conhecer melhor este profissional da construção. Por melhor que possa ser uma pessoa na função em que exerce, dificilmente irá executar apenas os maiores e/ou melhores trabalhos em sua profissão. Geralmente é o reconhecimento de sua obra que o torna compatível com uma contratação para trabalhos de maior vulto. Então, como Caetano pode ser tão comentado quando o assunto é arquitetura, já que poucos são os que conhecem seu legado?

Sempre são os mesmos prédios citados quando o assunto é Casaretto, os importantes, os de vulto: biblioteca, clube, asilo etc. Entretanto, para chegar a receber a confiança para executar essas obras certamente construiu outras, provavelmente mais simples. Mas quais?

A busca de dados referentes a Caetano Casaretto para esta pesquisa teve início através das citações encontradas na bibliografia existente. Para tal foram utilizados **Vida e obra de José Isella** de Ceres CHEVALLIER (2002), já apresentado; **100**

Imagens da arquitetura pelotense dos arquitetos e urbanistas Rosa MOURA e Andrey SCHLEE (2003), no qual mostram a evolução da linguagem arquitetônica da cidade e como as mudanças começam primeiramente na parte externa, principalmente fachada principal; **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul – 1892/1945** do arquiteto e urbanista gaúcho Günter WEIMER (2004) onde apresenta, em forma de 500 verbetes, a vida e a obra de profissionais arquitetos e construtores que trabalharam no estado na época compreendida entre 1892 e 1945; **Legado da tecnologia construtiva de imigrantes italianos ao patrimônio arquitetônico de Pelotas** da arquiteta e urbanista Rosilena PERES (2008) referente à sua tese de doutorado em engenharia civil, trabalho sobre as técnicas construtivas utilizadas pelos imigrantes italianos na cidade; e a pesquisa, *Caetano Casaretto em Marcucci, Zanotta e Casaretto – Constroem o sul do Novo Mundo* de BARCELLOS et al. (2008), desenvolvida por um grupo de, então, graduandos em arquitetura e urbanismo, com base em obras monográficas, neste trabalho os autores deram um panorama geral sobre alguns dos principais construtores de origem italiana a trabalhar em Pelotas e suas obras.

Ainda em busca de informações históricas, pelo método de pesquisa oral, realizou-se entrevista com Paulo Bianchi Casaretto e sua filha Giane Casaretto, respectivamente terceira e quarta gerações da família do imigrante italiano Jerônimo Casaretto, pai do profissional estudado nesta pesquisa. Através da família teve-se contato com parte da bibliografia utilizada pelo construtor, alguns documentos e cartas trocadas entre os familiares quando parte destes estava morando na Itália.

Sob posse de Giane Casaretto encontrou-se: um Auto de justificação de solteiro de Jerônimo Casaretto de 1853; duas cartas enviadas de Chiavare para os familiares no Brasil em julho de 1885, uma assinada por Giuseppe Casaretto e outra sem assinatura, que provavelmente deva ser de Jerônimo Casaretto, o filho; uma carta de Jerônimo Casaretto enviada da localidade de Serro Chato para o Sr. Onofre de Freitas Gomes na cidade de Herval; um livro com título **O thesouro da família brasileira**; doze exemplares de uma publicação periódica de Barcelona chamada **Carpintaria Artística**; o manual francês **Petite Construtions Françaises** de 1884; o manual alemão **Der Modern Ausbau** publicado em data desconhecida; e, quatro manuais italianos, dois exemplares da **Le Construzione Moderne In Itália** e outros dois da **L'architettura Italiana**.

Foi analisado o inventário de morte de seu pai que se encontra no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERGS, nº 167, M9, E28), na cidade de Porto Alegre.

Após conhecer os aspectos da vida particular do construtor, a pesquisa passou a ser feita no arquivo de projetos da construção civil da Secretaria Municipal de Urbanismo (SeUrb). Analisou-se a totalidade de projetos arquivados correspondentes ao tempo de vida do construtor, entre 1862 (nascimento de Caetano Casaretto) e 1942 (morte do arquiteto). A fidelidade da autoria das edificações foi creditada à assinatura do profissional como construtor em cada projeto selecionado.

O arquivo municipal possui projetos armazenados desde o ano de 1885. Os cinco primeiros anos estão arquivados em quatro antigas pastas em formato horizontal. Do ano 1890 em diante as plantas estão arquivadas em caixas arquivo de papelão, sendo que até o ano de 1945, o registro existente no qual as plantas estão catalogadas ainda é em meio físico (fichários) e a partir de 1945 até os dias atuais, as plantas arquivadas possuem registro digitalizado.

Para facilitar a catalogação e compreensão das informações levantadas nos projetos e para que fosse possível quantificá-las, compará-las e inter relacioná-las foi utilizado um *inventário*. O inventário é um sistema de padronização já consagrado para trabalhos com grande número de dados. Foram encontrados 74 projetos na SeUrb que compuseram a primeira parte do inventário de projetos. As obras de interesse da pesquisa e cuja autoria é de Caetano, mas não tiveram seus projetos encontrados, foram também inventariadas e, igualmente, compõem a parte dois do inventário.

Além disso, o trabalho esteve voltado ao conhecimento dos conceitos e referências que fazem parte da obra do profissional. Para tal, foram elaboradas revisões bibliográficas sobre as linguagens arquitetônicas por ele utilizadas: ecletismo e protomodernismo, além de uma revisão conceitual sobre tipologia.

Por fim, fez-se a comparação entre as informações do inventário e o material técnico de arquitetura guardado pela família, com objetivo de conhecer a produção profissional do construtor pelotense de origem italiana Caetano Casaretto.

1.1.3 INVENTÁRIO COMO METODOLOGIA UTILIZADA

Devido ao grande número de obras a ser analisado optou-se pelo método de inventário. Para inventariar os projetos de Caetano Casaretto foram utilizadas as fichas desenvolvidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – para o Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão – SICG. Este processo

de catalogação é um instrumento que possibilita o cadastro unificado dos bens culturais para que seja construída uma base de dados sobre patrimônio. Estes bens são classificados conforme sua categoria, recortes temáticos e territoriais pesquisados em cada estudo. O sistema está focado nos bens de natureza material, reunindo em uma base única informações sobre cidades históricas, bens móveis e integrados, edificações, paisagem, arqueologia e outras ocorrências do patrimônio cultural do Brasil. (IPHAN, SICG, 2010)

O sistema é composto por três módulos de fichas e tabelas, totalizando quinze fichas e três tabelas. Sendo estas distribuídas da seguinte maneira: três fichas no primeiro módulo chamado **Conhecimento**, cinco fichas e duas tabelas no segundo módulo – **Gestão**, e cinco fichas e uma tabela no terceiro e último módulo – **Cadastro**. As fichas mais adequadas para o tema da pesquisa e, portanto, aplicadas neste trabalho são as três primeiras fichas do módulo 03 (M301, M302, M303). Com intuito de preservar o catálogo desenvolvido pelo IPHAN as fichas foram mantidas sem alterações, com exceção da M303, a qual foi adaptada para melhor servir a pesquisa.

Todas as fichas do SICG iniciam com os mesmos campos de preenchimento, são as lacunas destinadas ao cabeçalho de identificação do bem correspondente. Esta área está subdividida em três sub-campos, o primeiro é referente ao recorte territorial cuja base para resposta *Pampa Gaúcho* foi o mapa de biomas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A variante bioma foi escolhida por caracterizar melhor a região de largas extensões de terras planas e cobertas por gramíneas, a variante estado ou unidade federal não caracteriza o tipo de sítio já que esta possui diversos ambientes distintos. (IBGE, 2011)

A segunda lacuna requer a identificação do tema, que neste caso são as obras de arquitetura cuja responsabilidade foi de Caetano Casaretto, na cidade de Pelotas. O terceiro e último espaço deste cabeçalho se refere especificamente à identificação de cada bem, neste caso a escolha foi pelo endereço. Quando se identificou mudança de nome das vias ou praças ou ainda alteração da numeração das construções foram feitas as atualizações para a localização atual.

Assim como o cabeçalho padrão, todas as fichas são finalizadas com um campo específico destinado à identificação do responsável pelo preenchimento dos módulos e pela veracidade das informações, neste caso o próprio autor.

CADASTRO DE BENS

A primeira ficha (M301 - anexo A) é utilizada especificamente para o cadastro da edificação e traz informações sobre a localização do objeto no universo (item dois), contendo estado, município, localidade, endereço, código postal e coordenadas geográficas. (IPHAN, M301, 2010) Os projetos encontrados foram concebidos para que estivessem dentro do que hoje podemos chamar de centro histórico da cidade de Pelotas. O endereço utilizado neste campo é o existente no projeto, sem alterações para o nome atual. Apenas foram georreferenciados os prédios ainda existentes, para tal utilizou-se o programa de computador *Google Earth* e o ponto escolhido para fazer a medição foi o centro da testada, local que delimita a área de propriedade pública da privada e está equidistante das propriedades laterais.

Sobre a identificação do proprietário, optou-se por inserir o nome do primeiro proprietário, já que este foi o cliente responsável pela contratação que resultou o imóvel e também porque é uma das formas de pesquisar no arquivo municipal, uma vez que as construções mais antigas foram identificadas apenas com o nome da rua e do proprietário, sem constar numeração. Quanto à natureza do bem e o contexto no qual o bem está inserido, todos são bens imóveis e estão localizados na ZPPC.

As lacunas destinadas ao estado de preservação contam com íntegro, pouco alterado, muito alterado e descaracterizado. *Íntegro* corresponde às edificações que conservam todas as características originais da fachada; *pouco alterado* corresponde às fachadas que modificaram até aproximadamente 30% de sua área; *muito alterado* corresponde às fachadas que tiveram mais de 30% de sua área alterada; e *descaracterizado* corresponde àqueles prédios onde não é mais possível reconhecer a sua linguagem original. Também são consideradas *descaracterizadas* as construções que apesar de não terem sofrido alterações em mais de 30% da fachada, encontram-se em difíceis condições para a compreensão da linguagem original.

Para o estado de conservação: *bom*, *precário*, *em arruinamento* e *arruinado* são as opções disponíveis. As edificações classificadas como *boas* são aquelas que estão em adequadas condições de apresentação, ou seja, não deterioradas, bem pintadas e limpas. As construções em estado *precário* são aquelas que se encontram com a tinta descascando e possuem alguns pontos em deterioração no reboco. *Em arruinamento* foi o termo utilizado para os prédios que já perderam alguma parte, como por exemplo, parte da fachada ou telhado. As edificações *arruinadas* são aquelas que já tiveram a maior parte demolida.

Depois, nos campos destinados às imagens optou-se por inserir fotografia de parte do projeto contendo informações como: proprietário, construtor, endereço e data, para servir de comprovação da obra. Foram colocadas, também, fotografias antigas e atuais das edificações localizadas. Por fim, no espaço destinado às informações históricas foi adicionada a data de aprovação do projeto pela prefeitura municipal.

CARACTERIZAÇÃO EXTERNA

A segunda ficha (M302 - anexo B) inicia com o campo destinado à implantação da construção no lote. (IPHAN, M302, 2010) Neste campo foram inseridos desenhos de parte da malha urbana, retirados e adaptados do Mapa Urbano Básico (MUB, 2007) da Prefeitura Municipal de Pelotas onde foram demarcados, quando possível, o lote em azul e a implantação da edificação marcada com hachura. No desenho também foram adicionados a indicação de orientação solar e uma escala gráfica.

Esta ficha traz também espaço para a imagem das fachadas, tipologia, época da construção, uso original e atual, topografia do terreno, número de pavimentos, medidas gerais da edificação, observações, fotos de detalhes, descrição arquitetônica e informações complementares quanto à divisão da fachada. O espaço destinado às fotos de detalhes foi preenchido com imagens atuais dos prédios ainda existentes. Por fim, a ficha termina com a enumeração dos desenhos do projeto, levantamento fotográfico e possíveis fontes bibliográficas e documentais.

CARACTERIZAÇÃO INTERNA

A terceira ficha (M303 - anexo C) foi modificada para melhor se adequar a pesquisa, a ficha resultante foi denominada M303_modificada (anexo D). Os campos removidos foram aqueles destinados à caracterização interna e quanto ao tipo de material utilizado, visto que o estudo de materiais está fora do recorte da pesquisa. (IPHAN, M303 e M303_modificada, 2010)

Entre as informações inseridas estão aquelas referentes ao tipo de intervenção feita pelo profissional. Os prédios foram classificados como *projeto novo* quando se trata de uma construção inteiramente nova; *acréscimo de pavimento*, quando se trata de uma construção sobre algum piso existente; *acréscimo de planta*, quando for referente à um aumento de área construída; e, *fachadismo*, quando o projeto se trata de alteração da linguagem da fachada principal.

Por serem as mais frequentes, as residências foram classificadas quanto à forma e quanto à disposição interna dos compartimentos da edificação. Para o subitem forma, foram utilizadas as variantes *térrea*, *sobrado* e *porão-alto*. Quanto à distribuição interna, as divisões são em *corredor central*, *corredor lateral*, *compartimentos corridos* e *com sala de distribuição*.

O espaço destinado ao croqui da planta baixa foi aumentado para melhor compreensão da disposição dos cômodos, facilitando a análise da circulação nas residências. Foram inseridas informações como a posição solar e legendas que indicam as partes a demolir e a construir quando os projetos foram elaborados visando reformas. Referente à implantação, a construção pode ter sido disposta no *alinhamento predial*, com *recoo frontal*, com *recoo lateral*, com *recoo frontal e lateral*, ou ainda disposta *isolada* no lote.

Sobre a linguagem da fachada, leva em consideração as denominações *ecléctica*, *protomoderna* e *linguagem não observável*. Ainda, em relação as fachadas foi elaborada uma ficha para especificar os elementos compositivos das mesmas (Apêndice 1).

Finalmente, após o preenchimento do inventário foram desenvolvidas tabelas para sistematizar as informações das fichas e foram elaborados gráficos de porcentagem sobre os dados que poderiam colaborar com as comparações propostas. Por fim, foi desenhado um mapa (Apêndice 2) definindo os lotes onde foi possível identificar que há ou houve obras de Caetano Casaretto.

1.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.2.1 ECLETISMO E PROTOMODERNISMO COMO LINGUAGENS

ECLETISMO

Na época na qual Caetano Casaretto atuou em Pelotas, as possibilidades tecnológicas somadas as condições econômicas locais, favoreceram a utilização da linguagem eclética na arquitetura. O termo ecletismo pode ser interpretado de diferentes maneiras, e estas podem, ainda, serem consideradas como algo bom, que possui as suas características próprias e que merecem ter reconhecimento, ou como algo sem credibilidade, não passando de cópias de elementos existentes e que, por isso, não originais.

Segundo o arquiteto alemão Wilfried KOCH, em **Estilos de Arquitetura II** (1982), no ambiente europeu, a época chamada eclética da arquitetura vai desde a metade do século XVIII (a partir da Revolução Industrial) até o início do século XX, quando a pretensão modernista propõe o abandono de qualquer referência aos estilos do passado. Entre os séculos XVIII e XIX as antigas instituições absolutistas deixam de prevalecer. As revoluções industrial, francesa e americana abrem caminho para uma época descentralizada de ideias e opiniões. (KOCH, 1982, p.121)

O arquiteto italiano Luciano PATETA explica, em **Considerações sobre o ecletismo na Europa**, que para o continente europeu, o ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhoravam sua qualidade de vida), gostava das novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto. É importante levar em conta não só a necessidade que a burguesia européia tinha de contrapor ou não a classe dominante, como também o relativismo histórico, devido à proximidade com os fatos. (PATETA, 1987, p.13)

Na arquitetura as consequências desta evolução política, social e tecnológica refletiram-se nos novos programas (fábricas, obras públicas como pontes, túneis, caminhos de ferro, estações de ferroviárias, navios, docas, portos, guindastes), materiais (ferro, vidro, e mais tarde o betão) e técnicas (fundição em aço, estruturas em ferro, aperfeiçoamento dos cálculos estáticos, que permitem a utilização de elementos pré-fabricados, painéis de vidro). (KOCH, 1982, p.121)

Foi essa clientela burguesa que exigiu os grandes progressos das instalações técnicas, dos serviços sanitários da casa e na sua distribuição interna. Foram eles que solicitaram uma evolução rápida das tipologias nos grandes hotéis, nos balneários, nas grandes lojas, nos escritórios, nas bolsas, nos teatros, nos bancos e que souberam encontrar o tom exato de auto celebração nas estruturas imponentes dos pavilhões das Exposições Universais, (PATETA, 1987, p.13), fazendo com que a linguagem eclética adquirisse, assim, juízo de valor da classe em ascensão.

PATETA classificou a produção arquitetônica em pelo menos três correntes principais distintas: a de composição estilística, a do historicismo tipológico e a dos pastiches compositivos. (PATETA, 1987, p.14)

Entretanto, nem todos escreveram sobre o ecletismo como “produto” final de um processo. Alguns autores consideram o termo ecletismo como sendo o processo pelo qual se deseja chegar ao produto final. O ecletismo pode ser tratado como método

pelo qual se chega a um resultado, como o fazem Walter BRUGGER em **Dicionário de filosofia** e Aurélio Buarque de HOLANDA, autor do **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Para o primeiro, denomina-se de ecletismo “a atitude intelectual dos filósofos que se limitam a examinar os resultados do pensamento alheio, escondendo o que lhe afigura verdadeiro e valioso, sem se darem ao trabalho de reunir num todo acabado os fragmentos reunidos”. (BRUGGER, 1977, p.148) Para o segundo, a definição admite que através do ecletismo pode-se unir sistemas diversos alcançando a “uma unidade superior, nova e criadora”. (HOLANDA, 1993, p.616)

O ecletismo encarado como metodologia pode ser tratado como processo mesquinho ou elevado com grandes méritos, mas nesses casos não identificam juízo de valor. Para CORONA e LEMOS, em seu **Dicionário da arquitetura brasileira**, a definição reflete o juízo de valor quando diz ser um “[...] movimento ou tendência resultante da falta de originalidade e de caráter da obra arquitetônica [...]”, condenando as obras resultantes desse método. (CORONA e LEMOS, 1972, p.177)

Entende-se, então, que há varias formas de ver o ecletismo e que este pode ser compreendido como método e produto final, entretanto é unânime a opinião de que este termo carrega múltiplas referências e que PATETA explica como sendo a linguagem que permite os mais variados elementos lexicais, extraindo-os de todas as épocas e regiões, recompondo-os de diferentes maneiras, de acordo com princípios ideológicos. (PATETA, 1987, p.14)

O uruguaio especialista em historia da arquitetura, Aurélio LUCCHINI, explica em **Ideas y formas en la arquitectura nacional** (1969) que existe uma multivalência conceitual, havendo três usos possíveis no que se refere ao ecletismo. Primeiro, no sentido classificatório geral, usado para definir período estilístico; segundo, no sentido classificatório particular, utilizado para definir o tipo de obra de um arquiteto específico; e, terceiro, define como “[...] obra resultante de formas extraídas do passado”. Este autor, diferentemente dos anteriores, utiliza o termo eclético como produto final e não mais como processo metodológico. (LUCCHINI, 1969, p.41)

No Brasil, segundo o historiador Nelson SODRÉ em seu livro **Síntese de História da Cultura Brasileira** (1989), a partir de meados do século XVIII aparece uma camada social intermediária, nem tão poderosa como a dos senhores e nem tão miserável como a dos escravos. (SODRÉ, 1989, p.8)

Essa transformação ocorreu devido a fatores como, explica WEIMER: o fim da escravidão, chegando a ocorrer em Porto Alegre ações violentas de grupos

abolicionistas, que invadiram casas para libertar os cativos. Outro importante fator é a reordenação as atribuições de poder após o golpe republicano, esse governo adotou uma orientação modernizadora do aparato estatal e dos meios de produção. Além disso, o surgimento da burguesia urbana ligada ao comércio que havia acumulado capital e passou a financiar o processo de modernização urbana. (WEIMER, 1987, p.266-267)

Em **A cultura brasileira** (1958) vemos que o desenvolvimento artístico e cultural brasileiro cresceu, segundo seu autor – o sociólogo mineiro Fernando de Azevedo, momentaneamente sob referências baseadas nas decorações dos templos religiosos, na época de inspiração barroca. (AZEVEDO, 1958, p.200) Entretanto, arquiteto e professor argentino Ramón GUTIERREZ explica em **Arquitetura latino-americana** (1989) que a presença da Missão Cultural Francesa e da Academia Imperial de Belas Artes colaborou para a interrupção da difusão da arquitetura barroca no país no início do século XIX. (GUTIERREZ, 1989, p.62)

O arquiteto e urbanista Nestor Goulart REIS FILHO, autor de **Quadro da arquitetura no Brasil**, concorda com a ideia de que foi com a chegada da família real que começaram as mudanças. A abertura dos portos brasileiros para comercializar com diferentes nações somado com os novos hábitos de viver do momento e a vinda da Missão Francesa favoreceram a implantação de tipos ditos mais refinados de construções, contribuindo para o abandono das soluções coloniais. Escadarias, colunas e frontões de pedra ornavam com frequência as fachadas dos principais edifícios, demonstrando uma capacidade técnica que não correspondia ainda às construções em geral. Período que se desenvolve até o marco de 1936, ano da construção do Palácio Capanema no Rio de Janeiro. (REIS FILHO, 2004, p.146)

A missão francesa implantou o chamado “neoclassicismo” como linguagem oficial no Brasil, nessa arquitetura, os elementos utilizados eram provenientes da época clássica. Mas, em lugares como no Rio Grande do Sul, apareceu o que pode ser chamado de “neoclássico”, oriundo da influência de imigrantes construtores que se fixaram nestes locais faziam uso não só dos elementos clássico como também renascentistas. Após a vinda da família real a linguagem luso-brasileira começa a ficar de lado e passa a reinar o ecletismo.

Mas, enquanto a reinterpretação do passado na Europa se fazia em cima dos exemplares remanescentes, aqui ela teve que se realizar sobre uma abstração da presença material de obras de períodos anteriores. O que para a Europa se tornou um

ranço passadista, para nós significou a conquista e o acesso à cultura internacional. (WEIMER, 1987, p.258)

Em 1909, Caetano construiu uma propriedade (Figura 4) para Baptista Lullier Filho. As características da linguagem eclética são bastante salientes. Havia rusticação na base e no primeiro pavimento da edificação. As pilastras que são rusticadas no térreo (que apresentava vergas em arco pleno) receberam ornamentação com capitéis coríntios no pavimento superior (vergas retas). As cimalthas definem a divisão tanto entre os pavimentos com entre o corpo e o coroamento, este último composto por platibanda vazada com rendilhados e um frontão cimbrado.

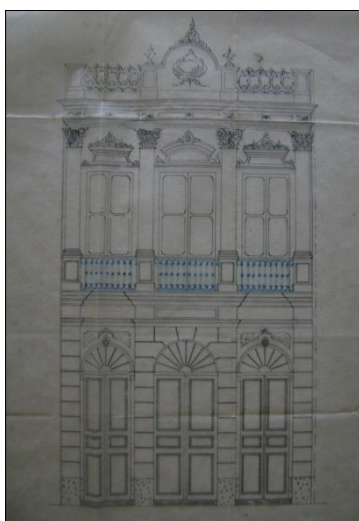


Figura 4: Propriedade de Baptista Lullier Filho, fachada principal, Pelotas, 1909.
Fonte: Arquivo SeUrb.

A partir da década de dez do século XX surge uma busca pela identidade nacional e, consequentemente, do neocolonial. O movimento abre possibilidades para outras vertentes, como o californiano e o mexicano, mas acaba definitivamente no movimento moderno com a certeza de que as perspectivas de desenvolvimento da linguagem naquele momento eram únicas. A partir da década de 30, a renovação é mais profunda e a arquitetura, já adaptada, adquire características tipicamente brasileiras, principalmente condicionadas pelo clima.

Andrey R. SCHLEE (1993, p.11) fala sobre as lacunas existentes na história da arquitetura em geral e especialmente na arquitetura brasileira, dificultando o entendimento de processos históricos. Em concordância com esse assunto, Marcelo PUPPI, autor de **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira** (1998), defende a posição de que a arquitetura eclética não foi suficientemente estudada:

“Não obstante não o seja, Lúcio Costa se faz de historiador, e obriga-nos a examiná-lo como tal (à custa de perdermos parte da riqueza de seus textos). Esta é a primeira singularidade do protagonista central de nossa historiografia. A segunda, decorre da primeira, está em que a história é para ele antes um instrumento para a demonstração de seus argumentos que objeto de conhecimento; é a reconstrução puramente mental do passado segundo os interesses do presente; é um passado, ao fim e ao cabo, que pode adquirir os mais diferentes significados, independentemente de qualquer verificação concreta dos fatos.” (PUPPI, 1998, 12-13)

PUPPI reclama que o arquiteto responsável pelo projeto urbanístico de Brasília, Lúcio COSTA “reveste-se do papel de historiador, e dá a seu programa de ação a forma dissimulada de estudo histórico”, em seu texto *Sobre arquitetura*, de 1962. Continua afirmando que os textos de COSTA tiveram influência para o estudo da arquitetura brasileira dizendo que “[...] salvo engano, ninguém historiou a arquitetura brasileira sem, de um modo ou de outro, com maior ou menor intensidade, tomá-lo como modelo de análise.” (PUPPI, 1998, p.12)

O movimento moderno que chegou com fortes convicções se opôs ao movimento historicista que acabou tendo seus méritos diminuídos pelo discurso modernista. Além disso, no Brasil, a historiografia da arquitetura começa a ser escrita praticamente a partir do modernismo.

A censura total daquela morfologia urbana do ecletismo retomada dos arquitetos antigos levou-os a construir, com as grandes periferias, uma cidade sem forma, uma “cidade sem qualidade”. Ainda segundo PATETA (1987, pp.24-25), a última expressão qualificada de valor indiscutível é aquela construída pela cultura eclética no século XIX e primeiro decênio do século XX. E diz que, é a tarefa da cultura atual dos arquitetos não apenas estudá-la, e partir novamente dela. Para formular novas hipóteses urbanas, mas também defendê-la das agressões imobiliárias.

“Dois fatos – pelo menos – estimularam estes estudos e interesses renovados: por um lado, a ampliação do programa de proteção e restauração do patrimônio histórico-

monumental para estruturas urbanas e edifícios do século XIX; por outro, a crise do urbanismo do Movimento Moderno que levou a uma revisão dos princípios desta disciplina e a uma reflexão crítica em cujo alicerce se encontra, exatamente, a cultura e a cidade do século passado.” (PATETA, 1987, 10)

Como de costume, a historiografia do ecletismo concentrou a atenção na linguagem arquitetônica, descuidando-se das referências dessa cultura na evolução da cidade, nos planos diretores e no projeto urbano. Ao contrário, o historicismo arquitetônico e o urbanismo do século XIX desenvolveram-se na mais perfeita simbiose. Tal como a edificação, também a cidade teve de acertar contas com quantidades inéditas, com uma nova “escala” dos fenômenos. Dois foram os temas tratados pelo urbanismo: a intervenção na cidade pré-existente e a determinação morfológica da expansão urbana. (PATETA, 1987, p.23)

Em Pelotas não foi muito diferente, a implantação da linguagem já conhecida pelos imigrantes firmou base na condição monetária do charqueador e foi impulsionada pela classe burguesa da indústria e do comércio em ascensão. Caetano construiu para profissionais liberais, para industrialistas e, principalmente, para comerciantes.

O arquiteto e historiador WEIMER explica mais precisamente que o desprezo existente sobre o ecletismo pode ter sido gerado a partir da má interpretação da palavra *imitação*. Afirma: “Está por demais divulgado em nosso país o conceito de ecletismo com o qual se entende aquela fase da evolução das artes em que o repertório formal repousa nas experiências do passado. Claro está que não se trata de uma mecânica repetição de formalismos pretéritos, mas de um uso criativo de conceitos consagrados.” (WEIMER, 1987, p.258)

As aglomerações urbanas surgidas após a Revolução Industrial proporcionaram condições para que se estabelecessem novas transformações sociais como a urbanização, industrialização, democratização, oportunidades de emprego e que passaram a caracterizar um processo de modernização: uma política de estado moderno que busca a transformação sem revolução. Este processo refletiu em mudanças na cidade e na arquitetura. (MENDONÇA cit. por MOURA, 2005, p.12)

No Brasil, a introdução das ideias de *progresso, ruptura, novo*, referentes à um estado moderno ocorreram em dois momentos: o primeiro na década de 20, momento de antecipação das mudanças que iriam acontecer e que pressupunha a adesão aos

processos modernos de expressão cultural internacional, desconhecendo as particularidades regionais e caracterizado por uma preocupação eminentemente estética, que tentava romper com o passadismo e absorver as conquistas da vanguarda europeia. O segundo momento veio após a Revolução de 30, que marca o início do processo de grande transformação no país. (MOURA, 2005, pp.12-13)

Entre as novidades deste período estão as “casas de renda”, construções que vinham a suprir a demanda significativa por aluguéis de imóveis. O baixo poder aquisitivo da maioria da população impossibilitava a construção da casa própria. Para aqueles homens de posses, era a possibilidade de minimizar as dificuldades dos setores produtivos, que em Pelotas aconteceu especialmente com o charque, e mais tarde com a pecuária e a agricultura. (MOURA, 1998, p.78)

Mas, sobretudo, três princípios de projeto do ecletismo anteciparam algumas escolhas da arquitetura moderna: a predominância da planta sobre a elevação; a livre disposição, nas fachadas, das janelas e varandas, localizadas onde a vista era melhor; e, a prioridade do interior sobre o exterior e a unidade da casa com sua decoração. (PATETA, 1987, p.22)

O prédio em eclético da loja de tecidos Vellochino Torres (Figura 5), construída por Caetano Casaretto em 1914, expressa, o que PATETA colocou sobre a influência do ecletismo na linguagem moderna. O uso do ferro fundido facilita a diminuição da massa construída na fachada e proporciona a utilização de grandes aberturas dando a impressão de que as janelas do pavimento superior formam um “pano de vidro” contínuo e sobre as quais se podem notar as vergas em arco abatido. As curvas suaves dos arcos e a decoração em renda sobre os mesmos fazem referência aos tecidos.



Figura 5: Loja Vellochino Torres, de propriedade do senhor de mesmo nome, Pelotas, s/d.
Fonte: **Monte Domeq & Cia.**,1916. p. 220.

PROTOMODERNISMO

O termo “proto”, segundo HOLANDA (1993, p.1407) significa “primeiro”, ou seja, é o que “vem antes de”. Então, protomodernismo se refere ao estilo de linguagem que antecede o modernismo. A ruptura com as condições históricas precedentes exige indivíduos que, além de compreender o “espírito de sua época”, estejam dispostos a transformá-lo. (HARVEY cit. por MOURA, 2005, p.12) A arquitetura protomoderna apareceu predominando a partir da década de 30, mas em Pelotas Caetano se antecipou no uso dessas características. Será por uma opção de linguagem ou devido às condições econômicas da época que o levaram a uma arquitetura menos carregada de ornamentos que a anterior?

Durante os séculos XVIII e XIX a arte adquiriu uma independência da qual ainda não havia desfrutado até então, ao perder o valor de culto que a mantinha amarrada a religiosidade, ela pôde se constituir de forma autônoma, regida por regras próprias. Iniciou-se um tempo de valorização das obras da burguesia que, ao romperem com as regras da sociedade tradicional, abriram uma perspectiva de se construir uma cultura desvinculada das exigências materiais imediatas. Esse processo de autonomia da esfera artística como uma afirmação da Cultura propriamente dita possibilitou a criação de valores universais que transcendem as exigências morais, econômicas e políticas às quais ela estava submetida. (ORTIZ, 1995, pp.22-23)

Em meados do século XIX, na Europa, depois da Revolução Industrial, a evolução do neoclassicismo foi em grande parte inseparável da necessidade de acomodar as novas instituições da sociedade burguesa e representar o surgimento de um novo estado republicano, disse o arquiteto e crítico de arquitetura inglês, Kenneth FRAMPTON, em **Historia crítica de la arquitectura moderna**. (FRAMPTON, 1996, p.16)

O autor francês de **Arquitetura contemporânea no Brasil**, Yves BRUAND (1981), fez um estudo histórico da arquitetura contemporânea do país e diz que, no Brasil, existia em estado latente desde os anos pós Primeira Guerra, e já manifestada em várias oportunidades, uma reação contra os pastiches históricos europeus em moda no começo do século XIX. Mas, ao invés de olhar para o futuro, voltou-se para o passado, objetivando a criação de um estilo neocolonial, destinado a valorizar o passado histórico local e adaptando-se mais ou menos às necessidades do momento. (BRUAND, 1981, p.25)

Com a abertura política, surgida após os piores momentos da ditadura no Brasil e durante a qual houve o fechamento da maioria das revistas especializadas do país, os conceitos ligados à arquitetura começaram a ser revistos. Por volta da Segunda Guerra Mundial os arquitetos queriam acabar com os formalismos estilísticos oriundos das obras históricas para se apoiar em concepções novas, de formas enxutas, expressivas sob o ponto de vista dos materiais industriais empregados e atuais no que se referiam às técnicas construtivas. (WEIMER, 2010, p.9)

Com a chegada de Le Corbusier e a definitiva adoção de uma arquitetura chamada modernista, que rejeitava a fase eclética precedente, surgiu a necessidade de classificar a produção intermediária entre esses momentos. Os modernistas o chamaram de *protomoderno*, porém, do ponto de vista do ecletismo surgiram várias correntes distintas durante esse período transitório. Uma delas, apoiada em elementos mais simples, lisos e geometrizados, foi chamada *art déco*, por alguns profissionais. Esse termo surgiu, provavelmente, na França em 1968, a partir de uma exposição parisiense que levou esse nome e que consistia numa revisão das obras da década de 20. Mas, WEIMER explica que na Europa esse termo se referia principalmente à pintura, objetos de arte, escultura e mobiliário e não à arquitetura. (WEIMER, 2010, p.10)

O termo protomoderno utilizado por alguns profissionais pode ser explicado pela analogia entre a arquitetura e o protoracionalismo europeu, entretanto, na Europa o termo designou as obras de arquitetura que antecederam o racionalismo e no Brasil essa vertente ocorre junto e paralelamente com o modernismo. (ROESLER, 2009, p.5)

Por outro lado, há publicações estrangeiras que classificam de *art déco* a produção arquitetônica norte americana surgida após a grande quebra da bolsa de valores de Nova York, um dos momentos de maior crise econômica daquele país. Esses prédios eram leves, de formas suaves e priorizavam o arredondamento dos ângulos, o uso de cores suaves tipo pastel e de relevos geometrizados, ou seja, abstratos, empregados mais como parte integrante da obra do que como elemento decorativo simplesmente. (WEIMER, 2010, p.12)

O professor da Universidade de São Paulo, arquiteto e urbanista Hugo SEGAWA em **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990** (2002) divide a arquitetura brasileira do oitocentos em três grupos: o “grupo histórico”, fiel à estética mais conhecida que aceitava somente as arquiteturas que caracterizavam as duas civilizações mais notáveis, à greco-romana e à da Idade Média. O “grupo eclético”, o qual se permitia o direito de escolher em todos os estilos e manifestações da construção os elementos que

julgasse mais adequados para o fim que tivesse em vista. E, o “grupo racionalista”, composto por profissionais do presente que reagiam contra o passado, utilizando novos materiais e adotando certa liberdade na construção da forma, sem a obrigação de atender às leis estéticas do passado. (SEGAWA, 2002, p.31)

Nessa classificação, Caetano teria lugar nas três posições. Trabalhou com o “ecletismo histórico” na construção da capela da Luz (Figura 6) em 1899 (BPP, 1929). Neste templo, atualmente demolido, os arcos eram de curvatura plena e na fachada principal havia um frontão triangular e não foram utilizados elementos decorativos em massa.

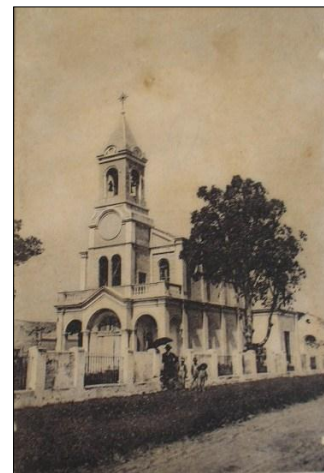


Figura 6: Igreja da Luz, fotografia antiga da perspectiva, Pelotas, s/d.
Fonte: Acervo DIMPAC.

O profissional foi “eclétrico” quando, em 1895 projetou e construiu a sede do clube social Congresso Português 1º de Dezembro (Figura 7), obra a qual SCHLEE (1993, p.107) considera ser o primeiro exemplar de ecletismo tipológico da cidade de Pelotas. A ornamentação faz referência ao período no qual Portugal encontrava-se no seu apogeu do desenvolvimento, até então, época dos descobrimentos.

“Nesse sentido, na fachada surgiram arcos ogivais, molduras com reproduções de elementos do mar (algas e conchas), o brasão de Portugal, uma alegoria às descobertas, dois globos, dois bustos de portugueses ilustres e as datas de 1640 (ano em que Portugal conquistou sua independência da Espanha) e 1895 (data da construção do prédio).” (SCHLEE, 1993, p.107)

Também foi eclético no sobrado de uso misto (Figura 8) de propriedade de José Vieira de Souza, de 1899. No primeiro pavimento as aberturas receberam arcos plenos preenchidos com bandeiras, no piso superior as vergas são retas e encimadas por elementos em massa. O coroamento foi construído com um frontão cimbrado decorado com motivos florais e de ambos os lados deste a platibanda cega recebeu formas geometrizadas.



Figura 7: Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fachada histórica, Pelotas, 1895. Fonte: Arquivo SeUrb.

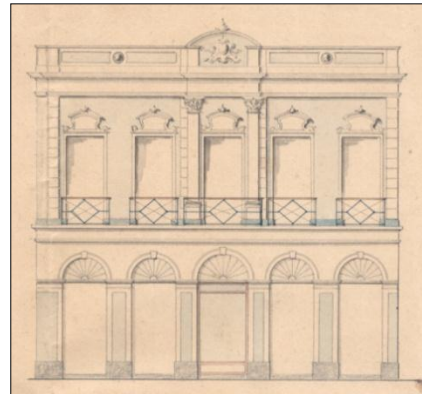


Figura 8: Sobrado de uso misto de propriedade de José Vieira de Souza, fachada eclética, Pelotas, 1899. Fonte: Arquivo SeUrb.

E ainda, Caetano foi “racionalista” também, como nos projetos da cocheira de Antônio Assumpção, de 1902 (Figura 9) ou na residência de José do Carmo Alves de Carvalho (Figura 10) construída em 1910. Fácil de compreender que nos prédios de uso simples como a cocheira a decoração não se faz tão necessária e sua “racionalidade” parece ser mais por excesso de simplificação do que por opção de linguagem. Já na residência, nota-se a clara busca pela inovação, mesmo que a fachada seja repleta de ornamentos todos são geométricos (círculos, retângulos, quadrados e linhas).

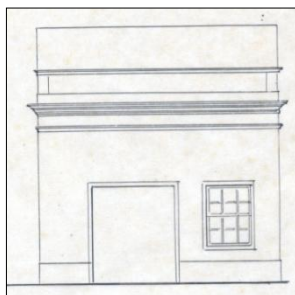


Figura 9: Cocheira de propriedade de Antônio Assumpção, fachada racionalista, Pelotas, 1902. Fonte: Arquivo SeUrb.

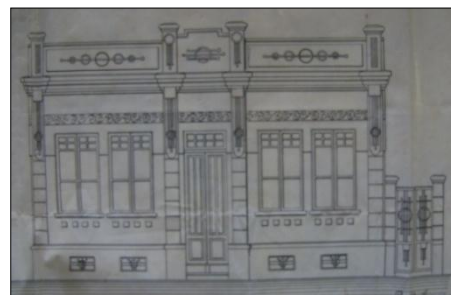


Figura 10: Residência de José do Carmo Alves de Carvalho, fachada principal, Pelotas, 1910. Fonte: Arquivo SeUrb.

Um dos precursores do protomodernismo no Brasil foi Victor Dubugras (1868-1933), francês com formação profissional em Buenos Aires e radicado no Brasil a partir de 1890. Dubugras foi reconhecido pela coragem que teve em “expor trabalhos que fogem completamente às formas banais, manifestando uma tendência bem acentuada para um novo método de construção, ainda pouco estudado” (o texto se referia ao concreto armado). Este profissional preferia as formas de estrutura real, onde as disposições construtivas e a natureza dos materiais são francamente acusadas. Nessa arquitetura “ladear dificuldades” ou “simular riquezas com fingimento e artifício” é cair em uma arte viciada e mentirosa. (SEGAWA, 2002, pp.33-34)

Em Pelotas, a crise na produção saladeiril do final do século XIX fez com que a região perdesse sua posição de destaque no estado. “A par da manutenção das características agropastoris, a cidade tornou-se um pólo comercial regional.” O reflexo dessa transformação refletiu na arquitetura da cidade, que apesar de manter alguma continuidade com as construções ecléticas, passou a indicar mudanças e se apropriar pelo gosto moderno. Essas alterações eram expressas no uso de novos materiais e na decoração mais geometrizada e simples das fachadas. (MOURA, 2005, p.10)

A professora Telma de Barros Correia em seu artigo **Art déco e indústria Brasil, décadas de 1930 e 1940**, publicado nos Anais do Museu Paulista. v. 16. n.2, de julho de dezembro de 2008, cita que em parte das construções, as referências à linguagem *déco* restringiam-se a detalhes ornamentais aplicados em fachadas de construções cujas características – em termos de implantação, tecnologia construtiva, volumetria e organização dos espaços internos – seguiam os modelos mais usuais na época, ainda atrelados fortemente a formas difundidas no período colonial e no século XIX. O *art déco* revelou-se uma linguagem acessível às elites, às classes médias e às classes populares. Na arquitetura, a partir de construções de maior porte, o vocabulário conquistou o gosto popular e disseminou-se em grandes e pequenas residências e em prédios comerciais. Suas linhas geometrizadas – especialmente os volumes, os vãos e as superfícies escalonadas – popularizaram-se em cidades grandes e pequenas, convertendo-se em marco do cenário urbano brasileiro das décadas de 1930 e 1940. (CORREIA, 2008, pp.53-54)

A nova arquitetura objetivava mais eficiência, funcionalidade e economia e a nova tipologia – o edifício em altura com estrutura em concreto armado – era o símbolo da modernidade e do progresso, mesmo que inserido dentro de lotes oriundos da divisão fundiária do período colonial. (MOURA, 2005, p.17) O primeiro edifício em altura da

cidade data de 1933, treze anos após o último registro de Caetano Casaretto na SeUrb.

CORREIA acredita que foi a linguagem art déco o fato que mais marcou o cenário arquitetônico das cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1940, colocando-se como expressão de modernidade, posição que seria ocupada na década seguinte pela arquitetura moderna. Em construções novas ou em fachadas reformadas, a linguagem *déco* foi, durante aquelas duas décadas, a expressão de renovação da arquitetura de maior alcance junto a diferentes segmentos da população. (CORREIA, 2008, p.52)

Mas Caetano mostra tendência para uma arquitetura mais limpa desde o final do século XIX, principalmente em prédios como cocheira, galpão e residências pequenas. Provavelmente o primeiro trabalho que podemos afirmar buscar alguma simplicidade na linguagem é o depósito da própria empresa (Figura 11) da qual Caetano fez parte, Casaretto e Irmãos, no ano de 1895. Quase que como uma propaganda, localizava-se na esquina das ruas Gonçalves Chaves com Uruguai, a meia distância entre o porto e o centro da cidade.



Figura 11: Depósito da Empresa Casaretto e Irmãos, fachada principal, Pelotas, 1895.
Fonte: Arquivo SeUrb.

Em 1916, Caetano constrói para Bruno Chaves sua residência (Figura 12), na esquina da Rua Félix da Cunha com a Rua Voluntários da Pátria. Mesmo contendo fortes características ecléticas, pode-se perceber que a ornamentação utilizada busca uma maior sensação de “limpeza”; frisos simples e horizontalizados; formas geometrizadas na platibanda e nos gradis e sem referências florais a não ser no frontão.

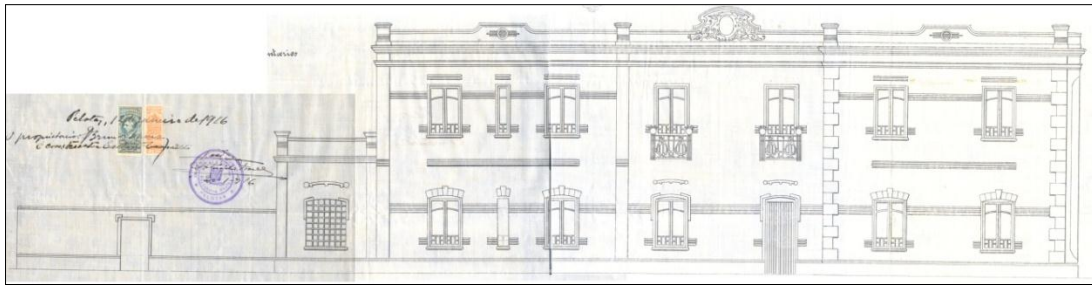


Figura 12: Residência de Bruno Chaves, fachada principal, Pelotas, 1916.
Fonte: Arquivo SeUrb.

O auge do uso da linguagem protomodernista por Caetano foi, provavelmente, em 1919. O prédio cujas características são claramente diferenciadas da maioria é o Posto de Assistência Pública (Figura 13), localizava-se na Rua Marcílio Dias, 991. Foi também uma dos últimos projetos encontrados no arquivo municipal. Visualmente, o coroamento chama a atenção pela composição inusitada. Os frisos que dividem a fachada horizontalmente, geralmente vistos no limiar corpo/coroamento aparecem a meia altura da parede e contornando as vergas, essa opção reforça a impressão de horizontalidade que é característica da linguagem pós ecletismo.



Figura 13: Posto de Assistência Popular, fachada principal, Pelotas, 1919.
Fonte: Arquivo SeUrb.

1.1.2 TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS

“As primeiras casas isolam os habitantes do ambiente externo e lhe conferem um clima controlado pelo homem: o desenvolvimento do núcleo estende a tentativa desse controle à criação e a extensão de um micro-clima. [...] O

tipo vai se constituindo, pois, de acordo com as necessidades e com as aspirações de beleza; único, mas variadíssimo em sociedades diferentes, ele está ligado à forma e ao modo de vida.” (ROSSI, 1995, 25)

O arquiteto italiano Aldo ROSSI encara a questão do tipo como formador da arquitetura, afirma que é através do modo de vida que o homem define os inventos que lhe serão úteis na sua forma de viver. Mas, existindo tantas invenções, como pode ser possível compreender esses inúmeros inventos da humanidade e principalmente as relações que se estabelecem entre as infinitas possibilidades de comparação entre estes e/ou grupos destes inventos em geral?

Segundo Roberto FERNÁNDEZ, citando o filósofo Michel FOUCAULT, (1926-1984) uma das obrigações fundamentais do homem do século XVIII foi entender o mundo e o sujeito em torno do processo *de classificação*, no qual se insere a pretensão do tipologismo em arquitetura, sobretudo com Quatremère de QUINCY (1755-1849), no século XIX. (FOUCAULT cit. por FERNÁNDEZ, s/d, p.1)

A possibilidade de fazer agrupamentos entre semelhanças também é a forma de elaborar um inventário de projetos. Para isso é necessário que se entenda que existem elementos e/ou regras fundamentais que possibilitem o reconhecimento de algo como parte integrante e semelhante a um grupo de elementos distintos.

Vários teóricos que escreveram sobre tipo e tipologia citam o **Dizionario storico di architettura** e seu autor QUINCY [1825], teórico da arte e da arquitetura francesa, que descreve a origem grega da palavra que exprimia um censo geral aplicável a muitas graduações e variedades, com ideia semelhante a modelo, matriz, forma, figura em relevo ou baixo relevo e depois define melhor:

“A palavra tipo não representa tanto a imagem de uma coisa a ser copiada ou ser imitada perfeitamente quanto à ideia de um elemento que deve ele próprio servir de regra ao modelo. [...] O modelo, entendido, segundo a execução prática da arte. É um objeto que se deve repetir tal qual é: o tipo, ao contrário, um objeto segundo o qual cada um pode conceber obras que não se assemelham entre elas. Tudo é preciso e é dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo.” (QUINCY, 1992, 274)

Manuel J. HERNÁNDEZ citando Giles DELEUZE escreve que as grandes ordens de generalidade, são a semelhança na ordem qualitativa e a equivalência na ordem quantitativa, em cujos campos específicos são possíveis o intercâmbio ou a substituição. Diz ainda, que semelhança e equivalência são essenciais ao *tipo*, daí sua riqueza operativa e também razão de sua não repetibilidade imediata. (DELEUZE cit. por HERNÁNDEZ, 1997, p.152)

“A arte de fabricar regularmente nasceu de um germe preexistente. Em tudo é necessário um antecedente; nada, em nenhum gênero, vem de nada, e isso não pode se deixar de aplicar a todas as invenções dos homens.” (QUINCY, 1992, 274)

Quando QUINCY diz que todas as invenções humanas conservam “[...] sempre claro, sempre manifesto, o princípio elementar do sentimento e da razão [...]”, percebe-se que essa invenção necessita de parâmetros que a conduzem. Assim nós vemos que a imitação dos tipos não tem nada que o sentimento e o espírito não possam reconhecer, ou seja, os parâmetros. (QUINCY, 1992, p.274)

O que os autores discutem é que as invenções novas, criadas pelo homem, sempre partem de um acúmulo de conhecimento base e as variações sobre algo geralmente ocorrem de modo a preservar o tipo base (conhecimento já adquirido).

Assim, chegamos a uma infinidade de objetos de todos os gêneros e uma das principais ocupações da ciência e da filosofia, para entender as razões delas, é buscar-lhes a origem e a causa primitiva. É a isso, a origem, que se deve chamar de tipo. (QUINCY, 1992, p.274)

“Torna-se claro também, que o conceito de tipologia vale como princípio de classificação dos fatos artísticos segundo certa analogia. Na realidade, quando se tem a frente um vasto conjunto de fenômenos, adverte-se a necessidade de reagrupá-los e ordená-los por categoria ou por classe. O reagrupamento tipológico não tem a necessidade de avaliação artística nem da definição histórica.” (ARGAN, 1966, 1)

Essa construção mental, segundo QUINCY, de uma estrutura comum, ou seja - o tipo, constitui-se no justo momento em que a arte do passado cessa de propor-se como modelo condicionante ao artista que trabalha. Assim, “[...] um tipo nunca é um objeto concreto, é, em qual caso, um conceito que descreve objetos que tenham uma estrutura comum e através da qual se reconhecem suas categorias essenciais.” (HERNÁNDEZ, 1997, p.146)

O desenvolvimento seguinte leva à criação do modelo e a escolha de um modelo. Na realidade, implica num juízo de valor que reconhece a perfeição ou a exemplaridade da obra, solicitando a interpretação desta.

Mas, ARGAN vai além da classificação e ainda defende que o processo formativo de uma tipologia não seja um mero processo classificatório e estatístico, mas um processo conduzido em vista de uma precisa finalidade artística que é demonstrado de dois fatos fundamentais. Primeiro: as séries tipológicas não se formam na história da arquitetura apenas em relação às funções práticas dos edifícios, mas especificamente em relação à sua configuração. Segundo: embora possam ser desenhadas quantas classes e subclasses tipológicas que se queiram, normalmente as tipologias arquitetônicas vem destinadas segundo três grandes categorias, a primeira compreende a configuração inteira do edifício, a segunda os grandes elementos construtivos, a terceira os elementos decorativos. (ARGAN, 1966, 3)

As três características defendidas por ARGAN não foram suficientes para que a arquiteta argentina Marina WAISMAN pudesse elaborar sua forma de classificação em torno do bem de arquitetura. Diz a autora que desde o renascimento até o século XIX, se pode considerar o tipo como um modo de organização dos espaços e de pré configuração da forma. Para WAISMAN os objetos devem ser classificados segundo cinco séries de categorias: estrutura, função, forma, relação obra/entorno e segundo os materiais. (WAISMAN, 1977, pp.62-63)

Para Aldo ROSSI (1995) o tipo é a própria ideia de arquitetura, aquilo que está mais próximo da sua essência. Diz este autor que o tipo é constante e se apresenta com características de necessidade; mas, mesmo determinadas, elas reagem com a técnica, com as funções, com o estilo, com o caráter coletivo e o momento individual do fato arquitetônico. Podemos conceber o fato arquitetônico como uma estrutura que se revela e é reconhecível no próprio fato. Se esse algo, que podemos chamar de elemento típico, ou simplesmente tipo, for uma constante, poderá ser encontrado em todos os fatos arquitetônicos. Também é, por conseguinte, um elemento cultural e, como tal, procurado por diversos fatos arquitetônicos. A tipologia torna-se assim, o

modelo analítico da arquitetura, podendo ser identificada melhor ainda no nível dos fatos urbanos. (ROSSI, 1995, pp.26-27)

Além disso, afirma HERNÁNDEZ que os tipos tem vida própria, isto é, uma gênese, um desenvolvimento, uma série de transformações e uma obsolescência, que a sociedade, a cultura, e seus arquitetos se encarregam de estabelecer para depois modelar e construir. (HERNÁNDEZ, 1997, p.153)

Os atuais responsáveis pelas novas tipologias são os profissionais de arquitetura que dirigem seus esforços para solucionar os problemas das avenidas, praças, casas, prédios públicos, num permanente processo de modificação de elementos, combinando o tecido urbano do passado com as intervenções do presente. Não existem regras nem precedentes históricos definidos para as transformações dos objetos. A permanente vitalidade da prática tipológica na arquitetura provém de um engajamento essencial nas demandas do presente e não de uma mitificação holística do passado. O movimento moderno, por exemplo, recusa a nostalgia histórica, exceto se for para afirmar o foco das restaurações. Rejeita as definições de um significado social único da forma e reconhece o caráter enganoso de toda atribuição de uma única ordem social a uma ordem arquitetônica. Também, a tipologia modernista rejeita o ecletismo. Assim, o movimento moderno deposita sua fé no caráter público da arquitetura, contra as ideias privadas dos individualistas românticos do ecletismo. “Nesse movimento, a cidade e a tipologia se reafirmam como as únicas bases possíveis para a restituição de um papel crítico a uma arquitetura que, de outra forma, acabaria sucumbindo ao ciclo aparentemente interminável de produção e consumo” (VIDLER, 2006, pp.288-289)

O modo como os tipos construídos, os espaços e o parcelamento do solo estão arranjados definem questões de segurança, orientabilidade, mobilidade, valores arquitetônicos, artísticos e históricos de uma paisagem urbana. E, são as características gerais e específicas de uma tipologia que permitem indicar com bastante segurança os critérios de preservação da paisagem histórico-cultural de uma cidade. Sendo assim, um instrumento para a proposição de políticas culturais ou que se preocupem com a preservação do patrimônio histórico (DIONELLO et al., 2008, p.8-11)

Para conhecer a obra de Caetano Casaretto não implica em avaliá-la, mas convém que esta seja classificada segundo as categorias que se deseja estudar. Afinal, qual era o tipo de arquitetura desenvolvida pelo profissional? Para que tipo de função foram projetados os prédios? Qual tipo de linguagem era mais utilizada? Em que condições

se encontra? E, para as numerosas residências, que tipo de planta ou forma era construído? As respostas são possíveis desde que se agrupem por tipos determinados os elementos semelhantes entre si e se faça a contagem.

Tendo como base o texto de WAISMAN, podemos dizer que as construções podem ser analisadas segundo os seguintes pontos de vista: **tipologia estrutural**, técnica de construção dos elementos responsáveis pela sustentação do edifício. As obras arquitetônicas não só de Caetano Casaretto como da cidade como um todo são caracterizadas pelo emprego de paredes portantes de tijolos cozidos; **tipologia funcional**, referente ao uso para o qual é destinado. Dentre os onze usos identificados, os edifícios com finalidade residencial apareceram em maior número, sendo seguidos pelos que são destinados ao comércio e de uso misto (residencial e comercial); **tipologia formal**, referente às características de tamanho, as residências (mais numerosas) foram classificadas conforme a forma em térrea, porão-alto ou sobrado; **tipologia relação obra/entorno**, referente à forma como o edifício está inserido no lote e como está relacionado com o espaço construído no entorno (no alinhamento predial, com afastamentos ou isoladas); e, **tipologia do modo de emprego das técnicas ambientais**, referente aos tipos de materiais utilizados e seu impacto no ambiente.

CAPÍTULO 2. BIOGRAFIAS

2.1 DADOS HISTÓRICOS SOBRE A FAMÍLIA CASARETTO

Os Casaretto foram arquitetos, engenheiros e acima de tudo construtores que ajudaram a erguer a cidade de Pelotas durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

A origem mais distante que se tem conhecimento sobre a história da família Casaretto é contada pela pintora Benette Casaretto para o trabalho intitulado **Vida e Obra de José Isella** (CHEVALLIER, 2002) e confirmado em parte pela arquiteta e urbanista Giane Casaretto para este trabalho.

Segundo Giane CASARETTO, Jerônimo Casaretto nasceu em 1814 na região da Ligúria (Figura 14), mais precisamente na província de Gênova, cidade de Zoagli (Figura 15). Saiu de sua terra natal em 1853 com seus pais e irmãos e desembarcou na capital argentina Buenos Aires. Alguns tempo depois, viajou para o Brasil, aonde chegou pelo porto de Rio Grande. (CASARETTO, 2010).

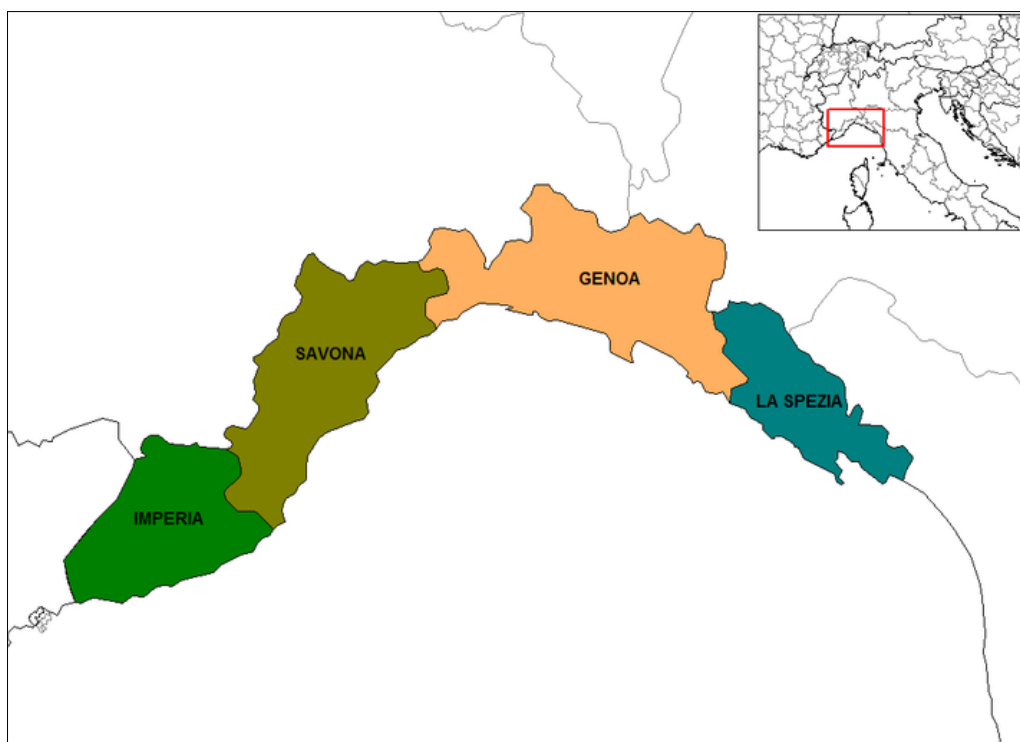


Figura 14: Região da Ligúria, dividida nas províncias de Imperia, Savona, Gênova e Spenzia.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Liguria_Provinces.png

Acesso em 07.12.2010

Na cidade de Rio Grande, casou com Clarabella Valle (segundo Benette, para Vida e Obra de José Isella) e com Elisabet Benedicta Valle segundo Giane, mas independente do equívoco dos nomes, sabiam ambas entrevistadas que a esposa de Jerônimo também se tratava de uma imigrante italiana, nascida na cidade de Chiavare (Figura 16), localizada na mesma região da Ligúria. Logo após, mudaram-se de Rio Grande para Pelotas.



Figura 15: Cidade de Zoagli, Gênova, Itália.

Fonte: Google hearth (44°20'19" N) (9°16'13" L). Acesso em 07.dez.2010



Figura 16: Cidade de Chiavare, Gênova, Itália.

Fonte: Google hearth (44°17'21" N) (9°19'24" L). Acesso em 07.dez.2010

Ambas cidades, Zoagli e Chiavare, estão localizadas numa faixa de terras entre as montanhas e o mar, mas diferem-se no traçado urbano. Em Chiavare onde há uma área plana em torno da foz de um rio, a cidade assumiu um desenho regular. Na cidade de Jerônimo, Zoagli, a topografia mais acidentada conduziu à uma urbanização mais orgânica.

Entre os documentos encontrados no acervo pessoal de Giane Casaretto, está uma declaração de 19 de março de 1853, assinada por João Baptista Domingues, então *“Presbítero Senhor Vigário da Vara, Juiz dos Casamentos e Justificação da Comarca Eclesiástica da cidade de Pelotas, por provisão do Excelentíssimo Reverendo Senhor Bispo Conde Capelão Mor”*. Este documento comprova que Jerônimo (Figura 17) chegou a Pelotas em 1853, mas não veio diretamente da Itália, na declaração dos autos de justificação de solteiro nota-se claramente que já se havia passado quase 16 anos desde a partida de sua terra natal.

“[...] foram por mim julgados e sentenciados uns autos de justificação de solteiro a favor de Jerônimo Casaretto. [...] Diz Jerônimo Casaretto, natural de Genova, filho legítimo dos finados José Casaretto e de sua mulher Maria Magdalena Casaretto, todos naturais de Genova, morador desta freguesia de São Francisco de Paula de Pelotas, que quer justificar que já há dezesseis anos, pouco mais ou menos, saiu de sua pátria natal para a de Buenos Aires, onde residiu doze anos e seis meses, daí para Montevideu onde esteve por três anos, veio para Rio Grande logo para Pelotas, tendo saído de sua pátria solteiro, assim como de Buenos Aires e Montevideu, e assim se conserva. Por tanto pede a Vossa Senhoria o admita a dita justificação [...]” (João Baptista Domingues, 1853, pp.1-4)

O Juiz de Casamentos e Justificação, Domingues, concluiu dois dias depois, em 21 de março de 1853, dizendo que seu despacho já havia sido transcrito, e em cumprimento do qual prestou o justificante seu depoimento e apresentou três testemunhas contestes, finalmente concluiu assim: “[...] visto estes autos, depoimentos do justificante, e das testemunhas, que fazem suficiente prosa, julgo o mesmo por solteiro, livre desimpedido da pátria de Buenos Aires e outra aparente”.



Figura 17: Benedita, Jerônimo e Paulino Casaretto.
Fonte: Acervo Giane Casaretto.

Os nomes dos filhos foram confirmados no inventário de falecimento de Jerônimo e Benedita, nos documentos do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERGS, nº 167, M9, E28), do ano 1886, sendo o inventariante seu filho homem mais velho, de mesmo nome, Jerônimo Casaretto.

Através do inventário sabe-se que Jerônimo teve pelo menos sete filhos: Aurélia, Jerônimo, João, José, Isabel, Caetano e Paulino. A entrevistada afirma que ainda houve outro filho de nome Carlos, falecido aos seis anos. A mais velha, Aurélia (Figura 18), teria nascido em sete de março de 1854 e foi casada com Jerônimo Canavarro; o segundo filho (Figura 19) e primeiro homem foi Jerônimo Casaretto, de vinte de março de 1855; o terceiro, João (Figura 20) de três de março de 1858; depois veio José (Figura 21) no dia vinte e nove de outubro de 1859; Isabel Casaretto (Figura 22), que acabou se tornando Isabel Scotto depois de casar com Carlos Scotto foi a quinta, esta nascida em dezoito de abril de 1861; depois, Caetano (Figura 22) em sete de agosto de 1862, foco desta pesquisa; dois anos após, Carlos em treze de julho de 1864; e por fim, Paulino em treze de maio de 1867 (CASARETTO, 2010).



Figuras 18, 19 e 20: Aurélia e Caetano Casaretto; Jerônimo Casaretto (filho); João Casaretto.
Fontes: Acervo Giane Casaretto



Figura 21: José Casaretto e Figura 22: Caetano e Isabel Casaretto.
Fontes: Acervo Giane Casaretto

A imigração italiana, financiada pelo governo para povoar o norte do estado, somente iniciou em 1875. Jerônimo, então com 61, já estava há 22 anos no Brasil.

Segundo o pesquisador em geografia humana Paulo Roberto Rodrigues SOARES (2001) em seu artigo intitulado **Burgueses Imigrantes y desarrollo urbano em el extremo sur de Brasil** afirma ter ocorrido pelo menos quatro tipos diferentes de imigração para a cidade de Pelotas. A primeira forma de imigração se deu através da

iniciativa privada, autorizada pelo governo municipal para projetos de colonização de suas terras ou de lotes particulares vendidos aos estrangeiros na zona rural. Entre 1850 e 1858 foram realizadas 14 promoções privadas de colonização. A partir da metade do século XIX começa a segunda forma de imigração, foram portugueses, espanhóis e italianos encaminhados para o núcleo urbano, com a finalidade de servirem de intermediários no comércio de importação e exportação com a Europa. Outra corrente migratória (terceiro tipo) importante para a cidade no século XIX foi aquela formada por trabalhadores e artesãos de diversas origens, mas principalmente italianos, que integraram o tecido social e econômico da cidade. A maioria chegou a Pelotas partindo de Montevidéu, destino comum para os europeus da época. Por último, a quarta maneira de imigração se deu quando os comerciantes e industriais começaram a trazer técnicos estrangeiros (engenheiros, arquitetos, tipógrafos, químicos, agrônomos) para trabalhar na cidade. Por outro lado, outros profissionais mais relacionados com a elite e seus desejos de luxo e opulência também chegaram a cidade (foi o caso dos professores, artistas, pintores, músicos) para ensinar os filhos da elite local. (SOARES, 2001, pp.7-9)

Em 1885 Jerônimo, sua esposa Beneditta e dois de seus filhos, Jerônimo e José, viajaram para Itália. Os pais não mais voltaram ao Brasil, morreram ambos em Chiavare no ano de 1885. Ele faleceu em 18 de julho e ela em 12 de agosto. (APERGS, nº 167, M9, E28) O que comprova que estes dois filhos estiveram na Itália foi a assinatura por parte de José na mesma carta na qual afirma estar sua mãe “preparando” casamento para o Jerônimo.

“[...] eu quero comunicar-lhes um casório que a mama está preparando para o Jerônimo, se um todo caso ele quiser [...]” (José CASARETTO, 1885).

Os dados referentes às mortes dos genitores que são comprovados pelo inventário não corresponde ao que foi informado para a família na época. Em uma das cartas de posse de Giane enviada de Chiavare por Giuseppe Casaretto (José), escrita 15 dias antes da morte do patriarca, está descrito a situação de saúde de seu pai.

“Recebi antes de ontem a tua prezada carta de 25 de maio, onde nós ficamos muito satisfeitos em saber que todos vocês gozam de boa saúde. Enquanto a nossa vamos sempre a mesma coisa, mudança não tivemos nenhuma e agora o papa tem uma pequena chaga nas

costas proveniente da 'funda' e não quer de maneira nenhuma que lhe toque para curar-la[...].” (José CASARETTO, 1885, p.1)

Este primeiro registro está de acordo com as demais informações que se tem. Entretanto, uma segunda carta subsequente à anterior e também enviada de Chiavare, com data do dia 11 de julho de 1885, mas escrita comprovadamente nos dias seguintes pelo próprio texto, deixa algumas dúvidas. A carta sem assinatura, provavelmente teria sido escrita por Jerônimo, o filho, pela forma que se referia aos outros integrantes da família e por ter caligrafia bastante diferente da carta escrita dias antes por seu irmão José. Na presente carta, o autor afirma que a mãe teria falecido em dia diferente do registrado no inventário.

“Estimamos muito que estas poucas palavras vos vão encontrar em na mais perfeita saúde, enquanto a nós vamos dar-vos a relação de tudo quanto temos passado desde o dia 11 até esta parte. Uma triste notícia [...]. Por isso, asseguramos caros amigos, família e conhecidos que perdemos nossa mama no dia 18 de julho de 1885 às 8 horas e 18 minutos. [...]” (Jerônimo CASARETTO, 1885, pp.1-4).

É possível que a data mais correta seja a mais próxima do ocorrido, ou seja, a que foi escrita na carta, e não aquela ditada meses depois para o escrivão do cartório no momento de se fazer o inventário.

Outra curiosidade percebida em uma das correspondências é a adoração que tinham pela causa religiosa. Giane confirma que a família era espírita, inclusive teria Caetano coordenado a campanha para a construção do Centro Espírita Jesus, cujo projeto arquivado na prefeitura foi elaborado por Carlos Casaretto Scotto. A mesma carta escrita por José demonstra que o fato de serem adeptos de uma doutrina espiritual, não exclui a possibilidade de também seguirem outra religião, como a católica.

“[...] Agora eu vos recomendo, para salvar a vossas almas e fazer bons cristãos, devem fazer o seguinte, assim como eu já comecei, não devem passar boa vida neste mundo, nem devem desprezar o trabalho, e nem devem tratar de fazer grande fortuna, se querem salvar a vossas almas, eu tenho estado em diversas Predicas, as servas de Deus não pregam outra coisa, que meus irmãos não procurem de passar boa vida neste mundo, nem de fazer fortuna,

que todos quantos aqui neste mundo passar boa vida, e tiver fortuna, noutro mundo irão passar uma vida desgraçada, e sem dinheiro, e todos quantos aqui neste mundo passar mal, passar fome e passar uma vida trabalhosa, quando irão noutro mundo, então vão passar uma vida das melhores, assim como o maior ricaço deste mundo. Estas palavras que eu te escrevo eu as vi sair da boca do bispo de Genova [...]" (José CASARETTO, 1885, pp.1-4).

Relata a familiar entrevistada que os estudos acadêmicos de Caetano foram impulsionados pela vontade de se relacionar com Emília Natusch. Os pais da moça proibiram seu relacionamento porque Caetano não possuía qualificação suficiente para sua filha. Por isso, o construtor foi para Europa estudar. Voltou em 1927 trazendo seu diploma do Instituto Técnico Industrial, alcançado na Itália. Esta foi a comprovação que poderia proporcionar satisfatórias condições de vida para Emília. Seus pais então permitiram o casamento. Caetano casou-se com Emília em 1935, já com 71 anos e morreu oito anos depois, em 1942 aos 79 anos.

Na geração seguinte da família, a construção em Pelotas é representada por Carlos Casaretto Scotto, sobre o qual se pode afirmar ser sobrinho de Caetano. No próprio inventário da morte de Jerônimo e Benedita, foi possível obter a informação de que Isabel Casaretto foi casada com Carlos Scotto, origem esta do construtor pelotense. Sua chegada do exterior com o diploma de arquiteto foi noticiado pela imprensa que fez questão de expor sua volta da Filadélfia em 1918. (**Diário Popular**, junho de 1918)

A árvore genealógica (Figura 23) a seguir, com início referente ao casamento de Jerônimo e Benedita, facilita o entendimento das relações familiares e graus de parentesco:

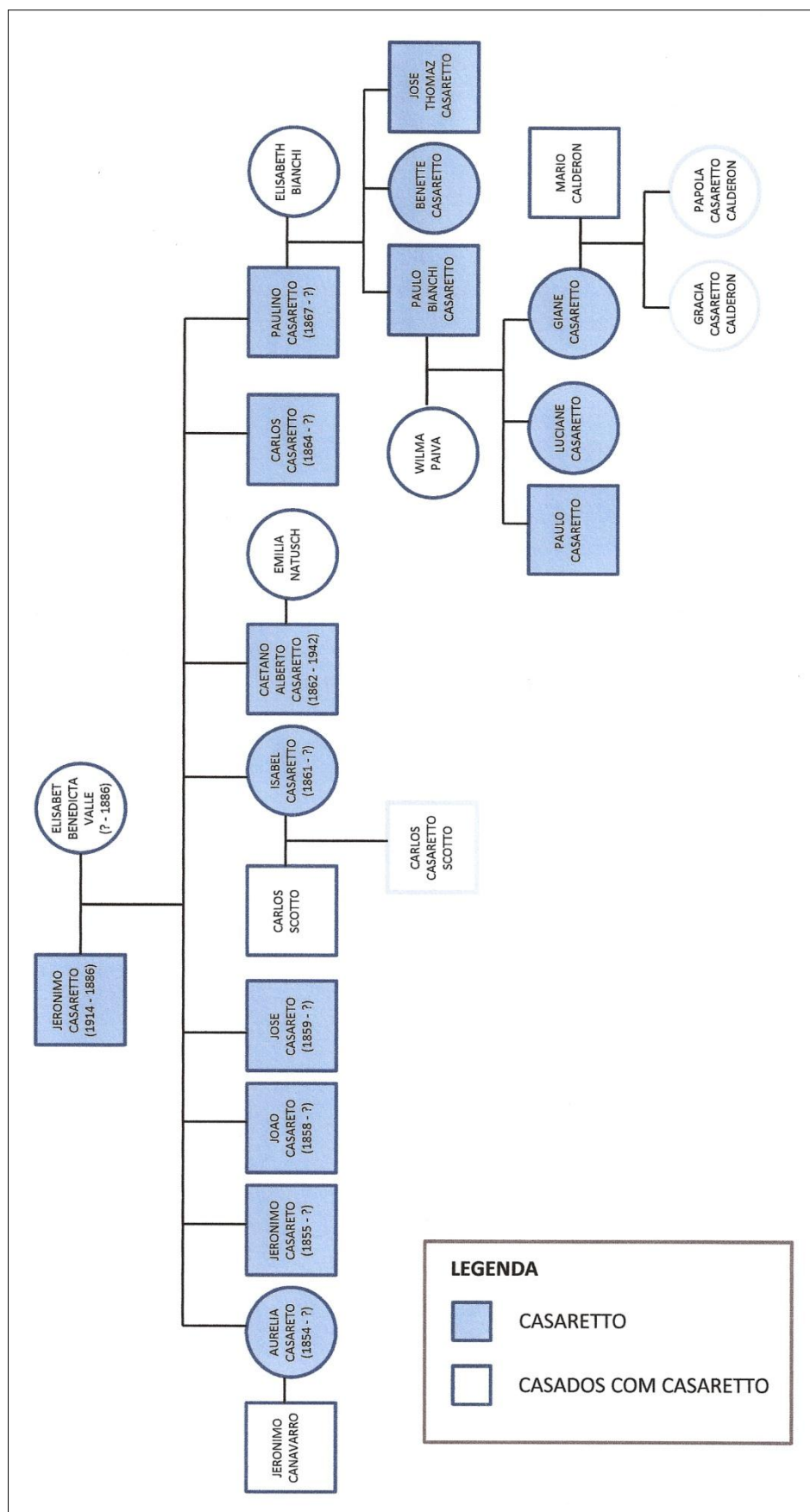


Figura 23: Árvore genealógica da família Casaretto, 2010.

Fonte: Desenvolvido pelo autor com base nas informações obtidas em entrevista com Giane Casaretto e no Inventário de morte de Jerônimo Casaretto, o pai.

O esquema da Figura 23, além de representar a estrutura genealógica da família do profissional, identifica também o grau de parentesco e número de gerações que distanciam os familiares citados da entrevistada Giane Casaretto.

O manuscrito intitulado **O casarão**, escrito por Wilma Paiva Casaretto, uma obra que mescla ficção com a história verídica, conta sobre a união entre Caetano Casaretto e Emília Natusch. A autora relata que o construtor (então bem sucedido) teria comprado a casa de campo de propriedade do Sr. Nausch, pai de Emília e futuro sogro de Caetano. E que, inclusive, o novo proprietário teria feito questão de colocá-la um nome, Vila Casaretto, como ainda ostenta a escritura no frontão. (Wilma CASARETTO, s/d, p.8) Giane (2010) concorda quando conta que a moradia passou por uma reforma e ampliação antes que o casal assumisse definitivamente a propriedade.

Caetano aumentou a parte inferior da casa de dois pavimentos (Figura 24). Sobre os novos compartimentos construídos fez terraços cercados com grades de ferro e bronze, sobre as quais colocou duas estátuas que mandou vir da Europa, uma de Apolo e outra de Júpiter. Na grade de ferro que protege a porta de acesso conservou as iniciais do primeiro dono da casa e o ano de construção. Na saleta que antecede a escada, mandou colocar vidros coloridos.



Figura 24: Casarão da Cascata, Pelotas, s/d.
Fonte: Acervo Giane Casaretto.

“Caetano Casaretto que podemos considerar o primeiro arquiteto pelotense, morreu no dia 14 de julho de 1942, aos oitenta anos, na sua cidade natal”. (CHEVALLIER, 2002, p.73)

As vésperas de completar 80 anos, o construtor Caetano Casaretto vem a falecer (dois anos antes de sua esposa Emília), em Pelotas, local onde nasceu e onde deixou um legado de quase uma centena de construções e dentre as quais vários monumentos como veremos a seguir.

2.2 CAETANO E O APRENDIZADO EM ARQUITEURA

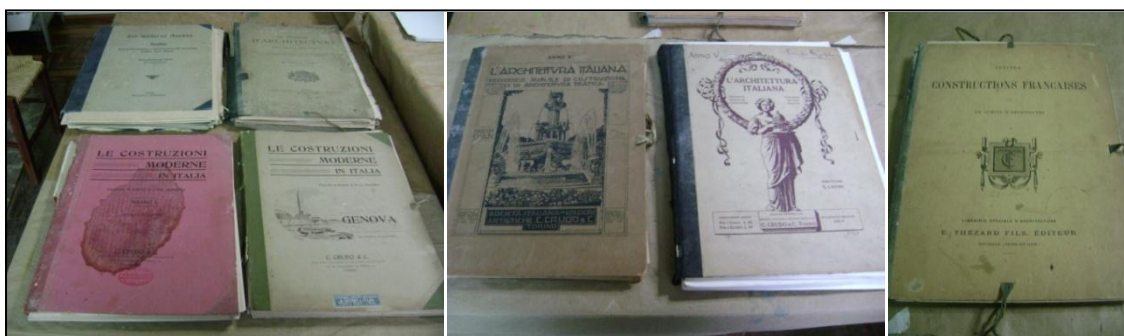
As guildas, corporações artesanais ou corporações de ofício, eram associações de artesãos de um mesmo ramo, isto é, pessoas que desenvolviam a mesma atividade profissional que procuravam garantir os próprios interesses de classe. Ocorreram na Europa principalmente durante a Idade Média. Cada cidade tinha sua própria corporação de ofício. Dentre outros, tinham a finalidade de proteger seus integrantes. Dentro das corporações existia uma hierarquia a ser seguida, o iniciante era chamado de **aprendiz** (iniciava seu treino ainda na infância, quando passava para a tutela de um mestre; normalmente os aprendizes eram filhos ou parentes do mestre); a fase seguinte era a de **mestre** (os mestres eram os donos das oficinas, devidamente licenciados como sábios na atividade); e, finalmente tornavam-se **artesãos** (os artesãos eram trabalhadores pagos que embora terminado o seu aprendizado, não possuíam oficinas próprias). (WIKIPEDIA, 2011)

Apesar de já existirem no início do século XIX escolas especializadas na formação profissional de construtores na Europa, na época de Jerônimo (patriarca da família) era comum aprender o ofício nas corporações e na prática, acompanhando os familiares mais velhos. Foi provavelmente o que aconteceu com Jerônimo. (BARCELLOS et al., 2008, p.136) Hábito este que trouxe consigo para o Brasil e provavelmente ensinou à Caetano Casaretto (Figura 25), já que seus filhos não tiveram inicialmente instrução acadêmica.



Figura 25: Caetano Casaretto, acervo Benette Casaretto.
Fonte: CHEVALLIER, 2002, p.71.

Caetano aprendeu a profissão com o pai e com o arquiteto José Isella, a quem ele mesmo chama de mestre em suas correspondências pessoais, como demonstra CHEVALIER (2002, p.77). Além desses ensinamentos também encontravam suporte nos manuais de construção (Figura 26), publicação por vezes periódica que ensinava técnicas de edificar.



Figuras 26: Manuais de arquitetura de Caetano Casaretto - Petite Construtions Françaises; Der Modern Ausbau; Le Construzione Moderne In Itália; L'architettura Italiana.

Fonte: Acervo Giane Casaretto.

Os manuais foram base de estudos do profissional e deles foram retiradas ideias para adaptar em suas construções. Sobre os quais afirma PERES (2008) em sua tese de doutoramento sobre as técnicas construtivas dos imigrantes italianos:

“As instruções destes manuais descrevem a quem eram dirigidos: engenheiros, arquitetos, usuários da geometria, mestres de obra, empreendedores, mão de obra das edificações e seus apreciadores. Além disso, a clareza e a sistematização das representações gráficas do próprio autor bem como desenhos de fontes precedentes nos manuais publicados na Itália demonstram quanta importância era dada a estes desenhos ou planos, que, inclusive, apresentavam os mecanismos das construções dirigidos aos operários dos canteiros de obra”. (PERES, 2008, p.36)

Possivelmente, o Casaretto que mais teve destaque na construção foi Caetano, seu nome foi citado diversas vezes pelos jornais periódicos da época e era ele quem assinava as plantas encontradas referentes às obras da empresa construtora de propriedade da família, Casaretto & Irmãos.

Desde sua infância Caetano já estava ligado à construção, como mostra o jornal **Diário Popular** de 06 de dezembro de 1864 quando noticia a execução da residência

de Felisberto Braga (de responsabilidade de José Isella), atual clube Comercial: “[...] um dos fatos interessantes a registrar na construção magnífica, é a ação de um valoroso menino pelotense, Caetano Casaretto, [...]”. (**Diário Popular**, 1871, p.12)

“O fato de Caetano Casaretto ter trabalhado na construção, revela que ele conheceu Isella ainda criança. Em 1871, Caetano tinha nove anos, e não doze. Talvez o sobrado não estivesse totalmente pronto no ano em que foi inaugurado, e o menino permanecesse mais tempo tocando o edifício. Como Isella, Caetano Casaretto iniciou sua formação de arquiteto-construtor trabalhando com o pai e os irmãos. Após, teve como ‘mestre’ o arquiteto de Morcote, e conheceu a arquitetura erudita através dos livros importados.” (CHEVALLIER, 2002, p.125)

Geralmente vindos da França ou Itália, os manuais utilizados por Caetano e ainda sob posse de Giane Casaretto trazem soluções de fachadas, plantas e cortes, além de detalhes de ornamentos e forros. Também se encontram alguns mobiliários urbanos como postes de iluminação pública, bancos e chafarizes.

GUENZI (cit. por PERES, 2008, p.36) defende a importância didática operativa e científica dos manuais de arquitetura, divergindo dos tratados que possuíam finalidade apenas teórica para a redescoberta da arte de edificar. Considera que a utilidade da *manualística* se comprova na vasta produção edilícia conotada de indiscutível qualidade desde o século XIV e por vários séculos sucessivos.

Consta nas **Estatísticas do município de Pelotas** de 1897 da Prefeitura Municipal de Pelotas o registrado na lista de empreiteiras, a firma *Cazaretto e Irmãos* que se localizava na Rua Gonçalves Chaves, nº 220. (BPP, 1897, p.69) É importante salientar que a empresa Casaretto e Irmãos pertencia a família e que apesar de Caetano ter assinado a totalidade das plantas localizadas no arquivo municipal, não impede que seja mera formalidade e não exclui a possibilidade de que outro sócio possa ter colaborado e/ou opinado durante a execução do projeto.

Conta Paulo Bianchi CASARETTO (2010) que trabalhou toda sua vida com contabilidade ter herdado o ofício de seu pai (Paulino Casaretto). Esse comentário sugere que realmente poderia haver uma divisão de tarefas dentro da empresa Casaretto & Irmãos.

Com 65 anos Caetano recebeu o diploma da instituição italiana chamada Colégio Técnico Industrial. Sobre seus estudos na Europa nada se sabe, porém não mais construiu após seu retorno.

Segundo WEIMER (2004, p.7), ainda em meados do século XX era comum fazer uma concorrência única de projeto e de preço, escolhido o que era mais conveniente. Estava implícito no procedimento que o vencedor seria o responsável pela construção. Mesmo assim, por vezes o proprietário encarregava aquele que apresentou o menor preço para executar o projeto que mais agradara. Nos documentos um mesmo profissional assinava como engenheiro, arquiteto, desenhista, construtor ou projetista conforme a função que exercia. Nessa condição, a arquitetura era um exercício da atividade exercida e não uma qualificação profissional.

A partir de 1933 o Sistema CONFEA-CREA instituiu resoluções para classificar os diferentes tipos de profissionais como arquitetos, construtores, engenheiros etc. Ficou determinado que os profissionais formados no país receberiam o título de “engenheiro civil” e teriam autorização para exercer o ofício da arquitetura e os profissionais estrangeiros que já atuavam no mercado seriam considerados “construtores licenciados” independente de sua formação. Fato que teria levado os profissionais não licenciados a procurar cidades mais ao interior para poder exercer sua profissão. (WEIMER, 2004, p.7)

A consolidação da vida política ocorreu através de lutas necessárias para que o Estado atingisse o estágio de desenvolvimento econômico e cultural plenamente satisfatório durante a República Velha. Mas, além do crescimento da agricultura, da expansão da indústria, da criação de um sistema educacional completo e inovador para o país (escolas politécnicas) e da formação de uma consciência de modernidade na urbanização e infra-estrutura (que culminou com a execução de muitas obras de melhoramento para o Estado), a fisionomia das cidades também foi transformada. Essa fisionomia pode ser identificada através do caráter ou expressão arquitetônica nos edifícios construídos nesse período. (LIMA cit. por WEIMER, 2000, p.54)

Independente de ter ou não diploma os tempos eram outros, Caetano (Figura 27) já não era um moço, as escolas locais forneceram mão de obra “atualizada” e a arquitetura já estava passando por uma nova concepção. Na década de 1930 é construído o primeiro edifício em altura da cidade, sede da Associação Comercial Pelotense.

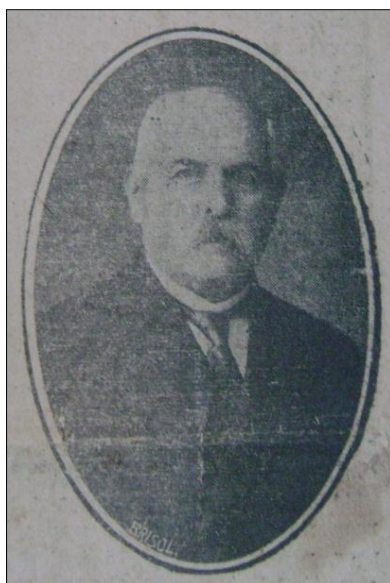


Figura 27: Caetano Casaretto, capa do jornal **Diário Popular** do dia 28 jun. 1831. Quando da inauguração do novo prédio do Asilo de Mendigos. Fonte: Acervo Giane Casaretto.

Talvez por isso não haja mais registros de obras após 1933 no nome de Caetano Casaretto, já que este adquiriu seus estudos acadêmicos no exterior. Seu sobrinho Carlos Casaretto Scotto que estudou na Filadélfia, Estados Unidos do América, onde se graduou “engenheiro-architecto” (**Diário Popular**, junho de 1918), continuou trabalhando como construtor licenciado e foi responsável por quase duas centenas de projetos durante o século XX.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOMENTO HISTÓRICO E OS CASARETTO

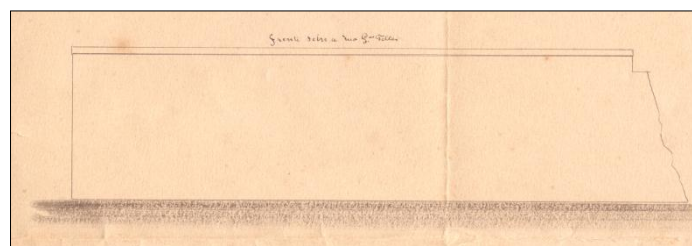
No ano em que Pelotas foi elevada a Vila, em 1832, Jerônimo já tinha 18 anos. Pouco tempo depois, em 1838, então com 24 anos de idade desembarcou em Buenos Aires. Faziam três anos que a guerra Farroupilha havia iniciado e por lá ficou por doze anos e meio. Passado isso, mudou-se para Montevideu, onde morou por mais três anos. Somente 15 anos e meio depois de partir da Itália chegou ao Brasil, partindo do Uruguai de barco e atracando no porto de Rio Grande, e, como conta a família, foi nesta viagem que conheceu a moça que viria a ser sua esposa. Desembarcou em solo brasileiro e escolheu Pelotas para viver no ano de 1853 (dois anos após a guerra contra Oribe e no começo da guerra contra Rosas).

Aos 39 anos (ainda em 1853) Jerônimo Casaretto se casa com Benedicta, neste ano o relatório municipal indica que Pelotas contava com 38 charqueadas e 37 olarias, o que poderia indicar um futuro promissor para quem trabalhava com construção civil. Das charqueadas vinha o dinheiro que os senhores poderiam investir em construções urbanas e das olarias (dos mesmos donos) vinha o principal material de construção na região e a preços baixos. (MAGALHÃES, 1994, p.74)

Seus filhos nasceram num espaço de tempo de treze anos, entre 1854 e 1867. Nessa época começavam a ocorrer as primeiras melhorias urbanas no que se refere à infra estrutura da cidade. A iluminação pública, ainda precária, era feita desde 1846 por alguns lampiões à azeite. Foi no ano de 1853 que começou a ser implantada a iluminação artificial a base de hidrogênio líquido. O abastecimento de água por encanamento só começou a ser discutido a partir de 1861, até então a água era retirada de poços, cacimbas e algibes. Mesmo os hospitais mais antigos da cidade estavam recém surgindo, a Beneficência Portuguesa em 1857 e o atual prédio da Santa Casa de Misericórdia, em 1861 iniciava a sua construção.

Em nível estadual, somente a partir de 1854 o governo começa a venda de lotes de terras para imigrantes. No início da década de 60 do século XIX foi restabelecida a concorrência do charque gaúcho com o platino, comércio que duraria por volta de dez anos, quando a falta de mão de obra escrava e a concorrência internacional conduziram a produção nacional novamente à crise. (PESAVENTO, 1984, p.59)

O projeto de Caetano mais antigo a ser localizado no arquivo municipal data do ano de 1893, quase dez anos após a morte de seu pai e exatamente no ano que inicia a Revolução Federalista. O prédio localizava-se à Rua General Teles e era destinado a servir de galpão (Figura 28). O mais recente foi executado em 1920, quando Caetano tinha 58 anos, e tratava-se de uma reforma interna (Figura 29) na propriedade de João Jorge Hosni. Ainda existente, a edificação está localizada de frente para a Praça Cipriano Barcelos e faz esquina com a Rua Santos Dumond (Figura 30).



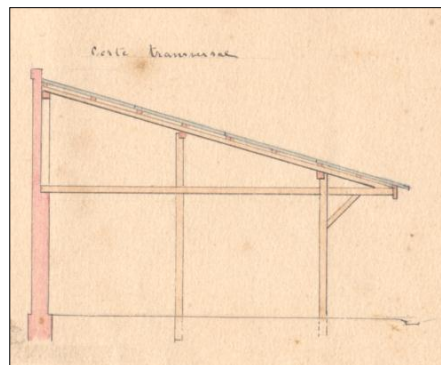
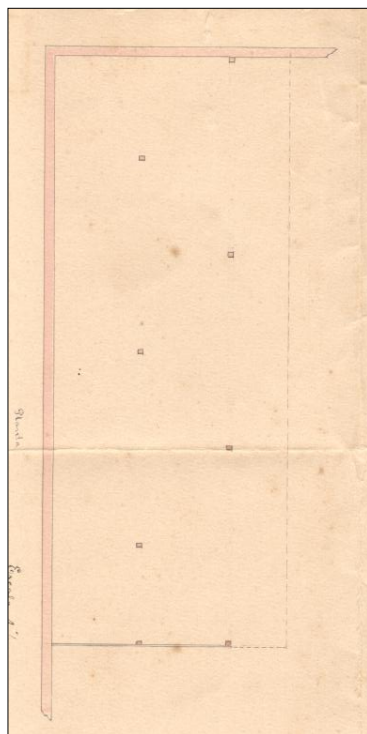


Figura 28: Galpão, respectivamente, fachada/muro voltado para o passeio, planta baixa e corte transversal, Pelotas, 1893. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 29: Fachadas das propriedades de João Jorge Hosni, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

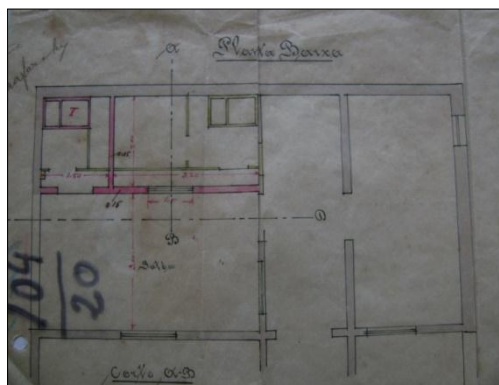


Figura 30: Propriedade de João Jorge Hosni, planta baixa, Pelotas, 1910. Fonte: Arquivo SeUrb.

2.4 OS MANUAIS COMO FONTE

Parte da biblioteca pessoal de Caetano Casaretto ainda está preservada e pode ter servido de fonte base para as escolhas técnicas que teve de fazer na sua profissão.

Afirma Solange Ferraz de LIMA (2008) que no século XIX cada vez mais os desenhos para artefatos e sua ornamentação começaram a ser publicados em forma de livros. (LIMA, 2008, p.153)

“Aplicar o método comparativo consiste em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos. Porém, a atitude comparativa é pesquisa de tipo monográfico. Um estudo de caso adquire densidade quando trata de demonstrar quais são as singularidades irreduzíveis.” (CARDOSO, 1983, pp.409-413)

Ao analisarmos e compararmos as obras construídas por Caetano Casaretto em Pelotas, da última década do século XIX até 1920, e sua biblioteca europeia, ainda preservada na família, constatou-se que não faltam exemplares que poderiam ter servido de base para a inspiração de seus trabalhos.

No acervo pesquisado, manual de C. CRUDO e C. intitulado **Le costruzione moderne in itália - Facciate di edifici in stile modern – Genova** e publicado na cidade de Torino pela Società Italiana di Edizione Artistiche, apresenta na página 36, uma edificação de três pavimentos sendo o térreo com rusticação aparente de responsabilidade do engenheiro Cesare Gamba (Figura 31). Esse detalhe em linhas horizontais e que, quando sobre a curvatura do arco pleno tende a se direcionar para o centro da curva, aparece também na construção do ano de 1908, de propriedade de Antônio A. Assumpção, localizada à Rua Marechal Floriano N°8 e 10 (Figura 32).



Figura 31: Construção do engenheiro Cesare Gamba, s/d. Fonte: C. CRUDO e C, Genova, s/d, p.36.



Figura 32: Propriedade de Antônio Augusto Assumpção, fachada principal, Pelotas, 1908. Fonte: Arquivo SeUrb.

No mesmo exemplar, ainda podemos observar que o Edifício Piazza Manin (Figura 33), do engenheiro Severiano Picasso, apresenta uma solução para a fachada onde duas estreitas colunas dividem uma grande abertura em arco pleno e ao mesmo tempo servem de apoio para a verga. Essa solução também pode ser observada na fachada do edifício do Asilo de Mendigos de Pelotas (Figura 34), projeto e execução de Caetano Casaretto em 1928.

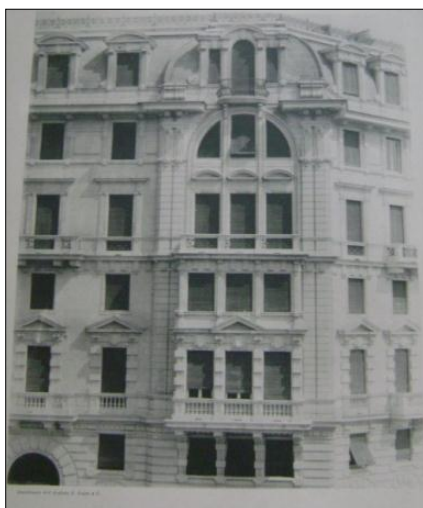


Figura 33: Edifício Piazza Manin do engenheiro Severiano Picasso, s/d. Fonte: C. CRUDO e C, Genova, p.38.



Figura 34: Asilo de Mendigos, detalhe janela do segundo pavimento, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

A mesma editora é responsável por outra publicação semelhante intitulada de **L'architettura italiana**. No volume dedicado ao quinto ano nota-se na edificação projetada por Gerolamo Luzzato uma sacada de balaustres centralizada na fachada (Figura 35), única, pequena e demarcando o ponto central, assim como encontramos na fachada da residência do Dr. Pedro Osório (Figura 36), atualmente demolida, que estava localizada na então Praça da República Nº7 (atual Praça Coronel Pedro Osório).



Figura 35: Facciata, do arquiteto Gerolamo Luzzato, s/d. Fonte: C. CRUDO e C, Anno V, p.47.



Figura 36: Fachada principal durante a chegada de Flores da Cunha à Pelotas, na janela da direita o próprio e na janela da esquerda o Dr. Pedro Osório, Pelotas, 1923. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Pelotense

Semelhanças também podem ser percebidas nas plantas de algumas edificações. O manual francês **Le recueil - D'Architecture choix de documents pratiques architectes**, editado por MM. William e Farge em 1884, apresenta uma propriedade (Figura 37) onde nota-se algumas “estratégias compositivas” descritas por MOURA e SCHLEE (2002, p.98) para a construção do Clube Caixeiral (Figura 38): primeiro, hierarquização do programa de necessidades em categorias espaciais definidas capazes de serem agrupadas; segundo, organização da planta através de um eixo de simetria; terceiro, exploração da ideia de “passeio arquitetural”.

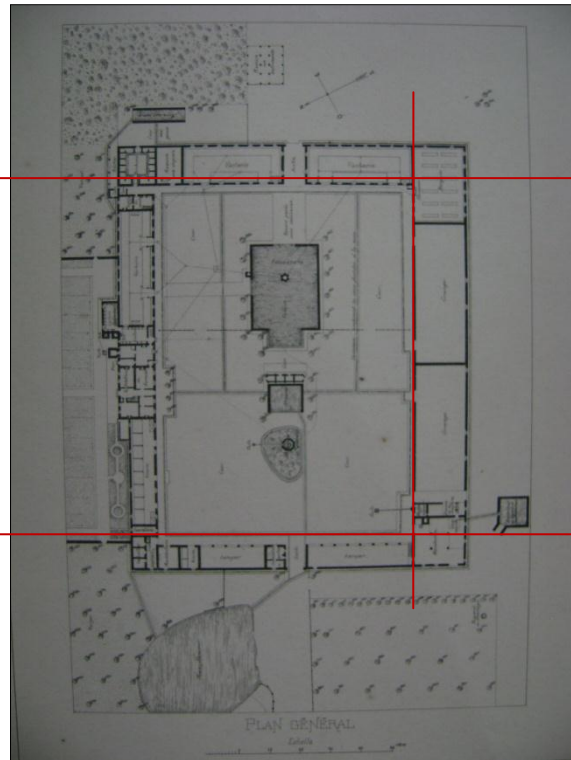


Figura 37: Ferme D'Arcy, Brie, s/d.
Fonte: MM. William e Farge, 1884, p.81.

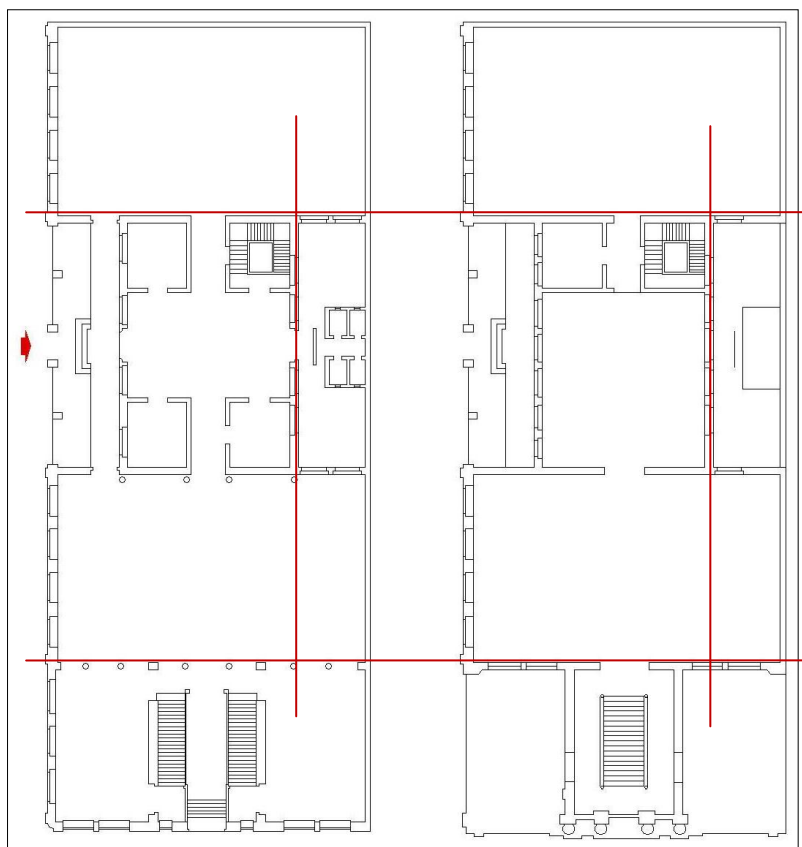


Figura 38: Sede do Clube Caixeiral, planta baixa dos pavimentos térreo e superior, Pelotas, 1906. Fonte: Reprodução do autor, 2011. Baseado em MOURA E SCHLEE, 2002, p.98.

Outros exemplos há em **Petites constructions françaises**, da editora Thézard Fils, o projeto da pequena mansão burguesa desenhado pelo arquiteto M. Percilly (Figura 39) pode ser comparado em pelo menos dois pontos com a residência de Ismael da S. Maia (Figura 40), construída em Pelotas sob responsabilidade de Caetano Casaretto. Um ponto que chama a atenção é o ornamento em massa, cimbrado e aberto que está disposto acima das portas que se abrem para um balcão. Neste caso ainda, podemos perceber que a gateira da construção de Caetano lembra o gradil de proteção dos balcões de Percilly, com seu desenho geometrizado, quadrático e com diagonais.



Figura 39: Petite maison bourgeoise, do arquiteto M. Percilly, s/d.
Fonte: **Petite constructions françaises**, s/d, p.45.

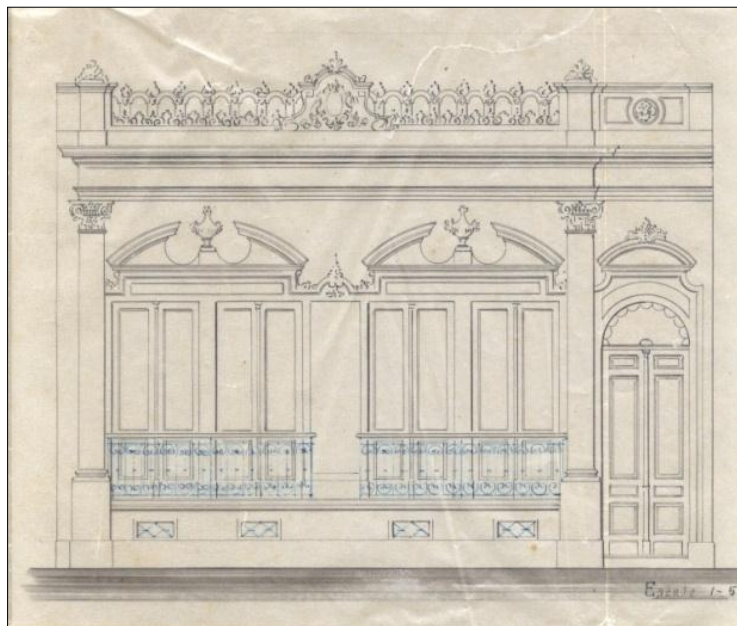


Figura 40: Residência de propriedade de Ismael da S. Maia, fachada principal, Pelotas, 1902.
Fonte: Arquivo SeUrb.

CAPÍTULO 3. CENÁRIO

3.1 PELOTAS: ESPAÇO E TEMPO

No final do século XVII, com a decadência da cultura do açúcar e a descoberta das minas na zona das Gerais, foi o momento em que os rebanhos de gado concentrados no Rio Grande do Sul assumiram relevância. Sandra Jatahy PESAVENTO em **História do Rio Grande do Sul** (1984) descreve como se seguiu o momento de povoação do extremo sul do Brasil. A concentração de uma densa massa populacional na atividade da mineração necessitava de basicamente dois produtos encontrados no sul do continente: o gado do Rio Grande do Sul, destinado à alimentação, e os muares de carga encontrados na Argentina. (PESAVENTO, 1984, p.14)

Uma das primeiras investidas ao extremo sul do país se deu em 1680, o comandante desta expedição foi o Dom Manoel Lobo. Sua tarefa foi fundar a Colônia do Santíssimo Sacramento á margem oriental do rio Uruguai. (LOPES NETTO, 1911, v.1, p.3)

Para suprir a necessidade das minas do centro da colônia (Brasil) foi fundada Laguna, em 1676, pelo paulista Domingos de Brito Peixoto, a qual se tornou um importante entreposto de gado e foco de irradiação da descida para o sul do continente. Com receio de que o comércio de gado caísse nas mãos dos castelhanos, a coroa portuguesa incentivou o movimento migratório para o sul. Em 1721 o filho do fundador de Laguna, Francisco de Brito Peixoto, recebeu a patente de guarda mor e por isso, deveria descer ao sul para povoar este território. Esta descida foi efetivada em 1725 por um grupo chefiado por João Magalhães. (PESAVENTO, 1984, p.13)

Em 1735 os espanhóis invadiram a Colônia do Sacramento, forçando os portugueses a recuar, abandonando o posto fortificado de Montevideú. Por causa disso, em 1736, o então governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, ordenou que o brigadeiro José da Silva Paes ocupasse o Rio Grande, estacionando no lugar onde hoje é a cidade de Rio Grande e ali se fortificou. (LOPES NETTO, 1911, v.1, p.4)

Por volta da terceira década do século XVIII teve início a distribuição de sesmarias. Assim, foi se definindo as posses de terras e do gado e se estabelecendo estâncias. No final do mesmo século, com a decadência das minas no sudeste do país houve uma diminuição da procura de animais para corte e carga. (PESAVENTO, 1984, p.15)

“As terras localizadas na margem norte do rio Piratini, com certeza, eram de domínio português. Com exceção da sesmaria de Pelotas, doada em 1758, os títulos de propriedade das demais terras, localizadas entre o Piratini e a laguna dos Patos, foram sendo distribuídos a partir da assinatura de Santo Idelfonso. A freguesia do Rio Grande foi dividida em três distritos: o primeiro era a vila do Rio Grande de São Pedro; o segundo, Povo Novo; o terceiro, Serro Pelado.” (GUTIERREZ, 2001, p.92)

Em 1758, Tomás Luís Osório recebeu de Gomes Freire de Andrade, uma sesmaria que ocupava o território compreendido do sangradouro da Lagoa Mirim e arroio Pelotas até topar com o Arroio Corriente, e deste à Lagoa dos Patos. Entretanto, o primeiro povoador do lugar onde se desenvolveu a cidade de Pelotas foi, provavelmente, Luiz Gonçalves Viana, que fazia parte do Grupo chefiado por João Magalhães, proveniente de Laguna. (ARRIADA, 1994, p.25-26)

Após a expulsão dos espanhóis de Rio Grande e a assinatura do Tratado de Santo Idelfonso, José Marcelino de Figueiredo assumiu o governo da Capitania e começou a doação de sesmarias. Originalmente o Distrito do Cerro Pelado, como era conhecida a região da atual Pelotas, foi dividida em sete grandes propriedades: Feitoria (de Paulo Rodrigues Xavier Prates), Pelotas (de Tomás Luís Osório), Monte Bonito (de Manoel Carvalho de Souza), Santa Bárbara (cujo segundo dono foi Teodoro Pereiras de Souza), São Tomé (de Manoel Moreira de Carvalho), Pavão (de Rafael Pinto Bandeira) e Santana (de Felix da Costa Furtado). (LOPES NETTO, 1911, v.2, p.3)

A sesmaria do Monte Bonito (onde se formou o núcleo urbano), quando foi requerida e permitida a concessão à Manoel Carvalho de Souza, já havia com assento definitivo, posse de terras e culturas, além de boa porção de moradores, a maioria refugiados de Rio Grande quando esta foi tomada por espanhóis entre 1763 e 1776. Os refugiados se esconderam ao norte do atual município de Rio Grande, no entorno do canal São Gonçalo. (ARRIADA, 1994, p.26-27)

Em 1785, o levantamento do capitão Antônio Ferreira dos Santos registrou 40 pessoas residindo no Serro Pelado, sendo 14 proprietários (todos militares) e 26 posseiros. Pinto Bandeira foi um exemplo de estancieiro militar; apropriou-se de terras; contrabandeou gado; aprisionou, matou, expulsou e roubou nativos e espanhóis. Conquistou e reconquistou territórios para si e para a Coroa Portuguesa. Como

Comandante da Fronteira, nos processos de concessões de sesmarias, Pinto Bandeira fornecia informações sobre os solicitantes e aproveitou-se do conhecimento que tinha da região para obter as melhores terras (GUTIERREZ, 2001, pp.93-94)

A instalação, em 1780, de uma charqueada só foi possível visto a combinação de estâncias de gado com a possibilidade de escoamento fluvial da produção. A facilidade para acessar o oceano Atlântico favoreceu a exportação de produtos e a importação de mão de obra cativa e contribuiu para que a economia de charque crescesse no território rio grandense, sendo responsável pelo enriquecimento e prosperidade da região durante o século XIX. (CHEVALLIER, 2002, p.6)

“Como as xarqueadas estavam situadas na parte ribeirinha – Arroio Pelotas, Rio S. Gonçalo, Arroio Santa Bárbara – e a produção fosse em aumento, mal acomodada, resolveram muitos moradores, para maior tranqüilidade de suas famílias, arrancharam-se em ponto mais afastado e ao abrigo do movimento das tropas de gado semi-selvagem, que as vezes, em disparada inevitáveis promoviam o alarme, sempre o perigo e muitas vezes o luto entre os vizinhos. Havia também os males cauzados pelas enchentes, e, a temer, o dezasossego das escravaturas recém-vindas. Localizaram pois alguns as suas cazas a meio do planalto de extensa coxilha marjinada a oeste pelo Arroio Santa Bárbara, ao sul pelo S. Gonçalo, onde veio ao depois a erguer-se a compacta edificação da área urbana atual.” (LOPES NETTO, 1911, v.2, p.4)

Os primeiros moradores em número considerável foram os soldados que pediam baixa e a quem o rei mandava dar terras em recompensa dos serviços prestados, (LOPES NETTO, 1911 v.2, p.1) além, daqueles fugidos de Rio Grande devido a invasão espanhola em 1763 e que se refugiaram as margens do São Gonçalo e início da Serra dos Tapes. (LOPES NETTO, 1911, v.5, p.1)

Diferente das cidades do sul do estado do Rio Grande do Sul, que tiveram sua origem de acampamentos militares, Pelotas nasceu como a maioria das povoações luso-brasileiras, através de uma freguesia e com o loteamento de terras privadas. O desenvolvimento da manufatura do charque alavancou a região. A atividade favorecida pelas grandes extensões de campos planos e pela abundância de gado foi também resultado da facilidade de transporte fluvial para o escoamento da produção. (ARRIADA, 1994, p.86)

“[...] os habitantes que não puderam fugir-lhes para S. José do Norte, Viamão, Laguna ou Rio de Janeiro puderam achar refúgio aqui os nossos avós, protegidos pela serra e pelos esteirais do S. Gonçalo contra fáceis incursões do espanhol. E durante treze anos suportaram a sua condição sombria, que tantos mediaram entre a ocupação e a reconquista do Rio Grande, [...] em 1776.” (OSÓRIO, 1962, p.21)

Os moradores locais, desde 1810, pediram pela criação da freguesia em vários momentos. A formalização da povoação em freguesia veio a ocorrer “através de dois procedimentos: Resolução de Consulta da Mesa de Coincidência e Ordens, de 31 de janeiro de 1812, e o alvará do príncipe regente dom João, de 7 de julho do mesmo ano.” (GUTIERREZ, 2001, p.165)

Existiam três possibilidades para o assentamento do núcleo urbano: uma delas indicava o lugar hoje conhecido como Laranjal, nas terras de Isabel Francisca da Silveira, irmã de Mariana Eufrázia da Silveira que era proprietária de uma das outras opções, o terreno de declive da lomba fronteira à várzea, que vai ao encontro do São Gonçalo. Além das terras do capitão-mor Antônio dos Anjos, onde efetivamente foi estabelecida a freguesia de São Francisco de Paula. (GUTIERREZ, 2001, p.165)

Na época, os habitantes da região faziam parte da freguesia de Rio Grande de São Pedro, atual município de Rio Grande, fato que dificultava os trâmites legais devido à distância, à travessia do canal São Gonçalo e da laguna dos Patos. (ARRIADA, 1994, p.87)

Varias reuniões foram feitas para determinar em qual local seria implantada a igreja matriz e o início do aglomerado urbano. Antes da decisão final, o Capitão Mor Antônio Francisco dos Anjos cedeu terrenos para a construção da igreja e da casa paroquial. As obras da capela provisória foram iniciadas imediatamente e automaticamente os demais moradores locais foram acatando e começaram a erguer suas moradias em torno da capela do capitão. (ARRIADA, 1994, p.91) A decisão foi tomada após acordo entre o Capitão Mor e o vigário, ambos vindos de Colônia do Sacramento. (GUTIERREZ, 2001, p.165)

As construções apressadas e primitivas foram sendo construídas de forma desordenada. Pela preocupação com o alinhamento, posses de terra e com o intuito de prevenir futuros inconvenientes, o proprietário Antônio dos Anjos mandou medir e

levantar a planta, marcando ruas e definindo quadras. Na planta da Freguesia de São Francisco de Paula, elaborada por Maurício Ignácio da Silveira em 1815, foram traçadas 19 ruas iniciais, sendo doze no sentido norte-sul e sete no sentido leste-oeste. (CUNHA, 1928 cit. por ARRIADA, 1994, p.96-97)

As ruas do primeiro loteamento no sentido norte-sul foram: Boa Vista (atual Marcílio Dias); das Lavadeiras (atual Professor Araújo); da Lagoa (atual Santos Dumond); do Açougue (atual Barão de Santa Tecla); Santa Bárbara (atual Deodoro); Augusta (atual General Osório); das Flores (atual Andrade Neves); São Miguel (atual Xv de Novembro); da Igreja (atual Padre Anchieta); do Comércio (atual Félix da Cunha); Alegre (atual Gonçalves Chaves) e das Fontes (atual Almirante Barroso). Já no sentido leste-oeste eram: Passeio Público (atual Av. Bento Gonçalves); da Vigia (atual Argolo); Santo Antônio (atual Dr. Miguel Barcelos e Senador Mendonça); das Torres (atual Major Cícero de Góes Monteiro); do Padeiro (atual Dr. Cassiano); da Horta (atual Voluntários da Pátria) e da Palma (atual General Neto). (ARRIADA, 1994, p.88)

Na Figura 41 podemos ver a reprodução da mesma planta elaborada por Maurício Ignácio da Silveira e redesenhada por GUTIERREZ (2004, p.121):

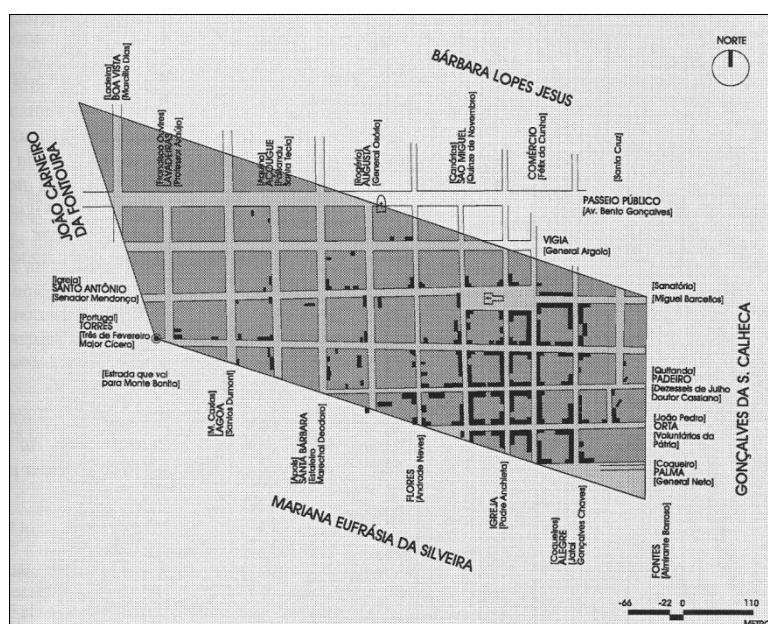


Figura 41: Primeira planta de Pelotas, 1815.
Fonte: GUTIERREZ, 2004, p.121.

Assim como havia ocorrido no primeiro loteamento originário da cidade, a proprietária lindeira, Mariana Eufrásia da Silveira, dividiu seu terreno em vários lotes para venda. O terreno correspondia às terras entre o arroio Santa Bárbara e o canal São Gonçalo, até entestar com os terrenos de Antônio Francisco dos Anjos. A carta de confirmação

de posse desta área foi concedida pelo então governador da Capitania de São Pedro do Sul, Dom Diogo de Souza, para que fosse loteado e anexado à cidade, desde que fosse feita a doação de lotes para a instalação de serviços públicos, como praça, quartel, igreja, câmara etc. Dessa forma, a cidade se expandiu para os terrenos mais altos. (ARRIADA, 1994, pp. 97-100)

No início do século XIX, a região da atual Pelotas, então São Francisco de Paula, estava política e administrativamente vinculada a Rio Grande. Nessa época, mais de 70% das exportações da capitania de São Pedro eram de produtos de origem animal. A produção do charque criou condições favoráveis ao desenvolvimento econômico e material e o progresso local levou ao crescimento da população. No ano de 1803, São Pedro do Rio Grande (onde estava incluída Pelotas) contava com 8390 habitantes. Em 1814, após a divisão, o senso mostra que Rio Grande contava com 3590 habitantes e a freguesia de São Francisco de Paula, então com dois anos, já contava com 2419 moradores. (ARRIADA, 1994, pp.101-102)

A partir do segundo ano de freguesia deu-se uma considerável dispersão das construções pela planície vazia. (CUNHA cit. por ARRIADA, 1994, p.103) O crescimento e a riqueza de Pelotas foram descritos por diversos viajantes na época, como por exemplo, Saint-Hilaire (1820), Carl Seidler (1827) e Arsene Isabelle (1834) e estes elogiaram a cidade do sul do Brasil. O crescimento é vertiginoso, de 2419 habitantes em 1814, a cidade passa a 3400 em 1822 e 4300 em 1830, quando já se contavam mais de 500 casas. (ARRIADA, 1994, pp.104-107) A partir do terceiro ano de elevação à vila começa-se a discutir a elevação à cidade.

Em 1830, a freguesia de São Francisco de Paula já possuía condições sociais e econômicas suficientes para que em 7 de dezembro um decreto imperial elevasse a freguesia à vila. Fato que só foi realmente consumado com a instalação da câmara municipal dois anos depois, em 1832. (ARRIADA, 1994 pp.108-110)

Em 1833 são demarcados os limites dos prédios urbanos, neste momento da história da cidade somavam 544 prédios levantados pelo coletor José Bartolomeu Sandim. Em 19 de fevereiro de 1834 começa a vigorar o novo código de posturas. (ARRIADA, 1994, p.111)

Alcançar a categoria de vila significa também ter alterações na parte administrativa da povoação. Além das características eclesiásticas obtidas na fundação da freguesia, a vila adquiria certas capacidades administrativas exercidas por intermédio da Câmara. (ARRIADA, 1994, p.107)

Visando adotar o código de posturas para a vila, era necessário definir sua existência e para tal, devia-se demarcar o perímetro da mesma. Inicialmente a câmara limitava a aglomeração entre os “prédios que se achavam entre o arroio Santa Bárbara, e as ruas das Fontes [Almirante Barroso] desde o Rio S. Gonçalo até a sanga Norte, que corre pelos terrenos sem edifício pertencente a José Rodrigues Barcelos, e Antônio Francisco dos Anjos.” (CÓDIGO DE POSTURAS, 1834, cit. por ARRIADA, 1994, p.110) O Código de Posturas Policiais, de 19 de fevereiro de 1834, foi aprovado pelo Conselho Geral para a Câmara Municipal da Vila de São Francisco de Paula. (MAGALHÃES, 1990, p.22)

O primeiro código de obras da Vila de São Francisco de Paula foi adotado em 1834. Diferente do anterior (de 1829), quando Pelotas ainda era freguesia ligada a Rio Grande, o qual possuía muitos artigos voltados para os aspectos da vida rural, o novo código (de 1834) focava a vida urbana para definir regras. As especificidades das normas de conduta e construção exigia uma planta atualizada da área urbana. Em 1834, Eduardo Kretschmer (citado como engenheiro) foi o responsável pelo levantamento da cidade (Figura 42). (OSÓRIO, 1962, p. 52)

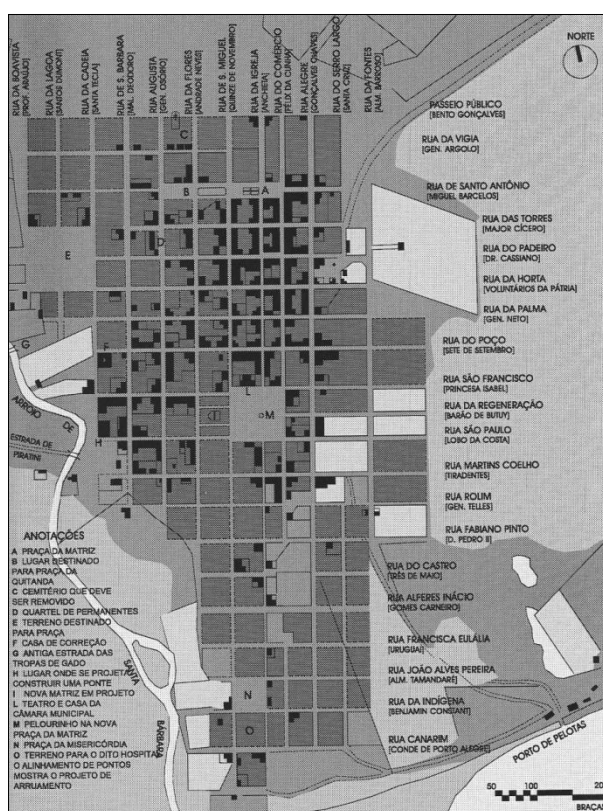


Figura 42: Segunda planta de Pelotas, 1835.

Fonte: GUTIERREZ, 2004, p.211.

A localidade recebeu o nome de Pelotas, quando foi elevada a cidade em 1835. O nome remete a uma versão marroquina de uma espécie de canoa feita com couro de animais. Esta foi assimilada pelos índios locais que as confeccionavam com couro bovino e a chamavam de pelota. Com a proliferação das charqueadas, o nome foi adquirido pelo arroio (costa do Pelotas). Assim, passou a designar a região e, mais tarde, foi aprovado como nome do município, em homenagem às charqueadas que movimentaram a economia e contribuíram para o desenvolvimento local. Como escreveu o historiador MAGALHÃES: “Transferiu-se a denominação da embarcação ao arroio, do arroio à região, da região ao município.” (MAGALHÃES, 1999, p.13)

Então, o primeiro loteamento foi resultado da fundação da freguesia em 1812. Em 1815 foram traçadas 19 ruas (doze longitudinais e sete transversais) entre as atuais Almirante Barroso e Marcílio Dias, Avenida Bento Gonçalves e General Neto. O segundo loteamento, projetado após a elevação à Vila em 1832, expandiu a cidade no sentido sul, para isso as ruas longitudinais foram prolongadas e foram criadas treze vias transversais novas. Em 1858 a cidade se expandiu para o norte, formando o chamado Bairro da Luz, com mais cinco ruas transversais. Finalmente, o quarto momento do crescimento, em 1870, nasceu o Bairro da Várzea à sudeste da área central, para tal foram abertas quatro novas ruas à leste do segundo loteamento. (MAGALHÃES, 2000, pp.9-10)

Em 1845 ocorreu a primeira visita do imperador Dom Pedro II a Pelotas. Nos anos seguintes começou a implantação da infra estrutura urbana e a construção dos prédios públicos que existem até hoje. Em 1876 atracou em Pelotas o “Tampico”, primeiro barco a exportar diretamente o charque da cidade para os Estados Unidos da América.

“[...] em 1870 a cidade encontrava-se em pleno apogeu do seu desenvolvimento econômico, social e cultural; não é sem motivo que já havia consolidado, então, o desenvolvimento do seu centro urbano.” (MAGALHÃES, 2000, p.10)

Na década 1880, a população de Pelotas poderia ser comparada com a de Porto Alegre e São Paulo, porém ainda dez vezes menor que a da capital Rio de Janeiro. (MAGALHÃES, 1994, p.78)

Foi no momento de expansão do segundo loteamento da cidade que chegou a Pelotas o profissional da construção civil Jerônimo Casaretto. Aqui se estabeleceu, casou e formou sua família. Um de seus filhos, Caetano Casaretto, seguiu seus passos na arte de edificar e acabou se tornando conhecido arquiteto local. Foi comprovadamente o responsável por erguer quase uma centena de construções, algumas das quais de inegável importância para a cidade, como veremos a seguir.

3.2 PELOTAS: INFRAESTRUTURA

ABASTECIMENTO DE ÁGUA E RECOLHIMENTO DE ESGOTO

Para tudo servia o cativo, principalmente antes da chegada da infra-estrutura urbana. Eram eles que resolviam os problemas do abastecimento de água (transportando bilhas de água), recolhimento do lixo e descarte do esgoto (geralmente carregado em barris). (REIS FILHO, 2008, p.26) A inexistência de equipamentos adequados exigia o esforço da mão de obra escravizada no ambiente urbano e doméstico, especialmente nas residências com maior número de pavimentos.

Não só para o uso das residências como para sua construção, o escravo foi um dos fatores indispensáveis para a permanência dos senhores no meio urbano onde, nesta época, a vida era mais difícil do que no meio rural.

A água para o consumo caseiro deveria ser carregada desde as cacimbas até as residências. As primeiras cacimbas foram feitas na atual Rua Almirante Barroso. (MAGALHÃES, 2000, p.27) Havia ainda a possibilidade de usar os poços, um localizado na Rua do Poço (atual Rua Sete de Setembro entre Andrade Neves e General Osório) e outro onde hoje se encontra a Biblioteca Pública. Estes eram utilizados mais pelos escravos, já que era costume cavar poços artesianos nos quintais das casas. Conta o historiador Mário Osório MAGALHÃES que por volta da metade do século XIX, com a imigração dos platinos fugidos da guerra entre Oribe e Rosas, houve uma grande influência na construção de algibes, “preferindo-se as águas que caíam dos céus às águas que brotavam da terra.” (MAGALHÃES, 2000, pp.82-83)

Além das cacimbas, dos poços e dos algibes, a partir de 1851 a cidade passou a contar com o suprimento gratuito de água que era armazenada em uma grande

cisterna localizada no interior do recém construído Mercado Público, esta possuía capacidade para 500 pipas. (MAGALHÃES, 2000, p.83)

A partir de 1861, com uma proposta de contrato por parte de Ângelo Cassapi, começou-se a cogitar a possibilidade de abastecimento de todos os prédios da cidade. Uma década depois, foi assinado o contrato com Hygino Corrêa Durão. Neste o empreiteiro se responsabilizou por canalizar as águas do arroio Moreira até o interior da cidade, construir uma represa (Figura 43) e os tanques para armazenar três mil metros cúbicos d'água. (GUTIERREZ, 2004, p.259)

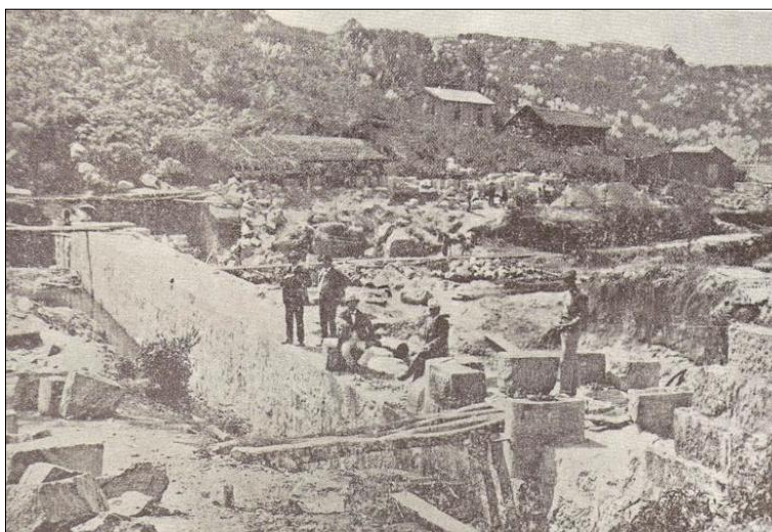


Figura 43: Represa do Quilombo em construção, Pelotas, s/d.
Fonte: MAGALHÃES, 1994, v.1, p.5.

Para tal, foi fundada em 1871 a *Companhia Hidráulica Pelotense* e Hygino Durão ainda foi contratado para instalar um reservatório e quatro chafarizes. As obras começaram em dia e foram executadas sem maiores percalços. Em 1872 o governo da província solicitou a marcação dos locais onde seriam instalados os chafarizes. (GUTIERREZ, 2004, p.260)

Até a metade do ano de 1873 já haviam sido colocados os dois primeiros chafarizes, um na Praça Coronel Pedro Osório e outro na Praça da Matriz, em frente à catedral. Em março do ano seguinte, 1874, o terceiro foi implantado na Praça Domingos Rodrigues, zona do porto. (CUNHA cit.por GUTIERREZ, 2004, p.261) No mesmo ano de 1875 entrava em funcionamento o abastecimento de água através da barragem do arroio Moreira, um ano antes da inauguração da obra do reservatório (Figura 44) com capacidade para 1.500.000 litros, finalizada em 5 de setembro de 1875. (GUTIERREZ, 2004, p.261)



Figura 44: Atual Praça Piratinino de Almeida, com o reservatório de ferro fundido vindo da Escócia e vista do primeiro bloco da Santa Casa e de sua capela ao fundo. Pelotas. s/d.
Fonte: GUTIERREZ, 2004, p.253.

O quarto chafariz, também de 1875, entrou num impasse sobre sua localização, sendo instalado na esquina das atuais ruas Gomes Carneiro com XV de Novembro, quadra onde hoje se encontram dois edifícios em altura, em frente ao corpo de bombeiros da cidade. (GUTIERREZ, 2004, p.263)

Destes cinco elementos de ferro fundido adquiridos pelo governo e instalados na cidade de Pelotas, apenas dois continuam em seu local original, a caixa d'água e o chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. Os demais foram relocados: o que se encontrava na Praça Domingos Rodrigues foi levado para o calçadão no centro comercial da cidade; o que se localizava perto do corpo de bombeiros (Figura 45) foi colocado na Praça Cipriano Barcelos; e, o da Praça da Matriz (atual Praça José Bonifácio, em frente à catedral), que após ser removido do local original não mais foi instalado na cidade.



Figura 45: Estação do corpo de bombeiros, Pelotas, 1924.
Fonte: MAGALHÃES, 1994, v.1, p.16.

Em 1878 foi publicada no **Diário Popular** a informação de que a *Companhia Hidráulica Pelotense* aceitou a proposta de Carlos Zanotta para a colocação de 300 penas d'água nos domicílios da cidade, podendo estas serem instaladas até cinco metros à dentro das residências. Com a chegada do fim da escravidão o número de moradias com água encanada crescia, passando de 17,44% em 1876 para 47,80% em 1885. (GUTIERREZ, 2004, p.266)

Depois do abastecimento de água, o esgoto (Figura 46 e 47) viria a ser o foco das atenções no que se refere à infra-estrutura urbana da época.



Figura 46: Linha de descarga dos esgotos no canal São Gonçalo, Pelotas, s/d.
Fonte: MAGALHÃES, 1990, v.4, p.15.



Figura 47: Execução das obras de recolhimento de esgoto, Pelotas, s/d.
Fonte: MAGALHÃES, 1990, v.5, p.18.

O prefeito da época mandou fazer o levantamento da planta da cidade com a locação geral dos coletores a fim de organizar o projeto definitivo da rede de esgoto. Junto a esse trabalho foi feito os alinhamentos e nivelamentos de ruas que ainda estavam se formando. Em 1º de setembro de 1914 foi inaugurada a rede na área central. (MAGALHÃES, 1990, v.5, p.18-19)

Em 1887 a Câmara Municipal instituiu uma comissão para avaliar a questão do esgoto da cidade e abriu a concorrência para a apresentação das propostas de projeto para o recolhimento dos dejetos domiciliares. Dentre os três projetos apresentados foi o do francês George Howyan, formado na Escola de Pontes e Calçadas de Paris, o vencedor. Este transferiu o contrato para a então *Companhia Industrial Construtora*, que contratou o Guilherme Ahrons para elaborar novos estudos e executar as obras. (SCHLEE, 1993, pp.73-74) Depois de algumas mudanças de ordem técnica, a rede de esgoto só seria instalada definitivamente a partir de 1913. (CRUZ cit. por CHEVALLIER, 2002, p.33)

ILUMINAÇÃO PÚBLICA

A cidade não possuía iluminação pública até 1846. A primeira atitude tomada pelas autoridades da época foi a instalação de 320 lampiões abastecidos a azeite e localizados na área central da cidade. Essa iluminação foi inaugurada dia 13 de dezembro de 1848 e ficava concentrada entre as ruas Alegre (atual Gonçalves Chaves) e a Santa Bárbara (hoje Marechal Deodoro) e as ruas São Jerônimo (Marechal Floriano) e Santo Antônio (Miguel Barcelos), ao sul. Na época, ainda não havia edificações. No ano seguinte foram implantados outros dez lampiões, estes últimos na zona do porto. (MAGALHÃES, 1990, v.5, p.14)

Entre 1853 a iluminação artificial da cidade começou a ser realizada utilizando hidrogênio líquido. O contrato foi feito entre o presidente da província e o Sr. Luiz José Rodrigues Ferreira. Este serviço passou a ser responsabilidade de uma firma da capital da província um ano depois de firmado o contrato e este sistema funcionou até 1875. Outro contrato firmado entre o presidente provincial e o vice-cônsul da França, Noel Paul Baptiste d'Ormano, em 1867, previa a utilização de hidrogênio carbonato para as cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Cinco anos mais tarde a responsabilidade por esses serviços passou para a empresa inglesa chamada *Cia. St. Peter Brazil Gaz Limited*, firma esta responsável pelo gasômetro de Pelotas em 1875. A partir de outubro 1876, o fornecimento de gás foi suspenso pela companhia responsável, sem aviso prévio. Neste momento a câmara providenciou a instalação de

lâmpadas a querosene para minimizar os problemas noturnos, tentando proporcionar condições mínimas para a população. A situação foi normalizada no ano seguinte, 1877, após a assinatura de um novo contrato entre o governo da província e a *Companhia Riograndense de Iluminação a Gás*, que se comprometeu a fornecer o gás hidrogênio carbonato para os 420 combustores da cidade. Após várias tentativas e concorrências foi assinado o contrato com a empresa que definitivamente começou o trabalho de fornecimento de energia elétrica, *The Rio Grandense Light & Power Syndicate Limited* (Figura 48), que iniciou a instalação da iluminação pública pela Praça da República, atual Coronel Pedro Osório. (CHEVALLIER, 2002, pp.33-35)

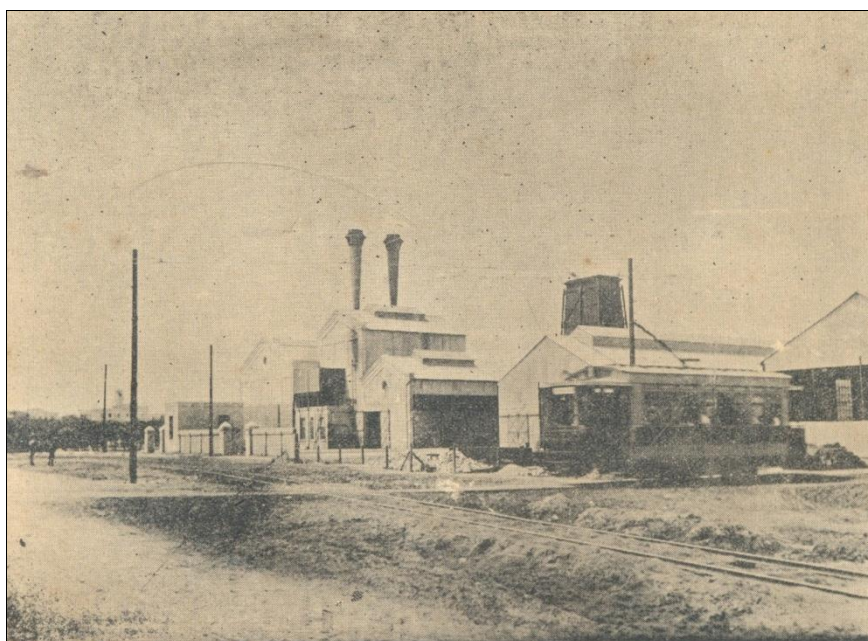


Figura 48: Usina e pavilhão da “Luz e Força” à Praça da Constituição, s/d.
Fonte: FERREIRA, 1916, p.247.

TRANSPORTE

Com a chegada da energia elétrica nasceu a possibilidade de transformar o transporte público, que até então era feito por bonde de tração animal, em um sistema elétrico (Figura 49).

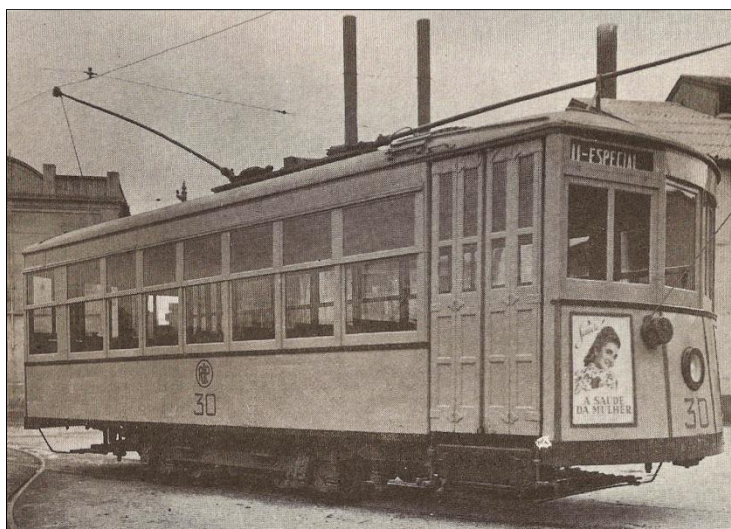


Figura 49: Bonde elétrico em Pelotas, s/d.
Fonte: MAGALHÃES, 1989, v.3, p.10.

O serviço de bondes iniciou em 1873, pela *Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas*. A primeira linha ligava o porto da cidade à margem direita do arroio Santa Bárbara. No ano seguinte as atuais ruas XV de Novembro e Félix da Cunha foram acrescentadas ao trajeto do transporte. Nessa época a companhia contava com cinco carros para passageiros, quinze para carga, onze carroças grandes, cinco pequenas e 121 animais de tração tipo muares. Essa empresa funcionou até 1889 quando passou seus direitos e bens para a então firma *Zanotta e Companhia*. (CHEVALLIER, 2002, p.35)

Ainda relacionado ao transporte, em 1884, foi inaugurada a estrada de ferro que ligava Rio Grande a Bagé. Por essa época também foram instaladas três linhas de telégrafo, em Rio Grande no ano de 1868, em Porto Alegre em 1871 e em Bagé em 1881. (SCHLEE, 1993, p.74) A fotografia antiga (Figura 50) mostra a estação de trens de Pelotas quando ainda em funcionamento.

Na segunda metade do século, principalmente após 1870, foi a época na qual foram construídos os principais prédios públicos de Pelotas. A cidade respirava o apogeu do seu desenvolvimento originado primeiramente pela riqueza oriunda da fabricação do charque e em seguida sustentada pelo desenvolvimento de fábricas e comércios da cidade.



Figura 50: Estação de trem de Pelotas, 1912.

Fonte: MAGALHÃES, 2000, v.1, p.4.

3.3 PELOTAS: ARQUITETURA

O momento anterior ao ecletismo era preenchido pela linguagem luso-brasileira. Muito semelhantes em todo o país, essas edificações se caracterizavam por possuírem paredes lisas, bases com “socos”, telhados com beirais, aberturas cegas emolduradas por pedra ou madeira e com vergas tipo arco abatido. A maior variação entre as construções se dava no número de pavimentos e no tipo de uso para o qual era destinado o prédio. (REIS FILHO, 2008, p.21-32)

A arquitetura pelotense construída no período estudado foi dividida em três momentos por Andrey SCHLEE em **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 1930 e 1940**. Os períodos destacados pelo autor foram: primeiro, entre os anos de 1850 e 1900; o segundo, de 1900 e 1930 e terceiro, de 1930 e 1950.

ENTRE, 1850 e 1900

A condição sócio-econômica brasileira de meados do século XIX, proporcionada pelos lucros da agricultura e mineração do período colonial, possibilitou que as novas formas

de viver não contribuíssem apenas como absorção das novas técnicas para usufruto, como também um elemento exigente de novos produtos. A vinda da família real iniciou um processo de desenvolvimento que assumiu importância considerável na segunda metade de século. (REIS FILHO, 2008, p.146)

A linguagem característica desse momento foi o ecletismo, um movimento inicialmente romântico, que buscava as origens e a "valorização da expressão e da liberdade criadora" e que, com o tempo, assumiu bases racionais consistentes. (REIS FILHO, 2008, pp.183)

"No Brasil, costuma-se englobar sob rótulo NEOCLÁSSICO todos os edifícios onde se pode notar o emprego de um vocábulo arquitetônico cuja origem distante remonta à Antiguidade greco-romana. Portanto o que se convencionou chamar de neoclassicismo, na realidade não passa de um ecletismo, onde é possível encontrar justapostos todos os estilos que utilizam, cornijas e frontões, da Renascença italiana ao Segundo Império francês, passando pelo classicismo, pelo barroco e pelo verdadeiro neoclássico de fins do século XVIII e primeira metade do XIX." (BRUAND, 1981, p.33)

As principais características do *Primeiro Período Eclético* foram apontadas como sendo as seguintes: ainda era uma arquitetura do barro caracterizada por sistemas estruturais simples em alvenaria portante; mas que busca sentido simbólico utilizando elementos que haviam pertencido a um estilo arquitetônico único, principalmente o renascimento italiano; que é bastante rico em elementos decorativos derivados diretamente do mundo da tradição clássica. (SCHLEE, 1993, p.76)

Dentro da época inicial da linguagem eclética, os principais edifícios tiveram as seguintes datas de finalização: o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição (1853); a Capela de Nossa Senhora da Conceição (1855); a Beneficência Portuguesa (1861); o primeiro andar da Santa Casa de Misericórdia (1872); o antigo prédio da Associação Comercial (1873); a Prefeitura Municipal (1879); a Capela do Senhor do Bonfim (1881); a Escola Eliseu Maciel (1883); a Capela de São João Baptista (1884); a primeira parte do Asilo de Mendigos (1887); o primeiro pavimento da Biblioteca Pública (1888); a reforma do Hotel Aliança (1889); a Capela de São Pedro (1895); e, a sede do Congresso Português (1895). (SCHLEE, 1993, p.77)

Dentre os 14 exemplares de uso coletivo selecionados para caracterizar o período de renovação da linguagem arquitetônica no ambiente urbano pelotense, Caetano Casaretto foi responsável por dois (14,3%): a construção da Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência (1892) e a sede do Congresso Português (1895 - Figura 51).



Figura 51: Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fotografia da fachada principal, Pelotas, s/d.

Fonte: Acervo Secretaria Municipal de Cultura.

ENTRE, 1900 e 1930

“[...] Se, no período anterior (1850-1900), existiu um predomínio do que foi chamado de ECLETISMO HISTORICISTA, a partir do início do século XX ocorreu uma tendência a favor do ECLETISMO TIPOLOGICO, que implica em escolhas prévias de cunho analógico ou de referência, que orientam o estilo quanto à finalidade a que se destina o edifício a ser construído (caráter relativo). Essa tendência manifestou-se pela primeira vez quando da construção de um prédio para o ‘Congresso Português Primeiro de Dezembro’ (1895). O projeto é de autoria de Caetano CASARETTO, arquiteto que se notabilizou pela

construção de uma arquitetura eclética – toda ela baseada em modelos do renascimento italiano – mas que, para o Congresso Português, escolheu fazer referência à arquitetura da chamada ‘idade de ouro’ portuguesa [...]” (SCHLEE, 1993, p.107)

Foi depois do prédio da sede do Congresso Português que as demais construções deste período começaram a se caracterizar pela busca de uma identificação visual com a função do edifício. Isso era feito explorando as formas da edificação e os atributos decorativos. Andrey SCHLEE escreve ainda, que foi em decorrência disso e devido à existência de uma nova ordem social que a cidade assumiu um caráter mais cosmopolita e não tanto provinciano e aristocrático. (SCHLEE, 1993, p.108)

As características predominantes deste período da tipologia arquitetônica foram: uma arquitetura do barro caracterizada por sistemas estruturais simples em alvenaria portante; uma arquitetura que busca sentido simbólico, identificado com a utilização de formas e elementos dos mais variados estilos do passado, com o objetivo da caracterização do prédio ou da identificação visual da função do edifício; uma arquitetura que rejeita a pureza e nem sempre é facilmente compreensível à primeira vista; uma arquitetura que utiliza os mais diferentes elementos decorativos das mais variadas procedências. (SCHLEE, 1993, p.108)

Entre os anos de 1900 e 1930 destacam-se a finalização dos seguintes prédios: o Clube Caixeiral (1904); a Igreja do Redentor (1909); o Teatro Polytheana Pelotense (1910); o segundo pavimento da Biblioteca Pública (1912); a reforma do Mercado Público (1914); o Colégio São José (1915); o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição (1915); o Banco Pelotense (1916); o Frigorífico Rio Grandense (1917); o pavilhão do Esporte Clube Pelotas (1917); o Teatro Guarany (1920); o Patronato Visconde da Graça (1923); o Quartel do Nono Regimento (1924); a Escola de Artes e Ofícios (1924); o Teatro Appolo (1925); o Banco do Brasil (1926); a Igreja Evangélica (1927); o Cine Capitólio (1927); o Grupo Escola D. Antônia (1927); a Faculdade de Direito (1928); a reforma da Sociedade Germânica (1928); a reforma do Asilo de Mendigos (1928); o Grande Hotel (1928); o Moinho Pelotense (1928); o Entrepasto do Leite (1929); o Banco Nacional do Comércio, o Banco da Província; e, o Almoxarifado Municipal. (SCHLEE, 1993, p.109)

Neste período são 28 obras selecionadas para representar as características do momento. Quatro construções, ou seja, 14,28% foram de responsabilidade de

Caetano: o Clube Caixeiral (Figura 52), o segundo pavimento da Biblioteca Pública (Figura 53), a Escola de Artes e Ofícios (Figura 54) e a reforma do Asilo de Mendigos (Figura 55).

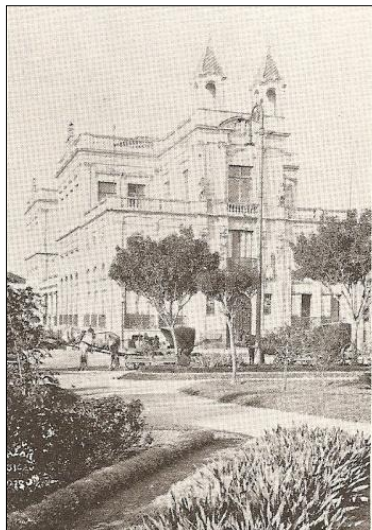


Figura 52: Clube Caixeiral, Pelotas, 1922.
Fonte: MAGALHÃES, 1991, capa.



Figura 53: Biblioteca Pública, fotografia antiga da fachada principal, Pelotas, s/d.
Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.



Figura 54: Escola de Artes e Ofícios, fotografia antiga, Pelotas, s/d.
Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.

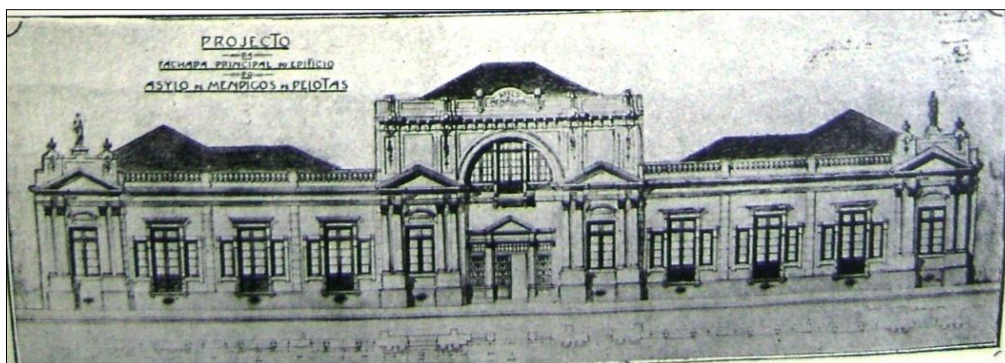


Figura 55: Projeto da fachada do Asilo de Mendigos, Pelotas, 1928.
Fonte: PARADEDA, 1930, s/p.

ENTRE, 1930 e 1950

O período subsequente SCHLEE chamou de “*Terceiro Período Eclético*” ou “*Primeiro Período Moderno*”. Para este período não foi encontrado no arquivo municipal nenhuma obra de Caetano Casaretto, o último projeto assinado pelo profissional que foi localizado, data de 1920. A falta de produção do profissional pode ter se dado por causa da implantação do Sistema CONFEA-CREA em 1933. Nessa época o arquiteto contava com 58 anos de idade, ou seja, ainda em plenas condições de trabalhar, entretanto cada vez mais impedido possivelmente por questões legais, já que não era formado no país.

Vale salientar que 12% das obras localizadas no arquivo municipal apresentaram linguagem protomodernista (Figura 56), condizentes com o que SCHLEE chamou de Primeiro Período Moderno. Portanto, Caetano Casaretto antecipou a nova linguagem arquitetônica que viria a se manifestar.

As características deste período são: prédios com mais de um pavimento com uso de sistemas mistos de paredes portantes com lajes e vigas em concreto armado, e, nos edifícios em altura o emprego de um sistema de massa ativa (laje, pilar e viga). Uma arquitetura na qual não existe a vontade manifestada de dar às obras um sentido simbólico explícito, mas uma constante busca de caracterização dos prédios e da identificação visual da função do edifício. Uma arquitetura com o desejo expresso de estar livre de excessos ornamentais e das referências da arquitetura do passado e que canalizou a preocupação com a “decoração” para a busca da beleza na utilização dos elementos imprescindíveis de uma obra (venezianas, corrimãos, gradis, portas etc.). (SCHLEE, 1993, p.160)

A força dos empresários do comércio de Pelotas, principais clientes de Caetano Casaretto, pode ser percebida pela construção do edifício da Associação Comercial (Figura 57) no final da década de 30. Esta foi a primeira construção em altura da cidade.



Figura 56 a: Galpão de Caetano Casaretto, fachada principal, Pelotas, 1908.
Fonte: Arquivo SeUrb.

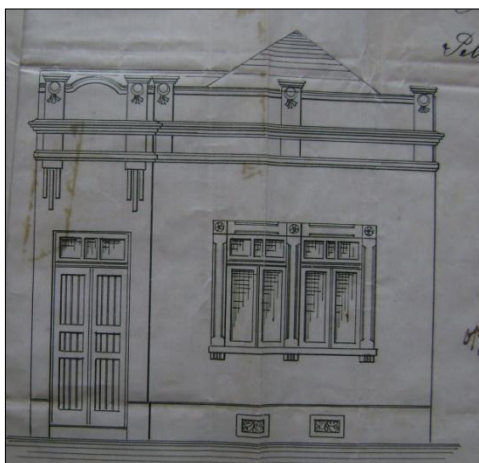


Figura 56 b: Residência de Celso Eston, fachada principal, Pelotas, 1916.
Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 57: Edifício da Associação Comercial de Pelotas em construção no final da década de 30 do século XX.
Fonte: MAGALHÃES, 1999, v.5, p.11.

CAPÍTULO 4. ARQUITETURA E DETALHAMENTOS

4.1 QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS ENCONTRADOS NO INVENTÁRIO

Como foi escrito anteriormente, Caetano Casaretto é reconhecido como responsável por prédios como o segundo pavimento da Biblioteca Pública Pelotense, o Asilo de Mendigos, o Clube Caixeiral, Escola de Artes e Ofícios, a capela da Beneficência Portuguesa. Além destes monumentos, no arquivo da Secretaria Municipal de Urbanismo (SeUrb) foi encontrado um acervo de pelo menos 74 obras, sobretudo residenciais. E mesmo que estas obras monumentais citadas não permaneçam mais arquivadas no arquivo municipal, há documentos, como atas de reuniões de instituições, por exemplo, que ajudam a comprovar sua autoria, como exposto a seguir.

Dentre os 74 projetos encontrados no arquivo municipal, apenas dois podem ser considerados de grande porte para a cidade, o colégio Gonzaga e a sede do Clube Congresso Português, os demais se referem aos edifícios de dimensões menores, como as residências, por exemplo. Os dados apresentados na sequência deste capítulo acompanharam a metodologia explicitada no Capítulo 1. Corresponderam ao preenchimento das fichas do Sistema Integrado de conhecimento e Gestão do IPHAN.

Considerando que este estudo não foi realizado em meios sociais distintos, constitui uma pesquisa monográfica, em especial, tratou-se de demonstrar quais foram as singularidades irreduzíveis. Aquelas que apareceram com maior frequência e definiram as características gerais da obra de Caetano Casaretto.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Dentre os projetos encontrados arquivados, quase todos foram desenvolvidos em prancha única. O termo apresentação do projeto (Figura 58), aqui nesta pesquisa, corresponde ao tipo de desenhos que o compõem. A escolha dos desenhos foi feita em cima da necessidade da obra, ou seja, nos casos de fachadismo não necessariamente encontra-se cortes ou implantações nos projetos. A grande maioria (75,5%) das pranchas possui planta, corte e fachada. Logo após, vem os projetos que são compostos por planta e corte (com 13,5%), e 1,5% dos exemplares possuem

planta e fachada. Com 9,5% estão os projetos considerados completos, ou seja, aqueles que além de planta, corte e fachada, ainda apresentam planta de situação e/ou localização.

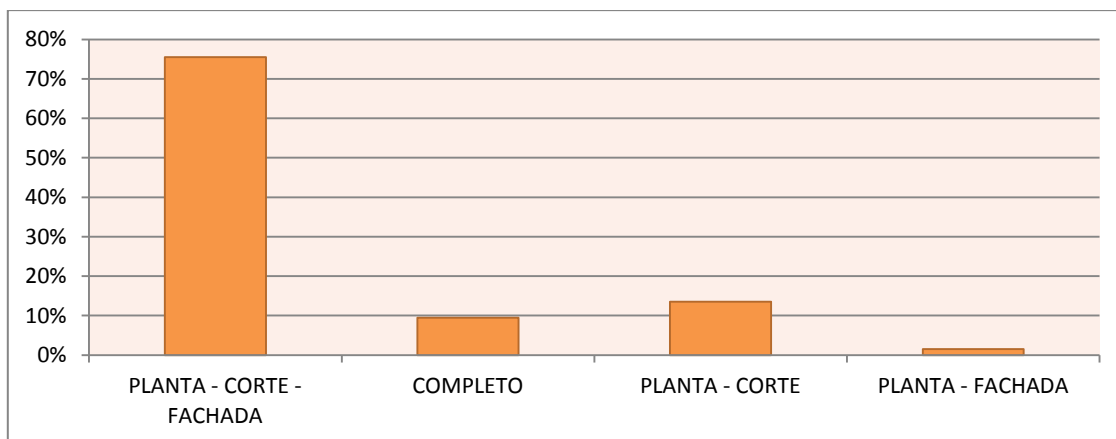


Figura 58: Apresentação do projeto
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

ASSINATURA

Em cada projeto há um espaço destinado à assinatura do responsável pela obra (Figura 59). Para este quesito foram encontradas cinco variações de assinatura. Vale lembrar que pelo menos a partir do ano de 1897, como se pode conferir no relatório de Estatística Municipal, onde aparece a empresa Casaretto & Irmãos cadastrada na lista das construtoras que Caetano Casaretto não trabalhava sozinho. O fato de sempre aparecer a assinatura de Caetano como responsável, não quer dizer que a autoria dos projetos não possa ser também de algum de seus irmãos.

Assim, 69% das pranchas foram assinadas com 'Caetano Casaretto'. Depois vieram as que continham 'Caetano Casaretto & Irmãos' com 21,5%. Logo após, 'Casaretto & Irmãos' (2,5%). Ainda, com 1,5%, foram encontradas as variantes 'C. Casaretto e Irmãos' e 'Caetano Casaretto & Irmão'. Estes resultados deram indícios de mudanças na empresa familiar. Provavelmente, a partir de 1902, desvincilhou-se da sociedade com os irmãos e começou a trabalhar sozinho.

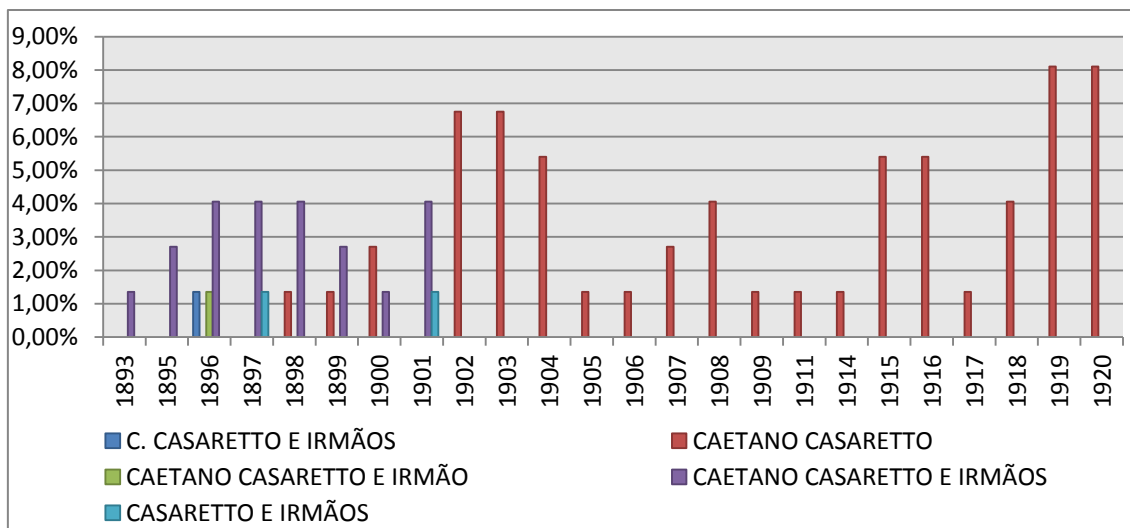


Figura 59: Assinatura como construtor
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

TÉCNICO MUNICIPAL A APROVAR O PROJETO

Quanto à aprovação municipal das propostas (Figura 60), a maior parte das obras apresenta apenas uma rubrica sobre o carimbo da 'Aprovação Municipal', não sendo possível identificar qual foi o técnico responsável pela liberação da execução da obra. Foram 54% dos projetos possíveis de identificar quem assinou. Dentre essas assinaturas legíveis 39,2% foram autorizadas pelo engenheiro Emílio Leão, seguido por Luciano Mondera, com 8,1%.

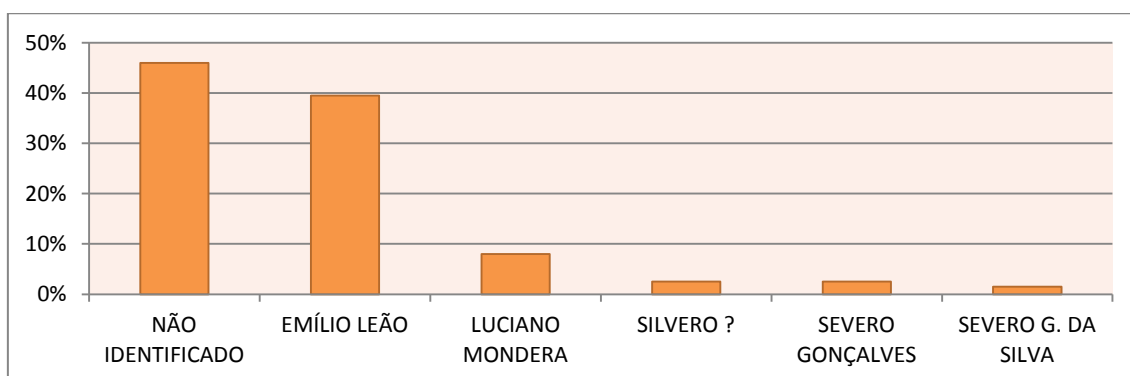


Figura 60: Técnico municipal responsável pela aprovação do projeto
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

TIPO DE INTERVENÇÃO

Os projetos analisados informam que 69% do trabalho desenvolvido pelo profissional foi destinado à execução de edificações novas, seguido pelos projetos de acréscimo

de área construída em planta (9,5%). Em 5,5% dos casos nota-se que a intervenção estava voltada apenas para as alterações na fachada principal, também chamada de fachadismo. O projeto referente a acréscimo de pavimento corresponde a 4%. E, apenas 1,5% das obras do construtor foram dedicadas às reformas internas (Figura 61), estas ocorreram mais no final da carreira do profissional, ou seja, na primeira e segunda décadas do século XX.

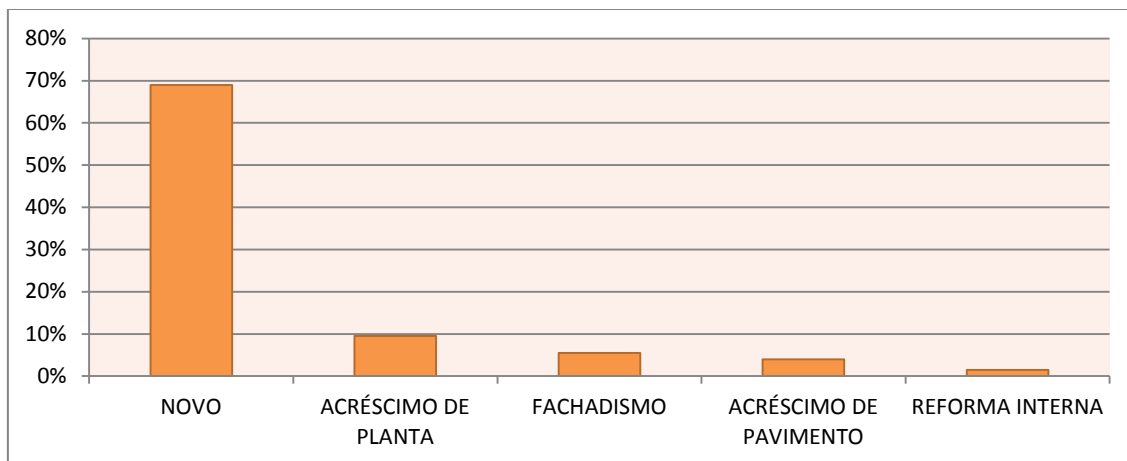


Figura 61: Tipo de intervenção
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

USO ORIGINAL

No quesito uso original oito foram as variantes encontradas (Figura 62). Mais da metade (51,35%) das unidades analisadas em prancha tinham seu uso destinado às atividades residenciais. Para 10,8% dos projetos o destino da construção foi o de comércio, lojas e armazéns. Os prédios de uso misto (residenciais e comerciais) somaram 9,45%, neste caso apenas uma unidade apresenta ambos os usos dispostos em pavimento único, nos demais nota-se que a parte residencial está situada sobre a comercial (disposição em dois pavimentos). As cocheiras aparecem em 6,75% dos casos, todas elas em terrenos individuais, não sendo possível identificar se estes lotes ficavam localizados contíguos às residências dos proprietários. Com 5,4% de frequência encontrou-se o uso depósito e, com o mesmo percentual, projetos de espaços únicos e pequenos sem denominação que optou-se por chamar de galpão. As fábricas representam 2,7% das obras, sendo uma destinada à fabricação de carroças e outra à manufatura de fumo. Com apenas uma edificação está a variável escola, posto de assistência pública, sede de clube social e garagem (1,35%). Em

outros dois casos (2,7%) não foi possível identificar o uso para o qual foi destinada a construção.

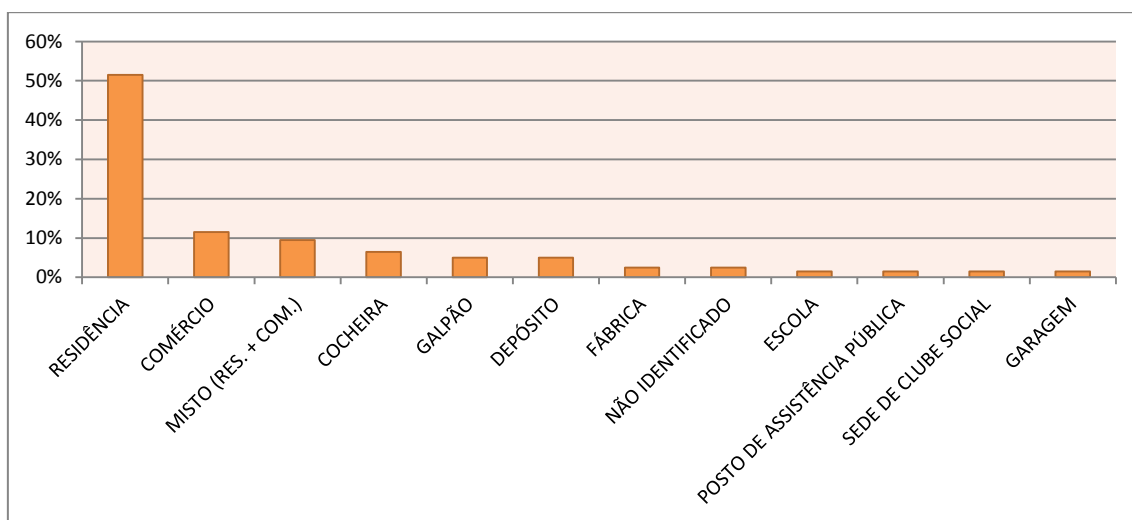


Figura 62: Usos originais
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

ÁREA DE INSERÇÃO NO AMBIENTE URBANO

O III Plano Diretor vigente no município de Pelotas, aprovado em 2008, estipula onze Áreas de Especial Interesse no Ambiente Cultural Urbano. A totalidade das construções que foram erguidas sob a responsabilidade de Caetano Casaretto encontravam-se inseridas na área hoje denominada de Zona de Preservação do Patrimônio Cultural, ou seja, corresponde a região mais antiga do ambiente urbano pelotense. Esta área é composta pelos lotes relativos aos quatro primeiros loteamentos da cidade. Apesar dos projetos estarem distribuídos na ZPPC, a maior concentração está entre e no entorno das duas praças principais, a antiga Praça da Matriz, hoje José Bonifácio e a de maior valor artístico, atual Praça Coronel Pedro Osório (Apêndice 2).

A ZPPC (Figura 63) foi subdividida em quatro áreas: no entorno da catedral, referente ao primeiro loteamento. No entorno da Praça Coronel Pedro Osório, do segundo loteamento. No entorno da praça situada junto ao porto da cidade e a zona chamada de Caieira, Em seus anexos, a Lei municipal inventariou 2002 prédios, 16 trechos de ruas, um conjunto de edificações, 13 sítios, três praças, um largo, 15 peças de mobiliário e cinco conjuntos de arborização urbana.



Figura 63: Mapa da área central da cidade de Pelotas com a demarcação da ZPPC.
 Fonte: Google maps. Acesso em 13.set.2010.

SITUAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Para melhor identificar as construções encontradas, os nomes das vias (ruas e avenidas), bem como das praças foram atualizados com base em MAGALHÃES (2000) e LOPES NETTO (1911, v.1). Quando possível também foram atualizadas as numerações dos imóveis. Com referências às edificações encontradas (Figura 64) na prefeitura e logo após fazendo a busca das mesmas no tecido urbano, foi possível identificar que praticamente um quinto (19%) puderam ser localizadas. Um pouco mais da metade (53%) já foram demolidas para dar lugar a outras construções. E, quase um terço (28%) não foram encontradas e/ou identificadas.

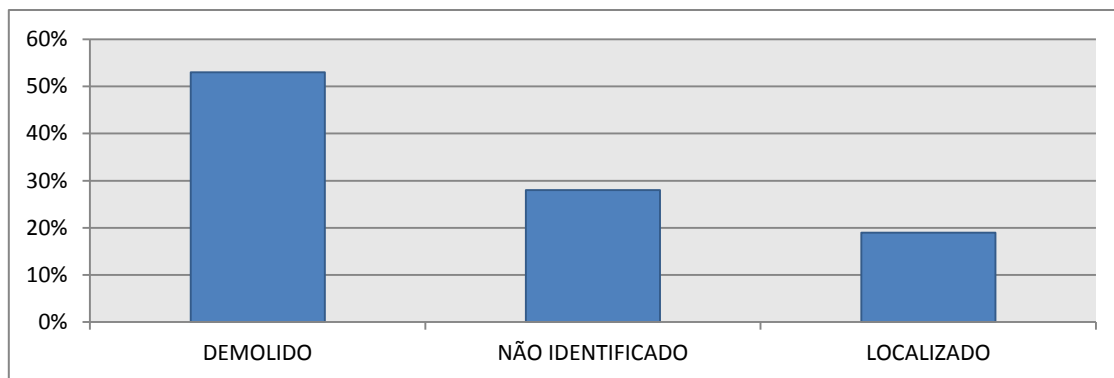


Figura 64: Situação de identificação
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

TIPOLOGIA GERAL

A classificação da tipologia geral (Figura 65) estipulada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional presente na ficha M302 do inventário apresenta sete possibilidades tipológicas para as construções. Dentre as 74 obras encontradas 97,3% das construções são consideradas civis e 2,7% são do tipo industrial.

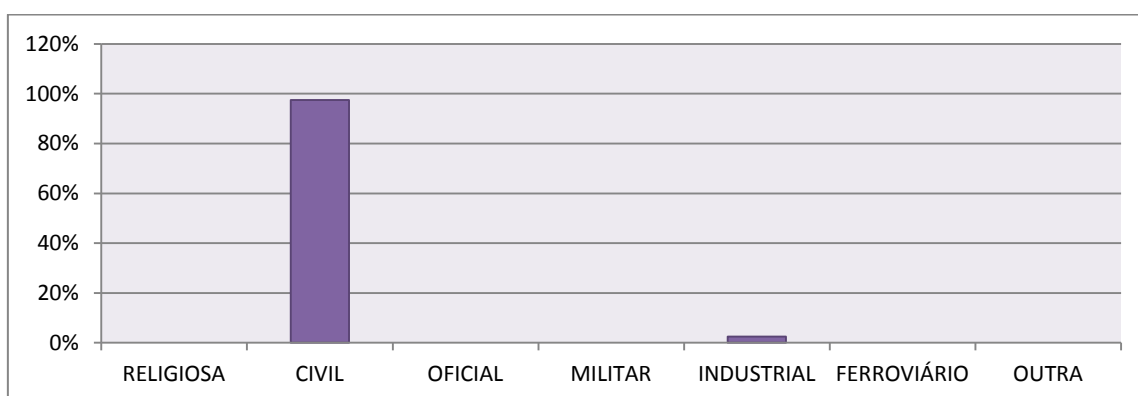


Figura 65: Tipologia geral
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

LINGUAGEM ARQUITETÔNICA

A grande maioria das obras de Caetano possuía linguagem eclética, 80%. Os exemplares considerados de linguagem protomoderna chegaram a 12%. Os casos com excesso de simplificação e/ou cujo projeto não apresentava fachada foram considerados como linguagem não observável, estes somaram 8% das unidades (Figura 66). Distribuindo ao longo do tempo de atuação profissional nota-se que as obras consideradas protomodernas aparecem mais concentradas nos primeiros anos

do século XX e não próximo à década de 20. Estas geralmente estavam relacionadas com usos simples, como cocheira, garagem e residências pequenas.

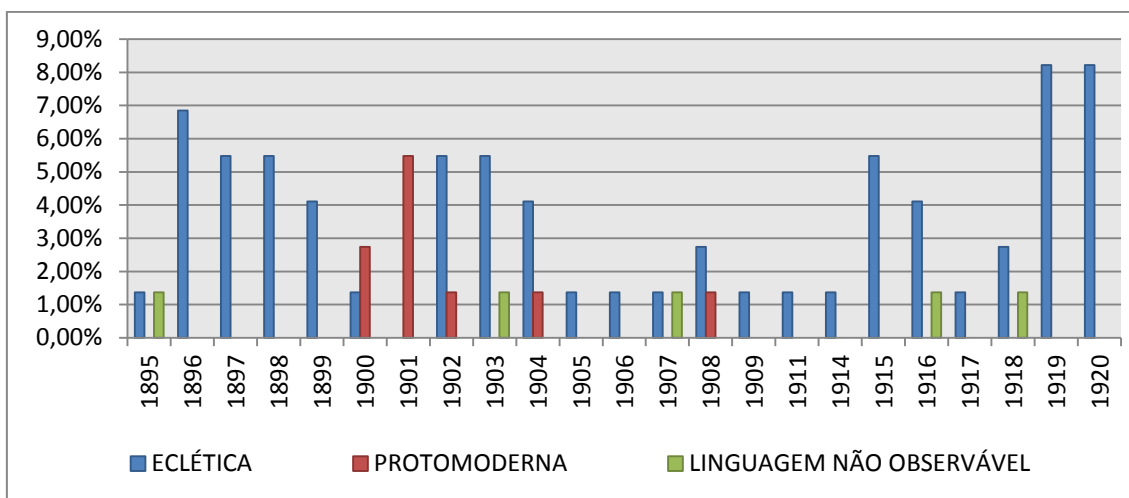


Figura 66: Linguagem arquitetônica
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

ALINHAMENTO PREDIAL

Com relação à implantação das edificações, os projetos mostram que 69% estavam sobre o alinhamento predial e lateral, principalmente nos primeiros anos (Figura 67). Seguido destas, 18,5% das construções possuíam afastamento lateral (independente de qual dos lados ocorreu o afastamento) e essa frequência aumenta com o passar dos anos. Logo após, 2,5% possuíam afastamento frontal, casos pouco frequente e que aparecem na primeira década do século XX. Tanto aquelas com afastamento frontal e lateral como aquelas com implantação isolada no lote somaram 1,5%, são essas possibilidades encontradas mais para as décadas de dez e vinte. Além dessas, 7% não puderam ser identificadas.

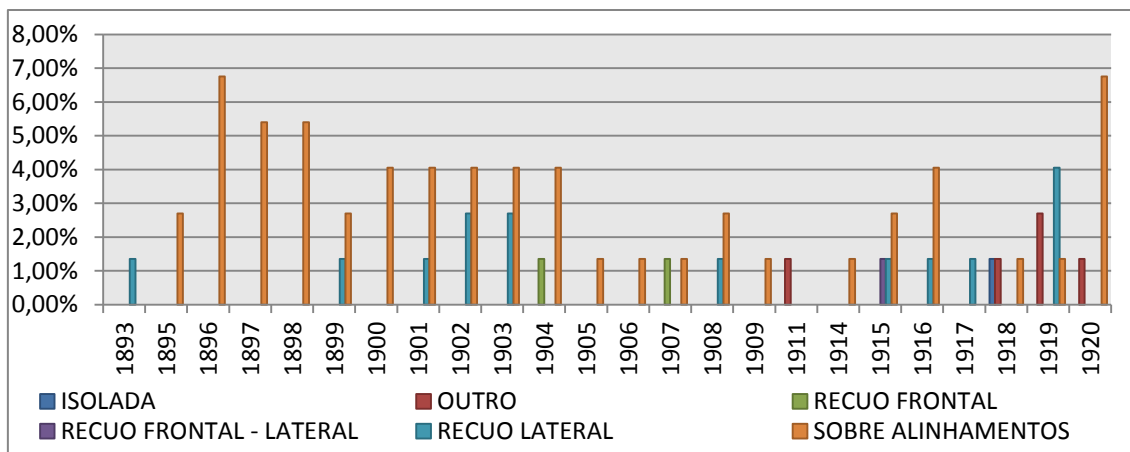


Figura 67: Implantação
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

DIVISÃO HORIZONTAL DA FACHADA

A fachada das edificações pode ser dividida horizontalmente em três partes. A base é a porção inferior, esta é encimada pelo corpo da construção e, no topo há o que se denomina de coroamento. Foi possível identificar que 82,5% dos projetos possuíam fachada dividida em base, corpo e coroamento. Apenas 5,5% não apresentavam base, somente corpo e coroamento. Os 12 % restantes correspondem aqueles exemplares onde a fachada não fazia parte da composição do projeto e ocorreram nos últimos anos da carreira do profissional, onde a frequência de reformas internas foi maior (Figura 68).

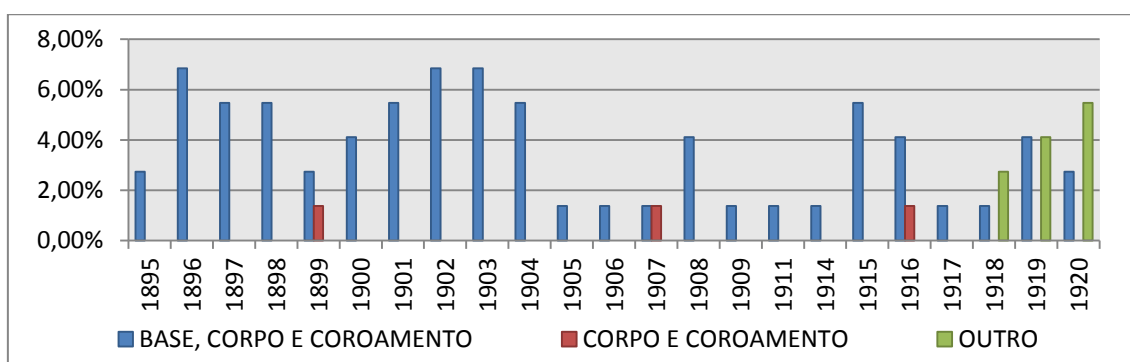


Figura 68: Divisão horizontal da fachada
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

DIVISÃO VERTICAL DA FACHADA

A fachada foi analisada quanto à sua divisão vertical, em tripartida-simétrica, tripartida-assimétrica, simétrica e assimétrica (Figura 69). Um terço (33,5%), a maior frequência encontrada, corresponde às fachadas assimétricas. Logo após, com 30% vêm as fachadas com divisão tripartida-simétrica. As tripartidas-assimétricas somaram 15% e com 6,5% de frequência estão as fachadas simétricas.

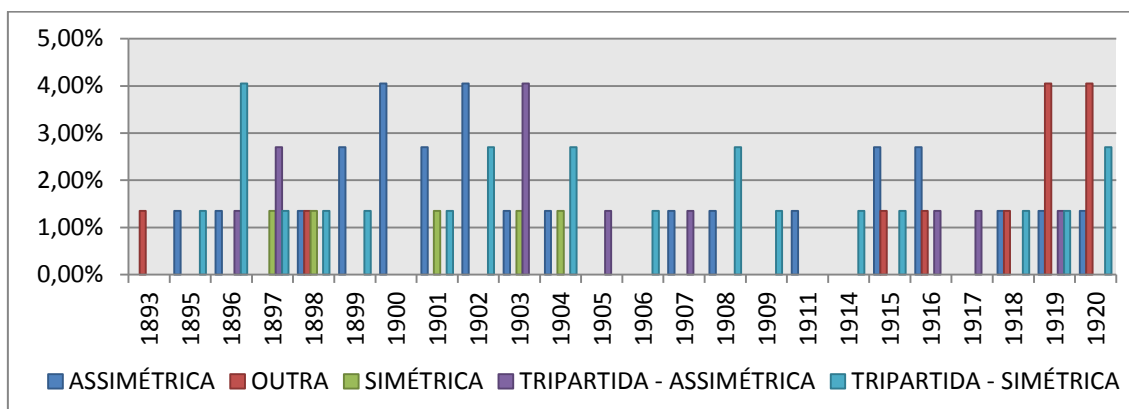


Figura 69: Simetria da fachada principal
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

ESTADO DE PRESERVAÇÃO DOS IMÓVEIS IDENTIFICADOS

São quatro as possibilidades de classificação adotadas para as 14 unidades identificadas no ambiente urbano quanto ao estado de preservação. O imóvel dito íntegro corresponde às edificações que ainda conservam todas as características originais e que nesta pesquisa somaram 22%. São elas as residências de Francisco Nunes de Bastos, de 1901, na Rua Voluntários da Pátria, 1558; a de João de M. Moreira na Rua Félix da Cunha, 518 (de 1903) e a de Bruno Chaves, construída nos números 724 e 726 desta mesma rua em 1916.

Para os casos em que houve alterações em até 30% da área da fachada a classificação selecionada é pouco alterado (22%). Juntos, os imóveis íntegros e os pouco alterados correspondem por 44%, quase a metade da obra do construtor; fato este que favorece a preservação do um patrimônio arquitetônico como um conjunto.

A possibilidade mais encontrada é a de muito alterado, com 44,5%, onde mais de 30% da área da fachada foi modificada. Por fim, 11,5% dos imóveis foram tidos como descaracterizados, ou seja, aqueles que independente da quantidade de área alterada, não é possível perceber sua linguagem original (Figura 70).

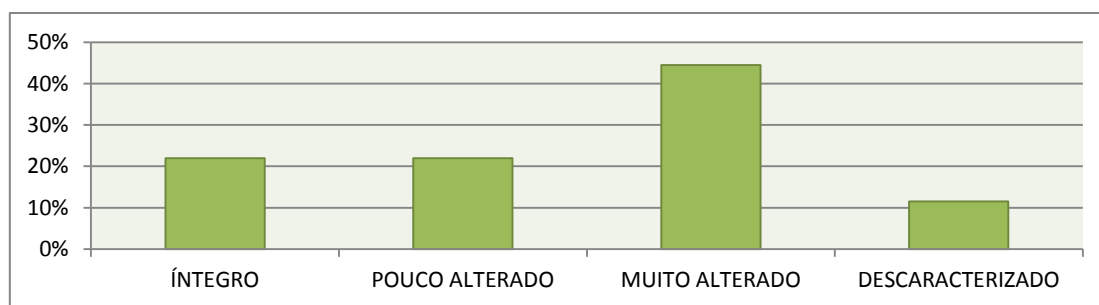


Figura 70: Estado de preservação das construções localizadas
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS IMÓVEIS IDENTIFICADOS

Quanto ao estado de conservação, dentre as mesmas 14 unidades, 61 % dos prédios identificados foram classificados como estando em bom estado. Em 33,5% dos casos as edificações foram consideradas em estado precário. Os 5,5% restantes são correspondentes àqueles imóveis em arruinamento (Figura 71).

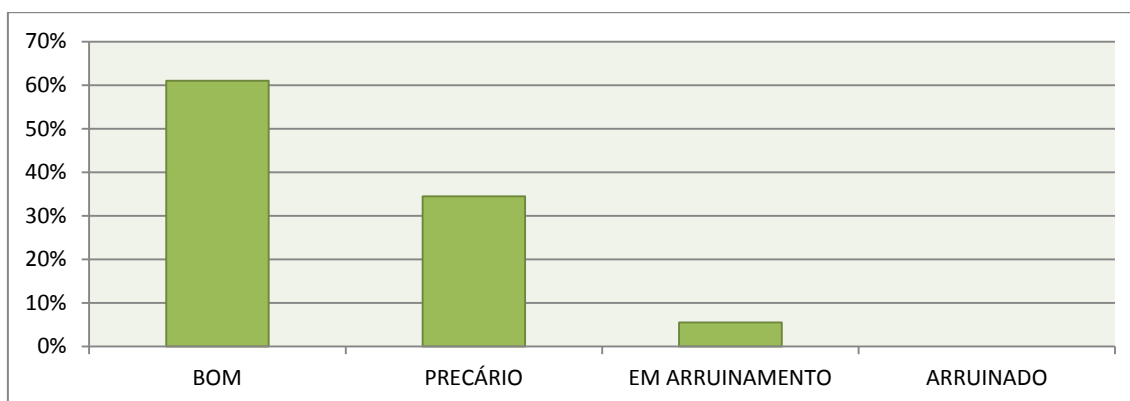


Figura 71: Estado de conservação das construções localizadas
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

PROTEÇÃO EXISTENTE

Dentre os 14 imóveis identificados no ambiente urbano a porcentagem de 77,5% recebeu proteção em nível municipal e estão inventariados. Entre estas, a residência de Olympio Farias, localizada na atual Praça Coronel Pedro Osório, 61, também está incluída na área protegida pelo IPHAN, através da Portaria nº009 de setembro de 1986, em cumprimento do Decreto-Lei nº25 de 30 de novembro de 1937.

Os outros 22,5% não tiveram nenhum tipo de atenção direta quanto ao reconhecimento. Entretanto considerando que a totalidade do acervo de Caetano Casaretto concentrou-se na Zona de Preservação do Patrimônio Cultural, estes 22,5%

são bens que estão resguardados quanto a sua volumetria através do III Plano Diretor de Pelotas. (Figura 72).

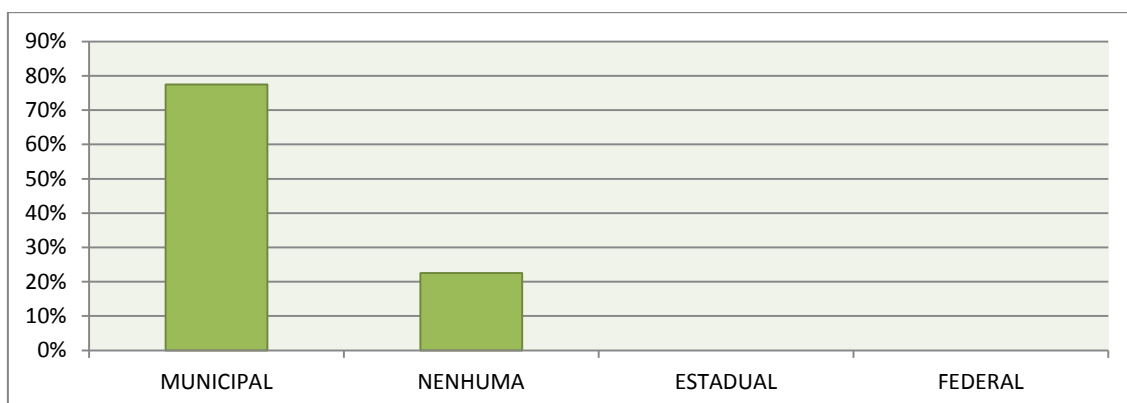


Figura 72: Proteção existente
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

4.2 CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO TIPO DE USO RESIDENCIAL

O uso mais frequente dentre as 74 obras encontradas foi o residencial. Foram identificadas 46 edificações com este fim, sendo que oito das mesmas compartilhavam o uso comercial. Devido ao grande número de prédios de moradia encontrados no arquivo municipal durante a busca pelas obras de Caetano Casaretto, estas foram apreciadas em detalhes. As características particulares aqui observadas foram: tipos de forma, tipos de planta, presença de alcova e construções em grupo. As análises a seguir tomaram como universo os 46 prédios que tiveram uso residencial e também os prédios mistos, aqueles que abrigavam moradia e comércio.

TIPOLOGIA RESIDENCIAL ESPECÍFICA – FORMA

Utilizando a classificação descrita por REIS FILHO (2008, pp.33-42) as formas das residências foram avaliadas como sendo de porão-alto, sobrado ou térrea. Assim, 52,2% foram de porão-alto, 26,1% eram sobrados com dois pavimentos e 21,7%, casas térreas. (Figura 73)

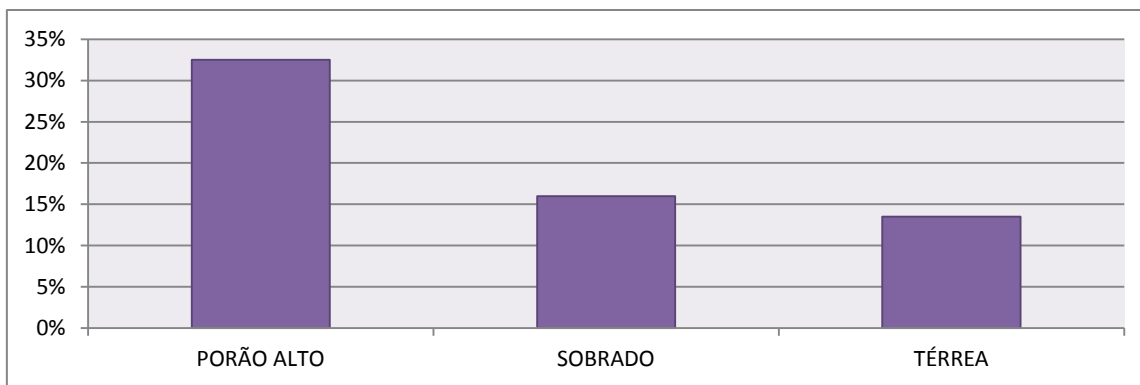


Figura 73: Tipologias residenciais
 Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

TIPOLOGIA RESIDENCIAL ESPECÍFICA – PLANTA

O arquiteto e urbanista Renato MENEGOTTO em sua tese de doutoramento intitulada **Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre: 1892 – 1930**, afirmou que em Porto Alegre, do final dos oitocentos até a primeira Guerra Mundial, a estrutura espacial das habitações, principalmente da classe média, permaneceu a mesma da tradição portuguesa do século XIX. (MENEGOTTO, 2011, p.76)

REIS FILHO explicou que na planta luso brasileira a sala social ficava na parte da frente, junto ao passeio e à rua; os dormitórios e as alcovas estavam localizados na parte central da planta; a seguir vinha a sala de maior permanência da família (varanda); e, na extremidade final ficava a área de serviço, com cozinha e banheiro. (REIS FILHO, 2008, p.43-52)

A professora e historiadora Núncia Santoro de CONSTANTINO escreveu que por muito tempo o Brasil imperial apresentou aspectos herdados do período colonial e que as mudanças fisionômicas das cidades começaram a aparecer gradativamente através da incorporação de elementos arquitetônicos cosmopolitas, com traços do estilo renascentista e do *nouveau*. (CONSTANTINO, cit. por MENEGETTO, 2011, p.71)

Segundo o arquiteto e urbanista Carlos LEMOS (1989) uma das novidades programáticas trazidas pelos arquitetos eruditos do ecletismo foi a definição dos novos critérios de circulação dentro das residências. As moradias mais abastadas podiam proporcionar total independência entre as três zonas da casa. As áreas de estar, de repouso e de serviço deveriam estar distribuídas de maneira que fosse possível ir de uma delas para outra sem que necessariamente tivesse que passar pela terceira. (LEMOS, 1989, p.52)

Quatro são as alternativas que diferenciam as plantas entre si. A classificação leva em conta a circulação e podem ser denominadas de corredor central, corredor lateral, compartimentos corridos e sala de distribuição. (MENEGOTTO, 2011)

As residências como a de Theodosio F. da Rocha (Figuras 74 e 75) que possuem circulação lateral (Figura 76) foram quantificadas em 45,1% dos casos. A planta destas casas geminadas idênticas possui circulação lateral com acesso pela esquerda da fachada. Os compartimentos enfileirados são, provavelmente, a sala de estar em primeiro (próximo ao passeio); um dormitório tipo alcova em segundo; outro dormitório menor ventilado pela área de luz e posicionado ao lado da varanda, utilizada como estar familiar diário e sala de jantar; em seguida, no centro da edificação há uma área de iluminação e ventilação; e no fim do corredor fica a cozinha com uma despensa ou quarto de empregado ao lado; e, nos fundos a latrina sob um telhado voltado para o pátio.



Figura 74: Residências de propriedade de Theodosio F. da Rocha, fachada principal, Pelotas, 1900. Fonte: Arquivo SeUrb.

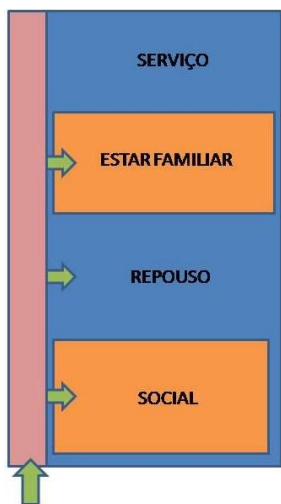


Figura 76: Esquema de circulação residencial por meio de corredor lateral. Fonte: Desenho do autor, com base em MENEGOTTO, 2011, pp.86-89

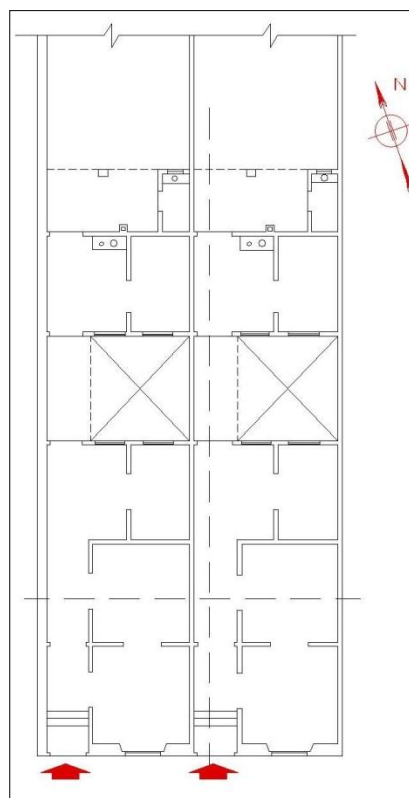


Figura 75: Residências de Theodosio F. da Rocha, planta baixa do projeto original, Pelotas, 1900. Fonte: Reprodução do autor, 2010.

As unidades com circulação central (Figura 77) somaram 33%, como por exemplo, a casa de João de M. Moreira (Figuras 78 e 79). Nesta residência, a circulação divide os ambientes da edificação em dois lados. Na direita temos o que parece ser sala de estar, um dormitório, outro dormitório, área de luz com banheiro e mais dois dormitórios. Na esquerda há um provável gabinete (escritório) e outras duas peças que podem servir de biblioteca ou quarto de costuras (comum para a época); depois segue outra área de luz, em seguida mais um dormitório de luz, uma terceira área e a cozinha no final do corredor; após esta se encontra duas pequenas peças acessadas somente pelo pátio. Nos fundos há um telheiro e um compartimento com a latrina. No centro do corredor e imediatamente antes das áreas de luz, que estão lado a lado, um alargamento da circulação define o que provavelmente seja a varanda (estar diário e jantar no mesmo ambiente).

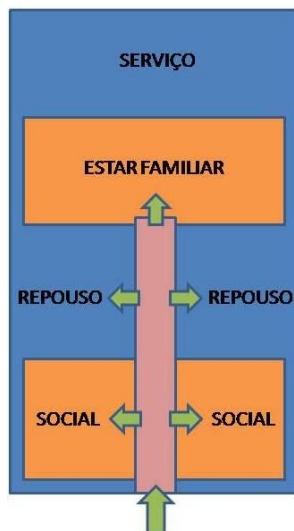


Figura 77: Esquema de circulação residencial por meio de corredor central. Fonte: Desenho do autor, com base em MENEGOTTO, 2011, pp.86-89



Figura 78: Residência de João de M. Moreira, fachada principal, Pelotas, 1903. Fonte: Arquivo SeUrb.

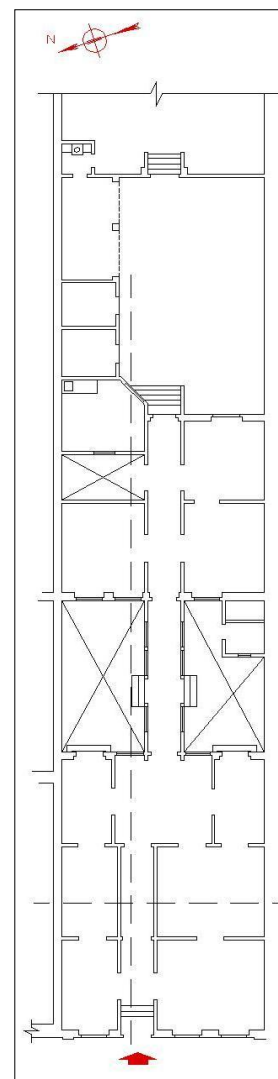


Figura 79: Residência de João de M. Moreira, planta baixa do projeto original, Pelotas 1903. Fonte: Reprodução do autor, 2011.

Para a opção compartimentos corridos (Figura 80) foram encontrados em 19,5% dos projetos. Este tipo de circulação pode ser percebido nas casas de propriedade da Sociedade Portuguesa de Beneficência (Figura 81 e 82). Neste exemplar com circulação corrida, a distribuição dos espaços é, provavelmente, acesso principal pela sala de estar, atrás da qual se encontra uma varanda (a sala de jantar), ao lado desses compartimentos existem dois dormitórios; nos fundo e circundada por um telhado, há uma cozinha e depois a latrina.

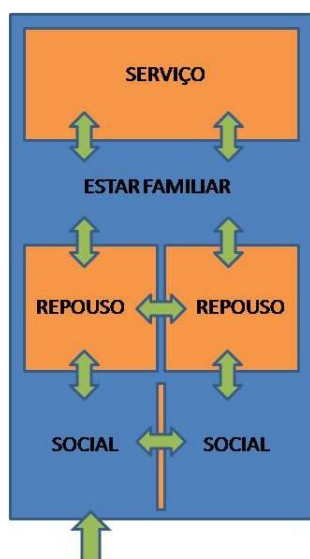


Figura 80: Esquema de circulação residencial tipo compartimentos corridos.
Fonte: Desenho do autor, com base em MENEGOTTO, 2011, pp.86-89

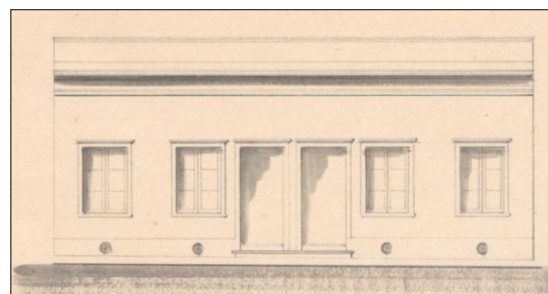


Figura 81: Residências de propriedade da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fachada principal, Pelotas, 1901. Fonte: Arquivo SeUrb.

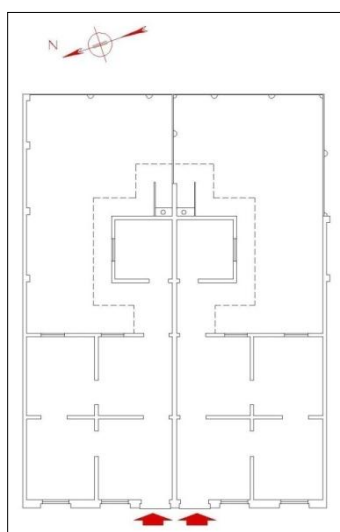


Figura 82: Residências de propriedade da Sociedade Portuguesa de Beneficência, planta baixa do projeto original, Pelotas, 1901. Fonte: Reprodução do autor, 2010.

Analisando as plantas baixa das 46 residências, como foi visto, nota-se que as de maior frequência encontrada e que somam quase a metade dos exemplares são as de corredor lateral com 45% (Figura 83). As construções de moradia com corredor central são 33%. Ainda foram computados 19,5% de casas com circulação tipo compartimentos corridos. Por fim, em 2,5% destes casos possuem outra forma ou não foi possível identificar por falta de planta baixa no projeto.

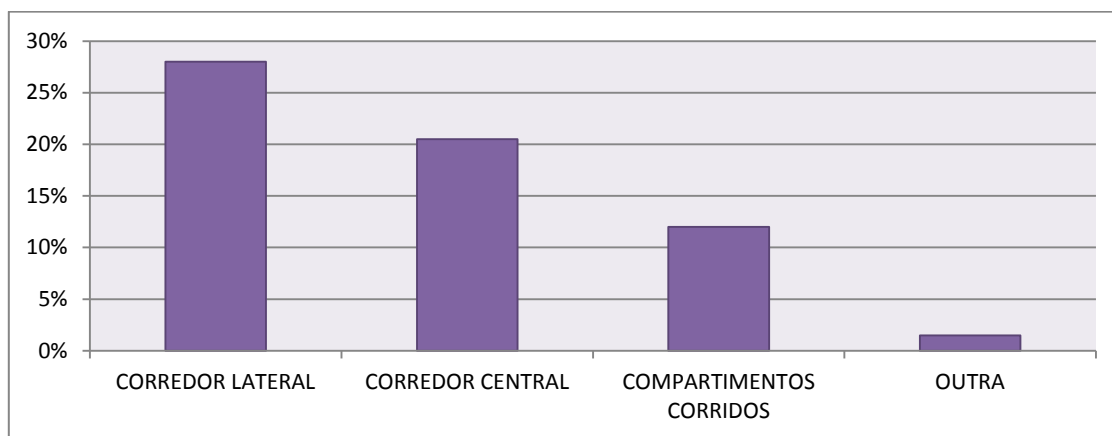


Figura 83: Tipos de circulações residenciais
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

TIPOLOGIA RESIDENCIAL ESPECÍFICA – PRESENÇA DE ALCOVA

Ainda referente às obras residenciais foi possível verificar, dentre aquelas que possuíam plantas, que a maioria de 52,5 % eram residências sem a presença de alcovas (Figura 84).

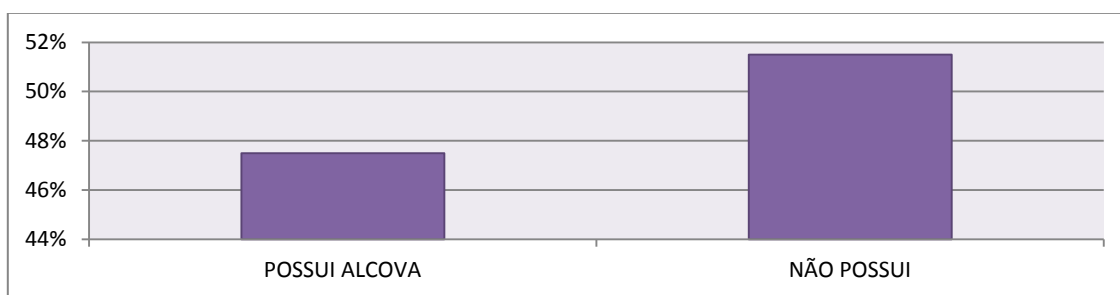


Figura 84: Presença de alcova
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

TIPOLOGIA RESIDENCIAL ESPECÍFICA – CONSTRUÇÕES EM GRUPO

Não podemos afirmar quais das residências eram para moradia dos próprios proprietários e quais eram para aluguel. Porém, é possível notar que há casas geminadas, de plantas repetidas ou espelhadas, por vezes bastante simples e que comumente eram utilizadas como fonte de renda.

A maior incidência foram de casas construídas individualmente, as 32 unidades equivalem a 69,5% dos 46 prédios residenciais. Em segundo lugar, foi confirmado as moradias individuais mistas (com presença de comércio) com 15,3%. Depois foi verificado que as casas erguidas em conjunto (mais de uma diferentes) apareceram em 6,5% dos casos e por último, com o mesmo percentual de 4,35% de frequência, estão as geminadas de plantas espelhadas e as geminadas de plantas iguais (Figura 85).

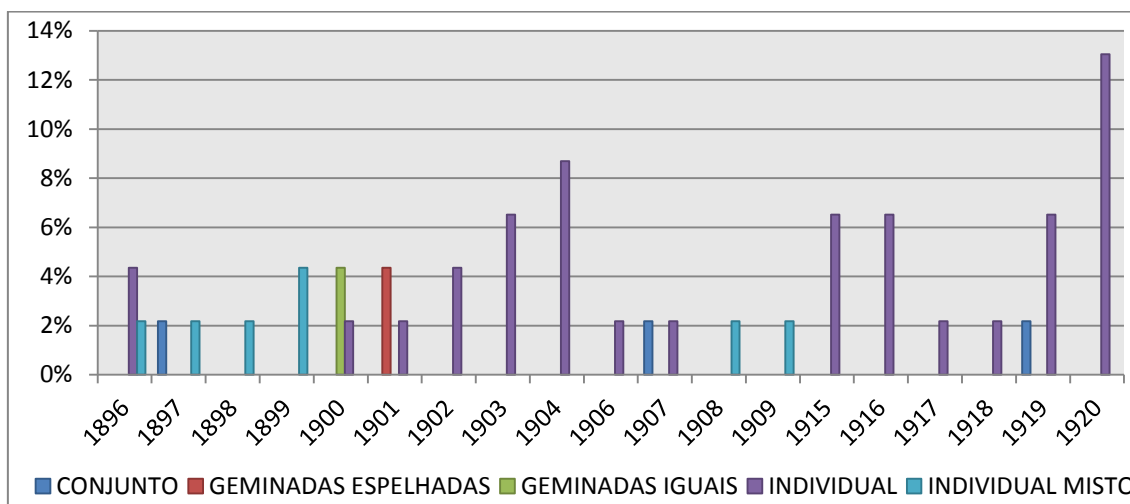


Figura 85: Construções residenciais em grupo
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

Com os dados levantados pode-se apresentar um exemplo representativo da obra de Caetano Casaretto, ou seja, um exemplo que reúne as características mais encontradas. A totalidade das construções esteve localizada na área urbana denominada ZPPC. A grande maioria foi propriedade do tipo privada. Os projetos correspondem a imóveis novos e que eram compostos por planta, corte e fachada. Foram assinados por Caetano Casaretto como construtor e aprovados pelo técnico municipal Emílio Leão na prefeitura municipal. O uso mais encontrado foi residencial e a maior parte da obra possuía porão alto e circulação por corredor central. As fachadas possuíam linguagem eclética e a composição horizontal mais expoente foi assimétrica com divisão vertical em base, corpo e coroamento.

Com base nessas características, a unidade que mais se aproxima do modelo ideal da obra de Caetano Casaretto é o prédio construído em 1903 à Rua Félix da Cunha 518 (Figura 86), de propriedade de João de M. Moreira.



Figura 86: Residência de João de M. Moreira, fachada principal, Pelotas, 2011.
Fonte: Foto do autor.

4.3 TRATAMENTO DE FACHADA

A arquitetura pode ser trabalhada quanto à forma, o material e a ornamentação. A linguagem adotada geralmente utiliza de todas as possibilidades de expressão, mas é na fachada, através dos ornamentos, que o movimento eclético mais explorou e inovou.

Para análise da fachada foi feito o levantamento dos elementos e ornamentos encontrados nas 74 unidades levantadas no arquivo municipal. Quanto à estrutura compositiva foram apreciados: a divisão horizontal em base, corpo e coroamento; e a simetria da fachada. Com relação ao coroamento foram estudados a platibanda e o frontão separadamente. A platibanda teve seis classificações: cega simples ou trabalhada, vazada com balaustres ou com rendilhados e ainda mista (também com balaustres ou rendilhados). O frontão, por sua vez pode ser denominado de triangular, cimbrado, retangular e ainda pode ser aberto ou, em casos específicos, pescoço de ganso.

Com relação às construções de esquina foi levado em conta a existência ou não de tratamento específico, podendo ser este arredondado ou chanfrado.

Nas ocasiões em que foi possível avaliar as aberturas nos projetos consideraram-se a porta e a janela como elementos a serem quantificados. Com relação às portas, estas podem ser simples ou duplas e podem possuir bandeira, almofada, vidros e postigo, e ainda podem ser recuadas do alinhamento predial ou não. As janelas foram classificadas em quatro tipos: fixa, de abrir, guilhotina ou basculante, além de possuir ou não postigo ou veneziana.

Além disso, foram avaliados os vãos e suas respectivas vergas. A forma, a moldura e os ornamentos em torno do vão foram quantificados. A verga, que pode ser reta, em arco pleno, arco abatido ou mista, foi analisada com relação aos vãos e às esquadrias, visto que em alguns casos a bandeira fixa permite que abaixo se tenha esquadria que diferem da verga do vão.

Por fim verificou-se a existência de ornamentos e elementos diversos e característicos desta arquitetura: adornos em massa, rusticações, compoteiras, pilastras simples ou trabalhadas, pilares com seção quadrada ou circular. Também foram analisadas a existência de balcão ou sacada, gateira e respiro; e ainda, a existência ou não de compartimentos como o porão, o alpendre e a garagem.

Para compreendermos o que foi estudado foi feita uma revisão em dicionários de arquitetura para melhor descrever cada elemento. Os livros utilizados foram o **Dicionário visual de arquitetura** de Francis D. K. CHING (2003), de CORONA E LEMOS (1972) intitulado **Dicionário da arquitetura brasileira** e o livro sobre arquitetura brasileira de MASCARELO (1982), **Arquitetura brasileira. Elementos, materiais e técnicas construtivas**. Esta revisão encontra-se no glossário, no final deste volume.

Para analisar a linguagem da fachada foram registradas as frequências com que se encontraram elementos referentes ao tipo de coroamento (platibanda e frontão), estrutura compositiva (marcação horizontal e vertical), tratamento de esquina, aberturas (portas e janelas), vão (forma, moldura, ornamento e verga) e os elementos arquitetônicos.

PLATIBANDA

Praticamente metade das construções estudadas e cujos projetos foram encontrados apresentavam platibanda cega, sendo 25,39% do total do tipo cega simples (Figura 87) e 23,8% cega trabalhada (Figura 88). As platibandas vazadas somaram 22,5% dos exemplares (metade destas com balaústres como na Figura 89 e metade com elementos a base de cimento tipo rendilhados). As demais unidades correspondem às platibandas mistas (ora cega, ora vazada).



Figura 87: Platibanda cega lisa na fachada principal das residências de Barão de Aredes Coelho, Pelotas, RS, 1900. Fonte: Arquivo SeUrb.

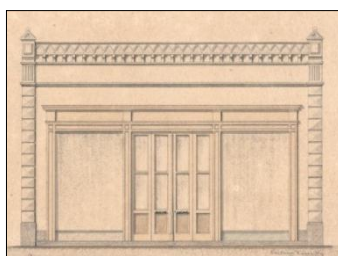


Figura 88: Platibanda cega trabalhada na propriedade comercial de Bernardina Pinto, Pelotas, RS, 1897. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 89: Platibanda vazada com balaústres na fachada da edificação comercial de propriedade de Francisco de Brito Gouvêa, Pelotas, RS, 1896. Fonte: Arquivo SeUrb.

FRONTÃO

Com relação ao frontão, a grande maioria apresentou o tipo cimbrado, 36,5% (Figura 90), sendo seguido por 12,7% dos casos com o tipo triangular (Figura 91). Com 3,71% ficaram os tipos retangular (Figura 92) e aberto (Figura 93).

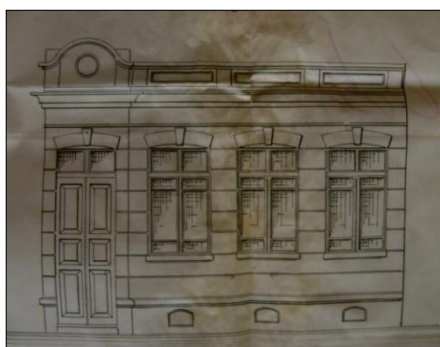


Figura 90: Residência de Maria Luiza Martins Soares, fachada principal, frontão cimbrado, Pelotas, RS, 1916. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 91: Posto de Assistência Popular, fachada principal, frontão triangular, Pelotas, RS, 1919. Fonte: Arquivo SeUrb.

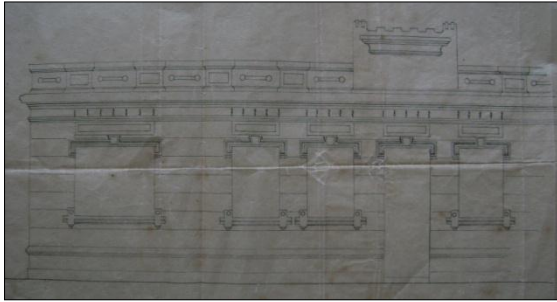


Figura 92: Residência de Paulino Duarte de Lemos, fachada principal, frontão retangular, Pelotas, RS, 1920. Fonte: Arquivo SeUrb.

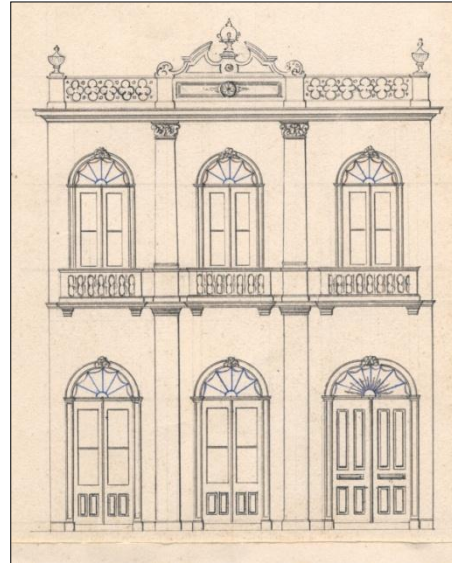


Figura 93: Projeto de propriedade de Eduardo da S. Carvalho, fachada principal, frontão aberto, Pelotas, RS, 1896. Fonte: Arquivo SeUrb.

ESTRUTURA COMPOSITIVA

A estrutura compositiva da fachada com relação à divisão horizontal mostra que quase a totalidade (93,65%) das fachadas analisadas foram subdivididas em base, corpo e coroamento. A marcação vertical, basicamente ressaltada por pilastras, foi encontrada na base, corpo e coroamento em 46,03% das fachadas estudadas. Em 28,57% dos casos foram encontradas no corpo e coroamento, sendo a base destas lisa.

TRATAMENTO DE ESQUINA

De todas as obras analisadas 65,07% foram os projetos que se encontravam no alinhamento predial e no meio da quadra. Apenas 1,58% achavam-se isoladas no interior do lote. Dentre aquelas localizadas no alinhamento predial e na esquina somaram 17,46% sendo que nenhuma recebeu tratamento especial como chanfro ou arredondamento (Figuras 94 e 95).



Figura 94: Residência de propriedade de José Delfino da Costa, fachada lateral, Pelotas, RS, 1900. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 95: Residência de propriedade de José Delfino da Costa, fachada principal, Pelotas, 1900. Fonte: Arquivo SeUrb.

ABERTURAS

Nem todos os projetos trazem o desenho das aberturas. Daquilo que foi possível analisar sobre as portas, mais da metade (61,9%) possuíam folhas duplas (Figura 96). Quase dois quintos eram almofadadas (41,26%) e quase um terço eram encimadas por bandeiras (28,57%).

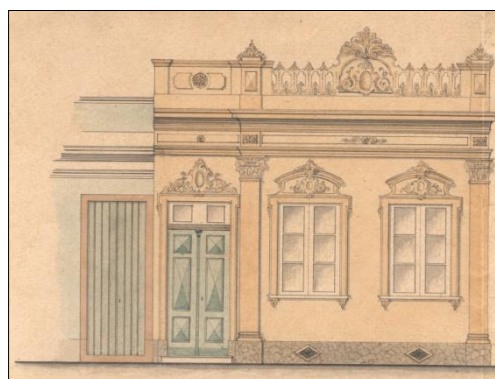


Figura 96: Porta principal em duas folhas e almofadadas, residência de propriedade de Frederico Guilherme Marcucci, Pelotas, RS, 1902. Fonte: Arquivo SeUrb.

Com relação às janelas o tipo mais frequente foi o de abrir, com mais da metade dos casos (52,38%), seguido pelas janelas fixas, com 9,52% de frequência. Em 4,76%

notou-se o tipo guilhotina e apenas 1,58% possuíam veneziana. O postigo foi verificado em 3,17% das unidades.

VÃOS E ORNAMENTOS CIRCUNDANTES

Os vãos e os ornamentos em seu entorno foram analisados em quatro variantes: forma, moldura, ornamento e verga (esta última com relação ao vão e à esquadria). Com 92,06% dos casos a forma mais encontrada foi a verticalizada. A moldura mais frequente foi a do tipo simples, correspondendo a 76,19%. A verga reta é o tipo mais encontrado, sendo 87,30% nos vãos (20,63% foram tipo arco pleno e 9,52% tipo arco abatido) e 92,06% nas esquadrias (7,96% destas com tipo arco abatido). A cimalha, com 60,31% de porcentagem dos casos, foi o ornamento circundante mais encontrado, sendo seguido pela banda, com 49,20% de situações identificadas.

ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

Os elementos arquitetônicos comumente encontrados nas fachadas são diversos. Foram verificados adornos em massa em 74,6% dos casos. As rusticações nas paredes (também feitas na massa do reboco) foram encontradas em 41,26% das edificações. Quanto às pilastras, as trabalhadas somaram 46,03% enquanto as simples ficaram com 31,74%. Além disso, 26,98% possuíam balcão ou sacada; 34,92% receberam gateiras e 42,85% tiveram porão (ventilados por gateiras ou respiro). O elemento tipo alpendre foi observado em apenas 1,58%. Quanto à existência de garagem, somente uma unidade apresentou essa solução (1,58%).

4.4 CLIENTES PROPRIETÁRIOS

No único texto sobre arquitetura da Antiguidade clássica que se conservou até os dias de hoje, Vitruvius escreveu que a função do arquiteto é projetar um edifício que satisfaça a necessidade do usuário, ou seja, “adequação da casa à função e estatuto do proprietário”. (VITRÚVIO, 2007, pp.311-312) O programa de necessidades do cliente determina o tipo de uso da edificação, este futuro proprietário é um dos maiores

responsáveis pela existência de uma obra arquitetônica. Na época de Caetano, as charqueadas haviam perdido força, a economia local girava em torno do comércio e da indústria, representada pela nova burguesia que se formava.

Caetano Casaretto fazia parte de um grupo de profissionais que construíram para o que CHEVALLIER chamou de uma “elite sensível aos apelos do mundo civilizado”, que exigiam uma arquitetura de qualidade, capaz de materializar as ambições de um mundo “europeu e civilizado”. (CHEVALLIER, 2002)

TIPO DE PROPRIEDADE

Ainda dentre as 74 obras analisadas notou-se que as encomendas feitas à Caetano Casaretto foram principalmente relativas a propriedades particulares (Figura 97), havendo apenas uma destinada ao poder público (que é o caso do Posto de Assistência Pública). Mesmo aquelas cujo proprietário não seja uma pessoa física ainda sim são de instituições privadas, neste caso encontra-se o Colégio Gonzaga, na época dos irmãos Lassalistas; a sede do Congresso Português, propriedade dos próprios sócios do clube; e, as construções de dois armazéns para a Sociedade do Santíssimo Sacramento.

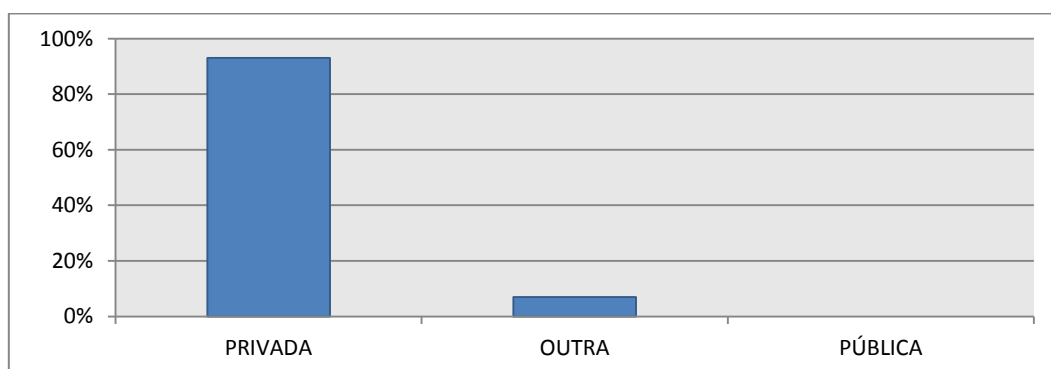


Figura 97: Tipo de propriedade
Fonte: Projetos de Caetano Casaretto. SeUrb/PMP

Podemos encontrar publicados diversos textos que trazem informações sobre aqueles que foram os clientes de Caetano Casaretto, ou seja, os proprietários originais das construções estudadas. Em muitos casos estes eram senhores de poder econômico e influência social.

Os exemplares utilizados foram **A Revista do Centenário** de LOPES NETTO (1911 e 1912), o **Almanach de Pelotas** de FERREIRA (1916), o livro **O Rio Grande do Sul** de

COSTA (1922), o **Álbum de Pelotas** de CARRICONDE (1922) e o catálogo **Monte Domeq' & Cia.** de 1916.

O intuito da **Revista do 1º Centenário de Pelotas** é servir de “[...] repozitorio de tudo que importa que, por o merecer, fique, consignado, como expressão da vitalidade do presente, para a estima e o estímulo dos vindouros [...]” da cidade de Pelotas. A primeira a comemorar seu centenário no estado Rio Grande do Sul. LOPES NETTO, como diretor da Academia de Letras do Rio Grande do Sul esteve à frente da publicação organizada pela Biblioteca Pública Pelotense nas sete edições mensais deste outubro de 1911 até abril de 1912. Nem todas as reportagens são a respeito de Pelotas, apesar do foco estar voltado para a história e as pessoas desta cidade, algumas edições tratam das cidades vizinhas como Canguçu e São Lourenço. Nesta revista foi possível verificar diversos clientes de Caetano ligados à política.

O **Almanach de Pelotas** foi uma publicação anual com a finalidade de divulgar variedades, informação e propaganda, como traz escrito na capa. Estes almanaques foram publicados de 1913 até o ano de 1917 sob responsabilidade de FERREIRA & C., a partir deste ano foi Florentino PARADEDA quem assumiu seu lugar, publicando as edições de 1922, 1923, 1927, 1930 e 1932. Na edição de 1916 é possível encontrar propagandas da Livraria Universal de propriedade de Echenique & Comp.; da loja de artigos para casa pertencente à de Levy, Irmãos & C. e trás também uma página destinada à empresa de importação de máquinas agrícolas, na época de propriedade de viúva F. Behrensdorf & Cia.

No segundo volume de **O Rio Grande do Sul**, editado por COSTA (1922) e publicado pela Livraria do Globo em Porto Alegre, há um capítulo destinado a cada uma de 20 cidades do que então era considerado Segunda Zona do estado, área que abrangia, segundo a própria publicação, o interior e o litoral. As páginas compreendidas entre 67 e 96 são destinadas ao município de Pelotas.

Na publicação comemorativa de primeiro centenário de independência política da nação, chamada **Álbum de Pelotas**, do ano 1922, CARRICONDE justifica a publicação não por motivos de lucro material e sim por estimar a cidade e com intuito de “sublimar-lhe suas bellezas e progressos”. Nesta edição receberam destaque importantes nomes da política, indústria, comércio, medicina e da produção rural. O autor finaliza o prólogo afirmando saber da importância e utilidade deste material para a história da cidade, como veio a ocorrer não apenas neste estudo como em muitos outros já publicados.

Monte Domeq' & Cia. foi uma série de publicações com a finalidade de divulgar empresas comerciais importantes. Como um catálogo de propaganda de lojas, este material teve três edições destinadas à Pelotas, publicadas na Espanha e na França para uma das mais importantes cidades do país.

Nestas publicações que foram as mais importantes (quase únicas) da época é possível encontrar citações, fotografias e propaganda referentes aos proprietários e/ou suas propriedades. Dos exemplos encontrados, percebeu-se que entre os clientes de Caetano Casaretto encontravam-se políticos, industriais, profissionais liberais, proprietários de terras e acima de tudo, verificou-se que a maioria daqueles que contrataram seus serviços eram comerciantes.

PROPRIETÁRIOS

A respeito dos proprietários das construções, percebeu-se que inúmeros clientes eram homens de forte reconhecimento social, bastante respeitados e de muito poder aquisitivo, como políticos, empresários da indústria e do comércio, médicos etc. Dentre os nomes que mais apareceram está o da viúva Carlota Benhnersdorf, surgindo três vezes, sendo duas referentes a reformas internas e uma para a construção de um armazém. Antônio Augusto Assumpção e Theodósio F. da Rocha foram os mais registrados com quatro vezes cada um.

Francisco de B. Gouvêa foi o primeiro proprietário do imóvel de uso comercial (Figura 98) de cinco aberturas tipo portas (com vidro e almofadas) na fachada principal, sobre estas bandeiras em arco pleno. A verticalidade é marcada por pilastras rusticadas sobre as quais encontrava-se apoiado o coroamento (neste caso uma platibanda mista em cuja parte vazada foi utilizado balaústres e frontão cimbrado centralizado). Nesta edificação funcionou a Livraria Commercial (Figura 99) que esteve localizada na Rua Andrade Neves 604, 606 e 608 no centro comercial da cidade. Esta empresa com matriz em Pelotas possuía filial em Rio Grande (Rua Marechal Floriano, 217) e era especializada em artigos para escritório, também trabalhava com exportação e importação de objetos vindos da capital ou exterior, como Argentina, Uruguai, Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Alemanha, Suíça e Estados Unidos. Provavelmente foi demolida, podendo também, não ter sido identificada por excesso de modificações na fachada. (CARRICONDE, 1922, s/p.)

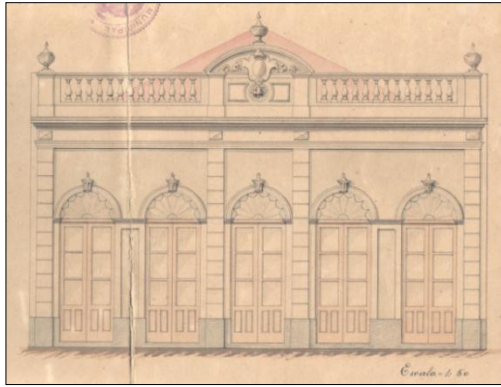


Figura 98: Edificação comercial de propriedade de Francisco de Brito Gouvêa, fachada principal, Pelotas, 1896. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 99: Propaganda da Livraria Commercial, Pelotas, 1922. Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.

A empresa pelotense Lambert Levy & C. fundada em 1860, inicialmente era composta pelos Irmãos Levy (José, Ernesto e Eugenio) e por Lambert Caim. Após a saída de Caim a empresa passa a se chamar Levy e Irmãos e abre duas novas casas, uma em Porto Alegre e outra em Rio Grande. Em 1880 a firma fixa sua matriz em Paris sob direção de Ernesto Levy, ficando sob responsabilidade de Francisco Paula Rodrigues da Silva a unidade de Pelotas. A sede primeira foi à Rua XV de Novembro, então nº670 (Figura 100), daí brotou a prosperidade da firma especializada em artigos de prata, ouro, faqueiros, jóias e obras de arte (Figura 101) que chegou a ostentar sua organização nas casas de Paris, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Pará, Porto alegre, Rio Grande e Pelotas. (LOPES NETTO, 1911 Nº2, pp.8-9) A casa original não foi localizada.



Figura 100: Propriedade de Levy e Irmãos, fachada principal, Pelotas, 1897. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 101: Propaganda da empresa Levy, Irmãos & C., Pelotas, 1916. Fonte: FERREIRA, 1916, p. 38.

Guilherme Echenique (Figura 102) foi fazendeiro, comerciante e político. (COSTA, 1920, p.67) Como político chegou a ser vice intendente municipal 1904, retornando ao cargo como vice intendente em exercício em 1920. Também foi conselheiro municipal por três vezes, a primeira de 1891 a 1896, a segunda em 1900 e por último em 1904 (nesta como presidente do conselho). (LOPES NETTO, 1911 N°6, pp.89-90)

Foram os irmãos Echenique que encomendaram a construção do edifício de três pavimentos (Figura 103) que se localizava à Rua Sete de Setembro destinado a servir de depósito e oficina da então Livraria Universal (Figuras 103 e 105), pertencente aos mesmos proprietários e que se localizava no lote de esquina ao lado do projeto encomendado. Ambos prédios (livraria e oficina) foram demolidos.



Figura 102: Guilherme Echenique, 1920.
Fonte: COSTA, 1922, p. 67.



Figura 103: Fachada da oficina e depósito da Livraria Universal, Pelotas, 1896.
Fonte: Arquivo SeUrb, Pelotas, 2011.



Figura 104: Propaganda da Livraria Universal, de Echenique & Comp., Pelotas, 1916. Fonte: FERREIRA, 1916, p.173.

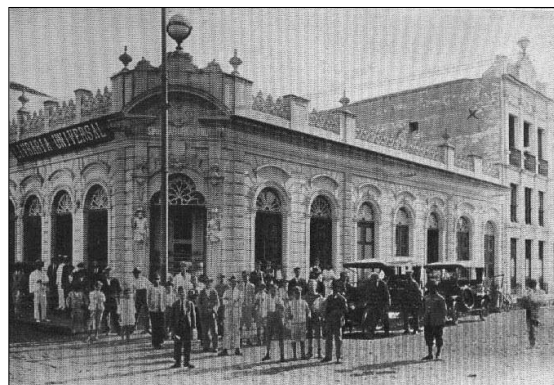


Figura 105: Vista do edifício da Livraria Universal, ao lado, o edifício das oficinas, Pelotas, s/d. Fonte: COSTA, 1922, p. 86.

No ano de 1897 Bernardina Pinto foi a cliente responsável por encomendar a reforma da fachada do edifício comercial localizado na Rua XV de Novembro, 210 (Figura 106). Mais tarde instalou-se no mesmo lugar o Bazar Musical de João Abadie (Figura 107), já sob numero 658, hoje demolido.

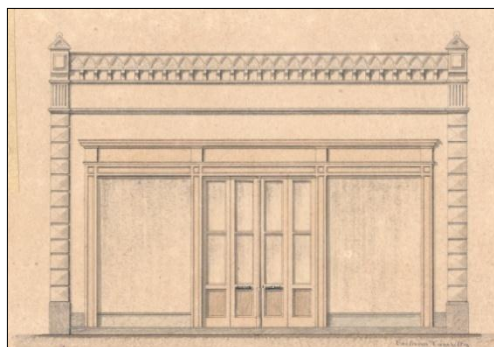


Figura 106: Propriedade comercial de Bernardina Pinto, fachada principal, Pelotas, 1897. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 107: Propaganda da empresa Bazar Musical, Pelotas, 1922. Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.

No final do século XIX em Pelotas, Eduardo Gastal foi dentista reconhecido na cidade e mantinha um gabinete cirúrgico dentário fundado em 1882. (LOPES NETTO, 1911 Nº7-8, p.100) Foi para este profissional que Caetano Casaretto construiu em 1897 as duas residências localizadas à Rua XV de Novembro, 816 (Figura 108 e 109). Atualmente, na menor delas, ainda existente, funciona um escritório de advocacia, a casa maior já foi demolida para dar lugar a uma residência que ocupou não só o lote desta casa como também o da esquina.



Figura 108: Residência de propriedade de Eduardo Gastal, fachada principal, Pelotas, 1897. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 109: Residência que foi propriedade de Eduardo Gastal, Pelotas, 2010. Fonte Foto do autor.

Pouco se sabe sobre o industrial Luiz Schröder, este foi proprietário de uma fábrica de carroças (Figura 110) erguida por Caetano em 1898. A construção que se localizava na esquina da Rua Tiradentes com a Rua Almirante Barroso foi demolida para dar lugar a um edifício residencial de quatro pavimentos.



Figura 110: Fábrica de propriedade de Luiz Schöder, fachada principal, Pelotas, 1898.
Fonte: Arquivo SeUrb.

Um fato que instiga nesse acervo é Caetano Casaretto ter sido o responsável pela residência do construtor Guilherme Marcucci (Figura 111) um ano após a sua morte. (APERS, Nº1437, M78, E26, 1901) Este juntamente com José Isella, foi construtor da capela da Santa Casa de Misericórdia.

“Ao contrario de grandes nomes de construtores italianos, ou seus descendentes, que ficaram conhecidos por grandes edificações, Guilherme Frederico Marcucci teve o foco do seu trabalho profissional mais voltado para a construção civil de pequenas dimensões, geralmente de programa residencial”. (CABRAL e ÁVILA, 2008, p.25)

Provavelmente o projeto seja do próprio Marcucci, o que nos leva a acreditar nessa possibilidade são algumas diferenças da formas de desenho, como o uso intenso de cores (inclusive na fachada lateral) e tipos de ornamentos da fachada (mais detalhados que a maioria desenvolvida por Caetano).



Figura 111: Residência de propriedade de Frederico Guilherme Marcucci, fachada principal, Pelotas, 1902. Fonte: Arquivo SeUrb.

A respeito de Ismael da Silva Maia apenas descobriu-se que este havia sido vereador pelotense de 1883 a 1886 e que fez parte do conselho municipal em 1896. (LOPES NETTO, 1911 N°6, p.89-90) Além disso, foi quem encomendou a residência, que apesar do péssimo estado de conservação (Figura 112), localizada à Rua XV de Novembro, atual nº505, mantém parte do revestimento de azulejos.



Figura 112: Residência que foi propriedade de Ismael da S. Maia, fachada principal, Pelotas, 1902. Fonte: Foto do autor, 2010.

Em 1894 a filial de Pelotas da empresa de Porto Alegre Warncke & Dorken, passa a ser propriedade do Sr. Franz Behnresdorf (Figura 113). Foi chamada de F. Behnresdorf e instalada à Rua XV de Novembro. Em 1902, Carlota Behnresdorf, então viúva de Franz, faz a sociedade com os Srs. Alexandre Tollens e Alexandre Reguly. A casa era especializada em importações principalmente de máquinas agrícolas e industriais (Figura 114) de países como Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos. (COSTA, 1920, p.93)

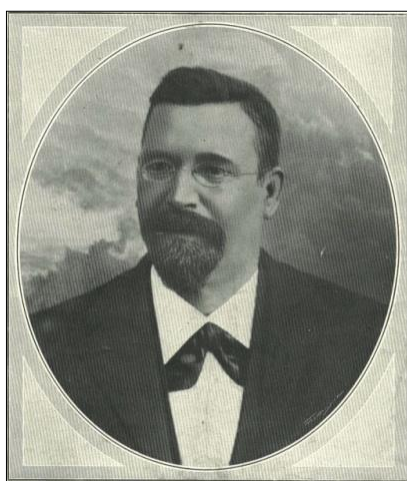


Figura 113: Franz Behnresdorf, s/d.
Fonte: **Monte Domeq & Cia.**, 1916, p. 217.



Figura 114: Propaganda da empresa Viúva F. Behnresdorf & Cia., Pelotas, 1916.
Fonte: FERREIRA, 1916, p. 63.

Foi Carlota uma das principais clientes do construtor estudado nesta pesquisa. Por três vezes a viúva do fundador da firma Behnresdorf contratou os serviços de Caetano. Possivelmente, algum dos trabalhos realizados por Casaretto para esta cliente esta relacionado com a empresa importadora de máquinas, cujo quadro contava com pelo menos vinte funcionários (Figura 115). A primeira contratação foi para construir um armazém na Rua Voluntários da Pátria nº921 e 927 (Figura 116) que apesar das diversas e sucessivas intervenções, que vieram a prejudicar sua linguagem original, ainda encontra-se em condições de ser identificada (Figura 117). A segunda vez que o arquiteto prestou serviços para Carlota foi para executar uma reforma interna em outro armazém, este não pode ser localizado, mas na época situava-se na Praça Vinte de Setembro nº105. Por último Caetano fez a obra de ampliação na residência de sua cliente, esta ainda localizada na Rua Marechal Deodoro nº 806 (Figura 118), onde até o ano de 2010 funcionou a Câmara de vereadores da cidade.



Figura 115: Francisco Behnresdorf e sua equipe de Pelotas, s/d.
Fonte: **Monte Domeq & Cia.**, 1916, p. 219.



Figura 116: Armazém de Carlota Behnresdorf, fachada principal, Pelotas, 1902.
Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 117: Armazém de Carlota Behrendorf, fachada atual da garagem e da loja, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.



Figura 118: Residência de Carlota Behrendorf, fachada principal, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

Eduardo Enedino Gomes foi vice intendente da cidade de Pelotas em 1900. (LOPES NETTO, 1911 N°6, p.90) Este político foi proprietário da residência construída por Caetano localizada à Rua Félix da Cunha (Figura 119).



Figura 119: Residência de Eduardo Enedino Gomes, fachada principal, Pelotas, 1903. Fonte: Arquivo SeUrb.

Sobre Edmundo Gastal pouco se descobriu. Este senhor fez parte do corpo do conselho municipal em 1908. (LOPES NETTO, 1911 Nº6, p.91) Para ele Caetano ergueu, em 1904, sua residência (Figura 120) à Rua Sete de Setembro, não localizada.

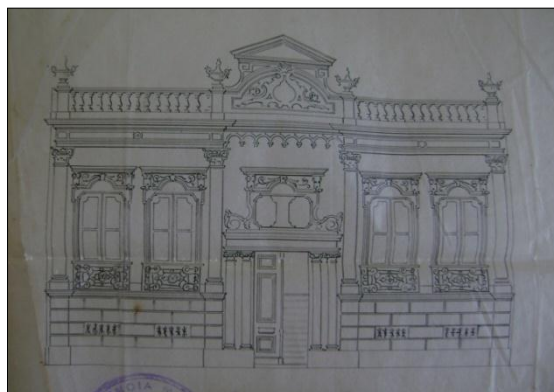


Figura 120: Residência de Edmundo Gastal, fachada principal, Pelotas, 1904.
Fonte: Arquivo SeUrb.

Antônio Raymundo Assumpção foi vereador e presidente da câmara municipal de Pelotas de 1861 a 1864. (LOPES NETTO, 1911 Nº6, p.87) Contratou Caetano para a construção de um pequeno prédio (Figura 121) no fundo do lote localizado na esquina das ruas Benjamin Constant e Gonçalves Chaves. Este prédio não foi localizado.

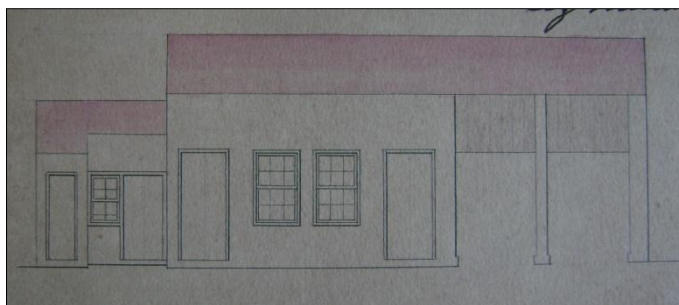


Figura 121: Propriedade de Antônio R. Assumpção, fachada principal, Pelotas, 1907.
Fonte: Arquivo SeUrb.

Bruno Chaves (Figura 122) nasceu em Pelotas em 1864, formou-se médico pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1887. Na política era republicano e abolicionista, a partir de 1890 começou sua carreira diplomática. Foi adido no México onde pouco depois passou à Segundo Secretário. Em 1891 foi transferido para Paris, nesta exerceu cargo de cônsul geral. Quando promovido à Primeiro Secretário serviu na legação junto ao Quirinal em 1894. (LOPES NETTO, 1911 Nº1, p.11)

Após sua aposentadoria, o médico, filho de Antônio Gonçalves Chaves, foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. (COSTA, 1920, p.71) Assim como o pai,

hoje dá nome à uma rua em sua cidade natal, mas é na esquina da Rua Voluntários da Pátria com a Rua Félix da Cunha onde ainda hoje é possível ver a residência (Figura 123) que encomendou à Caetano.

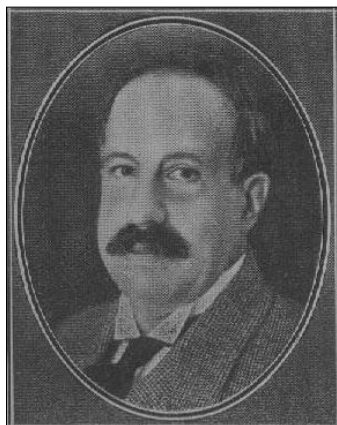


Figura 122: Dr. Bruno Chaves, s/d.
Fonte: COSTA, 1922, p. 71

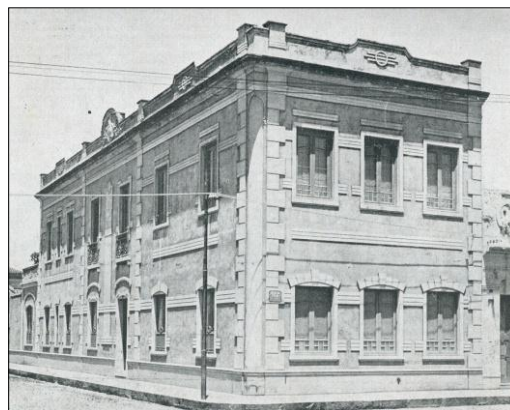


Figura 123: Residência de Bruno Chaves, fotografia antiga, Pelotas, s/d.
Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.

Para Olympio dos Santos Farias (Figura 124) Caetano Casaretto fez uma reforma interna na residência da Praça Coronel Pedro Osório nº61 (Figura 125) quando esta ainda possuía apenas um pavimento e linguagem luso-brasileira. Através de projetos localizados no arquivo municipal sabe-se que após a reforma de Caetano a mesma edificação ainda passou por duas intervenções para ampliação e modernização. O arquiteto responsável foi Carlos Casaretto Scotto, sobrinho de Caetano, na última obra a residência recebeu o segundo pavimento e a linguagem eclética na fachada principal.



Figura 124: Olympio dos Santos Farias, s/d.
Fonte: Acervo Adão Monquelat.

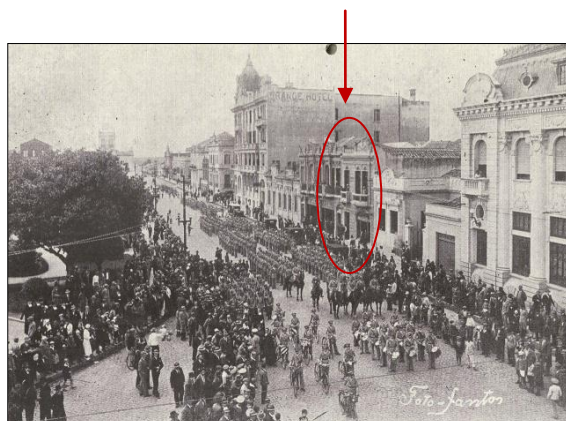


Figura 125: O batalhão ginásial na passeata do dia 20 de setembro, com a residência de Olympio Farias ao fundo (a terceira da esquerda para a direita), Pelotas, 1933. Fonte: GG, 1933, s/p.

Desde 1865 Urbano Martins Garcia (Figura 126) manteve a prática do comércio sempre ativa, sendo responsável pela organização de várias firmas. (LOPES NETTO, 1911 N°7-8, p.100) Além disso, era médico e político. Na política foi vereador em dois mandatos consecutivos, o primeiro durante os anos de 1873 e 1876. O segundo, apenas um ano, foi de 1877 a 1878. (LOPES NETTO, 1911 N°6, p.88) Como médico dirigiu a Laboratório de Análises Químicas e Microscópicas da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. (OSÓRIO, 1962, p.190) Na Rua Félix da Cunha nº476 (Figura 127) encontrava-se a residência que Caetano construiu para o Dr. Urbano Garcia. Para homenageá-lo a cidade deu seu nome a uma rua.



Figura 126: Dr. Urbano Garcia, s/d.
Fonte: COSTA, 1922, p. 79



Figura 127: Residência de Urbano Garcia, fachada principal, Pelotas, 1919.
Fonte: Arquivo SeUrb.

Outro médico conhecido e cujo nome representa uma outra rua da cidade é o de Edmundo Berchon (Figura 128). Sabe-se que este prestou seus serviços a Santa casa de Misericórdia. (COSTA, 1922, p.79) Na Rua Gonçalves Chaves nº762 foi o endereço onde Caetano executou uma obra de reforma interna (Figura 129) para o Dr. Edmundo Berchon.



Figura 128: Dr. Edmundo Berchon, s/d.
Fonte: COSTA, 1922, p. 79.

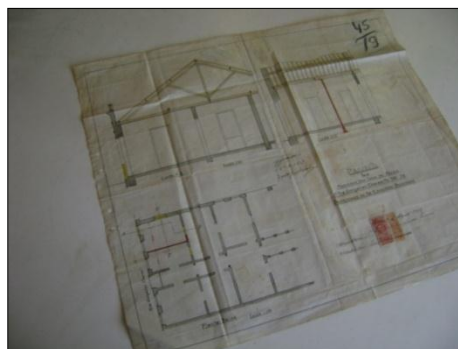


Figura 129: Prancha do projeto de reforma interna da propriedade de Edmundo Berchon, Pelotas, RS, 1919.
Fonte: Arquivo SeUrb.

O comerciante Francisco Nunes de Souza (1832-1905) começou a trabalhar como empregado da empresa da viúva Damazio, com o tempo tornou-se sócio da então Martinez Hermanos e em 1855 funda seu próprio negócio. (LOPES NETTO, 1911 Nº3, p.43) Também foi vereador de 1887 a 1889. Além disso, compôs a Junta Administrativa por dois momentos, como presidente de 1889 á 1890 e como membro do corpo em 1891. (LOPES NETTO, 1911 Nº6, p.89-90)

Para este senhor Caetano construiu uma ampliação no prédio já existente na Rua Lobo da Costa nº10 (Figura 130). Atualmente, nenhum dos prédios pôde ser identificado.

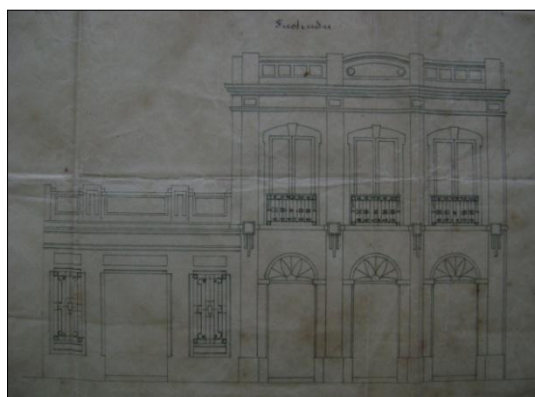


Figura 130: Propriedade de Francisco Nunes de Souza, fachada principal, Pelotas, 1920.
Fonte: Arquivo SeUrb.

O Dr. Pedro Luiz da Rocha Osório (Figura 131) além da área da medicina também atuou na política, fazendo parte da junta administrativa em 1890. (LOPES NETTO, 1911 Nº6, p.89). E, quando num cargo mais alto chegou a ser intendente de Pelotas em 1920. (COSTA, 1920, p.73) Pela falta do projeto não é possível afirmar que foi mesmo trabalho de Caetano a residência (Figura 132) do Dr. Pedro Luis Osório, entretanto essa afirmação pode ser encontrada na obra monográfica de BRAUNER et al. (2000).



Figura 131: Os Irmãos Osório, Pedro Osório está acima e á direita, s/d.
Fonte: COSTA, 1922, p. 73.



Figura 132: Esquina da residência de Pedro Luis Osório e Noêmia Assumpção Osório à direita. Pelotas, s/d. Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.

Dentre os projetos encontrados referentes a programas de necessidades industrial, dois merecem destaque por serem construções novas e não reformas internas como as demais. As construções inteiras permitem melhor conhecimento da obra de Caetano. Primeiro na construção de um prédio destinado à fabricação de carroças (Figura 133) de Luiz Schöder em 1898. Depois veio a construção em um galpão em madeira (Figura 134), provavelmente para servir de depósito da fábrica de chapéus Pelotense, em 1918.



Figura 133: Fábrica de propriedade de Luiz Schöder, fachada lateral, Pelotas, 1898.
Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 134: Depósito da Fábrica de Chapéus Pelotense, fachada principal, Pelotas, 1918.
Fonte: Arquivo SeUrb.

Outra obra a destacar é a de ampliação da fábrica de cervejas do capitão Leopoldo Haertel (Figura 135). Nesta época eram fabricadas 15.000 garrafas diárias, quase metade da capacidade da empresa. As principais marcas comercializadas eram a Perú, a Comercial e a cerveja São Luiz, produtos exportados para vários pontos do país. Além da cerveja, a cervejaria produzia gelo e águas gasosas para o consumo de Pelotas. (COSTA, 1920, p.91)

O citado projeto de reforma da cervejaria não foi encontrado no arquivo municipal, porém, são várias as publicações que atribuem a Caetano o prédio da adega localizado na Rua Conde de Porto Alegre, fundos da cervejaria cujo endereço é Rua Benjamim Constant nº 56, como a tese de doutoramento de Rosilena PERES (2008), por exemplo.

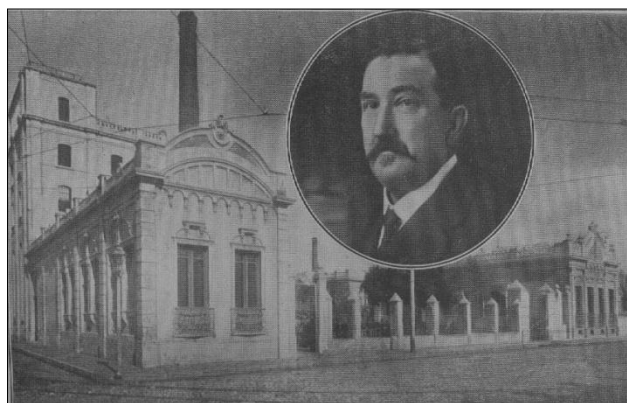


Figura 135: No medalhão vê-se o Capitão Leopoldo Haertel, proprietário do importante estabelecimento, Pelotas, s/d. Fonte: COSTA, 1922, p. 91.

Encontram-se, também, nomes daqueles que fizeram diferença para a cidade e estavam intimamente relacionados com a igreja. No livro intitulado **Arcas de lembranças**, da historiadora pelotense Heloisa Assumpção NASCIMENTO (1982) encontramos o mordomo do ano de 1864, Theodózio Ferraz da Rocha e o mesário de 1869, Ataliba Borges Ribeiro da Costa, ambos clientes de Caetano. Além destes, José Inácio do Amaral, Francisco de Brito Gouvêa e Antonio Augusto Assumpção, todos doadores para construção da catedral definitiva e apoiadores da comunidade. (NASCIMENTO, 1982, p.20, 21, 66 e 77)

Assim, em Pelotas não foi diferente do resto do mundo, como descreveu PATETA (1987), a influência burguesa originada da industrialização e do surgimento do comércio foi uma das causas principais pela modernização não só da arquitetura como dos hábitos em sociedade. A “elite sensível” para quem Caetano construiu era

formada por médicos, advogados, fazendeiros e acima de tudo comerciantes, ávidos por se fazer notar em uma sociedade ainda bastante apegada ao tempo dos coronéis.

CAPÍTULO 5. OBRAS IMPONENTES E CAETANO CASARETTO

5.1 CAETANO CASARETTO E A ARQUITETURA IMPONENTE

Durante a pesquisa dos projetos arquitetônicos no arquivo da prefeitura municipal, notou-se que não estavam arquivadas as plantas de alguns prédios cujas construções são atribuídas a Caetano Casaretto, tanto em periódicos da época quanto na bibliografia encontrada hoje em dia. Esses prédios eram justamente edificações imponentes e importantes para o ambiente urbano. Prédios institucionais únicos na cidade, edificações particulares de associações e de uso coletivo e ainda algumas residências de importantes famílias.

As obras de arquitetura comumente pesquisadas são as bibliotecas, os asilos, as igrejas, as sedes dos clubes sociais, os teatros etc. O excesso de manuseio pode ser uma das possibilidades por não ter se encontrado alguns projetos. Além disso, o próprio espaço físico do arquivo municipal não é adequado e o excesso de umidade tem mofado inúmeras pranchas.

Dentre as dez unidades de obras imponentes que foram analisadas, três projetos corresponderam a residências. Duas destas que serão observadas foram demolidas para a construção de edifícios em altura na década de 50. Nos registros referentes aos lotes destas unidades demolidas encontrou-se arquivados os projetos dos edifícios modernistas.

A Praça Coronel Pedro Osório (Figura 136) é um dos pontos mais importantes para a cidade de Pelotas, que vem trabalhando para manter preservado seu patrimônio arquitetônico. O III Pano Diretor de Pelotas estipula Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural Urbano onde a necessidade de preservação mostra-se mais importante. As áreas são compostas por zonas, eixos e focos de preservação.

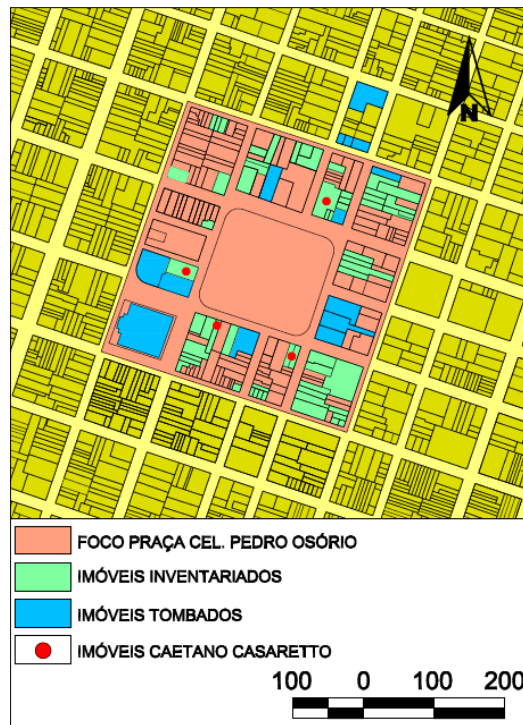


Figura 136: Foco de preservação Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas.
 Fonte: Elaborado pelo autor com base no III Plano Diretor.

A chamada Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) corresponde à área dos três primeiros loteamentos da cidade. A Praça Cel. Pedro Osório é um dos focos de proteção e ponto final do eixo que liga esta à Praça José Bonifácio, na qual se localiza a catedral, através da Rua Félix da Cunha (eixo).

A Praça Coronel Pedro Osório, oriunda do traçado urbano do segundo loteamento da cidade, torna-se assim um dos conjuntos arquitetônicos mais relevantes do patrimônio cultural de Pelotas. No entorno deste foco de preservação estão localizados o Mercado Público, a Prefeitura Municipal, diversas secretarias municipais, dois teatros, a Biblioteca Pública Pelotense, a antiga escola de Agronomia, vários palacetes, sendo dois desses, atualmente, reformados para uso da Universidade Federal de Pelotas.

Ainda, a praça e seu entorno estão protegidos pelo IPHAN, através da Portaria nº009 de setembro de 1986, em cumprimento do Decreto-Lei nº25 de 30 de novembro de 1937. Nela se determina que sejam feitas especificações para as construções em quatro espaços determinados no entorno da praça e especificamente que para o setor Um (no qual a praça está inserida) as intervenções devam ser executadas de maneira a recuperar e preservar a ambiência dos monumentos. (IPHAN, Portaria nº009, 1986, pp.1-4)

“A Praça e adjacências constituem o lugar de maior valor artístico do município, porque revela estilos inerentes, que atende as exigências do querer artístico do momento. A especificidade desta arquitetura urbana contribuiu para a formação e o desenvolvimento de uma cultura que influenciou as cidades da fronteira meridional do Brasil.”
(GUTIERREZ, 2008)

Foram dez construções imponentes inicialmente atribuídas a Caetano Casaretto encontradas na bibliografia utilizada. Dentre elas 50% encontravam-se no entorno da Praça Cel. Pedro Osório. São elas: o clube Caixeiral, a Biblioteca Pública Pelotense, a Casa Nº5, a Casa Nº7 e as Casas Geminadas Nº1 e Nº3. Além destas, outros cinco imóveis supostamente construídos por Caetano merecem destaque: a capela do hospital Beneficência Portuguesa, a capela da Luz, a adega da cervejaria Sul Rio Grandense, a escola de Artes e Ofícios e o Asilo de Mendigos de Pelotas.

CASAS 1, 3, 5 e 7 - PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO

A Praça Coronel Pedro Osório (Figura 137) possui nove quadras que fazem face em seu entorno. Sem dúvida as mais prestigiadas são as que fazem frente norte voltada para a praça, visto a rigorosidade do inverno local. Apenas duas quadras possuem esta característica. Uma em especial já comportou quatro residências de alto padrão. As chamadas casas geminadas Nº1 e Nº3, além das casas Nº5 e Nº7.



Figura 137: Praça Coronel Pedro Osório, então Praça da República, Pelotas, s/d.
Fonte: Acervo Programa Monumenta.

O senador Joaquim Augusto Assumpção (Figura 138) e Maria Fernanda de Mendonça residiram na propriedade localizada, ainda hoje, à Rua Félix da Cunha esquina com Rua Lobo da Costa. Juntos tiveram nove filhos, cinco homens e quatro mulheres.

Devido às satisfatórias possibilidades financeiras deste senhor, pode mandar construir uma casa para cada filha.



Figura 138: Senador Joaquim Augusto Assumpção.
Fonte: Acervo Adão Monquelat.

Nenhum dos projetos foi localizado no arquivo municipal. Entretanto, podemos encontrar na monografia intitulada **Arquitetura Residencial - Família Assumpção** registros de uma entrevista com a historiadora Heloísa Assumpção Nascimento a qual descendente desta família da cidade, que confirma serem as obras de Caetano Casaretto e foram dadas pelo senador de presente de casamento às filhas. Em 1904 a primeira a ser construída foi a casa Nº5, no meio da quadra, de propriedade de Maria Augusta Assumpção e Francisco de Sá Rheingantz. Após, em 1906, ergueu-se a casa Nº7 para Noêmia Assumpção Osório e do Sr. Pedro Luís Osório. E por último, em 1911 e 1912, foram edificadas as casas geminadas Nº1 e Nº3 para Judith e Arthur Augusto, Francisca e Dr. Fernando Luis Osório, respectivamente. (BRAUNER et al. 2000)

Na casa Nº5 (Figura 139) observa-se que a fachada é assimétrica e foi dividida horizontalmente em base, corpo e coroamento. Neste caso, a base bastante alta e com gateiras retangulares sugerem que o porão alto fosse habitável. No corpo do prédio, percebem-se três portas com verga reta e detalhes cimbrados em massa sobre as mesmas. As portas se abrem para balcões com guarda corpo de balaústres e são ladeadas por pilastras de ambos os lados. O coroamento é composto por platibanda vazada e um frontão cimbrado no centro da fachada disposta sobre o alinhamento. A entrada se dá por um acesso lateral esquerdo subindo uma escada até uma varanda recuada e coberta.

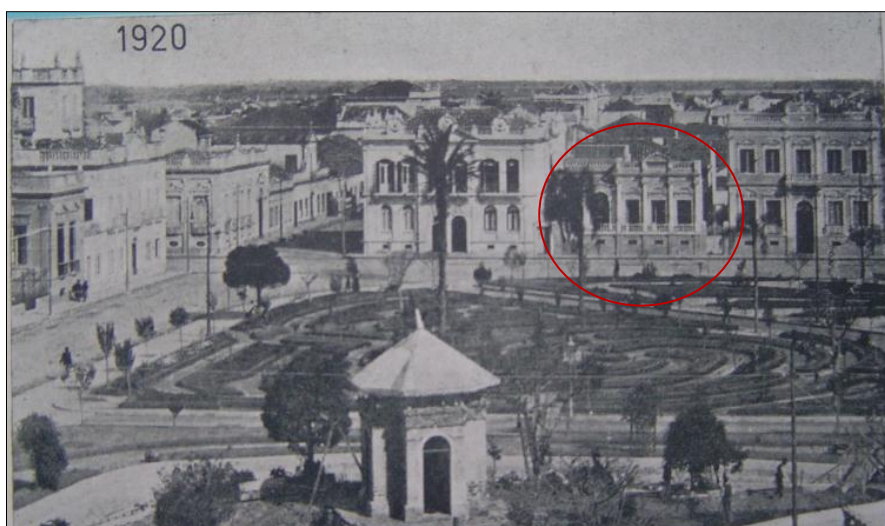


Figura 139: Residência de Francisco de Sá Rheingantz e Maria Augusta Assumpção Rheingantz. Casa 5, Pelotas, 1920. Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier.

Depois de erguido o casarão no meio da quadra restou um lote de cada lado. A segunda casa a ser levantada foi a de N°7 (Figura 140), em 1906, esquina com a atual Rua Padre Anchieta. Esta morada foi de Noêmia Assumpção Osório e de Pedro Luís Osório. Através dos registros fotográficos foi possível verificar que a residência possuía fachada simétrica, tinha dois pavimentos e ainda porão alto (na base da edificação) provavelmente habitável. No corpo as vergas são retas em quase todas as aberturas, com exceção da porta principal. Sobre as janelas bandeiras em massa ora curvas, ora triangulares. O acesso principal foi ladeado por duas colunas que partem do chão e vão até a platibanda, entre estas havia uma pequena sacada no pavimento superior sobre a porta de acesso principal. A platibanda é vazada e no centro encontra-se um pequeno frontão triangular e aberto.



Figura 140: Residência de Pedro Luis Osório e Noêmia Assumpção Osório à direita. Casa 7. Pelotas, 1922. Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.

Por fim, em 1911, no lote localizado na atual Praça Coronel Pedro Osório esquina Rua Félix da Cunha foi construído duas residências. As casas de numeração Nº1 e Nº3 (Figura 141) assim como as demais, possuem fachadas divididas em base, corpo e coroamento. A simetria da fachada ocorre entre as duas edificações juntas (efeito de espelhamento da fachada). A base possui gateiras retangulares (porão alto habitável). O corpo da edificação é composto por dois pavimentos, neste as paredes são inteiramente rusticadas. No térreo as vergas são do tipo arco pleno, no superior as aberturas são portas venezianadas com verga tipo arco abatido que se abrem para balcões protegidos por gradis trabalhados. No topo a platibanda é mista, ora vazada com balaústres e ora cega e com pequenos frontões cimbrados. No centro da fachada principal há um grande frontão triangular com detalhe central cimbrado em seu topo.



Figura 141: Residências Nº1 e Nº3, fachada principal, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

CLUBE CAIXEIRAL (1902) – PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO, Nº106

O clube Caixeiral foi fundado em 1879. Segundo MOURA e SCHLEE (2003) nasceu da luta comum de alguns comerciantes pelotenses que conquistaram o direito de descansar, “a partir das quinze horas, aos domingos e feriados”. O endereço original era Praça da República Nº104, esquina Rua General Victorino (respectivamente, Praça Coronel Pedro Osório e Rua Padre Anchieta).

O terreno onde hoje se encontra a sede construída por Caetano Casaretto foi adquirido pelo clube em 1896. No ano seguinte houve a instalação provisória no antigo prédio existente no local. Em 3 de abril de 1904 começaram as obras do novo prédio, do antigo sobraram apenas as fundações, fato que ajudou a agilizar o processo de

execução e permitiu que a sede se transferisse para o novo prédio, mesmo que ainda em fase final de construção, em dezembro do mesmo ano. (CCP, 1929, p.11)

“[...] Na construção de seu actual edifício, prestaram serviços relevante os sócios Caetano Casaretto, Eugenio Belmondy, Faria Rosa Junior e Salvador Duarte de Lemos. [...]” (CCP, 1929, p.45)

No ano de 1911 o clube já contava com cinema, inaugurado em solenidade na qual a banda musical do clube Caixeiral (existente desde 1892) fez apresentação. Em 1924 o clube realiza assembléia geral no dia 7 de março, na qual fica decidido que a diretoria estava autorizada a comprar os prédios Nº102 da mesma praça e os Nº 601 e 603 pela Rua Félix da Cunha.

“[...] projeto elaborado por Caetano Casaretto, em 1902 (pedra fundamental em 1904), e representa um marco da arquitetura pelotense. De aspecto único, volumetria prismática recortada, apresenta uma série de elementos decorativos externos que lhe garantem um caráter excepcional. O que era reforçado pelas duas torres que encimavam a construção (infelizmente demolidas)”. (Figura 142) (MOURA e SCHLEE, 2002, p.33)



Figura 142: Clube Caixeiral, Pelotas, s/d.
Fonte: Acervo Eduardo Arriada.

O clube (Figura 143) possui três pavimentos e sua fachada principal está voltada para a Praça Coronel Pedro Osório. Dividido horizontalmente em base, corpo e

coroamento. A base é alta feita em granito, apresenta gateiras retangulares com gradil trabalhado. O corpo possui aberturas com verga reta nos pavimentos superiores e em arco pleno nas aberturas do térreo. É composta também por janelas do tipo óculo circular para a iluminação do pavimento intermediário. No último andar a área construída está concentrada no volume central, permitindo que se tenham dois terraços, um de cada lado. O coroamento é composto por platibanda vazada com balaustres tanto no topo da construção como na proteção do guarda corpo dos terraços.



Figura 143: Sede do Clube Social Caixeiral, fachada principal, Pelotas, 2010.

Fonte: Foto do autor.

BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE (1912) - PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO, Nº103

A Biblioteca Pública Pelotense (Figura 144) foi fundada definitivamente em 1875, pelo jornalista Antônio Joaquim Dias. O primeiro pavimento foi projetado por José Isella. A inauguração ocorreu definitivamente em 1888. A partir de 1912 o prédio sofreu grande reforma e ampliação, vindo a receber o segundo pavimento. Coube a Caetano Casaretto projetar o segundo pavimento, que foi finalizado em 1914, com destaque para os cinco lustres de bronze que vieram da Alemanha. (LEÓN, 1996, pp.69-70)

“As obras de remodelação do edifício da Biblioteca Pública Pelotense tiveram início em outubro de 1912 e foram

realizadas pelo conceituado construtor Sr. Caetano Casaretto.” (PARADEDA, 1919, s/p)



Figura 144: Biblioteca Pública, fotografia atual da fachada, Pelotas, 2010.
Fonte: Foto do autor.

A fachada é simétrica e encontra-se sobre o alinhamento predial. Sua organização vertical é tripartida e seguiu a composição definida por Isella para o primeiro piso.

Esta obra apresenta linguagem eclética. O pavimento de responsabilidade de Caetano Casaretto possui cinco portas sob vergas retas que se abrem para estreitas sacadas as quais ora são protegidas por guarda corpo de balaústres e ora por gradis. O edifício possui pilastras coríntias e ornamentação com figuras humanas. E, no topo, a platibanda cega é decorada com adorno de motivo floral. No centro há um frontão retangular com o nome da instituição em auto relevo ladeado por urnas e sobre este, um globo.

Sobre o edifício descreveram MOURA e SCHLEE (2002, p.86) que teria o arquiteto Casaretto projetado o imóvel como um roteiro de visitas, como se estivesse propondo várias opções de percurso pelo interior da biblioteca. E ainda, reparam na forma como a escala volumétrica do edifício varia conforme a hierarquia do ambiente. Citam também, a fluidez existente entre os ambientes e a leveza e beleza causadas pela estrutura metálica localizada na principal sala de leitura que servem de sustentação para a circulação do pavimento superior. Ponto que se salienta pela presença da iluminação zenital.

CAPELA BENEFICÊNCIA PORTUGUESA (1892) – RUA ANDRADE NEVES, Nº915

A sociedade Portuguesa de Beneficência foi fundada em 1857. Em 1861, quatro anos depois, foi inaugurado o hospital e sua capela começa a ser construída. (MOURA e SCHLEE, 2003, p. 68) Desde os anos 50 do século XIX as atas de reunião da Sociedade Portuguesa mencionam a intenção de construir um templo religioso junto ao hospital.

Em 1872 o Comendador Antônio José D'Oliveira Leitão apresentou uma planta para a direção da sociedade. Em 1876 a construção havia começado e em nova reunião o Comendador, já com saúde debilitada, reafirmou o desejo de que a edificação seja concluída mesmo após sua morte. Após este acontecimento nada mais se descobriu sobre a construção da capela. (SPBP, 1872, p.101)

Mais de uma década depois, em 1889, o primeiro secretário da sociedade, Sr. José Pinto Madureira, defendeu a importância da ampliação do hospital e da construção da capela. Queria criar uma nova enfermaria na sala das sessões e passar serviço das sessões para a atual capela. Propôs também, que seja terminada a construção da nova capela que se encontrava em fase de execução das fundações:

“[...] proponho que se nomeie uma comissão de três membros para estudar a planta da capela da sociedade, em projeto, afim de que tomando por base a maior simplicidade nas obras a fazer, mande orçar as despesas com a sua construção e apresente com a maior brevidade o resultado de seus trabalhos.” (SPBP, 1889, pp.3-4)

Em 24 de agosto de 1890, duas propostas foram apresentadas. Uma foi sugerida pela Comissão de Obras da sociedade e a outra pelo então mordomo da sociedade Sr. Francisco Pinto de Madureira, em nenhum momento se relata a autoria dos projetos. (SPBP, 1890, p.67)

Em 14 de setembro de 1890 houve a concorrência para execução das obras. Foram apresentados cinco orçamentos. A escolhida teria sido a proposta do Sr. Antônio José dos Santos, porém este não quis aderir ao artigo 10º do contrato. Sendo assim, a proposta de 19:000\$000, dos senhores Casaretto e Irmãos, que ainda presenteou a sociedade com um piso de assoalho para a capela, foi a contemplada. (SPBP, 1891, p.6)

“Foi preferida a última, por ser mais barata, segundo o anúncio; porém, como o Sr. Antônio José dos Santos não se quisesse sujeitar ao artigo 10 do contrato de acordo com o que se resolveu em sessão de diretoria de 14 de setembro, a comissão de obras, [...] lavrou o contrato por escritura pública como o que a esta precedia, isto é, com os Srs. Casaretto & Irmãos, [...] Foi presente a essa diretoria um plano de assoalho para a capela, oferecida pelos construtores, trabalho muito delicado e que estes oferecem à mesma, independente do contrato, por cujo cavalheirismo ficamos imensamente penhorados. [...]” (SPBP, 1891, p.6)

Em 1891, a firma Casaretto & Irmãos entregaram as obras da capela por ofício. Composta pelos Irmãos Jerônimo, Caetano e Paulino. (SPBP, 1899, p.106)

“Anteontem, às 10 ½ horas da manhã, realizou-se a inauguração da Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência. [...] A capela, de elegante arquitetura, quer interna, quer externamente, acha-se situada junto ao edifício em que está estabelecido o hospital da sociedade, frente à Rua Andrade Neves. [...] Sua construção foi iniciada há cerca de um ano, tendo sido executada pelos arquitetos Srs. Cazzareto e Irmãos.” (**Correio Mercantil**, 19 jan. 1892)

A edificação (Figura 145) compunha-se de um corpo central e dois laterais. A nave central possui pé direito duplo. Na parte voltada para o passeio é composta por dois pavimentos dos quais é possível acessar os terraços existentes sobre as porções laterais. Na parte oposta (nos fundos) fica o altar. Esta é uma igreja do final do século XIX, com elementos arquitetônicos de composição da fachada em linguagem eclética. A construção encontra-se no meio da quadra implantada sobre o alinhamento, com organização tripartida simétrica e elementos arquitetônicos de composição de fachada como frontão e pilastras. Possui ornamentação delicada com motivos florais e elementos geometrizados. Quase no centro da fachada há um grande óculo com vitrais coloridos. Acabamentos em granito contornam as aberturas, sobre algumas das quais há um pequeno frontão triangular. Atualmente, é bem imóvel considerado patrimônio cultural e faz parte das edificações inventariadas pelo município.



Figura 145 a: Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fachada principal, Pelotas, 2010.
Fonte: Foto do autor.



Figura 145 b: Vista interna da cúpula sobre o altar, Pelotas, 2010.
Fonte: MOURA e SCHLEE, 2002, p.68.

CAPELA DA LUZ (1899) – RUA PADRE ANCHIETA, Nº3560

No **Almanach de Pelotas** de 1914 podemos encontrar a história desta igreja que foi construída como pagamento de uma promessa. Conta que o Capitão de barcos José Fernandes da Victoria Santos, que há dois anos estava cego, prometeu erguer uma capela para Nossa Senhora da Luz caso voltasse a enxergar. Como o milagre ocorreu, a capela foi construída. Num terreno alto e calmo, longe do centro movimentado da cidade. Inicialmente foi levantada uma capela simples, provisória. (FERREIRA, 1914, s/p)

Chegou em 30 de agosto de 1824 uma imagem de Nossa Senhora da Luz que o Capitão José Fernandes mandou vir da cidade do Porto, Portugal. Com o tempo a pequena capela não tinha mais capacidade para abrigar todos os fiéis e teve que ser demolida para a construção de um espaço maior. (MAGALHÃES, 1989 – III, p.6)

No dia 15 de outubro de 1929 Alberto Coelho da CUNHA escreveu que, provavelmente por causa de sua simplicidade e rusticidade, a capela da Luz tenha dado lugar à nova construção com pedra fundamental em 1899. O novo projeto ficou a cargo de Caetano Casaretto, a nova capela teria as dimensões internas de 15,40 m de comprimento por 5,80 de largura. A sacristia construída ao lado é posterior à construção da capela. (CUNHA cit. por CHEVALLIER, 2002, p.22)

Em 1899 foi erguida a capela (Figura 146) que se manteria por muitos anos, esta segunda construção é atribuída a Caetano Casaretto por alguns autores. A edificação encontrava-se solta dentro do lote que ocupou quase a totalidade da quadra. A igreja foi construída em linguagem eclética com elementos clássicos. Composta com arcos plenos e frontão triangular. Não recebeu muitos ornamentos. Na parte frontal, sobre a entrada principal do templo, havia uma torre para o campanário, este com cobertura piramidal.



Figura 146: Igreja da Luz, fotografia da fachada principal, Pelotas, s/d.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

Sobre seu interior pouco se sabe, a falta do projeto nos impede de conhecer seus espaços e a falta de textos descritivos esconde sua decoração. Essa capela foi demolida para a construção de outra, em linguagem modernista.

CERVEJARIA SUL RIOGRANDENSE (1917)

O imigrante alemão Leopoldo Haertel chegou ao Brasil pela região de São Leopoldo, Vale dos Sinos. (PONS et al., 2006, p.7) Mais tarde mudou-se para Pelotas, onde fundou uma cervejaria. A empresa foi construída ao longo de anos, preenchendo uma quadra com diversos prédios. Num primeiro momento, a partir de 1895, a empresa construiu os prédios administrativos junto à Rua Benjamin Constant. A propriedade do Capitão Leopoldo Haertel entrou em funcionamento em 1889. (LIMA, 2003, p.14)

A cronologia da construção é inserta, tomando como base LIMA (2003, p.14.) podemos concluir que os prédios foram erguidos provavelmente assim: 1889 - prédio Nº2 (sala de máquinas); 1895 - prédios Nº6, Nº7 e Nº8 (já demolidos); 1897 - prédio Nº1 (escritórios); 1912 - prédio Nº3 (engarrafamento); 1914 – prédios Nº8 (maquinário)

e Nº4 (administrativo); 1915 - prédio Nº5 (ampliação); e, 1931 - reforma dos prédios Nº6 e Nº7 (adega) e construção do prédio Nº9 (depósito de garrafas e caixas) – Figura 147.

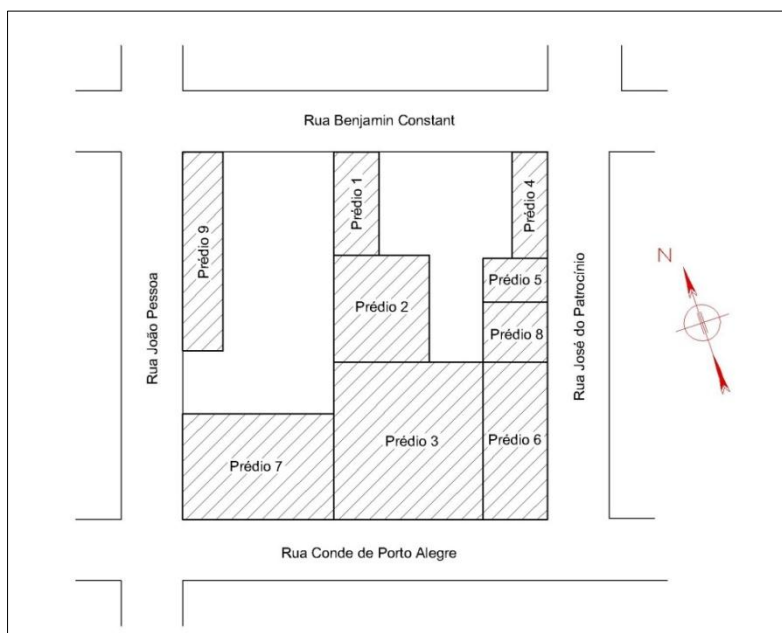


Figura 147: Planta de zoneamento da Cervejaria Sul Rio-grandense, Pelotas, 1912.
Fonte: Reprodução do autor, 2011. Baseado em LIMA et al., 2003.

Os autores MOURA e SCHLEE afirmam que entre 1914 e 1915 foram erguidos os novos escritórios e mais uma construção de cinco pavimentos (junto à Rua José do Patrocínio), o que seriam os prédios 8, 4 e 5. Diz também que, em 1931, veio o acréscimo dos depósitos junto à Rua João Pessoa, prédios 6 e 7. Os pesquisadores não expõem os autores das obras.

Em PERES (2008, p.283) podemos encontrar que Caetano foi responsável por um prédio para a mesma cervejaria em 1917, localizado no meio da quadra da Rua José do Patrocínio, ao sul do prédio de cinco pavimentos, que corresponde à porção mais ao norte do Prédio 6 na planta de Lima (2003).

As pesquisas analisadas não comentam sobre o edifício localizado no meio da quadra na Rua Conde de Porto Alegre, originalmente Nº44. O Prédio 3 era o local do engarrafamento das bebidas e foi construído em 1912. Este prédio não corresponde com as obras citadas por MOURA e SCHLEE (2003, p.92) e nem corresponde à imagem que PERES (2008, p.283) exhibe como sendo a obra de 1917.

No arquivo municipal não foi encontrada nenhuma obra assinada por Caetano em 1912. Possivelmente, o profissional poderia ter ocupado grande parte do seu tempo

nesta construção e por isso não ter construído em grande quantidade. Entretanto, não podemos afirmar se Caetano Casaretto construiu algum prédio para a antiga fábrica de cervejas Sul Rio Grandense (Figura 148) e qual seria esta construção.

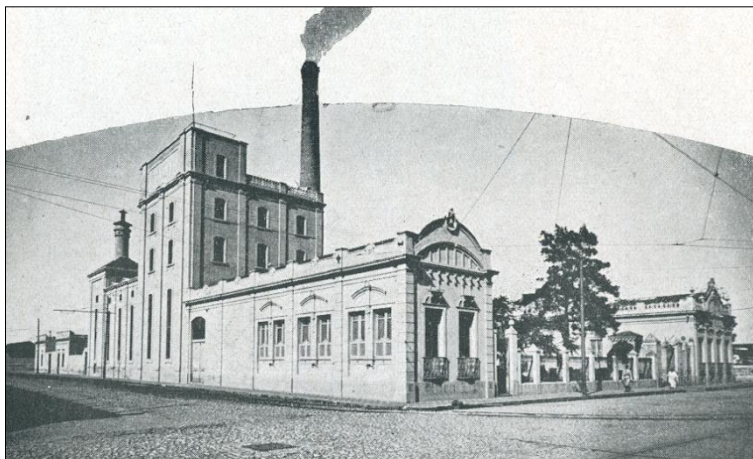


Figura 148: Fábrica de Leopoldo Haertel, fotografia antiga, Pelotas, 1922.

Fonte: MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas memória**. Fascículo I. Pelotas: s/ed. 1994.

As informações sobre a possível obra de Caetano para a cervejaria direcionam para o prédio da esquina da Rua José do Patrocínio com a Conde de Porto Alegre. Quase não possui decorações, foi dividido em base, corpo e coroamento. Além disso, as paredes são lisas e a platibanda também. O destaque se dá na saliência do soco e das pilastras em relação ao plano da fachada. As janelas possuem moldura lisa e são altas, suas vergas retas são diminuídas nos cantos devido ao apoio na diagonal.

ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS (1917) – PRAÇA VINTE DE SETEMBRO, Nº455

O edifício da Escola de Artes e Ofícios (Figura 149), demolido, estava situado no lote onde hoje se encontra o Instituto Federal Sul Rio Grandense (IF-SUL) campus Pelotas.

O Sr. Alexandre Diniz Gaustaud que por anos fez parte da diretoria da Biblioteca Pública Pelotense foi o idealizador do Liceu de Artes e Ofícios. Em 1917 a ideia foi aprovada pela direção por intermédio do presidente Coronel Assumpção Junior. Este projeto foi autoria de uma parceria entre Caetano Casaretto e seu sobrinho Carlos Casaretto Scotto.

Em 7 de setembro de 1917 foi promovida a Escola de Artes e Ofícios de Pelotas em solenidade ocorrida na Biblioteca Pública Pelotense e presidida pelo coronel Joaquim

Assumpção. A cerimônia da pedra fundamental aconteceu dia 28 de maio de 1918, organizada pelo eleito presidente da escola Dr. Fernando Luis Osório, em terreno localizado na Av. Vinte de Setembro que foi doado pela prefeitura, do então intendente municipal Dr. Cypriano Barcellos. A construção iniciou efetivamente no dia 16 de outubro de 1919. (PARADEDA, 1923, p.341)

“Attingem, pois, a mais de 80 contos os trabalhos da admirável construção da Escola de Artes e Ofícios, sob alicerces de pedra, projecto Carlos Scotto – Caetano Cazaretto, inspirado em moldes americanos, devendo dar-se a inauguração do ensino em combinação com os prometidos auxílios do importante Instituto Technico Profissional de Porto Alegre.” (PARADEDA, 1923, p.341-344)



Figura 149: Escola de Artes e Ofícios, Pelotas, 1922.
Fonte: CARRICONDE, 1922, s/p.

Esse prédio carrega uma linguagem que o destaca dos demais. Foi dividido em base, corpo e coroamento, mas sua platibanda é bastante pequena, suficiente apenas para esconder a calha. Com isso, seus frontões cimbrados ganham destaque. O telhado fica aparente, fazendo referência à linguagem neocolonial. O corpo possui janelas de abrir com verga reta e na base do edifício o soco é vazado pelas gateiras retangulares. Os ornamentos são poucos, entre eles o friso que corta horizontalmente a fachada na altura em que termina a janela e começa a bandeira da mesma.

ASILO DE MENDIGOS (1928) – PARQUE DOM ANTÔNIO ZATTERA, Nº338

O Asilo está localizado à Rua Dr. Amarante, ao lado do Parque Dom Antônio Zattera. Em 1885, foi fundada a Sociedade Beneficente Asilo de Mendigos de Pelotas. Contam MOURA e SCHLEE (2003, p.88) que o projeto do asilo foi elaborado pelo então engenheiro da câmara municipal da capital do império, Sr. José de Magalhães. Este profissional foi formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e estudou também em Paris. Veio a se tornar diretor da seção de arquitetura da comissão construtora da nova capital mineira (Belo Horizonte).

A pedra fundamental foi lançada em 1887 e sua inauguração ocorreu em fevereiro de 1892. Em 1928 Caetano Casaretto foi contratado para um projeto de ampliação e reforma da fachada.

Segundo MOURA e SCHLEE (2003, p.88) o arquiteto elaborou uma proposta segundo princípios acadêmicos e que através deste trabalho o profissional demonstrou todo seu rigor e erudição, resolvendo a parte central da fachada através de uma reinterpretação do esquema do arco triunfal romano.

A confirmação da autoria das obras de 1928 dispensa as plantas do projeto como prova. O jornal da época **Diário Popular** do dia 28 de junho (1931, p.1), a publicação periódica **Almanach de Pelotas** de PARADEDA (1930, p.94) e o livro intitulado **Histórico do Asilo de Mendigos de Pelotas: 1882-1935**, organizado pela direção do asilo em 1935 com base na documentação da instituição, não deixam dúvidas sobre a confirmação do trabalho de Caetano (Figura 150) no prédio desta instituição.

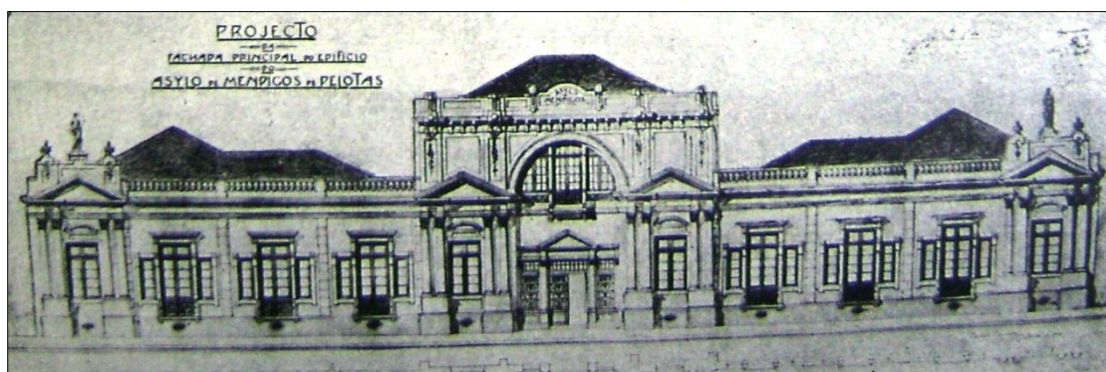


Figura 150: Projeto da fachada do Asilo de Mendigos, Pelotas, 1928.

Fonte: PARADEDA, 1930, s/p.

A capa do **Diário Popular** (Figura 151) foi destinada à divulgação da inauguração do edifício novo do Asilo Municipal Pelotense – AMP. A reportagem afirma a autoria de Caetano tanto para o projeto como para a execução das obras. Traz também, uma foto da direção da instituição, outra do arquiteto responsável e ainda, a foto da fachada da edificação concluída. (**Diário Popular**, 1931, p.1)



Figura 151: Capa do Jornal Diário Popular, Pelotas, 1931.
 Fonte: **Diário Popular**, 1931, p.1.

Tendo dirigido o asilo por sete períodos consecutivos, o Dr. Augusto Simões Lopes iniciou a criação de um fundo especial para a conclusão do edifício. Este fundo foi conservado e aumentado e repassado para a presidência do Major João Leão Sattamini, o qual mandou construir a obra definitiva, cujo projeto havia sido elaborado pelo construtor Caetano Casaretto, que a administrou gratuitamente. (PARADEDA, 1930, p.94-97)

Aos 53 anos de fundação do Asilo (Figura 152) a direção organizou e mandou imprimir um livreto histórico sobre a instituição, neste material é possível ler:

“Esta comissão, composta por antigos e abnegados amigos da casa, entrou, desde logo, a desenvolver franca e proveitosa atividade, podendo, assim, dentro em pouco, ajustar a construção planeada com o conceituado construtor Sr. Caetano Casaretto, que tomou a si, gratuitamente, a direção técnica dos trabalhos, além de ter oferecido o projeto definitivo da construção, ficando a testa das obras o Snr. Manoel Tavares, mestre de obras abalizado.” (AMP, 1935, p.10)



Figura 152: Asilo de Mendigos, Pelotas, s/d.
Fonte: Acervo Adão Monquelat.

O complexo do Asilo foi construído por partes, o edifício que faz face para a rua é o de responsabilidade de Caetano. Composto por um volume central cúbico com dois pavimentos onde fica o acesso principal, este se alonga com uma ala de um pavimento para cada lado. A fachada simétrica foi dividida em base, corpo e coroamento. Na porção inferior as gateiras seriam retangulares se não fosse o arco abatido da verga. No corpo do prédio todas as aberturas receberam verga reta e são do tipo duas folhas de abrir. No pavimento superior uma grande janela em arco pleno demarca o acesso. No topo, o frontão é cimbrado e a platibanda vazada com balaustas.

5.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS OBRAS IMPONENTES

Sobre a confirmação das obras imponentes como sendo realmente de responsabilidade de Caetano Casaretto podemos dizer que:

A capela do hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa foi comprovadamente construída pelo profissional estudado como demonstra o **Livro de Atas da Sociedade Portuguesa Beneficente** do ano de 1981 e pode ser confirmado no jornal Correio Mercantil do dia 19 de janeiro de 1982, dois dias após a inauguração da capela. Por esta obra Caetano Casaretto foi responsabilizado apenas pela construção.

A Capela da Luz é citada como sendo de Caetano pelo jornalista Carlos Alberto Coelho da CUNHA na coluna intitulada de A Opinião Pública no dia 15 de outubro de 1929, publicada no **Diário Popular**. O ano de começo das obras desta edificação é

1899, ou seja, vinte anos se passaram até a primeira citação encontrada que atribuísse esta obra a Caetano.

A respeito do Clube Caixeiral é unânime a opinião de que seu construtor foi Caetano Casaretto. Mesmo sem ter acesso a documentos que possam comprovar essa possibilidade, vários trabalhos atribuem ao profissional não só a construção como também o projeto do prédio. Trabalhos como os de; CHEVALLIER (2002, p.67); MOURA e SCHLEE (2002, p.98); WEIMER (2004, p.41); PERES (2008, p.282); BARCELLOS (2008, p.168) são alguns que consideram a obra de responsabilidade de Caetano.

As residências Nº 1, 3, 4 e 5, que se localizavam na mesma quadra da Praça Coronel Pedro Osório não puderam ter sua construção atribuída à Caetano. A única informação encontrada remete a uma obra monográfica (BRAUNER, 2000) e a fonte da informação é uma entrevista ocorrida 89 anos após a construção do último prédio.

A Biblioteca Pública Pelotense é outro caso onde não há dúvidas sobre a atuação de Caetano na construção do segundo pavimento entre 1912 e 1914. Além de publicações da época, como o **Almanach de Pelotas** de 1919, há diversas fontes divulgando essa informação: SCHLEE (1993, p.109); CHEVALLIER (2002, p.72); MOURA e SCHLEE (2002, p.27); WEIMER (2004, p.41); BARCELLOS (2008, p.166).

A adega da cervejaria Sul Rio Grandense é um caso onde não podemos afirmar se Caetano trabalhou. Poucas pesquisas ligam o nome do construtor a alguma das diversas obras que compuseram o complexo industrial cervejeiro localizado na zona portuária da cidade. Atualmente possui projeto de reciclagem para receber instalações da Universidade Federal de Pelotas.

As obras da Escola de Artes e Ofícios tiveram início em 1919. Foi publicado no **Almanach de Pelotas** de 1923, quatro anos após iniciadas as obras, que o projeto havia sido elaborado em parceria entre Caetano Casaretto e seu sobrinho Carlos Casaretto Scotto. O tempo de execução é desconhecido, porém a foto divulgada em 1922 em o **Álbum de Pelotas** mostra andaimes de madeira, confirmando que o prédio ainda estava em construção. Assim, o artigo impresso por PARADEDA em 1923 está mais próximo dos fatos do que poderia parecer e provavelmente foi escrito para parabenizar o novo instituto educacional da cidade. Devido à proximidade dos fatos podemos concordar que a escola seja responsabilidade de Caetano.

O Asilo de Mendigos de Pelotas é sim obra do profissional estudado. Podemos comprovar através de documentos de 1928 transcritos para o livro comemorativo dos 50 anos da instituição que tanto o projeto como a responsabilidade pela construção foi mesmo de Caetano Casaretto. Além disso, o **Diário Popular** do dia 28 de junho de 1931 dedica sua capa principal a uma reportagem sobre a inauguração das novas dependências do asilo que ocorreriam no mesmo dia. O artigo cita Caetano como grande responsável pela conclusão do edifício e traz a foto do construtor.

Então, dentre os dez exemplares sobre os quais foram encontradas citações relacionando o nome de Caetano à construção, 60% pode ser atribuídos (projeto ou execução) ao profissional. Sobre os outros quatro prédios (40%) não foram encontradas comprovações satisfatórias para tal consideração. São elas: as residências da família Assumpção localizadas na Praça Coronel Pedro Osório Nº1 e 3, Nº5 e Nº7 e a adega da cervejaria Sul Rio Grandense.

Com o intuito de identificar uma possível interferência de Caetano Casaretto nestes casos, fez-se a comparação das características mais encontradas nas 74 obras arquivadas na SeUrb com as que não apresentaram comprovação satisfatória da autoria.

A casa Nº7, de 1906, foi a que mais carregou características compatíveis com a obra do profissional estudado. O fato de ter tido uso residencial se soma ao tipo de uso mais frequente no conjunto de sua obra. Apresentava porão-alto, corredor central e não possuía alcova. Esta edificação, apesar de ter estado na esquina da Praça Coronel Pedro Osório com a Rua Padre Anchieta, estava posicionada no alinhamento predial e lateral e não possuía tratamento especial de esquina, tal como as demais do possível autor. Sua fachada tripartida-simétrica foi dividida horizontalmente em base, corpo e coroamento. Suas vergas retas em ambos pavimentos já haviam aparecido em quatro momentos. A propriedade de Romão Trápaga (Figura 153), o Colégio Gonzaga (Figura 154) e as residências de Deolinda Aguiar Leite (Figura 155) e do Dr. Bruno Chaves (Figura 156) são exemplos.

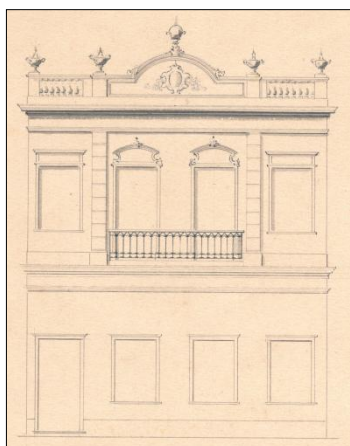


Figura 153: Propriedade de Romão Trápaga, fachada principal, Pelotas, 1902.
Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 154: Colégio Gonzaga, Pelotas, s/d.
Fonte Acervo DIMPAC.

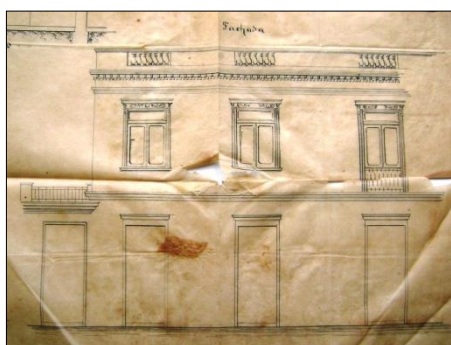


Figura 155: Propriedade de Deolinda Aguiar Leite, fachada lateral, Pelotas, 1915. Fonte: Arquivo SeUrb.



Figura 156: Residência de Bruno Chaves, fachada lateral atual, Pelotas, 2010.
Fonte: Foto do autor.

As residências geminadas Nº1 e 3, dos anos de 1911 e 1912, ainda hoje localizadas na esquina da Praça Coronel Pedro Osório com a Rua Félix da Cunha, são citadas como sendo projeto de um arquiteto argentino e que apenas a execução da construção teria sido de Caetano. Isso explicaria porque alguns elementos não são de uso corrente do profissional, como os frontões com saliência circular; duas aberturas em arco pleno sob outro arco pleno maior (Figura 157); o uso de arcos abatidos apenas no pavimento superior e a utilização de persianas nas janelas. Mas ainda sim podemos verificar a existência do porão-alto que sempre aparece nas casas mais abastadas. A divisão da fachada em tripartida-simétrica, embora não seja a solução mais frequente na obra de Caetano, foi a mais utilizada nos prédios mais imponentes. A falta de tratamento especial para a esquina é mais uma característica adotada.



Figura 157: Residência de Arthur Augusto de Assumpção, acesso principal, Pelotas, 2010.
Fonte: Foto do autor.

A residência Nº5, de 1904, a mais antiga do conjunto, é a que se destaca das demais da quadra. A única com apenas um pavimento e que apresenta patamar elevado para chegar ao acesso principal, criando um tipo de afastamento do lote vizinho não usual para Caetano. Os arcos “mouriscos” (Figura 158) que sustentam a cobertura do patamar não aparecem em mais nenhum outro momento dos projetos inventariados.

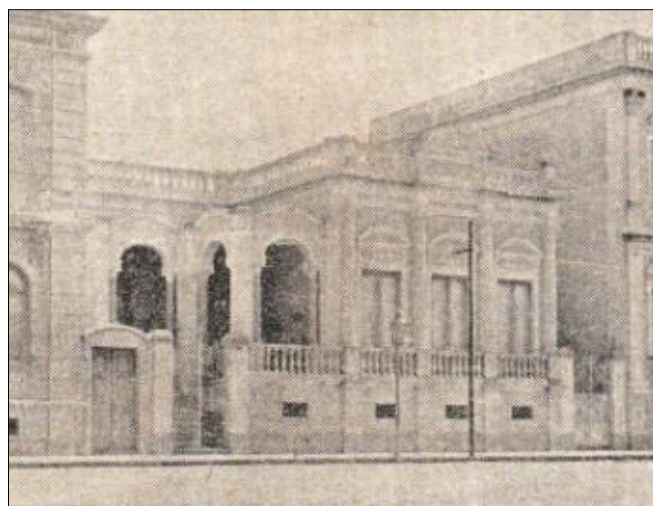


Figura 158: Cópia parcial, casa nº5 . Pelotas, s/d.

Fonte: FERREIRA & C. **Almanach de Pelotas**. Ano IV. Pelotas: s/ed. 1916.

A adega da cervejaria Sul Rio Grandense (Figura 159) foi possivelmente construída em 1917. Por se tratar de uma tipologia industrial, a edificação é de difícil comparação com as demais, pois apenas um prédio recebeu esse uso entre os projetos levantados no arquivo municipal. Este foi a fábrica de carroças de Luiz Schöder, que no ano de 1898, quando foi construída, recebeu aparência eclética, diferente das últimas construções da cervejaria, as quais receberam fachadas mais “limpas”. Para o fato específico de se tratar de um ambiente destinado à armazenagem de garrafas, o espaço não é exigente nem com a quantidade de luz e nem com a da ventilação. O prédio localizado na esquina da Rua Conde de Porto Alegre com a Rua José do Patrocínio possui janelas com peitoris bastante altos, suas vergas diferenciadas não foram encontradas em nenhuma outra obra de Caetano.



Figura 159: Fábrica de Leopoldo Haertel, fotografia atual da fachada para a Rua José do Patrocínio, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

Desse modo, para quantificar os elementos dos edifícios monumentais, é coerente que seja considerado apenas as obras que foram comprovadas ou que apresentaram características semelhantes as suas.

Dentre as quatro edificações comparadas, as duas unidades (a Casa Nº5 e a adega da cervejaria Sul Rio Grandense), por possuírem características distintas do restante do inventário das obras arquivadas na SeUrb, não serão consideradas como sendo de responsabilidade de Caetano.

Então, considerando que Caetano Casaretto foi o responsável pela construção de oito prédios monumentais em Pelotas, 62,5% (cinco) foram localizadas. A Capela da Beneficência Portuguesa, o Clube Caixeiral, as Casa Geminadas, a Biblioteca Pública, e o Asilo de Mendigos. Três monumentos foram demolidos (37,5%): a capela da Luz, Casa Nº7 e a Escola de Artes e Ofícios.

Entre as cinco existentes, todas receberam proteção municipal e três, localizadas no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, receberam também proteção federal (Figura 147), através da Portaria nº009 de setembro de 1986, do IPHAN. São elas: o Clube Caixeiral, a Biblioteca Pública e as Casas Geminadas.

5.3 TRATAMENTO DE FACHADA

As linguagens das fachadas destas obras foram analisadas segundo os mesmos parâmetros utilizados para as demais 74 construções inventariadas. Este outro inventário somou dez obras e as reflexões a seguir foram feitas sobre as oito unidades consideradas como de responsabilidade de Caetano Casaretto.

COROAMENTO

Com relação os tipos de coroamentos que mais se encontrou foram as platibandas mistas com balaústres, a vazada com balaústres (Figura 160) em 50%. A cega trabalhada foram encontradas em 25% dos casos. Em 12,5% dos prédios as platibandas usadas foram as cegas simples e as mista com balaústres. Ainda, 12,5% não apresentaram platibanda (é o caso da Capela da Luz, com telhado aparente).



Figura 160: Sede do Clube Social Caixeiral, fachada principal, Pelotas, 2010.
Fonte: Foto do autor.

O frontão mais frequente foi o tipo cimbrado (Figura 161) e o triangular com 37,5%. Em 12,5% dos casos encontrou-se o tipo retangular. Os frontões abertos apareceram um dos prédios (12,5%).



Figura 161: Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fachada principal, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

ESTRUTURA COMPOSITIVA

A composição da fachada foi analisada de três formas: a primeira é a divisão horizontal e refere-se à base, ao corpo e ao coroamento; a segunda é a divisão vertical que irá corresponder à simetria da fachada; a última analisa em que parte da divisão horizontal apareceu alguma marcação vertical.

Para as obras que nessa pesquisa fazem parte das imponentes, 100% apresentaram divisão horizontal em base, corpo e coroamento (Figura 162). A marcação vertical representada pelas pilastras e colunas apareceu em 62,5% dos casos na base, no

corpo e no coroamento. Em 37,5% dos casos esta marcação vertical foi verificada na base e no corpo.

Quanto à simetria, 87,5% dos casos apresentaram a solução tripartida-simétrica. Em 12,5% percebeu-se assimetria, é o caso da escola de Arte e Ofícios.



Figura 162: Vista em perspectiva da fachada principal do asilo. Pelotas, s/d.
Fonte: MOURA E SCHLEE, 2002, p.89.

TRATAMENTO DE ESQUINA

Metade, ou seja, quatro unidades das grandes obras estiveram localizadas em esquinas e em nenhum caso houve tratamento especial com chanfro ou arredondamento (Figura 163). Em 25% as construções estavam no meio da quadra e em 25% a implantação do imóvel era do tipo isolada no lote.



Figura 163: Esquina da residência de Pedro Luis Osório e Noêmia Assumpção Osório à direita.
Pelotas, s/d. Fonte: CARRICONDE, C., 1922, s/p..

ABERTURAS

Em sete das oito unidades (87,5%) pode-se verificar que as aberturas tipo portas eram duplas, a mesma porcentagem apresentaram almofadas e 62,5% bandeiras. Em dois casos (25%) a porta encontrava-se recuada e em uma obra (12,5%), a imagem não permitia sua visualização para análise. Em 25% pode-se notar que havia vidros nas portas.

As janelas de abrir foram notadas em 75% das obras imponentes. O tipo fixa pode ser identificado em 25% das mesmas. Fechamentos tipo veneziana e postigo foram registrado em 25%.

VÃOS

Em 25% apareceu casos com janelas de formas circulares. As molduras tipo simples foram as mais freqüentes, tendo sido notadas em 50% e sendo seguidas por aquelas do tipo trabalhada com 37,5%. Em 12,5% dos casos não havia molduras.

Cimalha e banda foram os ornamentos em torno dos vãos que mais se encontrou, a primeira em 75% a e segunda em 50%. Ainda, a cornija apareceu em 25% destas obras.

Com relação as vergas dos vãos 75% receberam verga tipo arco pleno, 50% apresentaram o tipo reta, 25% arco abatido e 12,5% verga mista.

ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

Para os elementos arquitetônicos de fachada foram verificados em 75% a presença de: adornos em massa, pilastras trabalhadas, balcão ou sacada, gateiras e porão alto. Em 62,5%% notou-se rusticação e em 50% puderam ser observados enfeites tipo compoteiras, esculturas ou estátuas. Apenas um exemplar possuía alpendre (12,5%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi conhecer a obra de arquitetura de Caetano Casaretto, profissional da construção que trabalhou em Pelotas/RS na última década do século XIX e, principalmente, nas duas primeiras do XX, tendo sido o responsável por quase uma centena de edificações.

O município de Pelotas está localizado no extremo sul do Brasil. Teve origem nas inúmeras charqueadas implantadas a partir de 1780. Este ambiente urbano se formou através de uma freguesia formalizada em 1812 e do loteamento de terras privadas. Inicialmente sua população era majoritariamente luso-brasileira e composta por um número considerável de soldados que pediram baixa, além de refugiados vindos de Rio Grande devido a invasão espanhola ocorrida em 1763. Sua malha viária de traçado irregular heterogêneo foi levantada pela primeira vez em 1815. Ao longo do tempo foi sofrendo variações nas dimensões das quadras, entretanto o desenho original foi mantido nos três loteamentos seguintes. Em 1832 um decreto imperial elevou a então freguesia de São Francisco de Paula à categoria de vila. A localidade recebeu o nome de Pelotas, quando foi elevada a cidade em 1835. A partir da metade do século XIX o centro da cidade recebeu infraestrutura urbana como canalização de água potável, redes de esgoto pluvial e iluminação pública.

Foi em 1853 que chegou a Pelotas o imigrante italiano e profissional da construção civil Jerônimo Casaretto. Saiu da cidade de Zoagli, na Itália, para viver em Buenos Aires onde esteve por doze anos e meio. Depois, morou por três anos em Montevideu, cidade de onde partiu para o Brasil. Desembarcou em Rio Grande e transferiu-se para Pelotas. Aqui se estabeleceu, casou e formou sua família.

As primeiras migrações para o extremo sul do país ocorreram devido à iniciativa privada, autorizadas pelo governo municipal para famílias que desejavam comprar um lote de terras e trabalhar no meio rural. Entretanto os registros existentes demonstraram que a vinda de Jerônimo para o Brasil teve as características das imigrações ocorridas a partir da metade do século XIX, quando vieram profissionais liberais com o intuito de trabalhar nas cidades. Inicialmente com a finalidade de servirem de intermediários no comércio de importação e exportação com a Europa e aos poucos migraram especialistas que ajudaram no desenvolvimento urbano local. Nesse grupo Caetano teria os primeiros ensinamentos.

Recém chegado nesta cidade, Jerônimo casou-se com Benedita, natural de Chiavare, localizada na mesma região italiana de onde viera, a Ligúria. O casal teve oito filhos, um deles foi Caetano Casaretto, nascido em Pelotas em 1862.

Caetano seguiu os passos do pai na arte de edificar e pode acompanhar durante sua juventude o desenvolvimento urbano gerado pela implantação da infraestrutura urbana e dos serviços. Sua irmã mais velha, Aurélia, casou-se com Carlos Scotto, com quem teve um filho chamado Carlos Casaretto Scotto, formado “engenheiro-architecto” nos Estados Unidos. Juntamente com seu sobrinho Caetano projetou a Escola de Artes e Ofícios em 1917, e foi este que seguiu a tradição da família: ser construtor.

A arquitetura da cidade no período em que esteve incluída a obra de Caetano Casaretto pode ser dividida em dois momentos distintos: o primeiro referente ao seu apogeu econômico, decorrente da exportação do charque. O segundo resulta da industrialização pela qual passou Pelotas e que transformou o espaço urbano. Esse processo foi representado na arquitetura da cidade. Inicialmente a linguagem mais utilizada foi o ecletismo que gradativamente foi anunciando espaço para o protomodernismo.

Em Pelotas, a crise na produção saladeiril do final do século XIX fez com que a região perdesse sua posição de destaque na província meridional. Este processo de transformação interferiu na arquitetura da cidade, que apesar de manter alguma continuidade com as construções ecléticas, passou a indicar mudanças e se apropriar pelo gosto moderno. Essas alterações eram expressas no uso de novos materiais e na decoração mais geometrizada e simples das fachadas.

Inicialmente, o profissional Caetano Casaretto aprendeu seu ofício na prática, acompanhando seu pai e José Isella, arquiteto imigrante italiano contemporâneo de Jerônimo a quem Caetano costumava se referir como mestre, o qual foi responsável por notáveis edificações na mesma cidade. Num segundo momento, teve suporte técnico nos manuais de construção, principalmente italianos e franceses, os quais mantiveram-se preservados pela família. Por fim, já senhor, aos 65 anos estudou no Instituto Técnico Industrial, na Itália, época sobre a qual pouco se sabe.

Para o desenvolvimento da pesquisa, metodologicamente optou-se por realizar dois inventários. O primeiro trabalhou com 74 projetos existentes na Secretaria Municipal

de Urbanismo de Pelotas, neste as residências tiveram tratamento especial por representarem 62% do total. O segundo inventariou as obras imponentes, ou seja, monumentais, essas últimas somaram dez unidades, das quais oito foram consideradas de responsabilidade do profissional estudado, e nenhuma possui seu projeto arquivado junto ao acervo da prefeitura municipal.

No inventário foram utilizadas as fichas do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão, desenvolvidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Este sistema é um instrumento que vem possibilitando o cadastro dos bens culturais em uma base nacional de dados sobre patrimônio cultural do Brasil. A fim de melhor servir a pesquisa, uma das três fichas utilizadas foi modificada, foram retiradas as lacunas destinadas aos materiais utilizados e em seus lugares inseriram-se informações sobre tipologia.

Por fim, a pesquisa seguiu o método comparativo na história, buscaram-se as semelhanças e as diferenças que apresentaram estes dois grupos de registros. Considerando que este estudo não foi realizado em meios sociais distintos, constituiu-se uma pesquisa monográfica, em especial, tratou-se de demonstrar quais foram as singularidades irredutíveis.

A arquitetura que foi desenvolvida pelo profissional estudado é oriunda da modernização das formas de produção surgidas a partir da metade do século XVIII, quando se iniciou uma nova forma de comércio de bens. A produção em série e a venda de produtos industrializados permitiram o aparecimento de uma classe social forte e interessada em hábitos diários que exigissem menos esforços físicos. Essa nova classe burguesa era composta por industriais e comerciantes e passou a conduzir hábitos e modas. Nesse período a linguagem da vanguarda era eclética, o uso de elementos em ferro fundido, vidro e ornamentos de fachada passou a ser mais frequente.

A linguagem protomoderna iniciou em Pelotas a partir da crise da produção saladeiril que fez surgir uma classe comerciante, a qual se tornou forte a partir da segunda metade do século XIX e principalmente início do XX. Alguns destes senhores eram descendentes dos ricos charqueadores do período anterior e foram clientes de Caetano, estes exigiram edifícios com programas que satisfizessem as necessidades de sua época, como prédios comerciais e moradias mais modernas, onde os compartimentos de serviço, como sanitários e cozinha, não ficavam necessariamente separados do resto da casa.

Sobretudo, a arquitetura de Casaretto era eclética, porém com considerável número de edificações em linguagem protomodernista. Estas últimas, mais por excesso de simplificação em construções utilizadas para serviço, do que pela vanguarda no ofício de edificar. Na atual área central da cidade, construiu quase sempre propriedades privadas para fabricantes, fazendeiros e principalmente comerciantes, além de instituições muitas vezes presididas pelos mesmos senhores.

Dentre os clientes mais frequentes estiveram a viúva Carlota Benhnersdorf, comerciante, com três contratações, sendo duas referentes a reformas internas e uma para a construção de um armazém; Antônio Augusto Assumpção, político, que por quatro vezes utilizou os serviços de Caetano para a construção de uma residência e algumas reformas e Theodósio F. da Rocha, comerciante, o qual serviu-se da arquitetura do mesmo profissional também em quatro momentos. Este último além de ter feito uma reforma mandou construir sua residência, uma loja e duas casas geminadas, provavelmente utilizadas como fonte de renda.

O programa encontrado em número significativamente maior que os demais foi aquele destinado às casas de moradia. A linguagem escolhida para as residências mais abastadas era eclética, uma exceção a esta regra foi a propriedade do Dr. Bruno Chaves, que apesar de grandiosa, recebeu linguagem protomoderna. A circulação residencial geralmente era feita através de corredor lateral, mesmo em terrenos onde sua largura permitia que fosse centralizado.

Com relação a sua preservação, os prédios públicos acabaram sendo mais favorecidos, talvez por serem mais visados e representativos. Cinco dentre oito foram localizados. São eles: a capela da Beneficência Portuguesa; o Clube Caixeiral; as casa geminadas Nº1e Nº3, da praça Pedro Osório; a Biblioteca Pública e o Asilo de Mendigos. Apenas o prédio do clube Caixeiral encontra-se em estado precário de conservação, os demais estão bem conservados.

O atual Plano Diretor de Pelotas (2008) estipulou Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural Urbano onde a necessidade de preservação mostra-se mais importante. As áreas são compostas por zonas, eixos e focos de preservação. A chamada Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) corresponde à área dos três primeiros loteamentos da cidade. Inserida nesta zona está a Praça Cel. Pedro Osório, um dos focos de proteção e ponto final do eixo que liga esta à Praça José Bonifácio, na qual está localizada a catedral, através da Rua Félix da Cunha (eixo).

Todas as unidades monumentais existentes estão protegidas, ou pela prefeitura através dos bens inventariados, ou pelo poder federal na figura do IPHAN, como os prédios localizados no entorno da Praça Coronel Pedro Osório.

No que se refere a comparação entre os dois inventários identificou-se que todas as 74 obras assinadas por Caetano encontravam-se no que o III Plano Diretor chamou de ZPPC. Entre as imponentes esse percentual foi de 75% (seis prédios), os outros 25% (dois), ambos demolidos, estavam fora desse perímetro: a escola de Arte e Ofícios, na Praça Vinte de Setembro e a capela da Luz, na Rua Padre Anchieta, entre a Rua Rafael Pinto Bandeira e a Rua da Luz. Nesse sentido, dentre as obras que ainda permanecem, todas se encontram na ZPPC. Fato que merece destaque, já que pelo atual Plano Diretor, a volumetria e a fachada mesmo dos bens que não foram tombados ou inventariados, nesta zona, passaram a ser preservados.

Nas edificações imponentes o percentual da linguagem mais utilizada, eclética, é de 100%. Foi também a mais frequente ao longo de sua carreira, chegando a 80% dos projetos encontrados na prefeitura. As protomodernistas somaram 12% e eram construídas inicialmente para os usos mais simples, como as cocheiras.

Nos projetos arquivados, 62% eram residências, sendo 38 unidades exclusivamente residenciais e oito juntamente com comércio (uso misto). Dentre as edificações destinadas a moradia, 52,2% teve porão alto, 45,1% receberam corredor lateral e mais da metade não possuía alcova. A maior frequência foi de casas unifamiliares, no entanto, foram verificadas casas de uso misto, casas geminadas de planta idêntica, casas geminadas de plantas espelhadas e conjuntos de casas destinadas a renda.

A respeito da implantação nos lotes, na maioria nos dois grupos foi adotada a mesma solução: a porcentagem dos prédios sobre os alinhamentos predial e laterais foi de 69% nas obras em geral e de 75% entre as imponentes. O tratamento de esquina é uma característica dispensada pelo profissional, não foi encontrada nenhuma unidade com tratamento especial.

A grande maioria dos dois grupos de edificações foram divididas horizontalmente em base, corpo e coroamento, diferentemente da divisão vertical onde 33,5% dos projetos da Secretaria Municipal de Urbanismo apresentaram fachada assimétrica e em 87,5% das obras imponentes atribuídas à Caetano foi utilizada a solução tripartida e simétrica.

Com relação ao coroamento, a maioria das platibandas verificadas foram do tipo cega na primeira parte do inventário, nas obras mais relevantes o tipo vazada aparece com

maior frequência. Com referência aos frontões, a opção cimbrado, ou seja, com a parte superior curva e o lado convexo voltado para fora, foi a mais usada independente do grupo de construções estudado.

Os tipos de aberturas também se assemelham entre os dois grupamentos de prédios. Tanto as portas como as janelas são concordantes: os acessos geralmente foram executados em folhas duplas e com almofadas, para as janelas preferiu-se utilizar as de abrir. Também se percebeu o gosto por janelas fixas circulares, tipo óculo, para as construções monumentais, as quase apareceram em 25% dos casos.

O uso residencial foi o mais identificado para ambos os grupos. O levantamento apontou pouco mais da metade das obras arquivadas na prefeitura destinadas à moradia. No grupo das obras monumentais, o percentual foi de 25% (dois exemplares), o mesmo número encontrado para as capelas (da Luz e da Beneficência Portuguesa).

Depois de analisar e comparar as características levantadas percebeu-se que poucas foram as diferenças entre as obras imponentes e as demais. As diferenças mais salientes foram encontradas no tipo de platibanda e na simetria. Nas edificações de maior vulto, o profissional optou por fachadas tripartidas e simétricas e sobre as quais a platibanda vazada com balaustres teve maior ocorrência. Nas obras em geral, as fachadas assimétricas apareceram mais frequentemente e suas platibandas eram preferencialmente cegas.

Um fato que chamou a atenção foi a grande diferença de linguagem das fachadas dos dois últimos monumentos analisados. A Escola de Artes e Ofícios, projetada em 1917 e construída entre 1919 e 1923 e o edifício do Asilo de Mendigos, projeto de 1928 com construção finalizada em 1931. Na época de formação profissional de Caetano e durante a maior parte de seu tempo de trabalho a linguagem predominante foi a eclética, diferente do momento no qual estuda seu sobrinho Carlos Casaretto Scotto, formado nos Estados Unidos em um período que a linguagem *art-déco* começava a ganhar espaço e que no Brasil se fazia sentir também através do chamado neocolonial. O prédio do asilo projetado e cuja construção foi responsabilidade exclusivamente de Caetano recebeu linguagem eclética bastante definida, diferente da obra da escola cujo projeto foi elaborado juntamente com Carlos Scotto e em cuja fachada percebe-se maior simplicidade de ornamentação e telhado aparente.

No mesmo sentido, mostrou-se curioso o fato da divisão vertical da fachada ser preferencialmente assimétrica nos primeiros anos de trabalho do profissional, e que a

solução tripartida-simétrica passou a ser mais utilizada no fim de sua carreira, quando o esperado seria o contrário, visto que a rigidez da linguagem eclética tende a diminuir com o passar dos anos, tornando-se mais flexível e mais próxima da linguagem protomoderna.

A grande maioria das construções (69%) foram projetos de construções novas, o mesmo percentual de obras foi encontrado com a assinatura referente apenas à Caetano Casaretto. Entretanto, a época na qual possivelmente o profissional trabalhou sozinho foi no final de sua carreira, mesmo momento em que se encontraram mais projetos referentes a reformas internas, sobre as quais pouco se sabe por serem compostas apenas de planta baixa e corte. As obras contendo planta, corte e fachada (75,5%) geralmente foram observadas no início de sua vida profissional, quando sua assinatura ainda trazia o complemento “e Irmãos”.

Notou-se também, que as propriedades cuja linguagem foi determinada como protomoderna foram construídas na primeira década do século XX, ou seja, não foram as primeiras nem as últimas experiências do construtor. Esta linguagem foi utilizada nas fachadas de edificações destinadas a serviços e alguns prédios comerciais, e que condiz com as necessidades de seus clientes, já que a maioria das obras do início de sua carreira foi residencial e a maior parte das obras do fim de sua vida profissional foram reformas.

As características gerais da totalidade da obra de Caetano, o que é comum aos dois inventários, ou seja, suas singularidades irredutíveis foram: o uso da linguagem eclética; situar aos prédios sobre os alinhamentos predial e laterais; dividir horizontalmente a fachada em base, corpo e coroamento e utilizar rusticação e adornos em massa nas fachadas principais. Não usar tratamento especial para as edificações localizadas na esquina também foi uma opção adotada pelo profissional. Para as aberturas, o profissional priorizava as portas duplas com almofadas e as janelas de abrir circundadas por molduras simples. Com relação as residências, a preferência foi as de porão alto.

Assim, as migrações italianas ocorridas no século XIX dirigidas ao sul do Brasil trouxeram profissionais como Jerônimo Casaretto, trabalhador da construção civil que escolheu Pelotas para se fixar e formar família. Um de seus filhos, Caetano Casaretto seguiu seus passos e tornou-se construtor responsável por diversos prédios importantes para o ambiente urbano da época. A crise da produção do charque no final do século XIX, principal produto local até então, proporcionou uma mudança econômica direcionada para a indústria e principalmente o comércio. O poder

monetário passou das mãos dos charqueadores para uma nova burguesia urbana. Os programas de necessidades em arquitetura sofreram alterações visando os novos usos. Ao mesmo tempo ocorreu a modernização das cidades com a implantação da infraestrutura e equipamentos urbanos. Alguns comerciantes e industriais da época foram clientes de Caetano no final do mesmo século e durante as três primeiras décadas do século XX. Para estes senhores Caetano construiu lojas, armazéns, escritórios, oficinas e casas com até três pavimentos. De modo geral preferiu erguer prédios ecléticos, com porão alto e cuja circulação se dava pela lateral da construção.

A arquitetura urbana de Caetano Casaretto participou da formação do centro histórico de Pelotas. O profissional trabalhou com pequenas e grandes obras, com novos projetos e com reformas. Projetou e construiu. Ajudou a contar a história da cidade e como construtor deixou um legado respeitável para o patrimônio arquitetônico, que merece ser preservado.

BIBLIOGRAFIA E FONTES CITADAS

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. **Tipologia**. In: Enciclopedia universale dell'arte vol XIV istituto per la collaborazione culturale venezia Roma firenze, casa editrice G.C. Sanzoni, 1966, pp.1-16.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas: Gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835)**. Pelotas, Armazém Literário, 1994.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BARCELLOS, Débora; LEITE, Cristiano; VIANNA, Taís Feijó. Caetano Casaretto. In: GUTIERREZ, Ester (cord.) **Marcucci, Zanotta e Casaretto – Constroem o sul do Novo Mundo**. Pelotas: Ed. UFPel, 2008, pp.128-197

BPP imp. **Estatísticas do município de Pelotas**, organizado e publicado pela Intendência Municipal - 1897. Pelotas: Livraria Comercial e Souza & Lima, 1897.

BRAUNER, Ana Luiza Osório; HABEYCHE, Layla; LAMARE, Liana Cassal de; SILVA, Mariana Ribeiro. 2000. **Arquitetura residencial. Família Assumpção**. Monografia. Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: EPU, 1977.

CABRAL, Helen Gularte; ÁVILA, Pablo Ricardo. Guilherme Marcucci. In: GUTIERREZ, Ester (cord.) **Marcucci, Zanotta e Casaretto – Constroem o sul do Novo Mundo**. Pelotas: Ed. UFPel, 2008, pp.18-59

CARDOSOS, Ciro Flomarion S.. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CHEVALLIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella: Arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX.** Pelotas: Mundial, 2002.

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-Americanos.** Revista do Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

CORREIA, Telma de Barros. *Art déco e indústria Brasil, décadas de 1930 e 1940.* **Annals of Museu Paulista.** v. 16. n.2. July - Dec. 2008. pp. 47-104.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C.. **Dicionário da arquitetura brasileira.** São Paulo: EDART, 1972.

COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa: sobre arquitetura.** Porto Alegre: CEUA, 1962.

CRUZ, Glenda Pereira da. Pelotas, espaço construído no início da república. In: WEIMAR, Günter (org.). **Urbanismo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Lisboa: Relógio d'água, 2001.

DIONELLO, Tiago Gomes; JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. A contribuição de um método tipológico na análise do patrimônio cultural urbano nas cidades da região sul do Rio Grande do Sul. **Revista Projectare.** Pelotas: UFPEL, 2008, pp.5-15.

FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira.** São Paulo: Ed. USP, 1987.

FERNÁNDEZ, Roberto. **Tipologia e história.** Notas de discusión. Jornada sobre tipologia. Buenos Aires: UNLP, 1990 e 1995.

FRAMPTON, Kenneth. **Historia crítica de la arquitectura moderna.** 8 ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1996.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **Negros, charqueadas e olarias.** Um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. UFPel, 2001.

_____. **Barro e sangue.** Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

GUTIERREZ, Ester J. B.; GONSALES, Célia Helena C.. **Áreas especiais de interesse do ambiente cultural urbano: centro e bairros. Pelotas/RS.** Pelotas: s/e. 2008.

GUTIERREZ, Ramón. **Arquitetura latino-americana.** Textos para reflexão e polêmica. São Paulo: Nobel, 1989.

HERNÁNDEZ, Manuel J. Martín. **La invención de la arquitectura.** Madrid: Celeste, 1997.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa dos biomas do estado do Rio Grande do Sul.** Disponível em: www.ibge.br - Acesso em Nov. 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão:** Estrutura do sistema descritor (SICG). Brasília, IPHAN, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=14897&retorno=paginalphan> - Acesso em 23.10.2010.

_____. **Ficha M301. Bem imóvel – Arquitetura – Cadastro de bens.** Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG). Brasília, IPHAN, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?retorno=detalheInstitucional&sigla=Institucional&id=14900> - Acesso em 23.10.2010.

_____. **Ficha M302. Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização externa.** Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG). Brasília, IPHAN, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?retorno=detalheInstitucional&sigla=Institucional&id=14900> - Acesso em 23.10.2010.

_____. **Ficha M303. Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização interna.** Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG). Brasília, IPHAN, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?retorno=detalheInstitucional&sigla=Institucional&id=14900> - Acesso em 23.10.2010.

_____. **Portaria nº009 de setembro de 1986.** Brasília, IPHAN, 1986.

KOCH, Wilfried. **Estilos de arquitetura II.** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **História da casa brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.

LEÓN, Zênia de. **Pelotas. Sua história e sua gente**. Pelotas: Ed. UFPEL, 1996.

LIMA, Janaína A. de; VIEIRA, Liziane M.; AHLERT, Roberta S.; DIEFENBACH, Samantha S.. 2003. **Cervejaria Sul Rio-grandense**. Monografia. Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

LIMA, Solange Ferraz de. O trânsito dos ornatos: modelos ornamentais da Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?). **Anais do Museu Paulista**. Volume 16. nº1. São Paulo, 2008, pp.151-199.

LUCCHINI, Aurélio. **Ideas y formas en la arquitectura nacional**. Montevideo: Nuestra Tierra, 1969.

LUCKOW, Daniele Behling. **Arquitetura urbana e inventário: São Lourenço do Sul. RS**. 2010. Dissertação. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Pelotas século XIX**. Pelotas: Mundial, 1994.

_____. **Histórias e tradições na cidade de Pelotas**. 3 ed. Pelotas: Armazém literário, 1999.

_____. **Os passeios da cidade antiga** (guia histórico das ruas de Pelotas). 2 ed. Pelotas: Armazém literário, 2000.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas memória**. Fascículo 3. Pelotas: s/ed, 1989.

_____. **Pelotas memória**. Fascículo 4. Pelotas: s/ed, 1990.

_____. **Pelotas memória**. Fascículo 5. Pelotas: s/ed, 1990.

_____. **Pelotas memória**. Fascículo 1. Pelotas: s/ed, 1994.

_____. **Pelotas memória**. Fascículo 5. Pelotas: s/ed, 1999.

_____. **Pelotas memória**. Fascículo 1. Pelotas: s/ed, 2000.

MASCARELLO, Sônia P. R.. **Arquitetura brasileira. Elementos, materiais e técnicas construtivas**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1982.

MENEGOTTO, Renato. **Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre: 1892-1930**. 2011. Tese. Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de. **Modernidade pelotense, a cidade e a arquitetura possível: 1940-1960**. 1998. Dissertação. Mestrado em História do Brasil. Programa de Pós Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 2002.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de. **Protomodernismo em Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2005.

NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. **Arcas de lembranças**. Pelotas: Martins Livreiro, 1982.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. Cultura brasileira e indústria cultural. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OSÓRIO, Fernando Luis. **A cidade de Pelotas**. 2 ed. Porto Alegre: Globo, v.1 e v.2, 1962.

PATETA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Ed. USP, 1987, pp.9-27.

PERES, Rosilena Martins. **Legado da tecnologia construtiva de imigrantes italianos ao patrimônio arquitetônico de Pelotas**. 2008. Tese. Doutorado em Engenharia. Escola de Engenharia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PONS, Antonella; LAMEGO, Fernanda; MEIRELES, Talita. 2006. **A cervejaria Sul-Rio-grandense**. Monografia. Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Informações turísticas**. Disponível em: www.pelotas.com.br – Acesso em nov. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Mapa Urbano Base**. Pelotas, 2007.

PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**. Campinas: Pontes, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROESLER, Sara; MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de. O acervo protomoderno pelotense e seu potencial para habitação de interesse social. **Anais do 8º SeMinário DoCoMoMo BrASil**. Rio de Janeiro, 2009.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil:1900-1990**. 2 ed. São Paulo: Ed. USP, 2002.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 1930 e 1940**. 1993. Dissertação. Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelhos, máscaras, vitrines: Estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas, 1870-1930**. 1997. Dissertação. Mestrado em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. **Construtores italianos no ecletismo arquitetônico do sul do Rio Grande do Sul**. Instituto de Artes e Design. Universidade Federal de Pelotas, 8º Seminário de História da Arte. Pelotas: 2007.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Burgueses Inmigrantes y desarrollo urbano em el extremo sur de Brasil. **Scripta Nova**. Revista Eletrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

WAISMANN, Marina. **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1977.

VIDLER, Anthony. A terceira tipologia. Bruxelas: Archives of Modern Architecture Editions, 1978. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. pp.285-289.

WEIMER, Günter. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Ed. USP, 1987, pp.257-179.

_____. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul – 1892/1945**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004.

_____. O conceito de *art déco*. **Revista UFG**. Ano XII. Nº8. Universidade Federal de Goiás. 2010. pp.9-13.

WIKIPEDIA. **Guilda**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guilda> – Acesso em dez. 2011.

FONTES ORAIS

CASARETTO, Giane. **Entrevista Oral**. Pelotas, 07 jul 2010.

CASARETTO, Paulo Bianchi. **Entrevista Oral**. Pelotas, 07 jul 2010.

FONTES MANUSCRITAS

CASARETTO, Wilma Paiva. **O casarão**. Pelotas, s/d.

SPBP. **Livro de Atas da Sociedade Portuguesa Beneficente**. 01 jun. 1857 a 17 nov. 1872.

SPBP. **Livro de Atas da Sociedade Portuguesa Beneficente**. 03 fev. 1889 a 17 jul. 1899.

Acervo Giane Casaretto

Auto de justificação de solteiro de João Baptista Domingues para Jerônimo Casaretto. 21 mar. 1853.

Carta de José Casaretto para o cunhado e a irmã. 2 jul. 1885.

Carta de Jerônimo Casaretto para o cunhado e a irmã. 11 jul. 1885.

Carta de Jerônimo Casaretto para Onofre de Freitas Gomes. 5 fev. 1903.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

APERGS, Inventário de Jerônimo Casaretto e Benedita Casaretto, inventariante Jerônimo Casaretto [filho]. Sob registro: Nº167, M9, E140. Pelotas, 10 jun 1886.

APERGS, Inventário de Guilherme Marcucci, inventariante Dionísio Marcucci. Sob registro: Nº1437, M78, E26. Pelotas, 1901.

FONTES IMPRESSAS

AMP – ASILO MUNICIPAL DE PELOTAS. **Histórico do asilo de mendigos de Pelotas – 1882 – 1935**. Dr. Alcides Torres Diniz – relator, Dr. Edmundo des Essarts Pérez, Dirceu Lopes de Souza. Pelotas: s/ed., 1935.

BAUER, Richard; WAGNER, Ignaz. **Der modern ausbau**. Leipzig, s/d.

BPP. BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE. **Correio Mercantil**. Pelotas, 19 de jan. 1892.

_____. **Diário Popular**. Pelotas, 06 de dez. 1864.

_____. **Diário Popular**. Pelotas, 1871.

_____. **Diário Popular**. Pelotas, jun. 1918.

_____. **Diário Popular**. Pelotas, 15 de out. 1929.

_____. **Diário Popular**. Pelotas, 28 de jun. 1931.

_____. **Estatísticas do município de Pelotas**. 1987.

C. CRUDO e C. **Lec onstruzione moderne in itália - Facciate di edifici in stile modern - Milano I**. Società Italiana di Edizione Artistiche. Torino, s/d.

C. CRUDO e C. **Lec onstruzione moderne in itália - Facciate di edifici in stile modern - Genova**. Società Italiana di Edizione Artistiche. Torino, s/d.

C. CRUDO e C. **L'architettura italiana (anno V)**. Società Italiana di Edizione Artistiche. Torino, s/d.

C. CRUDO e C. **L'architettura italiana (anno X)**. Società Italiana di Edizione Artistiche. Torino, s/d.

CARRICONDE, C. **Álbum de Pelotas** – Centenário da Independência do Brasil. Pelotas: s. ed, 1922.

CCP – CLUBE CAIXEIRAL DE PELOTAS. **Annaes do Club Caixeiral de Pelotas (1879 – 1920)**. Pelotas: Globo, 1929.

COLLAÇO, Felipe Neri. **O thesouro da familia brasileira**. 1 ed. Recife: M. J. G. Braga & C^a. Editores, 1880.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, II Volume, 1922.

CUNHA, Alberto Coelho. Antigualhas de Pelotas. **A Opinião Pública**. Pelotas: de 29.06.1928 a 20.12.1928.

FERREIRA & C. **_Almanach de Pelotas**. Ano IV. Pelotas: s/ed. 1916.

GG. GINÁSIO GONZAGA. **Ginasio Gonzaga. Curso secundário e escola superior de comércio**. Pelotas: Livraria do Globo, 1933.

LOPES NETTO, João Simões. **Revista do 1º centenário de Pelotas – v.1**. Pelotas: s/e, 15 de outubro de 1911.

LOPES NETTO, João Simões. **Revista do 1º centenário de Pelotas – v.2**. Pelotas: s/e, 25 de novembro de 1911.

LOPES NETTO, João Simões. **Revista do 1º centenário de Pelotas – v.5**. Pelotas: s/e, 29 de fevereiro de 1912.

LOPES NETTO, João Simões. **Revista do 1º centenário de Pelotas – v.6**. Pelotas: s/e, 30 de março de 1912.

MM. William e Farge. **Le recveil - D'Architectvre choix de Documents Pratiques Architectes**. Paris: Editora Ducher e C., 1884.

Monte Domeq & Cia. O Estado do Rio Grande do Sul. Barcelona: Thomas, 1916.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas**. Ano VII. Pelotas: s/Ed, 1919.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas**. Ano XI. Pelotas: s/Ed, 1923.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas**. Ano XVIII. Pelotas: s/Ed, 1930.

PELOTAS. **III Plano Diretor**. 2008.

PUIG, Andrés Audet y. **Carpintaria artística**. Barcelona: Centro Editorial Artístico de Miguel Seguí, s/d.

QUINCY, Quatremère de. **Dizionario storico di architettura**. [1825] Veneza: Saggi Marsilio, 1992.

THÉZARDS, Emile. **Petite constructions françaises**. Dourdan: Editora E Thezard Fils, s/d.

VITRÚVIO. **Tratado de arquitetura**. [1486] São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Fotografias antigas - Acervo Giane Casaretto

Fotografia de Jerônimo Casaretto e Beneditta Casaretto, s/d.

Fotografia de Aurélia Casaretto, s/d.

Fotografia de Jerônimo Casaretto, s/d.

Fotografia de João Casaretto, s/d.

Fotografia de José Casaretto, s/d.

Fotografia de Caetano Casaretto e Isabel Casaretto, s/d.

Fotografia de Caetano Casaretto, capa do jornal **Diário Popular** do dia 28 jun. 1831, Inauguração do novo prédio do Asilo de Mendigos

Fotografias antigas – Biblioteca Pública Pelotense

Fachada principal durante a chegada de Flores da Cunha à Pelotas, na janela da direita o próprio e na janela da esquerda o Dr. Pedro Osório, Pelotas, 1923.

Fotografias antigas - Secretaria Municipal de Cultura

Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fotografia da fachada principal, Pelotas, s/d.

Fotografias antigas - Acervo Nelson Nobre Magalhães

Represa do Quilombo em construção, Pelotas, s/d.

Estação do corpo de bombeiros, Pelotas, 1924.

Linha de descarga dos esgotos no canal São Gonçalo, Pelotas, s/d.

Execução das obras de recolhimento de esgoto, Pelotas, s/d.

Bonde elétrico em Pelotas, s/d.

Estação de trem de Pelotas, 1912.

Clube Caixeiral, Pelotas, 1922.

Edifício da Associação Comercial de Pelotas em construção no final da década de 30 do século XX.

Fotografias antigas - Acervo Ester Gutierrez

Atual Praça Piratinino de Almeida, com o reservatório de ferro fundido vindo da França e vista do primeiro bloco da Santa Casa e de sua capela ao fundo. Pelotas. s/d.

Fotografias antigas – Álbum de Pelotas

Biblioteca Pública, fotografia antiga da fachada principal, Pelotas, s/d.

Escola de Artes e Ofícios, fotografia antiga, Pelotas, s/d.

Fotografias antigas – Almanach de Pelotas

Usina e pavilhão da “Luz e Força” à Praça da Constituição, s/d.

Projeto da fachada do Asilo de Mendigos, Pelotas, 1928.

Projetos arquitetônicos

PELOTAS. Acervo de projetos arquitetônicos da Secretaria Municipal de Urbanismo fotografado pelo autor. **Projetos arquitetônicos cujo construtor foi Caetano Casaretto.** Pelotas, 1893 até 1920.

- 1893 General Teles - proprietário desconhecido
- 1895 Andrade Neves, 2081, 2077 - Sede Congresso Português
- 1895 Gonçalves Chaves, 222, 224 - Casaretto e Irmãos
- 1896 Andrade Neves, 604, 606, 608 - Francisco de Brito Gouvêa
- 1896 Andrade Neves, 76 - Júlio Goofiz
- 1896 Sete de Setembro - Echenique e Irmãos
- 1896 Voluntários da Pátria esq. Santos Dumond, 17 - Theodosio F. da Rocha
- 1896 XV de Novembro - Eduardo da Silva Carvalho
- 1897 XV de Novembro - Levy & Irmãos
- 1897 XV de Novembro, 87 - Joaquim Moreira dos Santos
- 1897 XV de Novembro, 210 - Bernardina Pinto
- 1897 XV de Novembro, 816 - Eduardo Gastal
- 1898 Praça José Bonifácio, 7 - Ataliba Borges
- 1898 Praça Rio Branco, 1158 - Theodosio F. da Rocha
- 1898 Tiradentes, 39 - Luiz Schröder
- 1898 XV de Novembro, 151 ou 153 - Luiza Bidan
- 1899 Tiradentes - Theodosio F. da Rocha

1899 Voluntários esq. Anchieta, 2197 - Hyppolito Gonçalves Detroit
 1899 XV de Novembro esq. Voluntários - José Vieira de Souza
 1900 Gonçalves Chaves esq. Cassiano - José Delfino da Costa
 1900 Marcílio Dias - Barão de Aredes Coelho
 1900 Tiradentes entre Manduca e Marcílio - Theodosio F. da Rocha
 1901 Doutor Cassiano além da Marcílio - José Inácio do Amaral
 1901 Gen. Osório entre Três Maio e Gomes Carneiro – Soc. Portuguesa de Beneficência
 1901 Gonçalves Chaves, 213 - José Delfino da Costa
 1901 Voluntários da Pátria, 1558 - Francisco Nunes de Bastos
 1902 Benjamin entre Alberto Rosa e Álvaro Chaves - Dr. Antônio Augusto Assumpção
 1902 Félix da Cunha, 120 - Romão Trápaga
 1902 Marechal Deodoro, 233 - Guilherme Marcucci
 1902 Voluntários, 921, 927 - Carlota Behrendorf
 1902 XV de Novembro, 505 - Ismael da S. Maia
 1903 Conde de Piratini, esq. Pç. Cel. Pedro Osório, 201 - Irmandade São Francisco de Paula
 1903 Félix da Cunha, 156 - Eduardo Enedino Gomes
 1903 Félix da Cunha, 518 - João de M. Moreira
 1903 Prof. Araújo, 54 - José Casaretto
 1903 XV de Novembro, 107 - Maria da Glória Pojo
 1904 Padre Anchieta esq. Uruguai, 1512 - Estephania Rodrigues
 1904 Sete de Setembro - Edmundo Gastal
 1904 Santos Dumont, Vila da Graça - Adeodato Rossi
 1904 Tiradentes entre Saldanha Marinho ou Marcílio Dias - Antônio P. Rego Magalhães
 1905 Praça José Bonifácio, 166 - Colégio Gonzaga
 1906 Conde de Porto Alegre, 1 - Joanna Carolina da Rocha
 1907 Benjamin Constant esq. Gonçalves Chaves - Antônio Augusto Assumpção
 1907 Félix da Cunha, 165 - Luzia Marino Mariano
 1908 Félix da Cunha, 15 - Caetano Casaretto
 1908 Marechal Floriano, 8 , 10 - Antônio A. Assumpção
 1908 Praça José Bonifácio - Irmandade São Francisco de Paula
 1909 XV de Novembro, 162 - Baptista Lullier Filho
 1911 Barão de Butuí - Antônio A. Assumpção
 1914 Andrade Neves, 664 - Velloccino Torres
 1915 General Osório, 620 - Marina Eston de Eston
 1915 XV de Novembro, 568, 570, 572 - Paulina A. de Faria Rosa
 1915 XV de Novembro, 653 esq. General Neto - Deolinda Aguiar Leite
 1915 XV de Novembro, 817, 819 - José do Carmo Alves de Carvalho
 1916 Andrade Neves, 516 entre Telles e Largo do Mercado - Celso Eston
 1916 Félix da Cunha, 560 - Maria Luiza Martins Soares
 1916 Félix da Cunha, 724, 726 - Bruno Chaves

1916 Praça Vinte de Setembro, 105 - Carlota Behrendsdorf
1917 Marechal Deodoro, 806 - Carlota Behrendsdorf
1918 Praça Cel. Pedro Osório, 61 - Olympio Farias
1918 Praça Vinte de Setembro - Fábrica de Chapéus Pelotense
1918 Santa Cruz, 811 - F. Ritter
1919 Benjamin Constant, 204 - Antônio Augusto Assumpção
1919 Félix da Cunha, 476 - Urbano Garcia
1919 Gonçalves Chaves, 552 - Maria Mendonça de Assumpção
1919 Gonçalves Chaves, 762 - Edmundo Berchon
1919 Marcílio Dias, 991 - Posto de Assistência Pública
1919 XV de Novembro, 216, 218 - Manoela Galibem Bidart
1920 Andrade Neves, 657 - Emílio Leão
1920 Félix da Cunha, 518 - João Mendonça Moreira
1920 Gonçalves Chaves, 911 - Paulino Duarte de Lemos
1920 Lobo da Costa esq. Santa Cruz - Maria F. Mendonça de Assumpção
1920 Lobo da Costa, 10 - Francisco Nunes de Souza
1920 Praça Cipriano Barcelos, 184, 190 - João Jorge Hosni

GLOSSÁRIO

O glossário deste trabalho, além de servir para descrever o elemento arquitetônico segundo os dicionários utilizados, colabora também para alcançar o objetivo do trabalho, *conhecer a arquitetura construída por Caetano Casaretto*, profissional que foi responsável por importantes exemplares de edifícios na cidade de Pelotas e que CHEVALLIER (2002) sugere que possa ser o primeiro arquiteto pelotense, já que, a descrição dos elementos vem acompanhada (quando possível) por imagem das obras de Caetano.

Para a elaboração do glossário foram utilizados dois dicionários, sendo um o Dicionário de Arquitetura Brasileira, de CORONA e LEMOS (1972) e o outro de o Dicionário Visual de Arquitetura de CHING (2003). Para tal também serviu de fonte o livro Arquitetura Brasileira de MASCARELLO (1982).

ALGEROZ: palavra com origem no termo árabe “al-zarub”. É o nome dado ao condutor de águas dos telhados, embutidos no interior das paredes. (CORONA e LEMOS, 1972, p.30)

ALGIBES: reservatório de águas pluviais. Vem do árabe “al-jubb”. (CORONA e LEMOS, 1972, p.30)

ALPENDRE (Figura 164): por definição, alpendre é todo teto suspenso por si só ou suportado por pilastras ou colunas, sobre portas ou vãos de acesso. [...] (CORONA e LEMOS, 1972, p.32) Pórtico grande e aberto, coberto e parcialmente delimitado, estendendo-se ao longo da fachada principal e das laterais de uma casa. Também, varanda. (CHING, 2003, p.84)

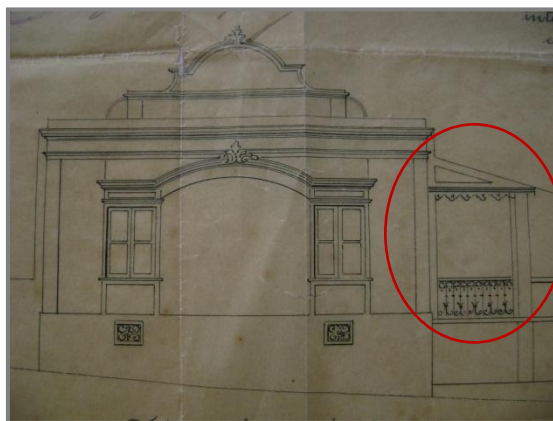


Figura 164: Residência de Estephania Rodrigues, fachada principal, Pelotas, 1904.
Fonte: Arquivo SeUrb.

ARCO: elemento estrutural curvo, quase sempre com a convexidade voltada para cima, que construtivamente cobre um vão, suportando cargas. [...] (CORONA e LEMOS, 1972, p.50)

ARCO DE MEIO PONTO, SEMI-CIRCULAR, DE VOLTA INTEIRA, DE VOLTA REDONDA, DE PLENO CIMBRE (Figura 165): é o que tem por perfil uma semi circunferência, isto é, a flecha é igual ao raio. (CORONA e LEMOS, 1972, p.51)

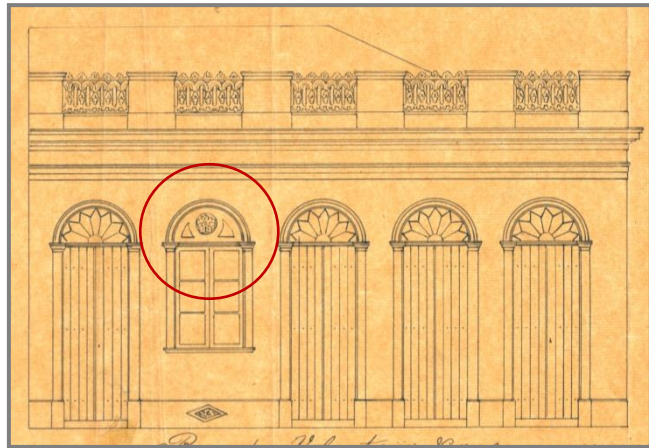


Figura 165: Propriedade de Hyppolito Gonçalves Detroyat, fachada principal, Pelotas, 1899.
Fonte: Arquivo SeUrb.

ARCO ABAULADO, DE GERAÇÃO (Figura 166): é formado por segmento de círculo menor que 180 graus. (CORONA e LEMOS, 1972, p.51)



Figura 166: Residência de Marina Eston de Eston, fachada principal, Pelotas, 2015.
Fonte: Arquivo SeUrb.

ARCO POLICÊNTRICO: é aquele constituído por porções de arcos conjugados, com auxílio de vários centros. Nestes arcos as alturas são sempre menores que o raio da maior curva utilizada. O centro permanece abaixo da linha das impostas. Pertencem a essa categoria os arcos de sarapatel, asa de cesto, abatidos, rebaixados. (CORONA e LEMOS, 1972, p.51)

ARCO OGIVAL (Figura 167): é formado por duas curvas tangentes às faces internas dos pés direitos e que se interceptam ao alto, formando vértices. (CORONA e LEMOS, 1972, p.51)



Figura 167: Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fachada principal, Pelotas, 1895.
Fonte: Arquivo SeUrb.

BALCÃO (Figura 168): balanço, na altura dos pisos elevados, fronteiro a uma envasadura de acesso e guarnecido de peitoril ou grade. O termo foi e é mais empregado para determinar sacadas ou varandas de peitoris situadas nas fachadas dos edifícios, geralmente sustentados por mísula ou cachorros. (CORONA e LEMOS, 1972, p.67) Plataforma elevada projetando-se da parte de um edifício e delimitada por um corrimão ou parapeito. (CHING, 2003, p.83)

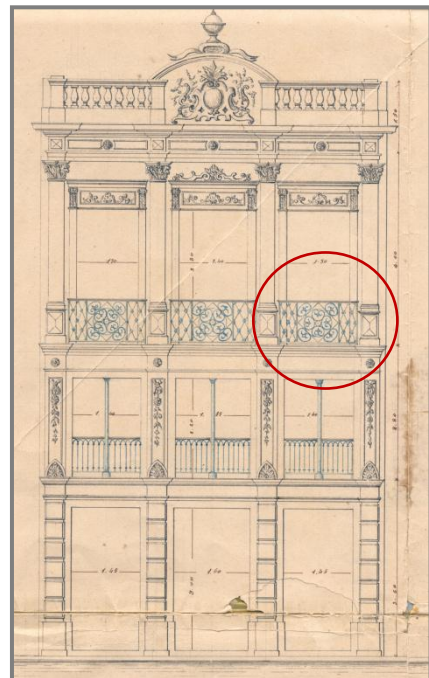


Figura 168: Oficina e depósito de Echenique e Irmãos, fachada principal, Pelotas, 1895.
Fonte: Arquivo SeUrb.

BANDA: o mesmo que faixa, ou moldura chata e comprida. Fita larga. Saliência de pequena espessura ou bossagem. (CORONA e LEMOS, 1972, p.69)

BANDEIRA (Figura 169): em certas envasaduras, principalmente nas do século XIX, chama-se bandeira o caixilho, fixo ou móvel, situado na parte superior das portas e janelas. As bandeiras foram muito usadas para favorecer iluminação ou ventilação aos ambientes, independentemente das portas ou janelas sobre as quais situavam-se. (CORONA e LEMOS, 1972, p.69)

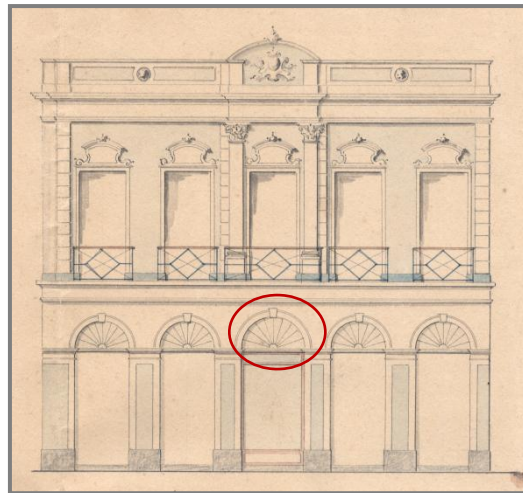


Figura 169: Sobrado de uso misto de propriedade de José Vieira de Souza, fachada principal, Pelotas, 1899. Fonte: Arquivo SeUrb.

CIMÁCIO: é o nome da última moldura do cimo de uma cornija, de uma arquitrave, de um friso. É a moldura ondecada em seu perfil, côncava no alto e convexa no baixo. Uma “onda” segundo Vitruvius. (CORONA e LEMOS, 1972, p.129)

CIMALHA (Figura 170): elemento que se encontra terminando, coroando ou arrematando a parte da parede da fachada da construção, em que esta se alarga nas proximidades dos frechais. É na realidade um espessamento da parede na parte superior do muro, não passando na realidade de uma mão francesa de alvenaria maciça e contínua. A cimalha pode ser de cantaria, de massa, de alvenaria, de madeira e de boca de telha. (MASCARELLO, 1982, p.48) Tendo a mesma origem de cimácio, hoje aplica-se com significado mais amplo e complexo, [...](CORONA e LEMOS, 1972, p.129)

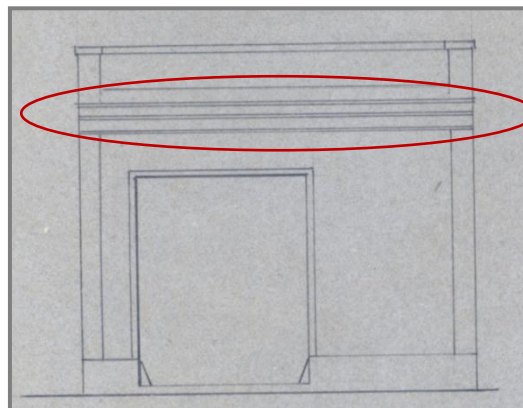


Figura 170: Cocheira de propriedade de José Delfino da Costa, fachada principal, Pelotas, 1901. Fonte: Arquivo SeUrb.

CIMBRE (Figura 171): armação de madeira que serve de molde para a construção do arco ou da abóboda. (CORONA e LEMOS, 1972, p.129)



Figura 171: Construção que atualmente ocupa o lote onde Caetano construiu, no ano de 1898, uma cocheira para o Sr. Ataliba Borges, na atual Praça José Bonifácio Nº7.
Fonte: Foto do autor, 2010.

CORNIJA: é a terceira e mais elevada parte do entablamento clássico, dividindo-se em três partes: cimácio, lacrimal e sófito. De maneira geral, dá-se o nome de cornija a todo conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior às obras de arquiteturas. Sua função principal é o de desviar as águas pluviais que descem pelo telhado, quando situadas nas extremidades altas das paredes. Nesta acepção é sinônima de cimalha. (CORONA e LEMOS, 1972, p.148) Fiada de tijolos ou pedras rente à face de uma edificação ou projetando-se desta, normalmente moldada de forma a marcar uma divisão na parede. (CHING, 2003, p.18) Elemento que encima um entablamento clássico, via de regra composto de um cimácio, uma coroa e uma moldura em talão. (CHING, 2003, p.205)

CISTERNA: reservatório ou tanque destinado a armazenar água ou outro líquido, como as águas pluviais recolhidas em um telhado, para seu uso quando necessário. (CHING, 2003, p.134) Reservatório de água situado abaixo de nível do solo. Poço de água potável. (CORONA e LEMOS, 1972, p.132)

FRONTÃO: o termo vê do latim: “frons, frontis” e designa a frente, a face dianteira e é aplicado para dar nome, principalmente nos edifícios clássicos, ao arremate superior que tem por função primeira vedar o espaço compreendido entre as duas águas da cobertura e pelo plano situado nos topos das paredes da construção. Daí, a decorrente forma triangular que, mais tarde, principalmente a partir do barroco, recebeu acréscimos de e padecendo alterações formais caracterizou estilos, épocas ou regiões. [...] Com o correr do tempo a função do frontão foi esquecida e passou esse elemento de composição a servir de mero ornamento, sendo colocado em lugares diversos, arrematando construções de quatro águas e tacaniças, coroadando portas e janelas etc. (CORONA e LEMOS, 1972, p.229) Empena larga e baixa que encima uma colunata ou divisão principal de uma fachada. (CHING, 2003, p.260)

FRONTÃO ABERTO OU QUEBRADO (Figura 172): frontão que apresenta uma interrupção em suas empenas na altura da coroa ou topo, sendo tal abertura normalmente preenchida por uma urna, uma cártula ou outro ornamento. (CHING, 2003, p.212)

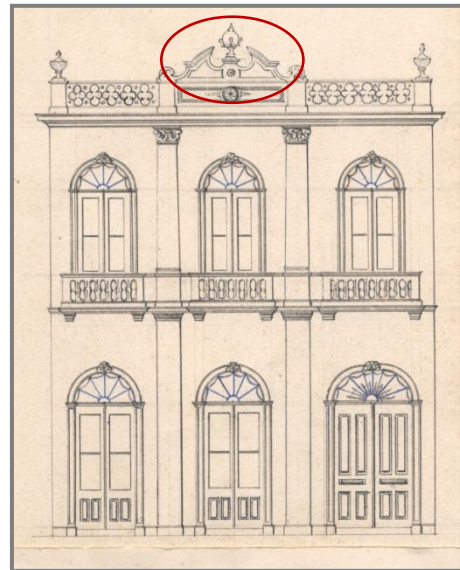


Figura 172: Projeto de propriedade de Eduardo da S. Carvalho, fachada principal, Pelotas, 1896.
Fonte: Arquivo SeUrb.

FRONTÃO CIMBRADO (Figura 173): frontão que apresenta a parte central mais elevada e voltada de forma convexa para fora.

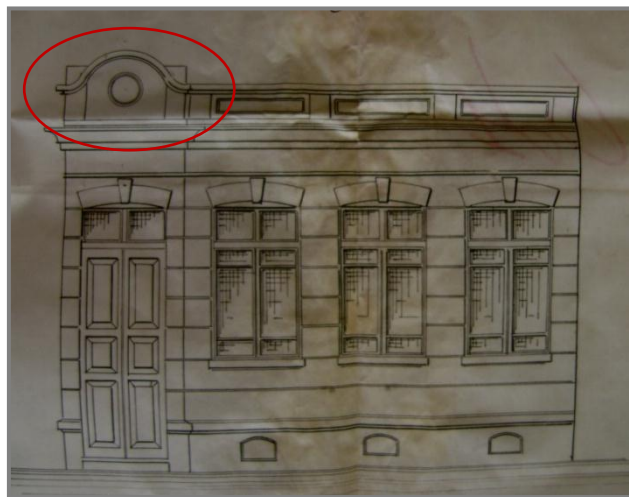


Figura 173: Residência de Maria Luiza Martins Soares, fachada principal, Pelotas, 1916.
Fonte: Arquivo SeUrb.

FRONTÃO PESCOÇO DE GANSO: frontão aberto cujo contorno é formado por um par de curvas em S que tangencial a cornija horizontal nas extremidades do frontão e que terminam em um par de volutas em cada lado do centro, onde normalmente se ergue um remate. (CHING, 2003, p.212)

FRONTÃO RETANGULAR (Figura 174):

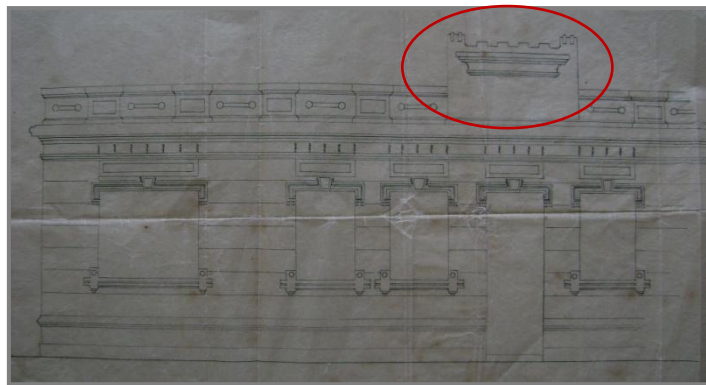


Figura 174: Residência de Paulino Duarte de Lemos, fachada principal, Pelotas, 1920.
Fonte: Arquivo SeUrb.

FRONTÃO TRIANGULAR (Figura 175):

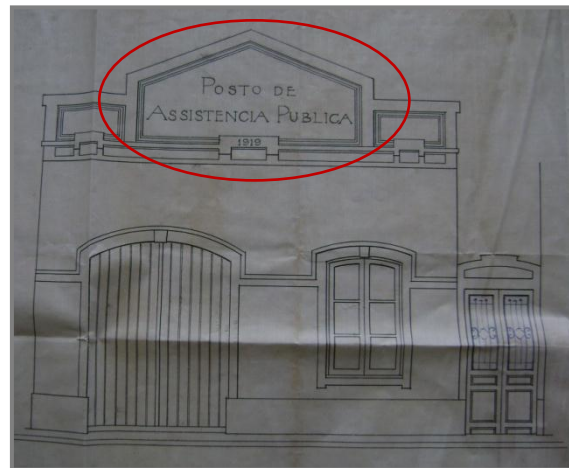


Figura 175: Posto de Assistência Popular, fachada principal, Pelotas, 1919.
Fonte: Arquivo SeUrb.

GARAGEM (Figura 176): nos edifícios em geral, ou isoladamente, construção ou local onde são guardados os automóveis. (CORONA e LEMOS, 1972, p.237)

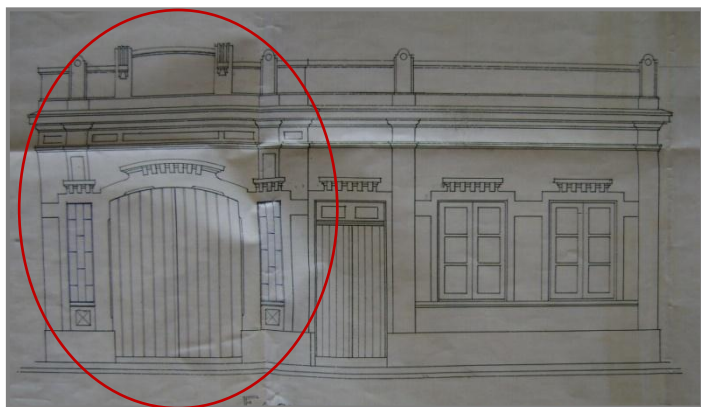


Figura 176: Projeto de propriedade de Manoela Galibem Bidart, fachada principal, Pelotas, 1919.
Fonte: Arquivo SeUrb.

GATEIRAS (Figura 177): aberturas feitas nos porões em forma de retângulo estreito, sem fechamento, que permitia a livre entrada e saída dos gatos domésticos. (MASCARELLO, 1982, p.64) Buraco feito nas portas por onde os gatos domésticos podem entrar ou sair livremente. Em São Paulo, pelo menos, talvez por influência lusitana, há que chame gateira qualquer orifício feito na altura do chão, mesmo para escoamento de águas pluviais, principalmente nos muros de fecho, pois em Portugal o termo é sinônimo de bueiro. (CORONA e LEMOS, 1972, p.239)

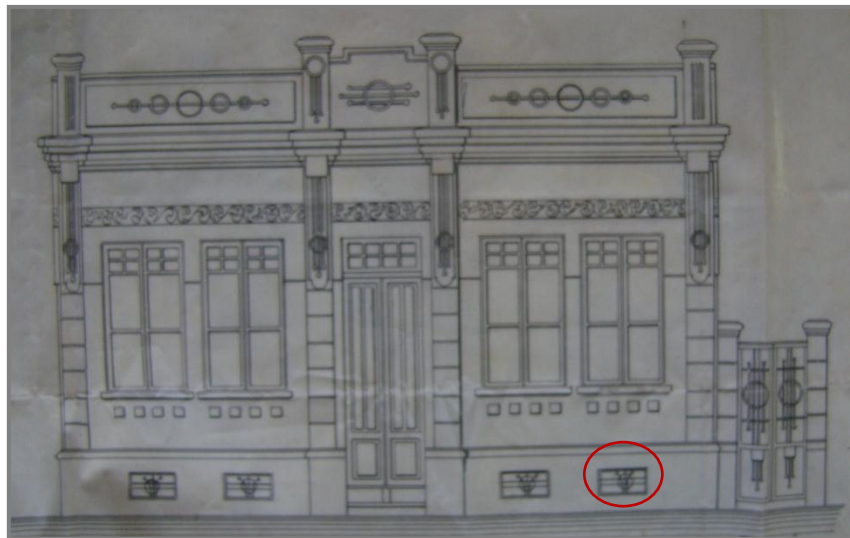


Figura 177: Residência de José do Carmo Alves de Carvalho, fachada principal, Pelotas, 1910.
Fonte: Arquivo SeUrb.

JANELA (Figura 178): nome genérico que se dá a qualquer abertura ou vão destinado a fornecer iluminação e ventilação aos ambientes internos, facilitando também a visibilidade para o exterior. (MASCARELLO, 1982, p.63)

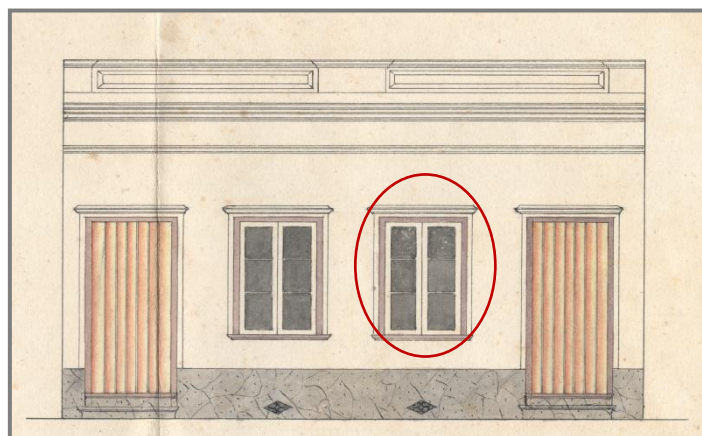


Figura 178: Residências de propriedade de José Inácio do Amaral, fachada principal, Pelotas, 1901.
Fonte: Arquivo SeUrb.

ÓCULO (Figura 179): abertura geralmente circular ou oval, aberta nas empenas, nos frontões ou nos porões e que fornece iluminação e ventilação interna. São geralmente fechados com grades de ferro. (MASCARELLO, 1982, p.63)



Figura 179: Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, óculo com vitral, Pelotas, 2010.
Fonte: Foto do autor.

PLATIBANDA (Figura 180): parte protetora baixa, na extremidade de um terraço, balcão ou cobertura esp. Aquela parte de uma parede externa, parede corta-fogo ou parede-meia que se ergue acima do telhado. (CHING, 2003, p.213) Moldura de pouca espessura e contínua, mais larga que saliente, que contorna uma construção, acima dos freichais, formando a proteção ou a camuflagem do telhado, contornando as calhas. (CORONA e LEMOS, 1972, p.378)

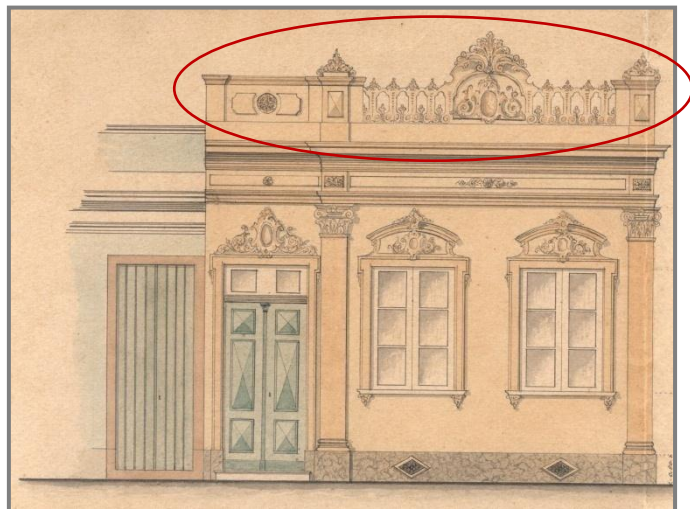


Figura 180: Residência de propriedade de Frederico Guilherme Marcucci, fachada principal, Pelotas, 1902. Fonte: Arquivo SeUrb.

POÇO ARTESIANO: poço no qual a água se eleva mediante a pressão exercida por um extrato permeável coberto por massas rochosas impermeáveis. (CHING, 2003, p.134)

PORÃO (Figura 181): nome do espaço, ou do vão livre, entre o primeiro pavimento ou primeiro sobrado, e o solo. A função do porão é isolar a construção do soalho da umidade do chão permitindo a circulação de ar por baixo das tábuas. [...] (CORONA e LEMOS, 1972, p.381) Ambiente ou conjunto de ambientes destinados à armazenagem de alimentos, combustíveis etc., total ou parcialmente subterrâneo e normalmente sob construção. (CHING, 2003, p.82)



Figura 181: Residência de Urbano Garcia, fachada principal, Pelotas, 1919.
Fonte: Arquivo SeUrb.

PORTA (Figura 182): nome da abertura feita nas paredes, muros, muralhas ou panos envidraçados, rasgadas até o fim do pavimento e que serve de acesso a parte interna do edifício. (MASCARELLO, 1982, p.63)

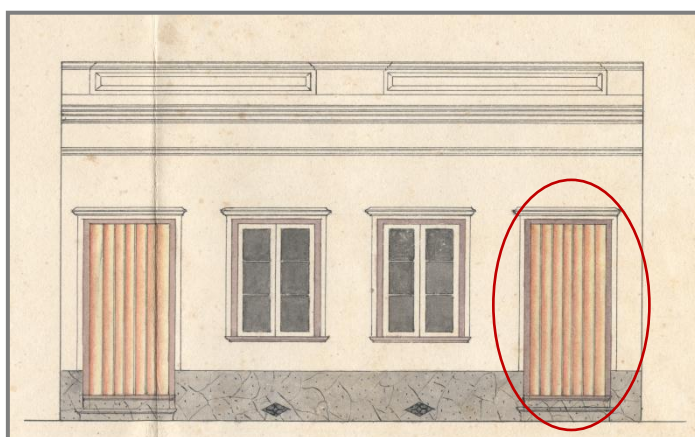


Figura 182: Residências de propriedade de José Inácio do Amaral, fachada principal, Pelotas, 1901.
Fonte: Arquivo SeUrb.

POSTIGO: pequena abertura ou fresta. Pequeno vão feito a meia altura de uma parede, cuja serventia é permitir a passagem de objetos de um cômodo para outro. Portinhola feita sobre a folha de uma porta maior. (CORONA e LEMOS, 1972, p.387)

RESPIRO (Figura 183): abertura ou orifício que favorece a ventilação permanente de tubulações, armários etc. (CORONA e LEMOS, 1972, p.408)

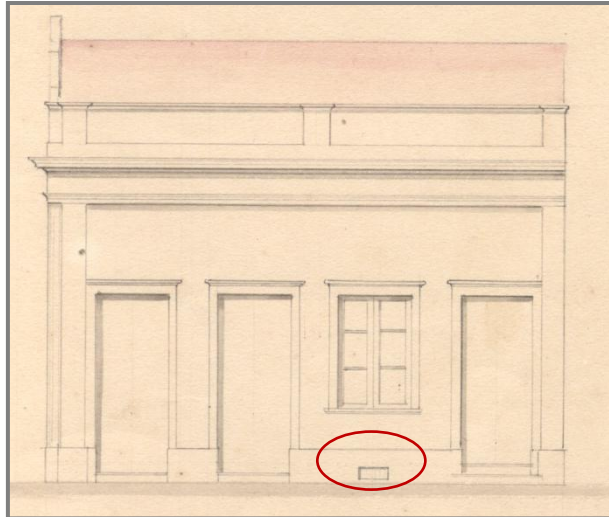


Figura 183: Residências de Barão de Aredes Coelho, fachada principal, Pelotas, 1900.
Fonte: Arquivo SeUrb.

RÚSTICO (Figura 184): diz-se do revestimento áspero executado com argamassa em cuja composição levau areia muito grossa ou mesmo pedregulho. Serviço mal feito. Superfície propositalmente não desempenada ou aplainada. (CORONA e LEMOS, 1972, p.416)



Figura 184: Propriedade de Antônio Augusto Assumpção, detalhe do rusticado nas paredes, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

SACADA (Figura 185): nome de qualquer elemento de composição arquitetônica que faça Saliência sobre o parâmetro da parede. [...] No entanto, a expressão perpetuou-se designando a bacia ou base do balanço dos balcões. Daí, sacada ser, em alguns lugares do Brasil, sinônimo de balcão, da janela rasgada até o chão, com peitoril saliente. (CORONA e LEMOS, 1972, p.419)



Figura 185: Fachada principal durante a chegada de Flores da Cunha à Pelotas, na janela da direita o próprio e na janela da esquerda o Dr. Pedro Osório, Pelotas, 1923.
Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Pelotense

SÓTÃO (Figura 186): ambiente ou espaço diretamente abaixo da cobertura de uma construção. (CHING, 2003, p.82)

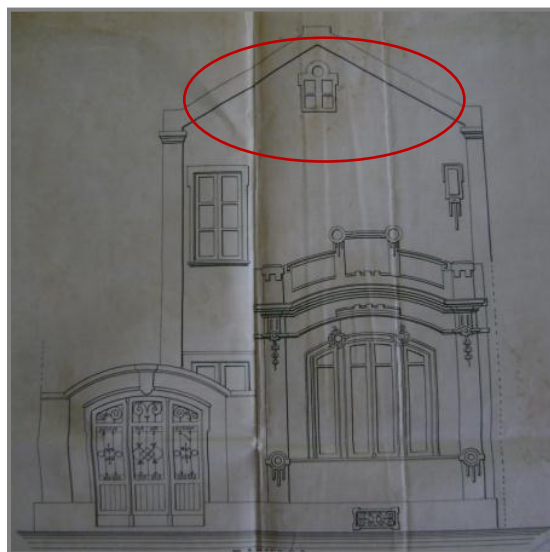


Figura 186: Residência de Marina Eston de Eston, fachada principal, Pelotas, 2015.
Fonte: Arquivo SeUrb.

SETEIRA (Figura 187): nas muralhas, aberturas pelas quais se atiravam setas. Balestreiro. Espingardeiro. Qualquer fresta nas paredes de um edifício para dar ar e luz ao interior. (CORONA e LEMOS, 1972, p.426)



Figura 187: Sede do Clube Social Caixeiral, detalhe seteira, Pelotas, 2010.
Fonte: Foto do autor.

VÃOS: são aberturas ou rasgamentos numa parede para a colocação de portas, janelas etc..., permitindo com isso, iluminação e ventilação do cômodo. (MASCARELLO, 1982, p.62)

VERGA: é a viga horizontal que fecha superiormente o vão, sendo seu coroamento. Apóia-se, em suas extremidades nas ombreiras. (MASCARELLO, 1982, p.66) Nome da peça que fecha superior e horizontalmente um vão de porta ou de janela, apoiando-se, em suas extremidades, sobre as ombreiras. (CORONA e LEMOS, 1972, p.470)

VERGA RETA (Figura 188): são as mais antigas, usadas desde o século XVI e XVII. (MASCARELLO, 1982, p.67)

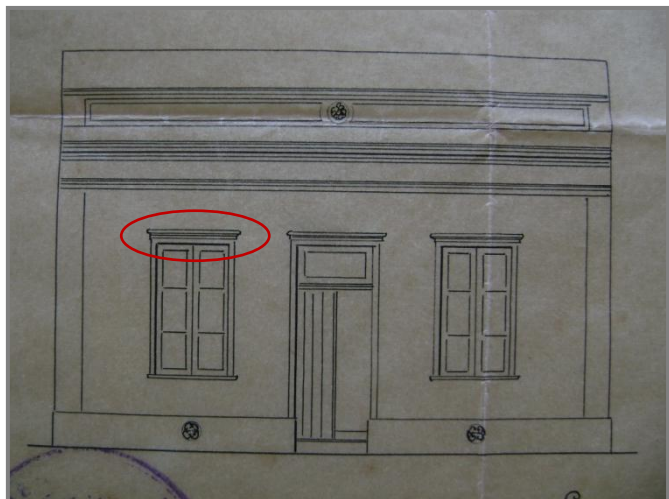


Figura 188: Residência de Antônio P. Rego Magalhães, fachada principal, Pelotas, 1904.
Fonte: Arquivo SeUrb.

VERGA EM ARCO ABATIDO OU VERGA DE ARCO DE CÍRCULO (Figura 189): foram muito usadas a partir da segunda metade do século XVIII. Essa verga torna o vão mais gracioso e

muitas vezes passa além das ombreiras, sendo feitos sob esse prolongamento relevos e decorações. (MASCARELLO, 1982, p.68)

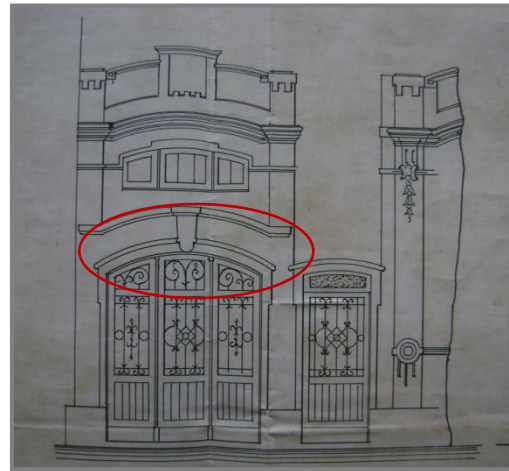


Figura 189: Residência de Marina Eston e Eston, fachada principal, Pelotas, 1919.
Fonte: Arquivo SeUrb.

VERGA EM ARCO PLENO, EM MEIA CIRCUNFERÊNCIA, REDONDA OU PLENA (Figura 190): geralmente com bandeiras em caixilhos fixos, formando rosáceas de vidros coloridos. Forma usadas a partir do século XIX, após a vinda da Missão Francesa e da adoção do neoclássico, como estilo oficial da Corte Portuguesa, instalada no Brasil em 1808. (MASCARELLO, 1982, p.69)

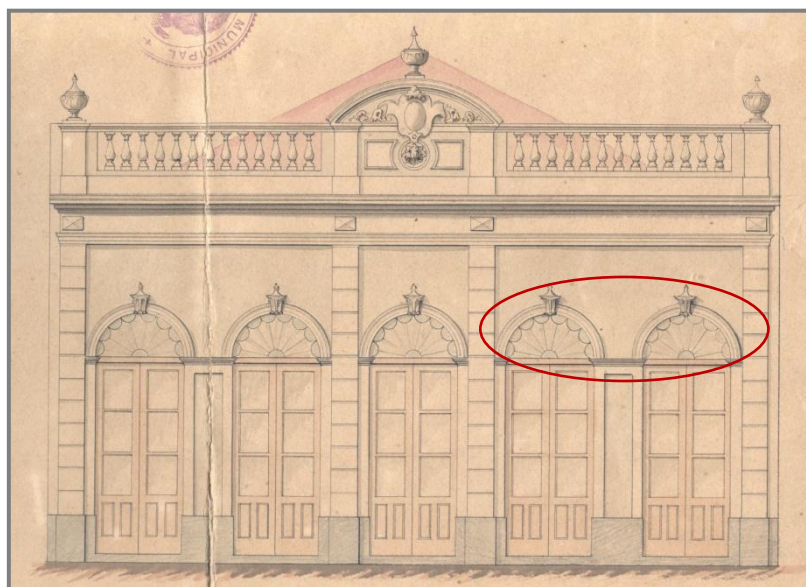


Figura 190: Edificação comercial de propriedade de Francisco de Brito Gouvêa, fachada principal, Pelotas, 1896. Fonte: Arquivo SeUrb.

VERGA OGIVAL OU GÓTICA (Figura 191): são vergas apontadas em arco gótico, consequência da tentativa de introduzir o gótico no Brasil, usadas na época do romantismo, em meados do século XIX. (MASCARELLO, 1982, p.69)

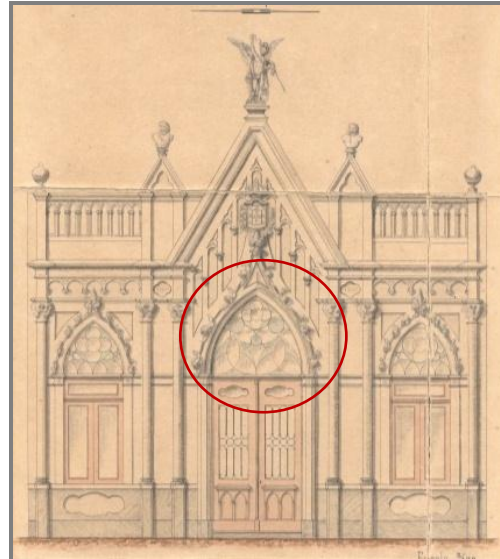


Figura 191: Sede do Centro Português 1º de Dezembro, fachada principal, Pelotas, 1895.
Fonte: Arquivo SeUrb.

VERGA EM ARCO DE TRÊS CENTROS (Figura 192): vergas curvas de ponto rebaixado, concebidas a partir da construção geométrica de um arco de três centros. (MASCARELLO, 1982, p.71)



Figura 192: Capela da Sociedade Portuguesa de Beneficência, detalhe da verga e do frontão sobre as aberturas laterais, Pelotas, 2010. Fonte: Foto do autor.

Anexos

Anexo A - FICHA M301 – CADASTRO DE BENS

Ficha M301 – Cadastro de bens

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

1.4. Código Identificador Iphan

2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO/ OBJETO DE ANÁLISE

2.1.UF 2.2.Município

2.3.Localidade

2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)

2.5.Código Postal

2.6.Coordenadas Geográficas

3.PROPRIEDADE

Latitude

Pública

3.1. Identificação do Proprietário

Longitude

Privada

Altitude [m]

Mista

3.2. Contatos

Erro Horiz. [m]

Outra

4. NATUREZA DO BEM

5.CONTEXTO

6.PROTEÇÃO EXISTENTE

7. PROTEÇÃO PROPOSTA

Bem arqueológico

Rural

Patrimônio mundial

Patrimônio mundial

Bem paleontológico

Urbano

Federal/ individual

Federal/ individual

Patrimônio natural

Entorno preservado

Federal/ conjunto

Federal/ conjunto

Bem imóvel

Entorno alterado

Estadual/ individual

Estadual/ individual

Bem móvel

Forma conjunto

Estadual/ conjunto

Estadual/ conjunto

Bem integrado

Bem isolado

Municipal/ individual

Municipal/ individual

4.1 Classificação

Municipal/ conjunto

Municipal/ conjunto

Entorno de bem protegido

Entorno de bem protegido

8. ESTADO DE PRESERVAÇÃO

9. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Nenhuma

Nenhuma

Íntegro

Bom

6.1. Tipo/ legislação incidente

7.1 Tipo/ legislação incidente

Pouco alterado

Precário

Muito alterado

Em arruinamento

Descaracterizado

Arruinado

10. IMAGENS (copiar quantas linhas forem necessárias)

11.DADOS COMPLEMENTARES

11.1.Informações Históricas (síntese)

11.2.Outras informações (especializadas, temáticas...)

12. PREENCHIMENTO

12.1. Entidade

12.2. Data

12.3. Responsável

Anexo B - FICHA M302 – CARACTERIZAÇÃO EXTERNA

Ficha M302 – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização externa

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.2. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

1.4. Código Identificador Iphan

2. PLANTA/ CROQUI IMPLANTAÇÃO NO TERRENO

3. IMAGENS/ CROQUIS DAS FACHADAS

4. TIPOLOGIA

5.ÉPOCA/ DATA DA CONSTRUÇÃO

6.TOPOGRAFIA DO TERRENO

7. PAVIMENTOS

Religiosa		Plano	Acima da rua (nº)
Civil	8.USO ORIGINAL	Em aclave	Abaixo da rua (nº)
Oficial		Em declive	Sótão ☐ sim ☐ não
Militar		Inclinado	Porão ☐ sim ☐ não
Industrial	9.USO ATUAL	Acidentado	Outros
Ferroviária		10. MEDIDAS GERAIS DA EDIFICAÇÃO [m]	
Outra		Altura fachada frontal	Altura da cumeeira

11. OBSERVAÇÕES

	Altura fachada posterior
	Largura
	Profundidade

12. FOTOS E ILUSTRAÇÕES DE DETALHES IMPORTANTES

--	--	--	--

13. BREVE DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

--

13.1.Paredes externas (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

Anexo B - FICHA M302 – CARACTERIZAÇÃO EXTERNA

Ficha M302 – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização externa

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.2. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

1.4. Código Identificador Iphan

13.2. Cobertura (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

13.3. Aberturas e elementos integrados (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

13.4. Palavras-chave

14. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (etnológicas, arqueológicas e outras)

15. LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO EXISTENTE (copiar quantas linhas forem necessárias)

15.1. Planta (relacionar nomes)	15.2. Escala	15.3. Localização e base disponível	15.4. Data

16. OUTROS LEVANTAMENTOS/ BASES DE DADOS (copiar quantas linhas forem necessárias)

16.1. Tipo	16.2. Quant.	16.3. Autoria, localização e base disponível	16.4. Data
Fotografias			
Desenhos			

17. FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

18. PREENCHIMENTO

18.1. Entidade		18.2. Data
18.3. Responsável		

Anexo C - FICHA M303 – CARACTERIZAÇÃO INTERNA

Ficha M303 – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização interna

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.3. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

1.4. Código Identificador Iphan

2. CÔMODOS

3. PLANTA/ CROQUI DE PLANTA BAIXA

	2.1. Uso original	2.2. Área do cômodo	3.1. Pavimento:	
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				

4. DIVISÓRIAS (copiar quantas linhas forem necessárias)

4.1. Tipo/ material	4.2. Cômodos (numerar)	4.3. Acabamentos (descrever)

5. PISOS (copiar quantas linhas forem necessárias)

5.1. Tipo/ material	5.2. Cômodos (numerar)	5.3. Acabamentos (descrever)

6. FORROS (copiar quantas linhas forem necessárias)

6.1. Tipo/ material	6.2. Cômodos (numerar)	6.3. Acabamentos (descrever)

7. OBSERVAÇÕES (modificações, marcas, etc...)

8. BENS MÓVEIS E INTEGRADOS DE INTERESSE (mobiliário, quadros, peças de arte, escadas, guarda-corpos, pinturas murais, etc...)

Anexo C - FICHA M303 – CARACTERIZAÇÃO INTERNA

Ficha M303 – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização interna

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.3. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

1.4. Código Identificador Iphan

9. SELEÇÃO DE IMAGENS DO INTERIOR E DETALHES (repetir tantas linhas quantas forem necessárias)

18. PREENCHIMENTO

18.1. Entidade

18.2. Data

18.3. Responsável

Anexo D - FICHA M303_modificada – CARACTERIZAÇÃO INTERNA

Ficha M303 – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização interna

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.4. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

1.4. Código Identificador Iphan

2. PLANTA/ CROQUI DE PLANTA BAIXA

3. MODIFICAÇÃO / INTERVENÇÃO

3.1. Projeto completo 3.2. Acréscimo de pavimento 3.3. Acréscimo de planta 3.4. Fachadismo 3.5. Reforma interna 3.6. Outros

4. TIPOLOGIA RESIDENCIAL ESPECÍFICA

4.1. Quanto à forma

4.1.1. Térreo

4.1.2. Sobrado

4.1.3. Porão-alto

4.1.4. Outra

4.2. Quanto à planta

4.2.1. Corredor Lateral

4.2.2. Corredor Central

4.2.3. Compartimentos Corridos

4.2.4. Com Sala de Distribuição

5. LINGUAGEM DA FACHADA

5.1. Eclética

5.2. Protomoderna

5.3. Neocolonial

6. IMPLANTAÇÃO

Anexo D - FICHA M303_modificada – CARACTERIZAÇÃO INTERNA

Ficha M303 – Bem imóvel – Arquitetura – Caracterização interna

MÓDULO CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.4. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)

1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)

1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)

1.4. Código Identificador Iphan

6.1. No Alinhamento

6.2. Recuo Frontal

6.3. Recuo Laterais

6.4. Recuo Frontal - Lateral

6.5. Isolada

6.6. Outros

7. OBSERVAÇÕES

8. SELEÇÃO DE IMAGENS DO PROJETO ORIGINAL

9. PREENCHIMENTO

8.1. Entidade

8.2. Data

8.3. Responsável

Apêndices

Apêndice 1 - FICHA DE CLASSIFICAÇÃO DA LINGUAGEM DA FACHADA

IDENTIFICAÇÃO				IMAGEM			
ANO DE APROVAÇÃO							
ENDEREÇO							
PROPRIETÁRIO							
TIPO DE COROAMENTO							
PLATIBANDA							
cega simples		vazada c/ balaustres		mista c/ balaustres			
cega trabalhada		vazada c/ rendilhados		mista c/ rendilhados			
FRONTÃO							
frontão triangular		frontão cimbrado / curvo		frontão retangular			
frontão aberto		frontão pescoço de ganso		sem frontão			
ESTRUTURA COMPOSITIVA							
MARCAÇÃO HORIZONTAL				MARCAÇÃO VERTICAL			
sem marcação		sem marcação		base e corpo			
corpo e coroamento		base		base e coroamento			
base, corpo e coroamento		corpo		corpo e coroamento			
		coroamento		base, corpo e coroamento			
TRATAMENTO DE ESQUINA							
sem tratamento		arredondado		c/ chanfro		meio de quadra	
PORTA				JANELA			
simples		dupla		fixa		c/ postigo	
c/ bandeira		c/ vidro		de abrir		c/ veneziana	
c/ almofada		c/ postigo		guilhotina		Outra	
recuada				basculante			
VÃOS						ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS	
FORMA		MOLDURA		ORNAMENTOS			
circular		sem moldura		sem		adornos em massa	
quadrática		simples		banda		Rusticação	
verticalizada		trabalhada		cornija		Compoteiras	
horizontalizada				cimalha		pilastra simples	
VERGA	VÃO			reta		pilar seção quadrada	
				arco pleno		pilar seção circular	
				arco abatido		balcão / sacada	
				mista		gateiras	
	ESQUADRIA			reta		respiro	
				arco pleno		porão	
				arco abatido		alpendre	
				mista		garagem	

Apêndice 2 – MAPA DAS OBRAS DE CAETANO CASARETTO



